



O Ecomuseu da Identidade e Memória Tirsense

Autor: Diana da Silva Martins

Orientador: Prof. Jorge Ricardo Pinto

Coorientador: Prof. Luís Ferreira

Novembro de 2020

Agradecimentos

Estas são as primeiras palavras a serem lidas, mas as últimas palavras a serem escritas e é neste momento que se revive todos os acontecimentos dos últimos dois anos.

Por muito que a situação atual não permita um desfecho mais desafogado daquilo que é a conclusão de uma importante etapa pessoal e profissional, é com grande orgulho e alegria que se vê terminado o trabalho de meses. Apesar da pandemia que persistiu durante a maior parte do tempo de preparação do projeto e que nos levou a confinar durante várias semanas, esta possibilitou um maior aprofundamento do trabalho e permitiu que uma maior parte do tempo fosse dedicada ao trabalho.

Ainda assim gostaria, nestas palavras iniciais, de prestar os meus sinceros agradecimentos a todos os professores com quem tive o privilégio de aprender ao longo do mestrado, e em particular aos meus dois orientadores, Prof. Jorge Ricardo Pinto e Prof. Luís Ferreira, pelo apoio, confiança, disponibilidade e paciência no decorrer destes meses. Aos colegas de curso com quem tive a oportunidade de partilhar conhecimentos, ideias e até mesmo trabalhos académicos. Espero que a vida vos traga muitas razões para sorrir.

Gostaria, também, de agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho e que, apesar das difíceis agendas, disponibilizaram um pouco do seu tempo para participarem no projeto. Um bem-haja a todos.

Por último e não menos importante, agradecer aqueles que acompanham todas as minhas etapas, que me dão um apoio incondicional e que ao longo do trabalho foram celebrando comigo as pequenas vitórias, a minha família. É a vós que dedico este projeto.

Resumo

Na década de 1970 inicia-se uma nova tipologia museológica, capaz de incluir a sociedade, o meio envolvente e as organizações que relacionam com a comunidade local. Os ecomuseus passam, portanto, a ser adotados como um modelo de museologia integrativa que permite o desenvolvimento do meio envolvente onde se insere.

Neste sentido o seguinte trabalho adapta este modelo ao contexto do concelho de Santo Tirso, integrando temáticas relacionadas com a identidade tirsense e memória tirsense, através do desenvolvimento de uma proposta de criação de um ecomuseu.

Dentro da metodologia, inicialmente são abordados alguns temas conceptuais que serão importantes para definir a proposta do ecomuseu. Uma vez que a temática principal proposta para o ecomuseu relaciona-se com a identidade tirsense, desenvolve-se alguns dos tópicos principais que contribuem para esta identidade como é o caso da agricultura, da indústria têxtil e dos produtos locais. Para além disso, desenvolve-se o contexto daquele que foi o local elegido para sediar o ecomuseu, a antiga casa dos lagareiros da Quinta de Gião, junto ao rio Sanguinhedo e ao lugar da Ponte Velha em Santo Tirso, na qual consta um antigo lagar de azeite que se pretende reabilitar.

Relativamente ao trabalho de campo surge no contexto de entrevistas realizadas com a comunidade local, com os stakeholders e com profissionais da área da museologia.

Por último é apresentada a proposta efetiva do ecomuseu e de algumas atividades que se pretende ver incluídas na oferta cultural do museu.

Palavras Chave: Ecomuseu; Santo Tirso; Sanguinhedo; Quinta de Gião; Agricultura; Indústria Têxtil; Produtos Tirsenses.

Abstract

In the 1970s was introduced a new type of museology capable of including the society, the environment and the associations that were related to the local community.

Therefore, the ecomuseums started to be adopted as an integrative museological model that allowed the development of the surrounding environment.

To that extent, the following work adapts this model to the context of the municipality of Santo Tirso, incorporating subjects regarding the identity and memory of the territory through the development of a proposal for the creation of an ecomuseum.

Within the methodology, initially some conceptual subjects, that will be important to define the proposal of the ecomuseum, are approached. Since the main theme proposed for the ecomuseum is related to Santo Tirso's identity, some of the main topics that contribute to this identity, such as agriculture, the textile industry and local products, are developed. In addition, the context of the chosen place to host the ecomuseum is developed, regarding the old house of the Presser's of Quinta de Gião, next to the Sanguinhedo river and the place of the Ponte Velha in Santo Tirso, in which there is an old olive oil press to be reconstructed.

The field research is set regarding interviews with the local community, with stakeholders and with professionals from the museological field.

The final part of the project consists in the actual proposal of the ecomuseum as well as the presentations of some activities that are intended to be included in the cultural offer of the museum.

Key-words: Ecomuseum; Santo Tirso; Sanguinhedo; Quinta de Gião; Agriculture; Textile Industry; Santo Tirso's Local Products.

Índice Geral

<i>Índice de Figuras</i>	9
<i>Índice de Gráficos</i>	11
<i>Índice de Tabelas</i>	12
<i>Lista de Anexos</i>	13
<i>Introdução</i>	15
1.1 Enquadramento do Estudo	15
1.2 Justificação da Pesquisa e Objetivos do Estudo	16
1.3 Metodologia.....	17
<i>Capítulo I – Os Ecomuseus</i>	20
1.1 O conceito de ecomuseu	20
1.2 Relação entre os ecomuseus o turismo e o desenvolvimento local.....	30
1.3 Contextualização dos Ecomuseus em Portugal.....	34
<i>Capítulo II – A Museologia Moderna</i>	38
2.1 Os Novos Desafios da Museologia Moderna	38
2.2 Storytelling vs. Storydoing	49
<i>Capítulo III – Santo Tirso</i>	57
3.1 Breve Contextualização Histórica do Concelho	58
3.2 Dinâmicas Turísticas	59

3.2.1 Oferta Turística e Cultural	60
3.2.2 O desempenho dos empreendimentos turísticos em Santo Tirso	65
Capítulo IV - A Identidade e Memória Tirsense	68
4.1 A Agricultura	68
4.2 A Indústria Têxtil	71
4.3 Os Produtos Gastronómicos Locais	76
4.3.1 Jesuíta	76
4.3.3 Bolachas das Freiras	77
4.3.4 Pudim Condessa Aldara.....	79
4.3.3 Licor de Singeverga.....	80
4.3.4 O Vinho Verde	82
Capítulo V – Casa nº 67 da Rua dos Moinhos: A Quinta de Gião	85
5.1 Linhagem dos Proprietários da Quinta de Gião	93
5.2 Outros Moradores na Quinta de Gião.....	109
Capítulo VI – Pesquisa de Campo.....	114
6.1 As Entrevistas	114
6.1.1 Entrevistas à Comunidade Local.....	115
6.1.2 Entrevistas aos Stakeholders	121
6.1.3 Entrevistas a Profissionais da área da Museologia.....	125
Capítulo VII – O Ecomuseu de Santo Tirso.....	132

7.1 A Proposta do Ecomuseu.....	132
7.3 A Oferta Cultural.....	138
<i>Considerações Finais.....</i>	<i>147</i>
<i>Bibliografia.....</i>	<i>149</i>
<i>Anexos.....</i>	<i>i</i>

Índice de Figuras

Figura 1: René Rivard - Definição de Ecomuseu e comparação com os museus convencionais	24
Figura 2: Enquadramento Conceptual dos Ecomuseus.....	26
Figura 3: Exemplos de Museus Comunitários em Portugal Continental.....	37
Figura 4: Fachada da antiga casa dos lagareiros da extinta Quinta de Gião	86
Figura 5: Território aproximado da extinta Quinta de Gião a vermelho e a amarelo a localização aproximada da antiga casa senhorial da quinta de Gião	87
Figura 6: Cascata Sob o Rio Sanguinhedo	92
Figura 7: Óbito de Amador Ribeiro de Andrade - 22.05.1602.....	94
Figura 8: Casamento Isabel de Andrade e Alexandre Jácome	96
Figura 9: Casamento Margarida Jácome e Francisco Monteiro	97
Figura 10: Registo de Casamento de Francisco Monteiro de Andrade e Luísa Soares	99
Figura 11: Registo de Casamento de Josefa Maria de Andrade e Sousa e António Fernandes Roriz.....	100
Figura 12: Registo de Casamento de Josefa Joaquina de Andrade e Jerónimo da Silva ...	102
Figura 13: Registo de Casamento de Jacinta Angélica e António José Correia de Miranda	103
Figura 14: Registo de Casamento de Anna Rita Correia e Rodrigo António Pinheiro de Freitas	105
Figura 15: Registo de Casamento de Clementina Rosa e José Joaquim Correia d'Oliveira – Parte 1.....	107

Figura 16: Registo de Casamento de Clementina Rosa e José Joaquim Correia d’Oliveira – Parte 2.....	108
Figura 17: Imagem Aérea do Território do Ecomuseu	133
Figura 18: Local das Exposições “A Agricultura” e “A Indústria Têxtil” e Reabilitação do Lagar de Azeite.....	136
Figura 19: Local da Exposição “Santo Tirso: Ontem, Hoje e Amanhã e a Quinta de Gião”	137
Figura 20: Local da Exposição “Os Produtos Locais e as Tradições”	138
Figura 21: Local Destinado à Oferta Cultural do Ecomuseu	139

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Indicadores dos estabelecimentos de alojamento turístico por município	65
Gráfico 2: Taxa de ocupação-cama (líquida)	66
Gráfico 3: Hóspedes, dormidas e proveitos de aposento nos estabelecimentos de alojamento turístico por município	67

Índice de Tabelas

Tabela 1: Hugues de Varine - Contraste entre o museu convencional e o ecomuseu	24
Tabela 2: Exemplos do Património de Santo Tirso	61
Tabela 3: Os Cinco Principais Equipamentos de Apoio à Agenda Cultural de Santo Tirso	63
Tabela 4: Exemplos de Eventos Anuais em Santo Tirso	64
Tabela 5: Proposta de Atividades Culturais a Incluir no Ecomuseu.....	146

Lista de Anexos

Anexo A: Mapas do Concelho de Santo Tirso	i
Anexo B: Exemplos de Estabelecimentos de Restauração em Santo Tirso	iii
Anexo C: Exemplos de Estabelecimentos de Alojamento em Santo Tirso	iv
Anexo D: A Agricultura.....	vi
Anexo E: Indústria Têxtil em Santo Tirso	xii
Anexo F: Produtos Gastronómicos Locais	xiii
Anexo G: Fotografias da Antiga Casa dos Lagareiros da Quinta de Gião, a Atual Sede da Associação Amigos de Sanguinhedo	xvi
Anexo H: Envolvente do Rio Sanguinhedo, Ponte Velha e Moinhos da Quinta de Gião ..	xxi
Anexo I: Território Aproximado da Extinta Quinta de Gião	xxv
Anexo J: Quadro de Hilário Sineiro da Antiga Casa Senhorial de Gião.	xxvi
Anexo K: Ilustração Aproximada da Pedra de Armas da Quinta de Gião.	xxvi
Anexo L: Fotografia e Legenda da Fotografia de Maria e Ermelinda Correia de Oliveira Disponível na Sede da Associação Amigos de Sanguinhedo.....	xxvii
Anexo M: Hospital Conde S. Bento Maquete, Inauguração e Atualidade.....	xxviii
Anexo N: Documentos Relativos à Linhagem dos Proprietários	xxix
Anexo O: Documentos Relativos a Outros Moradores da Quinta de Gião.....	lxxiii
Anexo P: Entrevista Mário Ribeiro	xciv
Anexo Q: Entrevista António Rodrigues	xcvi
Anexo R: Entrevista João Abreu	xcviii
Anexo S: Entrevista Domingos Silva	ciii

Anexo T: Entrevista Vítor Martins	cv
Anexo U: Entrevista Domingos Peixoto	cx
Anexo V: Objetos na posse de Domingos Peixoto.....	cxiv
Anexo W: Entrevista Augusto Soares.....	cxviii
Anexo X: Entrevista Alberto Costa	cxxii
Anexo Y: Entrevista Tiago Araújo	cxxiv
Anexo Z: Entrevista Álvaro Moreira	cxxvii
Anexo AA: Entrevista António Ventura.....	cxixii
Anexo BB: Entrevista Napoleão Ribeiro	cxixiv
Anexo CC: Entrevista Joaquim Ferreira Dias	cxixvi
Anexo DD: Tradição das Festas de Sanguinhedo.....	cxixix
Anexo EE: Proposta do Ecomuseu	cxli
Anexo FF: Agenda Cultural	cxliii

Introdução

1.1 Enquadramento do Estudo

Atualmente assiste-se a um novo paradigma do turismo. Num mundo onde existe uma cultura mais globalizada, começam a aparecer pessoas que procuram, cada vez mais, a autenticidade dos locais, assim como aprender mais sobre os aspetos que tornam um destino único.

Para além disso, e dentro da área da museologia, denota-se maior necessidade de interação não só física, mas intelectualmente por parte do visitante, uma maior necessidade de integrar a tecnologia nas exposições e nos contextos museológicos culminando na necessidade de a museologia moderna se reinventar.

Assim sendo, surgem os ecomuseus como um modelo de museologia integrativa, servindo como elo de ligação entre a sociedade, o meio envolvente e as organizações que se relacionam com a comunidade local.

Neste sentido o presente trabalho foi elaborado com a finalidade de desenvolver uma proposta de criação de um ecomuseu em Santo Tirso.

O local encontrado para sediar o ecomuseu corresponde à antiga casa dos lagareiros da Quinta de Gião, junto ao rio Sanguinhedo e ao lugar da Ponte Velha em Santo Tirso, na qual consta um antigo lagar de azeite que se pretende reabilitar. Este local atualmente é descrito como a casa nº67 na Rua dos Moinhos em Santo Tirso.

1.2 Justificação da Pesquisa e Objetivos do Estudo

O estudo surge pela motivação em adquirir mais conhecimento relativo à minha terra natal, tendo a possibilidade de contribuir para a melhoria dos recursos turísticos do município.

Sendo natural de Santo Tirso sentia que não conhecia a cidade de uma forma profunda, tendo focado o projeto de licenciatura em desenvolver escapadinhas de temática religiosa e uma outra de património imaterial, percorrendo várias freguesias do concelho. Foi precisamente ao desenvolver o projeto que me deparo com este pequeno tesouro que é o rio Sanguinhedo e a casa da atual sede da Associação Amigos de Sanguinhedo.

Uma vez que tinha em mente um projeto relacionado com Santo Tirso e, no entanto, não teria local para a realização do mesmo, surge a possibilidade de utilizar esta antiga quinta, como sede para o projeto de criação do ecomuseu.

O principal objetivo do estudo é a criação da proposta do ecomuseu, percebendo quais as temáticas a incluir, e uma vez que é fundamental criar um espaço com uma dinâmica ativa, pretende-se desenvolver a oferta cultural desse mesmo espaço.

Posteriormente, e como objetivo secundário, pretende-se realizar uma apresentação do projeto à Camara Municipal de Santo Tirso, para uma eventual aplicação na realidade do espaço museológico, munindo o ecomuseu dos profissionais certos para o desenvolvimento efetivo do projeto.

Um outro objetivo é a criação de uma maior consciencialização do património deste município, tentando envolver toda a comunidade local, a fim de o tornar num projeto de, para

e com esta mesma comunidade. Neste sentido, pretende-se perceber o grau de receptividade da comunidade local relativamente à proposta do ecomuseu.

Por fim, e relacionado com esta consciencialização, um dos grandes objetivos do trabalho é dar a conhecer alguns elementos patrimoniais do município de Santo Tirso, a fim de serem valorizados, preservados e conservados tanto pela comunidade local, pelos agentes governamentais, como por parte dos visitantes.

1.3 Metodologia

Relativamente à metodologia da investigação, importa realçar que o trabalho se apoia, essencialmente, numa pesquisa exploratória, uma vez que a recolha dos dados se encontra, na sua maioria, dispersa pelo território de Santo Tirso. Assim verifica-se a necessidade de atender a uma pesquisa qualitativa para perceber a opinião da comunidade local e de vários *stakeholders*, e ainda compreender o grau de receção desta proposta. Para tal utilizou-se o método de entrevistas a 6 representantes da comunidade local e a 6 representantes dos *stakeholders*, tendo ainda utilizado entrevistas semiestruturadas a 6 profissionais da área da museologia que permitiram a coesão dos temas conceptuais. No Capítulo VI é possível perceber, de uma forma mais aprofundada, a metodologia de cada entrevista, o guião das entrevistas tanto à comunidade local como aos *stakeholders* e uma pequena descrição de cada entrevistado.

Ainda no que respeita a pesquisa exploratória, e como desenvolvimento do conhecimento do território da extinta Quinta de Gião, fez-se um levantamento de todos os batismos e casamentos referidos nos Livros Paroquiais de Santo Tirso, disponíveis em tombo.pt,

culminando numa listagem da linhagem dos proprietários desta mesma quinta, assim como a listagem de outros moradores deste local.

No entanto, houve a necessidade de fazer pesquisa descritiva para conseguir responder a todas as questões conceptuais que envolvem um projeto de mestrado, nomeadamente nos Capítulos I, II, III, IV e V.

Para isso, o ponto de partida inicial do estudo foi a realização de uma revisão bibliográfica com os principais autores e trabalhos relativos aos ecomuseus, seguidos de um estudo histórico do território, da casa proposta para a criação do ecomuseu e de alguns elementos patrimoniais do concelho.

Relativamente à divisão do trabalho, este divide-se principalmente em duas grandes partes. A primeira parte diz respeito aos termos conceptuais e à contextualização do trabalho e a segunda parte é relativa à proposta de criação do ecomuseu em Santo Tirso.

Esta primeira parte do trabalho é referente a uma revisão bibliográfica dos ecomuseus, apoiado em diferentes autores, e tentando perceber, principalmente, a definição deste conceito e a sua evolução histórica, contendo também um subcapítulo dedicado a esta temática no contexto português. De seguida faz-se um enquadramento do conceito teórico da museologia moderna e das temáticas de *storytelling* e *storydoing*.

Numa segunda parte será apresentada uma pequena contextualização do município de Santo Tirso, principalmente no que respeita a sua composição, algumas notas históricas do território, bem como algumas referências relativas ao setor do turismo. Nesta segunda parte é ainda incluído um capítulo dedicado á memória e identidade tirsense que será a temática principal do ecomuseu.

Seguidamente será apresentada uma breve contextualização da casa nº 67 da Rua dos Moinhos em Santo Tirso e é, também, criada uma listagem tanto dos proprietários como de outros moradores da antiga Quinta de Gião.

A quarta grande divisão do trabalho diz respeito ao trabalho de campo, realizado através de uma pesquisa qualitativa. Neste ponto serão desenvolvidas as entrevistas feitas à comunidade local, a alguns sujeito-chave de entidades governamentais e culturais e a profissionais da área da museologia.

No penúltimo ponto será apresentado a efetiva proposta de criação do ecomuseu, contendo a proposta de exposições, bem como alguns elementos que poderão integrar cada uma das exposições e por fim o desenvolvimento da oferta cultural a incluir no ecomuseu.

Por último, faz-se uma reflexão final sobre o estudo, terminando com a bibliografia e os anexos que servirão de apoio ao corpo do trabalho.

Capítulo I – Os Ecomuseus

Neste capítulo será explorado o conceito de ecomuseu através de vários autores. Num segundo ponto tenta-se estabelecer uma relação entre os ecomuseus o turismo e o desenvolvimento local e por fim explora-se a contextualização dos ecomuseus no território português.

1.1 O conceito de ecomuseu

Um novo conceito e prática da museologia surge na década de 1970, refletindo as preocupações da sociedade relativa à falta de interação, representatividade e desenvolvimento dos museus para com as comunidades locais. A necessidade de reinventar a forma como os museus funcionavam, para além do novo paradigma da sociedade, segundo Davis (1996), referido por Davis (2008), surgiu como resposta a um movimento ambiental que fomentava a aceitação e promoção da ética de conservação por parte dos museus, tendo sido um dos principais fatores que conduziu ao aparecimento de uma nova forma de museologia, os ecomuseus (Davis, 2008: p. 397).

Assim os ecomuseus surgem como um modelo de museologia integrativa capaz de incluir a sociedade, o meio envolvente e as organizações que se relacionam com a comunidade local (Davis, 2008).

O conceito de “museu integrativo” é utilizado pela primeira vez na Mesa-Redonda, convocada pela UNESCO, em Santiago do Chile em 1972. No entanto, a primeira referência aos ecomuseus surge um ano antes, em 1971. O movimento surge principalmente em França sob a liderança de George Henri Rivière, um museólogo e pioneiro dos ecomuseus em França

e de Hugues de Varine, também ele museólogo. A palavra “ecomuseu” é inventada num almoço em Paris entre os dois museólogos e outras figuras influentes que se reuniam a fim de discutir alguns pontos para a organização da Conferência do ICOM do mesmo ano. Varine, numa tentativa de criar uma só palavra que interligasse ecologia e museu, acabou por pronunciar a palavra “ecomuseu”.

Segundo Desvallées (1992), referido por Brullon (2015), o primeiro protótipo de um ecomuseu viria a ser criado por Rivière em Creusot, França, primeiramente denominado como “Museu do Homem e da Indústria”¹ tendo mais tarde adotado a designação de Écomusée Creusot Montceau (Brullon, 2015).

A primeira definição do conceito de ecomuseu surge em 1972, num colóquio internacional da ICOM com Jean Blanc², onde o mesmo descreve este tipo de museu como “um museu específico do meio ambiente”, sendo que o ecomuseu deve tornar-se o local de encontro para aqueles que agem, padecem e refletem sobre esse meio envolvente (Desvallées, 2000).

A segunda definição aparece um ano mais tarde por Hugues de Varine, elucidando que um ecomuseu é qualquer museu com a sua sede num ambiente rural ou urbano que encoraja a população desse meio envolvente a reagir a todas as empresas museológicas e a contribuir para o permanente desenvolvimento desse mesmo meio envolvente (Desvallées, 2000).

¹ A temática do museu consistia em identificar história de como um pequeno território contou com uma enorme transformação por conta da Revolução Industrial. É neste sentido que a pequena aldeia se torna num grande polo da indústria envolto nas ciências e tecnologias daquela época. Situava-se na atual cidade de Creusot, numa antiga fábrica real de vidro e cristal, tendo sido mais tarde residência de uma família, os Schneider (Creusot Montceau Tourisme, s.d.).

² Segundo o artigo “L’herbe et le berger” da revista “L’Alpe”, referido por Lebaudyles (2016), Jean Blanc terá sido um criador e pastor transumante nos Alpes e Pireneus. Foi, também, responsável pela popularização dos criadores de ovelhas em organizações profissionais, sendo que mais tarde participa na fundação dos parques naturais regionais e torna-se um dos pioneiros dos ecomuseus (Lebaudyles, 2016: p. 133).

Na década de 1980, George Henri Rivière termina a sua última versão da definição de ecomuseu. Para Rivière um ecomuseu é “um instrumento concebido, desenhado e atuando em conjunto com a autoridade pública e a comunidade local. A autoridade pública envolve-se fornecendo profissionais, instalações e os recursos, enquanto que o envolvimento da comunidade local depende das suas aspirações, conhecimento e abordagem individual”. Rivière descreve ainda que um ecomuseu é “um espelho onde a comunidade se olha para descobrir a sua própria imagem”, “uma expressão do homem e da natureza”, “uma expressão do tempo”, “uma interpretação do espaço de lugares especiais”, “um laboratório que contribui para o estudo do presente e do passado tanto da comunidade local como do meio envolvente”, “um centro de conservação, pois permite a preservação e desenvolvimento do património natural e cultural” e por fim “uma escola, pois envolve a comunidade no trabalho de estudo e proteção” (Dutta, 2005: p. 20).

Segundo Davis (2011) existe uma série de elementos de grande importância no conceito de ecomuseu. O primeiro é o território, contrastando com o edifício típico do museu convencional. Neste caso o território é admitido não só em termos administrativos e geográficos, mas também como uma área delimitada onde os seus habitantes partilham uma certa maneira de viver, cultura, ocupação ou costumes tradicionais. O segundo elemento define-se como uma espécie de antena, podendo ser um centro de atividades onde a comunidade se reúne, pesquisa, e educa ou o local onde se realizam os diferentes trabalhos museográficos como recolha, documentação, exibição, arquivagem e preservação. Este conjunto de várias “antenas” é habitualmente designado como “museu fragmentado” (Dutta, 2005), (Davis, 2011).

Dentro do conceito de ecomuseu é possível, portanto, encontrar tanto aspetos naturais como culturais de um território. Ao contrário dos museus convencionais, nos ecomuseus para além de elementos culturais materiais, é possível encontrar elementos culturais imateriais como tradições orais, expressões de folclore, linguagem, tradições, festivais, entre outros. É neste sentido que surge o conceito de memória coletiva, priorizando o passado partilhado pelos membros da comunidade em questão. Segundo Rivard, referido por Dutta (2005), a memória coletiva é “o património primário de um ecomuseu, é um estudo tanto de pesquisadores isolados e cientistas mas também das pessoas, guiados pelos mais ativos ou pelos que aparecem de repente” (Dutta, 2005).

A partir do conceito desta memória coletiva surge um outro elemento de importância para o ecomuseu, o passado. É através desta construção/reconstrução do passado que resulta o processo de construção da identidade de um local ou comunidade. É o passado que define o património, aquilo que é “especial”, sendo, por isso, um ecomuseu, o local de encontro entre o contemporâneo e o passado.

Um ecomuseu deve proteger os recursos, previamente identificados, no contexto e proprietário original. Segundo Hugues de Varine, referido por Dutta (2005), “um museu comunitário, para ser considerado um museu, deve possuir de alguma forma exposições e coleções. Para conseguir alcançar este fim é necessário descobrir os objetos passíveis de interesse público, que as pessoas têm nas suas casas e postos de trabalho, fazendo um inventário de cada elemento, para que se possa utilizar nas exposições se e quando for necessário. Não há necessidade de mover os objetos para os museus no momento em que são identificados. A comunidade é o “armazém” e, como tal, todas as famílias e negócios têm uma ligação contínua para com o museu. A comunidade é o museu” (Dutta, 2005: p. 24).

Percebe-se, portanto, que existem diversas diferenças na genesis de um museu convencional para um ecomuseu. Hugues de Varine apresenta estas diferenças através de uma simples tabela como se pode observar na tabela 1.

Museu Convencional	Ecomuseu
Coleção	Património
Edifício	Lugar
Público	População

Tabela 1: Hugues de Varine - Contraste entre o museu convencional e o ecomuseu (Fonte: do autor; adaptado de Dutta, 2005)

René Rivard apresenta, também, a sua definição de ecomuseu através da comparação com os museus convencionais, como se pode observar na figura 1.



Figura 1: René Rivard - Definição de Ecomuseu e comparação com os museus convencionais; Fonte: do autor; adaptado de Dutta, 2005

Os ecomuseus podem ser utilizados pelos agentes governamentais como uma estratégia de desenvolvimento endógeno sustentável e integrado no território. Estes devem reunir um conjunto de valências a fim de concretizar os objetivos predefinidos.

Os ecomuseus devem começar por fazer uma pesquisa com o objetivo de criar um inventário que possa conter uma base de dados de todos os elementos culturais e naturais da região, para que através da criação dos ecomuseus, o património possa ser valorizado e preservado. Assim, é importante que o ecomuseu contemple tarefas relacionadas com a documentação, investigação e interpretação deste património.

A comunidade tem um papel fundamental no ecomuseu e, como tal, é necessário que os ecomuseus promovam a formação de profissionais para que possam trazer benefícios e potencializar a comunidade e o seu património.

Por fim, alcançados os objetivos, o ecomuseu pode tornar-se num promotor turístico, criando uma agenda cultural e até mesmo promovendo os produtos do território (Pedrosa, 2013).

Servindo como uma síntese nesta breve introdução ao conceito de ecomuseu, é apresentada na Figura 2, um enquadramento conceptual dos ecomuseus de António Pedrosa.

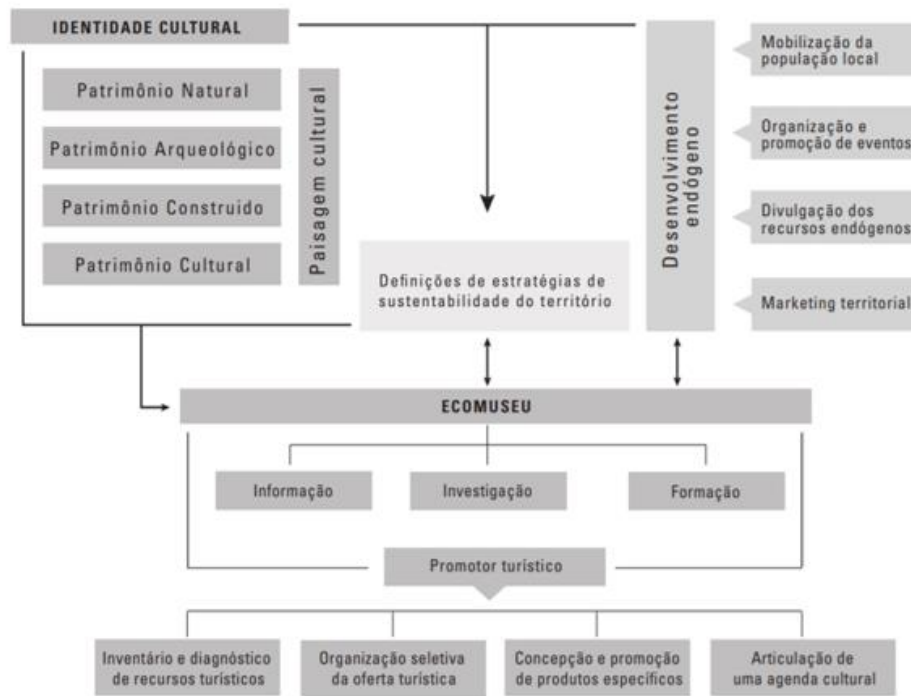


Figura 2: Enquadramento Conceptual dos Ecomuseus; Fonte: Pedrosa, 2013: p.206

Segundo Rivard, referido por Davis (2011: pp.83), um ecomuseu divide-se em quatro categorias:

1. O Ecomuseu da Descoberta – “o modelo tradicional e holístico que explora as interações entre a natureza e a cultura, similar aos museus criados nos parques regionais franceses.”
2. O Ecomuseu do Desenvolvimento – “uma instituição mais preocupada com a identidade cultural comum, revitalização económica e com os objetivos políticos definidos”
3. Os Ecomuseus Especialistas – “abordam indústrias específicas de uma localidade que tenham beneficiado de recursos naturais específicos tal como minerais, florestas e água”
4. Os Ecomuseus de “Combate” – “habitualmente localizados em áreas urbanas e abordando problemas sociais entre a comunidade do passado e do presente” (Davis, 2011).

Ao longo dos anos foi criada uma lista que define os princípios-chave, habitualmente denominada de “Os 21 Princípios”, que se utiliza no trabalho de campo para perceber a que

ponto os ecomuseus cumprem os princípios enunciados, assim como o seu impacto nos demais participantes. Segundo Davis (2019) os ecomuseus deverão seguir os seguintes princípios:”

- 1. Seja dirigido pela comunidade local;*
- 2. Permitir a participação pública de todos os stakeholders e grupos de interesse em todos os processos de tomada de decisão e atividade numa forma democrática;*
- 3. Estimular a copropriedade e a gestão conjunta, com contributos da comunidade local, orientadores académicos, negócios locais, autoridades locais e estruturas governamentais;*
- 4. Colocar ênfase nos processos de gestão de património, em lugar dos produtos patrimoniais;*
- 5. Encorajar a colaboração com artesãos, artistas, escritores, atores e músicos locais;*
- 6. Dependere de esforços voluntários, substanciais e ativos por parte dos stakeholders locais;*
- 7. Focar na identidade local e sentido de lugar;*
- 8. Abranger um território geográfico, que pode ser determinado por diferentes características compartilhadas;*
- 9. Abranger aspetos espaciais e temporais, focando-se na mudança e continuidade ao longo do tempo, sem cristalizar uma época ou período temporal;*
- 10. Assumir a forma de “museu fragmentado”, consistido numa rede com um núcleo e uma “antena” de diferentes edifícios e locais;*
- 11. Promover a preservação, conservação e salvaguarda de recursos patrimoniais do território;*
- 12. Dar a mesma atenção a imóveis e móveis da cultura material tangível e a recursos do património intangível;*
- 13. Estimular o desenvolvimento sustentável e o uso inteligente dos recursos;*
- 14. Permitir a mudança e o desenvolvimento para um futuro próspero;*

15. *Incentivar um programa de documentação contínuo da vida no passado e do presente e das interações das pessoas para com todos os fatores ambientais (incluindo físicos, económicos, sociais, culturais e políticos);*
16. *Promover a pesquisa numa série de níveis – desde a pesquisa e compreensão dos “especialistas” locais até à pesquisa por parte de académicos;*
17. *Promover abordagens de pesquisa multidisciplinares e interdisciplinares;*
18. *Incentivar uma abordagem holística na interpretação das relações entre a cultura e a natureza;*
19. *Tentar ilustrar as ligações entre: tecnologia/pessoas; natureza/cultura; e o passado/presente;*
20. *Proporcionar um cruzamento entre o património e o turismo responsável;*
21. *Conduzir a benefícios para as comunidades locais, tal como: sentimento de orgulho, regeneração, e/ou receitas económicas.” (Davis, Ecomuseum Indicators and the ‘21 Principles’, 2019: pp. 98-99).*

Segundo Davis (2009), existem 5 características fundamentais num ecomuseu:”

1. *A escolha do território poderá ser definida, por exemplo, pela paisagem, dialeto, uma indústria específica ou pela tradição musical;*
2. *A identificação de recursos patrimoniais específicos no território, e a celebração desses “marcos culturais” usando a conservação e a interpretação do território;*
3. *A conservação e a interpretação dos locais individuais no território são feitas através da articulação e cooperação com outras organizações;*
4. *O poder das comunidades locais - o ecomuseu é estabelecido e gerido pela população local, sendo que esta decide que aspetos do seu “espaço” são importantes para si;*

5. *A comunidade local beneficia do estabelecimento do ecomuseu. Os benefícios poderão ser intangíveis, como uma maior autoconsciência ou orgulho no território, tangíveis (a recuperação de fragmentos de recursos patrimoniais, por exemplo) ou económicos. Existe, habitualmente, benefícios significativos para ao indivíduos na comunidade local mais associada ao desenvolvimento do ecomuseu” (Davis, Ecomuseums and the representation of place, 2009).*

1.2 Relação entre os ecomuseus o turismo e o desenvolvimento local

Segundo Tenório (2007), referido por Scótoló & Netto (2015) “o desenvolvimento local procura reforçar a potencialidade do território mediante ações endógenas, articuladas pelos seus diferentes atores: sociedade civil, poder público e mercado”.

As estratégias utilizadas pelas autoridades governamentais dos territórios podem ser baseadas em várias temáticas, como por exemplo: económicas, industriais, sociais, turísticas, entre outras. No entanto, o grande objetivo destas estratégias é aumentar a riqueza económica e/ou diminuir a pobreza do território e, em última instância, aumentar a qualidade de vida da comunidade local (Scótoló & Netto, 2015).

Não obstante, nem todas as estratégias focadas na economia resultam no desenvolvimento local e, por isso, as estratégias a implementar por parte das autoridades governamentais devem primar pela eficácia social. Nesta eficácia social prevê-se um parecer por parte da comunidade local, a fim de perceber os objetivos, melhorias e contributos que possam oferecer para atingirem este mesmo desenvolvimento do território (Scótoló & Netto, 2015), (Coriolano, 2012).

Segundo Long e Pleoeg (s.d), referido por Scótoló & Netto (2015), “o desenvolvimento endógeno se fundamenta principalmente, mas não exclusivamente, nos recursos disponíveis na localidade, tais como sua potencialidade ecológica, sua força de trabalho e conhecimento e sua capacidade de vincular produção e consumo”. É precisamente neste sentido que Buarque (2008) (referido por Scótoló & Netto, 2015) defende que o desenvolvimento local

deve utilizar as potencialidades do território para novas oportunidades e competitividade da economia, assegurando a conservação dos recursos naturais auxiliado pela mobilização e organização da comunidade local, de modo a darem o seu contributo nos campos socioeconómicos e culturais do território.

Assim, o turismo surge como forma de alcançar o desenvolvimento local utilizando territórios com potenciais turísticos e otimizando as características naturais, históricas e culturais do território (Scótoló & Netto, 2015).

Verifica-se que, para existir turismo, é necessário haver uma oferta turística. Dentro desta oferta turística podem existir vários recursos turísticos que se podem tornar em oferta após a intervenção do Homem, criando equipamentos que permitam a deslocação – tal como os transportes, entre outros – e outros que assegurem a permanência – tal como alojamento, restaurantes, museus, monumentos, entre outros.

Neste sentido, é natural que o destino desenvolva o seu território, a fim de conseguir satisfazer as necessidades das pessoas que o visitam, ao mesmo passo que permitem, à comunidade local, consumir estes bens e serviços turísticos (Barbosa F. F., 2005).

O turismo tem, também, uma relação direta e indireta com a economia do local. Influencia diretamente a economia através das despesas que o turista realiza diretamente nos equipamentos utilizados, maioritariamente com finalidade turística, e indiretamente através da despesa que estes equipamentos realizam para que possam manter o seu negócio em funcionamento (Barbosa F. F., 2005).

O desenvolvimento local através do turismo tem, portanto, como objetivos principais: “

1. *preservação/conservação ambiental;*

2. *a identidade cultural;*
3. *geração de ocupações produtivas e de renda;*
4. *o desenvolvimento participativo;*
5. *a qualidade de vida”* (Barbosa F. F., 2005: p. 111).

É precisamente neste contexto que as autoridades governamentais começam a criar projetos de museus como parte integrante de um plano de desenvolvimento local, uma vez que os museus conseguem satisfazer necessidades económicas, políticas e regenerativas no território.

Segundo Pedrosa (2013), os ecomuseus podem contribuir para este desenvolvimento através da organização de uma agenda cultural de território, e, conseqüentemente, da promoção de diversos tipos de eventos baseando a sua estratégia nos seguintes pontos:

- a) nos valores naturais e culturais endógenos da região;
- b) no envolvimento da população local e dos recursos presentes território;
- c) na manutenção de alguns eventos “chave” demonstrando a identidade da região e procurando aumentar, conseqüentemente, a agenda cultural. Assim, o território será diferenciado pela diversificação;
- d) Focar-se em diversos públicos-alvo, abrangendo, portanto, um maior número de indivíduos interessados em visitar o território do museu ou em participar nos eventos promovidos nestes locais (Pedrosa, 2013: p. 211).

No entanto, os ecomuseus podem, também, utilizar estratégias de promoção do seu património como forma de o salvar, ao mesmo passo que o integram em novas dinâmicas de desenvolvimento rural. Servem como exemplo “os sistemas integrados de

exploração agrícola, atividades económicas artesanais, técnicas tradicionais, modos e rituais da vida das populações” (Pedrosa, 2013: p. 211), (Perella, Galli, & Marcheggiani, 2010).

Tendo por base o conhecimento do património é compreensível que os ecomuseus consigam diagnosticar os recursos potenciais do território a serem utilizados na estratégia turística cultural do destino. No entanto, esta promoção deve ser feita em articulação com “museus tradicionais, artesanato, paisagens diferenciadas, parques naturais, restaurantes, rotas gastronômicas e de vinhos, percursos pedestres, entre outros, que aproveitem ao máximo todos os recursos de um mesmo território cultural” (Pedrosa, 2013: pp. 212-213).

O ecomuseu deve, portanto, agir como promotor do turismo cultural, “como instrumento gerador de riqueza e emprego, animador de trocas interculturais e, simultaneamente, motor da preservação do património cultural e da valorização da identidade local” (Pedrosa, 2013: p. 214), (Perella, Galli, & Marcheggiani, 2010).

1.3 Contextualização dos Ecomuseus em Portugal

Portugal inicia o processo da nova museologia³, seguindo os passos dos países pioneiros, com a fundação da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) em 1965.

No entanto, as grandes mudanças surgiram após a revolução de 1974, como por exemplo, com a criação do Instituto Português do Património Cultural em 1980 e com a constituição, em 1985, do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), caracterizando-se como um grupo de reflexão que abordava as temáticas dos processos e práticas da museologia (Carvalho & Sardo, 2015).

Entre os anos 70 e 80 surgem, em Portugal, principalmente os museus locais criados com o cunho de iniciativas locais com foco na defesa do património, aceitando a nova museologia e contando com o apoio das comunidades locais, com a finalidade do desenvolvimento do território.

A base do primeiro projeto de ecomuseu em Portugal dá-se por conta da iniciativa do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) na criação de Áreas Protegidas (AP) que promoviam e organizavam a animação do património, principalmente através do Turismo de Natureza. É neste sentido que surge em 1979, no Parque da Serra da Estrela, a ideia do primeiro projeto de criação de um ecomuseu em Portugal, que contou, nos primeiros passos do processo, com Georges Henri Rivière (Leite, 2016), (Carvalho & Sardo, 2015).

³ Tal como referido no Capítulo II, a Nova Museologia foca-se numa abordagem mais voltada para as questões sociais e humanas, sendo que, o museu adquiria um papel fundamental nas relações entre a comunidade e o seu património.

No entanto, o primeiro ecomuseu português é inaugurado em 1982, o Ecomuseu Municipal do Seixal. Este aborda temáticas como a arqueologia, “o património proto industrial e industrial”, “a cultura e o património marítimos e fluviais” ligados ao estuário do Tejo. Adquire a designação de ecomuseu uma vez que assume como “linhas estruturantes da programação museológica a atividade referente ao território concelhio, a conservação dinâmica do património, sempre que possível in situ e a interação com formas de participação da população/das comunidades na vida municipal” (Direção-Geral do Património Cultural, s.d.). O Ecomuseu Municipal do Seixal é composto por cinco núcleos temáticos, três extensões museológicas e está a cargo da gestão de duas embarcações tradicionais com fins recreativos (Direção-Geral do Património Cultural, s.d.; Visit Portugal, s.d.).

Até à data, foram criados vários ecomuseus espalhados pelo território português, como por exemplo: Ecomuseu do Seixal, Ecomuseu do Barroso, Ecomuseu da Troncalhada e o Ecomuseu Tradições do Xisto de Góis (Leite, 2016), (Carvalho & Sardo, 2015).

Segundo Teixeira (2005) (referido por Alves & Carvalho, 2014: p. 6) “em Portugal o ecomuseu não precisa ser inventado, pois ele existe à espera que o organizem; não é preciso mandar fazer ferramentas ou oficinas, elas existem; não é preciso treinar os artesãos, os agricultores, os pastores, eles são ainda hoje intervenientes da vida local, nos campos e nas montanhas”.

Em 2014, era possível identificar um total de 25 ecomuseus em Portugal, dividindo-se tanto no continente como nas ilhas, mas sendo o maior núcleo na Beira Litoral e na Beira Alta (Alves & Carvalho, 2014).

Atualmente Portugal é membro de um consórcio de “académicos, profissionais de museus e atores políticos”, em conjunto com outros países como a “Escócia, Espanha, França, Peru, Chile, Costa Rica e Índias Ocidentais”, com foco no desenvolvimento da museologia comunitária (EULAC Museums, s.d.).

O consórcio designa-se por EU-LAC-MUSEUMS e, estabelece-se em 2014 após a ICOM do mesmo ano e é financiado pelo programa Horizon2020.

O EU-LAC-MUSEUMS pretende efetuar uma análise histórica e teórica comparativa dos museus rurais de pequena e média dimensão dentro da EU (União Europeia) e da LAC (América Latina e Caraíbas) dividindo o seu plano de ação em quatro áreas de investigação:

1. Tecnologia e Inovação para a Integração Bi-regional;
2. Museus para a Inclusão e Coesão Social;
3. Promoção de Museus Comunitários Sustentáveis;
4. Expondo Migração e Género (EULAC Museums, s.d.).

Em 2018, a EU-LAC-MUSEUMS cria um pequeno mapa com alguns exemplos de ecomuseus em Portugal, tal como se pode observar na Figura 3.



Figura 3: Exemplos de Museus Comunitários em Portugal Continental; Fonte: EU-LAC-MUSEUMS

Capítulo II – A Museologia Moderna

Neste capítulo será abordada, primeiramente, a evolução do conceito da museologia culminando nos novos desafios da museologia moderna e, num segundo ponto, tenta-se perceber a diferença entre os conceitos de *storytelling* e de *storydoing*.

2.1 Os Novos Desafios da Museologia Moderna

O conceito de museu apesar de ser usado há vários séculos tem sofrido várias adaptações conforme o ambiente em que se insere.

Acredita-se que a obra mais antiga sobre museologia remonta a 1565, “Inscrições ou Títulos de um Imenso Teatro...”, de Samuel Quiccheberg, onde este apresentava a organização de uma coleção para formar uma estrutura de um teatro (Muchacho, 2009).

De facto, o modelo de museu surge ainda na antiguidade clássica com as figuras de colecionador/antiquário que preservavam e acumulavam bens patrimoniais por forma a obter conhecimento sobre a sociedade e a sua cultura (Silva D. R., 1999) (Muchacho, 2009).

No Renascimento, e com a figura dos mecenas, surgem as primeiras academias de arte e os grandes museus europeus como o Louvre, o Vaticano, entre outros (Silva D. R., 1999) (Muchacho, 2009).

No entanto, no período Romântico surgem duas ideologias museológicas, o museu francês e o museu britânico. O museu francês com influências iluministas, focado no passado e na estética das suas coleções e o museu britânico com influências dos novos conhecimentos

arqueológico que tornavam as suas coleções mais didáticas, com enfoque científico e com fins académicos (Silva D. R., 1999) (Muchacho, 2009).

“No século XX, os museus tornam-se em espaços museológicos especializados, iniciando a sistematização dos seus acervos e dos seus quadros funcionais, resultado do pensamento racional e estruturalista de bases positivistas. A preocupação com a salvaguarda de um passado para as gerações futuras, resulta na preservação da memória coletiva de uma sociedade” (Silva, 1999: p. 44).

No entanto, é com a criação da International Council of Museums (ICOM), em 1946, que a museologia começa a adquirir destaque.

A ICOM (International Council of Museums) é um organismo que tem como principal objetivo, o desenvolvimento dos museus de forma global, e que presta um papel fundamental no desenvolvimento da museologia como ciência aplicada e de ação. Esta entidade pretende desenvolver tanto os museus como os seus profissionais, ao mesmo passo que preserva o património cultural, através de uma rede mundial de profissionais de várias disciplinas e especializações, que cooperam entre museus (Muchacho, 2009) (Rangel, 2013).

Segundo a sua mais recente definição, um museu apresenta-se como sendo “uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.” (ICOM, 2015).

Desde o início da sua atividade, a ICOM realiza reuniões que servem para discussões teóricas dos profissionais. Ao longo do tempo, estas mesmas reuniões, têm levado à elaboração de

documentos fulcrais para a evolução da museologia “enquanto disciplina científica, como por exemplo, a declaração de Santiago do Chile de 1972” (Silva, 1999: p. 45).

Como resultado da declaração de Santiago do Chile em 1972, iniciou-se um novo paradigma na museologia, tal como descrito no Capítulo I.

Neste sentido, surge a Nova Museologia, que se focava numa abordagem mais voltada para as questões sociais e humanas, sendo que o museu adquiria um papel fundamental nas relações entre a comunidade e o seu património. De acordo com Silva (1999) e Muchacho (2000: p.28) esta nova forma de museologia respondia às necessidades da sociedade do século XX que sofria transformações tais como: “alargamento da noção de património”, “redefinição do objeto museológico”, “participação da comunidade no processo museológico” e “mudança da conceção das instituições museológicas”.

Segundo Muchacho (2000: pp.28-29) a produção do conhecimento museológico decorre essencialmente em três grandes fases:

1. Pesquisa – esta fase está relacionada com várias áreas do conhecimento, havendo, portanto, a necessidade de interação entre o pesquisador e os indivíduos do ambiente a ser pesquisado. Nesta fase utiliza-se a reflexão, observação e análise crítica de modo a tornar as ações do quotidiano em património cultural e, conseqüentemente, a criação de um objeto do património cultural “de um determinado grupo social, de um território, de um determinado país ou região”.
2. Preservação – esta fase está relacionada com um trabalho educativo junto da comunidade. A preservação divide-se em três subfases:
 - 1) Recolha – surge da interação entre os profissionais e a comunidade local.

- 2) Conservação – é um processo de discussão e análise, sendo de grande importância as ações educativas na comunidade que a possam influenciar a ter atitudes preservadoras.
- 3) Documentação – é, também, um processo de interação que se caracteriza pela produção de conhecimento, classificação e registo. Os agentes desta etapa documentam e registam o conhecimento transmitido por parte da comunidade local, contribuindo para a construção do inventário museológico.
3. Comunicação – esta fase encontra-se presente antes, durante e depois do processo museológico adotando ações de troca, diálogo e comunicação com a comunidade local. Assim, e como resultado da troca, análise, recolha e diálogo com a comunidade, origina-se a exposição (Muchacho, 2009: pp. 28-29).

Deste modo, percebe-se que a museologia passou por 3 grandes fases de evolução:”

1. a museologia do objeto, cujo enfoque eram as coleções, e tem na figura do mecenas o seu patrocinador;
2. a museologia dos temas do século XIX, que propõe um olhar dos especialistas;
3. a museologia do enfoque, cujo papel das disciplinas resulta do produto transdisciplinar gerado pelo museu.” (Muchacho, 2009).

Ainda de acordo com Muchacho (2009), existem alguns profissionais que defendem a museologia tradicional. Uma museologia com enfoque na conservação do acervo museológico, na preservação e proteção do património material, com uma organização institucional, maioritariamente financiada por agentes públicos - como o governo e as autarquias -, que valoriza o edifício do museu, os profissionais como os indivíduos com maior importância e, portanto, a museologia tradicional assume uma rígida hierarquia. As principais abordagens da museologia tradicional são destinadas ao passado, aos objetos, a determinadas áreas de estudo ou disciplinas e à procura de objetos do património da comunidade para a

sua colocação no museu físico. Assim, as principais tarefas de um museu tradicional passam pela: coleção, documentação, investigação, conservação e mediação/reflecção.

No entanto, a museologia tem cada vez mais a necessidade de se reinventar face aos desafios da modernidade. Recentemente, vive-se num novo paradigma da museologia, como resposta ao meio ambiente e à sociedade que a rodeia. Assiste-se a uma maior necessidade de interação não só física, mas também intelectual, tendo os museus assumido um papel importante nas abordagens pedagógicas e socioeducativas, apelando à comunicação do visitante e culminando numa construção de opinião por parte do mesmo. Uma vez que o mundo se encontra cada vez mais tecnológico é natural que os museus se tenham que reinventar face a estas tecnologias, de modo a responder às necessidades dos visitantes (Sánchez, 2012).

As novas tecnologias passam a ser utilizadas tanto nas exposições como no tratamento do acervo museológico. Surgem as imagens 3D, os hologramas, a realidade virtual, as aplicações incorporadas em cada museu, as visitas guiadas por áudio podendo utilizar diferentes abordagens personalizadas para cada visitante, os jogos virtuais, entre outros.

Nos museus contemporâneos, o financiamento deixa de ser inteiramente de agentes públicos e os próprios museus tendem a tomar a abordagem de autofinanciamento através de marketing e parceiros económicos (Muchacho, 2009).

Nas últimas décadas, é possível observar o crescimento no número de espaços museológicos, ao alargamento da noção daquilo que é o património das comunidades, tratando novos temas e existindo maior abertura para novas áreas para que seja possível atingir novos segmentos sociais. Existe um atendimento diferenciado ao visitante, sendo, por vezes, necessário ter

uma oferta diferenciada para cada segmento de visitantes. Deste modo, os museus passam a ter um papel fundamental na inclusão social (Muchacho, 2009).

O museu contemporâneo deve promover a interação dos sentidos do visitante, tentando implementar diversas experiências sensoriais e recreativas. No entanto, existe cada vez mais uma preocupação para que o museu continue a ter os objetivos primários, procurando desfasar-se do conceito de parque temático (Muchacho, 2009) (Sánchez, 2012).

Os museus devem, também, fomentar o espírito crítico e promover a vertente da inclusão social e consciencialização do património, assim como incentivar o diálogo interno através do pensamento, observação e experimentação (Muchacho, 2009) (Sánchez, 2012).

Este diálogo e estímulo do espírito crítico de cada visitante, leva à vertente transformativa dos museus contemporâneos. Os museus tentam gerar uma discussão com os visitantes para perceber as diferentes interpretações de cada pessoa e, mais tarde, incentivar a troca de opinião (Muchacho, 2009) (Botallo, 1995).

Segundo Sánchez (2012), os visitantes tornam-se, portanto, em objetos de estudo por parte dos profissionais, a denominada museologia dialógica, tentando perceber as opiniões, necessidades e críticas dos mesmos, culminando em respostas que levem à melhoria do espaço museológico (Muchacho, 2009) (Botallo, 1995).

No entanto, e face à situação atual da pandemia covid-19 e a subsequente crise global, poderá existir uma modificação naquelas que são as projeções para as tendências futuras da museologia moderna.

No Relatório do Grupo de Projeto Museus no Futuro (2020), é considerado que a documentação que tem sido produzida atualmente, num contexto extremamente volátil, “carece de

consolidação e de sedimentação”. Ainda assim, o grupo teceu uma linha com os principais elementos que poderão marcar tendências na museologia no futuro próximo (OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais, 2020: pp.11).

Posicionando-se numa visão “de fora para dentro”, o referido relatório identifica 6 elementos principais:

1. Confiança e Bem-estar: este ponto tem por base “os cuidados de higiene e de segurança sanitária, suscitados pela covid-19” e a subsequente adaptação dos espaços físicos e a implementação das medidas de combate à pandemia. Os museus têm, tendencialmente, um impacto “na qualidade de vida, na melhoria da saúde física e mental, na promoção da autoconfiança e do empoderamento, no reforço do sentimento de pertença, na participação cidadã e na inspiração da criatividade e da curiosidade”. Os museus podem ainda trabalhar como “agenciadores de mudanças de atitudes” através da criação de ambientes participativos e colaborativos trabalhando “«com a sociedade» e não «para a sociedade»”. A temática do bem-estar relaciona-se com “as noções de acesso, de pertença, de inclusão e de liberdade de expressão”. Ainda assim, os museus podem ser utilizados como combate à velocidade da vida quotidiana a par de movimentos *slow* ou *detox* digital, ou pelo contrário utilizando a tecnologia e explorando as “suas múltiplas possibilidades de mediação” (OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais, 2020: pp. 11-12).

2. Mutações Demográficas: compreende-se com o facto de a maior parte dos museus se localizarem nas cidades e áreas metropolitanas devido ao crescimento⁴ da população a

⁴ No entanto, em Portugal, estima-se uma perda de população residente e um aumento da população sénior, sendo que nas projeções, Portugal será, no ano de 2030, o terceiro país mais envelhecido do mundo. (OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais, 2020: pp. 12)

nível mundial e à “concentração residencial nestas mesmas áreas”. Ainda assim, o “envelhecimento ativo e o aumento dos níveis de escolaridade dos públicos seniores” poderão ser utilizados como potencialidades, podendo, os museus, dar respostas na saúde mental da população sénior, adquirir várias formas de acessibilidade integrada, entre outros. Por outro lado, com o aumento da esperança média de vida denota-se um desafio para os museus, uma vez que se estima que “os indivíduos cultivem a formação ao longo da vida, exerçam diferentes profissões que exijam conhecimentos multifacetados e diversifiquem os seus interesses pessoais”.

No que respeita ao público mais jovem, os museus terão o desafio de construir novas narrativas, utilizar a comunicação online e potenciar parcerias.

Os museus deverão, ainda, tornar-se em espaços de inclusão e de promoção de diálogo para grupos socialmente mais desfavorecidos e população que integra movimentos migratórios e a mobilidade populacional forçada, como as vagas de refugiados da Europa (OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais, 2020: pp. 12-13).

3. Turismo: estando presente a pandemia de covid-19, e como consequência às medidas de confinamento e de restrição da mobilidade dos indivíduos, denota-se uma diminuição da procura turística, o aumento de cancelamentos de voos, tendo os turistas internacionais, no ano de 2020, e segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), padecido de uma quebra de 80%.

Estima-se que o setor necessite de “dois a três anos para alcançar os níveis de crescimento do período pré-crise” (OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais, 2020: p. 13).

As previsões sugerem que o perfil dos futuros turistas privilegie “destinos seguros e sustentáveis, com uma oferta diferenciadora, menos massificada e potencialmente associada à redescoberta de locais menos conhecidos. Preferirão viajar em grupos de menores dimensões, exigirão uma experiência fluída na interação com os destinos e os recursos de interesse turístico (incluindo disponibilização de funções online e *contactless* para aquisição de bilhetes, marcação de visitas e acesso a informação) e continuarão a dar importância às redes sociais para a partilha de informação e experiências.” (OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais, 2020: pp. 13-14).

4. Tecnologias Digitais: a aplicação das tecnologias é vista, atualmente, como uma dimensão que contribui para a realização das funções e áreas de atuação dos museus, mas também como instrumento de mediação.

Estima-se que os museus passem a utilizar plataformas digitais, bem como “soluções e dispositivos variados de comunicação para potenciar o acesso às coleções e à programação, em contexto físico e digital, e de forma articulada”, mas também de “serviços associados aos smartphones e a apps, o desenvolvimento de serviços online, nomeadamente a aquisição de bilhetes e de produtos das lojas, outros domínios do desenvolvimento tecnológico, como a realidade aumentada, a realidade virtual, a impressão 3D, a robótica, blockchain, a inteligência artificial”, e a digitalização das coleções.

Apesar deste ponto ser um grande desafio museológico, com diversas e novas exigências tanto a nível financeiro como a nível de infraestruturas, a sua utilização poderá levar a uma “reorganização da aquisição de novos conhecimentos, de competências e de uma maior cooperação com outras entidades (como bibliotecas, universidades e empresas do sector das

tecnologias de informação), a par de uma necessária mudança de mentalidades e de lideranças capazes de dar resposta a estes reptos” (OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais, 2020: pp. 14-15).

5. Participação: este ponto no que respeita a museologia, está intimamente relacionado com a função social dos museus e a sua alteração tem por base a sociedade digital. A tendência relaciona-se com “os projetos colaborativos e as estratégias participativas em que os profissionais surgem crescentemente como facilitadores e mediadores, colocando as pessoas e as comunidades no centro de ação dos museus e monumentos”.

A noção de visitante altera-se para a de coprodutor com o aumento de participação “em número e em atividades dos públicos, das pessoas e das comunidades, em contexto físico e digital, por exemplo, em diferentes formas de voluntariado, seleção e curadoria de exposições, investigação partilhada, inventários participativos, participação em grupos consultivos, financiamento (e. g. crowdfunding) e governança participativa”.

Perspetiva-se o aumento de práticas através da utilização de locais públicos para intervenções temporárias e a promoção de experiências, estando adaptadas a cada grupo de interesse (OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais, 2020: pp. 14).

6. Sustentabilidade: neste ponto debate-se a “necessidade de poupança de energia e de redução da pegada ecológica”, que “levantam questões de compatibilização com as regras e os requisitos de conservação das coleções, a gestão das reservas, a circulação de bens culturais e a manutenção das instalações numa perspetiva sustentável. As intervenções no património edificado, com atenção à eficiência energética e à redução do consumo de água, redução de resíduos, eliminação do plástico de uso único, ou à promoção de estacionamento

de bicicletas no exterior das instalações são alguns exemplos de medidas de sustentabilidade ambiental a desenvolver e a ampliar.”

Os museus deverão englobar vertentes ambientais, sociais, económicas e culturais, assim como praticar uma gestão responsável, implementar alterações nas suas práticas e no seu funcionamento.

Os museus sustentáveis serão “sensíveis ao impacto dos seus visitantes no meio ambiente, farão uma gestão de coleções de modo a valorizá-las para as próximas gerações, contribuirão para a vitalidade social, cultural e económica do território onde se inserem, desenvolverão um planeamento estratégico de longo prazo e colaborarão com outros museus e monumentos e entidades em parcerias, possíveis fusões organizacionais e redes com perspetivas temporais alargadas”. Deverão aplicar “boas práticas no seu funcionamento” e promover uma maior consciencialização ambiental e, conseqüentemente, exercer o papel de “mediadores pedagógicos para o desenvolvimento de comportamentos e de atitudes responsáveis” (OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais, 2020: pp. 16).

Em suma o museu contemporâneo deve tornar-se num espaço vivo, participativo, experiencial de confiança e bem-estar, que faça uso das novas tecnologias, que permita o contacto direto entre os visitantes e os objetos expostos, com um papel fundamental na educação, inclusão social, na aplicação de práticas sustentáveis, bem como incentivar a formação do espírito crítico.

2.2 *Storytelling vs. Storydoing*

Os museus desenvolveram ao longo do tempo, e de acordo com a sociedade, a necessidade de demonstrarem que a informação que retêm é autêntica.

Ao longo do tempo percebe-se que uma das grandes formas de ensinar e perceber mais sobre certos elementos do cotidiano, é através de estórias (*storytelling*). É neste sentido que começa a surgir esta forma de ensinamento e aprendizagem nos museus.

As estórias e narrativas são uma forma de comunicar, estimular a curiosidade e necessidade do saber, assim como alimentar as diferentes interpretações de cada pessoa, podendo até incentivar o diálogo entre os visitantes na partilha das opiniões subjetivas a cada um (Espinoza, 2017).

Os objetos nos museus têm todos um passado e são uma parte do património cultural e/ou natural de um local. Atualmente a explicação através de *storytelling* (contar estórias) é visto como algo inovador e essencial num museu.

Segundo Jimenez (2016), referido por Espinoza (2017) , o *storytelling* “é a arte de vender através de histórias, entendido como técnica de marketing, o *storytelling* pode ajudar a alcançar objetivos de captação de novos clientes, com histórias que chamem à sua atenção sobre uma certa marca; de fidelização, fomentando o envolvimento com histórias que inspirem os clientes e incrementem o seu sentimento de pertença à marca; e de posicionamento, potenciando a notoriedade com histórias que comuniquem a identidade da marca” (Espinoza, 2017, p. 34).

De acordo com Moortheswari & K (s.d.), o processo de *storytelling* pode dividir-se em duas fases:

1. Recolha e Compilação de objetos – deve-se documentar cada objeto e desenvolver a estória para cada um. É a fase que implica mais concentração devido à documentação de cada objeto;
2. Seleção dos intermediários que irão fazer o storytelling - Nesta fase decide-se o tamanho das narrativas e quantidade de narrativas para cada objeto. É também nesta fase que é possível criar estratégias de marketing, como por exemplo, colocar algumas das narrativas inacabadas em jornais, redes sociais, entre outros, para estimular o interesse da visita ao museu. (Moortheswari & K., s.d.)

Através de um mundo cada vez mais tecnológico, os próprios museus tendem a aumentar a utilização da internet e do digital, entre outros elementos da tecnologia, especialmente no que diz respeito aos telemóveis, a fim de aumentarem o museu físico para uma componente virtual da experiência do visitante, ao mesmo passo que se focam no storytelling, de modo a aumentar o envolvimento dos visitantes (Moortheswari & K., s.d.) (Mulholland, 2016).

Segundo Moortheswari & K (s.d.), nos museus existem várias formas adotadas para o conto das narrativas:

1. A escrita das narrativas – é o método mais utilizado nos museus. Consiste na colocação das narrativas em papel para a leitura do visitante. Poderá ser mais facilmente adotado por museus de grandes dimensões uma vez que em museus mais pequenos podem não ter tanto espaço disponível;

2. A narração através de imagens – existente desde tempos remotos através das gravuras em rochas e paredes. É possível perceber que uma imagem pode suscitar várias interpretações para uma só história. Poderá ser mais útil com certos segmentos de visitantes como as crianças;
3. Pela literatura – atualmente é difícil não encontrar nos museus impressões como brochuras (para público geral e em braille), folhetos, guias, calendários, livros, entre outras formas escritas. Através desta ferramenta, os visitantes podem levar consigo as histórias e fazer chegar a mais pessoas;
4. Explicação de pessoa para pessoa ou de pessoa para grupos – esta ferramenta implica a utilização de um guia que irá explicar cada objeto podendo, assim, contar as histórias de cada um no museu. No entanto, é necessário que a voz do guia seja audível a alguma distância para envolver e manter a atenção de todos os elementos da visita;
5. Através de dioramas e modelos de objetos – esta ferramenta apoia-se em apresentações artísticas tridimensionais com uma certa temática expositiva que poderá servir como uma espécie de mapa para guiar o storytelling;
6. Áudio guias – como forma de contenção de recursos, facilidade, acessibilidade, individualidade, entre outros, assiste-se a um aumento deste tipo de ferramentas nos museus. Os próprios visitantes poderão ouvir as histórias dos objetos e histórias relacionadas com os mesmos em variadas línguas;
7. Vídeos – criação de vídeos que documentem histórias/histórias através de artistas ou até mesmo de forma animada a fim de auxiliar o storytelling;
8. Espetáculos de Teatro – relacionado com o ponto anterior, no entanto, esta ferramenta implica a apresentação ao vivo dos artistas;

9. Espetáculos 3D através de realidade aumentada – esta ferramenta envolve tecnologia e tem sido cada vez mais utilizada pelos museus. Permite contar histórias através de uma câmara com sensores de movimento que contem informações virtuais e com semelhanças ao mundo real;

10. Método QR Code – utilização de um pequeno selo que quando decodificado remete para uma página web onde os visitantes poderão ter acesso às histórias dos objetos e que pode também ser levado com o visitante de forma digital ou através de merchandising do próprio museu, como por exemplo em t-shirts, postais, entre outros. Poderá ser mais eficaz em museus de menor dimensão como forma de gestão do espaço (Moortheswari & K., s.d.). Apesar de ser cada vez mais utilizado como método de interatividade e aprendizagem, assiste-se, também, a uma maior procura por parte dos visitantes em fazer parte do processo de produção. No turismo verifica-se a procura pelo turismo criativo onde os visitantes têm a oportunidade de produzir um elemento tradicional, seja ligado à gastronomia, ao artesanato, entre outros. Por outro lado, na área do marketing e também em alguns museus, percebe-se um aumento da implementação do *storydoing*.

Segundo Jimenez (2016), referido por Espinoza (2017), o *storydoing* é uma evolução do conceito de *storytelling* que tem por base a utilização da narrativa como meio de conexão emocional com a audiência. A grande diferença encontra-se no objetivo e forma da narrativa. No *storydoing* o protagonista é o visitante, implicando uma participação ativa na criação da estória, passando o protagonista a ser um criador de conteúdos e que poderá servir como forma de publicidade para o próprio museu (Espinoza, 2017).

Esta componente de ação do *storydoing*, implicando o cunho pessoal do visitante na criação de uma estória, e consequentemente na história do museu, faz com que haja um aumento da estratégia de boca-a-boca, aumentando a visibilidade do museu e alcançando potenciais visitantes (Organização Elizabeth Saad e Stefanie C. Silveira, 2016).

Como referido pela Organização Elizabeth Saad e Stefanie C. Silveira (2016) e Marcos (2015), os grandes exemplos deste tipo de estratégia encontram-se normalmente em grandes empresas como por exemplo:

1. TOMS – A estratégia denominada de “*One for One*”, baseia-se na premissa em que por cada par de calçado comprado outro par é doado a uma criança necessitada;
2. COCA COLA – Em 2014, a marca era um dos grandes patrocinadores do Campeonato do Mundo no Brasil, mas, após a derrota da Seleção Brasileira com a Alemanha (1x7) tentaram rapidamente trocar o seu slogan inicial “Abra a felicidade” para não criar conflitos com os locais. Deste modo, fazem uma publicação nas redes sociais intitulada de “nó na garganta” com uma garrafa e uma palhinha que remetiam a este sentimento de derrota, como forma de demonstrar solidariedade para com o povo brasileiro;
3. Netflix – sabendo que algumas séries da plataforma relatam temas como os diferentes tipos de relacionamentos afetivos, em 2015, a Netflix participou ativamente na Parada LGTB, em São Paulo. Através do hashtag #NetflixNaParada, várias foram as publicações relacionadas com a parada por parte de famosos de diferentes redes sociais.
4. Super Bock – Em 2014, a marca premiava com experiências, os portugueses que partilhassem o seu verão através das melhores histórias, vídeos ou fotografias (Organização Elizabeth Saad e Stefanie C. Silveira, 2016), (Marcos, 2015).

De facto, em contexto museológico o *storydoing* pode ser adotado exatamente nas mesmas formas que o *storytelling*. No entanto, a construção da estória deverá partir do visitante, como por exemplo:

1. Criação de um curto videojogo que se baseia em escolhas. Os visitantes deverão escolher uma personagem e decidir quais os caminhos que devem seguir ao longo do jogo;
2. Criação de pequenos elementos de artesanato e entrega de um “certificado” no fim da visita relativa à atividade praticada;
3. Atividades de escrita e teatro criados pelos próprios visitantes (Cleaver, 1992), (Ibrahim, 2019).

Neste sentido, os museus devem inculcar a ideia de que se deve utilizar as mãos, a imaginação e criatividade para realizar as atividades de *storydoing*. Este facto acaba por ser uma situação contrária ao contexto normalizado do museu, em que este é um espaço de contemplação e formalidade, que acarreta um grande fator educacional e de aprendizagem, mas que, no entanto, se devem respeitar os objetos e tentar preservar ao máximo o contacto com os mesmos.

É precisamente ao reconhecer esta diferença de comportamento desejado perante ambas as situações que surge o conceito de “*hands-on*”. A expressão da língua inglesa significa no sentido literal “colocar as mãos”, mas o seu grande significado prende-se na ideia das experiências práticas e na expressão portuguesa “colocar as mãos na massa” (Cleaver, 1992), (Ibrahim, 2019).

A partir do desenvolvimento destas práticas associadas aos museus começam, também, a surgir os centros de ciências que têm como principal característica a interatividade. Segundo

Falcão et al (2003), referido por Chinelli (2009), este tipo de interatividade vai “desde o mero acionamento de botões que desencadeiam o funcionamento de aparatos, *displays* que propõem perguntas e respostas emitindo luzes e sons, até situações nas quais o visitante pode estabelecer um “diálogo” com o aparato, na medida em que o visitante detém um certo controle sobre os parâmetros que mudam o comportamento do aparato exposto. Para ações diversas há respostas diferentes, que podem levar a indagações do interesse do visitante muitas vezes de forma não imaginada pelos idealizadores das exposições. Nessa perspectiva, o maior grau de interatividade é proporcionado por aparatos que a dão oportunidade de interações subsequentes” (Chinelli, 2009: p. 379).

Segundo Jean Piaget, referido por Cleaver (1992), o conhecimento advém do mundo e dos objetos que o compõe. De facto, denota-se que as formas de ensino interativo têm grandes vantagens, tendo os museus, cada vez mais, adotado atividades de *storydoing/hands-on* nas suas visitas, principalmente no que respeita o público infantojuvenil (Cleaver, 1992).

A maior parte dos trabalhos científicos referentes a este tema tem também uma abordagem relacionada com o público infantil e o segmento das famílias. No entanto, face a um público de faixas etárias mais avançadas poderá utilizar-se o método contrário. Ao invés de ser explicado um objeto por um guia, cartaz informativo, entre outros, incentivar a partilha de conhecimento por parte do público, uma vez que, naturalmente, são portadores de uma vasta variedade de experiências de vida.

Em suma, a grande potencialidade do *storydoing* e das atividades “*hands-on*”, encontra-se na possibilidade de despertar a “curiosidade”, provocar questões, propiciar a formulação e

verificação de hipóteses por parte dos visitantes e, por fim, “chegar a conclusões ou a novos problemas” (Chinelli, 2009: p. 379).

Capítulo III – Santo Tirso

O concelho de Santo Tirso insere-se no distrito do Porto, tendo como principais vias de acesso as autoestradas A3 e A41, as estradas nacionais, EN 105, EN 104, EN 204, assim como as estradas regionais ER207 e ER 319. Uma outra forma de acessibilidade a Santo Tirso é através do comboio na linha Porto-Guimarães e vice-versa (Câmara Municipal de Santo Tirso, s.d).

Santo Tirso abrange uma área geográfica de cerca de 136,60 Km², é limitado “pelo município de Vila Nova de Famalicão e Guimarães a norte, por Vizela, Lousada e Paços de Ferreira a este, por Valongo a sul e pela Trofa e Maia a oeste.” (Câmara Municipal de Santo Tirso, s.d).

Devido à reorganização administrativa em 2013, o município conta com 14 freguesias⁵, sendo elas: União de Freguesias de Santo Tirso, Couto (S. Cristina e S. Miguel) e Burgães, União de Freguesias de Areias, Sequeirô, Lama e Palmeira, Rebordões, Vila das Aves, São Tomé de Negrelos, Roriz, Vila Nova do Campo, Vilarinho, Monte Córdova, União de Freguesias de Carreira e Refojos de Riba De Ave, Reguenga, União de Freguesias de Lamelas e Guimarei, Água Longa e Agrela (Câmara Municipal de Santo Tirso, s.d).

O ponto mais alto do município localiza-se no lugar de Pilar, Monte Córdova, com 532 metros. No território é possível encontrar, entre outros, o Rio Ave, o Rio Leça e o Rio Vizela (Câmara Municipal de Santo Tirso, s.d).

⁵ Consultar Anexo A – Mapas do Concelho de Santo Tirso.

3.1 Breve Contextualização Histórica do Concelho

A história de Santo Tirso está intimamente ligada com a história do mosteiro e convento de Santo Tirso. O mosteiro Santo Tirso formou um Couto até 1834, que abrangia Burgães, parte da freguesia de Monte Córdova, antiga freguesia de Santa Cristina do Couto, antiga freguesia de Guimarei e antiga freguesia da Carreira, terminando perto da Ponte da Lagoncinha (Correia, s.d.: pp. 208-211).

Apesar do mosteiro ser um dos grandes elementos da história deste concelho, a ocupação do território é feita em tempos remotos. Disto são exemplo, a mamoa no lugar de Ervosa, assim como materiais cerâmicos e metálicos, encontrados no local onde hoje se localiza o hospital, referentes à Idade do Bronze Final. Para além destes vestígios, também é possível encontrar elementos que demonstram a ocupação do território por parte dos romanos. Existem, ainda, outros vestígios da presença romana no território, como é o caso de fragmentos de telha e olaria romanas, a necrópole da Quinta da Devesa, entre outros vestígios (Gomes & Silva, s.d.) (Pilar, s.d.) (Mostra de Usos e Costumes do Concelho de Santo Tirso, 14 de Julho).

Tal como referido anteriormente, o território é marcado principalmente pelo Mosteiro de São Bento, que terá sido fundado em 978 por Dona Unisco Godiniz, começando a fazer parte da ordem beneditina em 1092 (Gomes & Silva, s.d.) (Pilar, s.d.) (Mostra de Usos e Costumes do Concelho de Santo Tirso, 14 de Julho).

O couto do Mosteiro de Santo Tirso é doado a Soeiro Mendes da Maia, em 1097, por D. Henrique e D. Teresa e, em 1098, volta a ser doado, desta vez ao Abade do Mosteiro, D. Gaudemiro.

A Ordem Beneditina dirigia o Mosteiro de Santo Tirso e consequentemente o Couto de Santo Tirso até 1834, ano de extinção das ordens religiosas em Portugal. É neste mesmo ano que é fundado o concelho de Santo Tirso, formado pelas freguesias de: Agrela, Água Longa, Monte Córdova, Rebordões, Reguenga, Roriz, São Tomé de Negrelos, União de Freguesias de Areias, Sequeirô, Lama e Palmeira, União de Freguesias de Carreira e Refojos de Riba de Ave, União de Freguesias de Lamelas e Guimarei, União de Freguesias de Santo Tirso, Couto (S. Cristina e S. Miguel) e Burgães, Vila das Aves, Vila Nova do Campo e Vilarinho. Sendo que é neste mesmo ano que Santo Tirso para além de freguesia, se torna a sede do concelho (Gomes & Silva, s.d.) (Pilar, s.d.) (Mostra de Usos e Costumes do Concelho de Santo Tirso, 14 de Julho).

Santo Tirso é elevada a vila em 1868 e designada por cidade em 1985, sendo que todo o concelho conta com um vasto leque de património como é o caso do Mosteiro de São Bento, a Capela de São Bartolomeu, Capela de Santa Luzia, Capela do Senhor dos Passos, a Quinta de Argemil, a Quinta de Gião, o Museu Internacional de Escultura Contemporânea, o Museu Abade Pedrosa, entre muitos outros elementos patrimoniais (Gomes & Silva, s.d.) (Pilar, s.d.) (Mostra de Usos e Costumes do Concelho de Santo Tirso, 14 de Julho).

3.2 Dinâmicas Turísticas

No seguinte subcapítulo serão abordados temas ligados ao turismo do município. Numa primeira fase pretende-se apresentar alguns dos principais elementos do património tirsense, os cinco principais equipamentos de apoio à agenda cultural do município e, por último, alguns exemplos de eventos anuais no concelho. Num segundo ponto, pretende-se perceber, através das estatísticas turísticas, o desempenho dos empreendimentos turísticos no concelho.

3.2.1 Oferta Turística e Cultural

O município de Santo Tirso destaca-se pela sua diversidade de património desde assentos castrejos até um museu contemporâneo. De facto, é possível encontrar vários monumentos de várias épocas, mas é, fundamentalmente, pelo vasto património religioso que Santo Tirso é reconhecido. Na tabela 2 é possível observar alguns dos principais monumentos do município.

Exemplos do Património de Santo Tirso			
Património	Tipologia	Descrição	Localização
Mosteiro e Claustros de S. Bento	Religioso;	O mosteiro datado do ano de 978 mandado construir por Dona Unisco Godiniz e pelo seu marido Aboazar Lovesendes. Atualmente o mosteiro integra a igreja, dois claustros, o museu e a Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento. O mosteiro é considerado Monumento Nacional desde 1910 e o claustro só adquire esta classificação em 1951. Desde 1982 passa a integrar como Monumento Nacional a cerca e o cruzeiro.	Largo Abade Pedrosa, Santo Tirso
Santuário Nossa Senhora da Assunção	Religioso;	O atual santuário é datado de 1934 pela arquitetura de Ernesto Korrodi. Ex-Libris é a imagem da Nossa Senhora encomendada em 1896 ao escultor João Fonseca Lapa.	Monte Córdova
Mosteiro de Singeverga	Religioso;	O único mosteiro masculino em Portugal a seguir a Regra de S. Bento, e reconhecido pelo famoso Licor de Singeverga. Fundado em 1892. Para além da pequena coleção de borboletas do mosteiro é, ainda, possível admirar várias obras de arte sendo a mais conhecida uma pintura que fica atrás do altar, a qual se atribui ao pintor italiano	Rua Mosteiro de Singeverga, Roriz

		Tintoretto, “A Adoração dos Reis Magos”.	
Mosteiro de Santa Escolástica	Religioso;	Primeiro mosteiro da ordem beneditina dedicada a Santa Escolástica em Portugal. É reconhecido pelas bolachas conventuais e pela hospedaria que integra o mosteiro.	Rua Mosteiro Santa Escolástica, Roriz
Igreja de Roriz	Religioso;	Igreja de estilo românico pertencente ao antigo mosteiro de Roriz fundado no século XI por D. Toure Sernão. Considerada Monumento Nacional desde 1910.	Rua do Mosteiro de Roriz, Roriz
Igreja do antigo Mosteiro de Vilarinho	Religioso;	Igreja pertencente ao antigo mosteiro de vilarinho fundado em 1074 pela Ordem dos Cónegos Regrantes. A igreja é datada do século XIII e considerada Imóvel de Interesse Público desde 1953.	Vilarinho
Capela do Santíssimo Sacramento e Loggia Quinhentista - Igreja S. Tomé de Negrelos	Religioso;	Capela em honra do Santíssimo Sacramento com uma abóbada de estilo manuelino, datada do século XVI e loggia de estilo manuelina no lado direito da igreja. Ambas são classificadas como Imóvel de Interesse Público desde 1944.	São Tomé de Negrelos
Castro do Monte Padrão	Sítio Arqueológico	Castro que através das escavações, terá sido ocupado desde a Idade do Bronze até à Idade Média	Monte Córdova
Ponte de Negrelos	Arquitetura civil	Ponte romana da freguesia que liga o concelho de Guimarães com o concelho de Santo Tirso. Nesta ponte dá-se a batalha entre o exército português e francês em março de 1809, que apesar de não ter sido sucedida, o exército português consegue diminuir os soldados franceses com destino ao Porto.	São Martinho do Campo, Santo Tirso / Lordelo, Guimarães
Espólio do Museu Municipal Abade Pedrosa	Museu;	Museu composto por quatro salas expositivas, uma sala de serviço educativo, um auditório, uma receção e uma sala de serviços administrativos. Localiza-se na antiga hospedaria do mosteiro de Santo Tirso.	Rua Unisco Godiniz, Santo Tirso

Tabela 2: Exemplos do Património de Santo Tirso; Fonte: do autor

Em Santo Tirso existem, essencialmente, 5 equipamentos que servem de apoio à agenda cultural do município. Para além dos eventos anuais característicos do concelho, estas infraestruturas acolhem uma série de outros eventos, como workshops, conferências, exposições, oficinas de trabalho, seminários, entre outros, que enriquecem a agenda cultural de Santo Tirso. Na tabela 3 é possível observar as cinco principais infraestruturas de apoio à agenda cultural do município.

Os Cinco Principais Equipamentos de Apoio à Agenda Cultural de Santo Tirso		
Denominação	Descrição	Localização
Biblioteca Municipal	Biblioteca municipal inaugurada em 2000. Composta por dois pisos, um arquivo de fundo local, uma biblioteca pessoal do Dr. Francisco Carvalho Correia doada à biblioteca municipal, uma sala audiovisual e multimédia, sala infantojuvenil, sala do conto, ateliê de expressão, visionamento coletivo e um auditório.	Rua Gross Umstadt,
Centro Cultural Municipal de Vila das Aves	Infraestrutura multifuncional de gestão municipal contemplando as áreas culturais, sociais, cívicas e educativas. O equipamento é inaugurado em 2005.	Rua Santo Honorato, 220, Vila das Aves
Centro Interpretativo de Monte Padrão	Espaço dedicado à investigação, musealização e organização do sítio arqueológico de monte padrão contemplando ações pedagógicas na sua agenda. Aberto ao público desde 2008.	Rua de Castro Padrão, Monte Córdova
Fábrica de Santo Thyrsó	Espaço que contempla uma agenda de natureza interpretativa e pedagógica, reaproveitando, e fazendo memória, à antiga “Fábrica de Santo Thyrsó”. Contempla maioritariamente temas ligados à indústria têxtil e é composta por um espaço expositivo que permite sedear uma diversidade de eventos.	Rua Dr. Oliveira Salazar, 88, Santo Tirso

Museu Internacional de Escultura Contemporânea e Museu Abade Pedrosa	Espaço que interliga o Museu Internacional de Escultura Contemporânea e o Museu Municipal Abade Pedrosa, sendo a mais recente reformulação do cunho de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura. Ambos os museus têm o mesmo átrio de acolhimento dividindo-se depois dentro da ala do mosteiro de S. Bento. O primeiro espaço museológico contempla uma série de esculturas contemporâneas ao ar livre ao longo dos espaços da cidade e o segundo de índole arqueológica.	Rua Godiniz, Santo Tirso Unisco Santo Tirso
---	---	--

Tabela 3: Os Cinco Principais Equipamentos de Apoio à Agenda Cultural de Santo Tirso; Fonte: do autor

Relativamente aos eventos, sendo o município um território que prima pelo património religioso, é de destacar as inúmeras festas em honra a padroeiros e várias romarias que acontecem nas várias freguesias do concelho. No entanto, Santo Tirso apresenta uma preenchida agenda cultural anual, assente em diferentes áreas do conhecimento e lazer e que são o motivo de visita ao município por parte de muitos turistas. Na tabela 3 é possível observar alguns dos principais eventos que ocorrem no município ao longo do ano.

Exemplos de Eventos Anuais em Santo Tirso				
Evento	Tipologia	Descrição	Data de Realização	Localização
Nossa Senhora da Assunção	Religioso;	Festa em honra de Nossa Senhora da Assunção, que toma lugar no santuário.	15 de agosto	Monte Córdova
Festas de São Bento	Religioso	Festa em honra do padroeiro da cidade de Santo Tirso que conta com concertos de artistas reconhecidos, e culminando num majestoso fogo de artifício.	O feriado é comemorado a 11 de julho, mas as festas estendem-se ao longo de uma semana.	Santo Tirso
Sanguinhedo	Festa pagã	Caracterizada pelas atuações folclóricas, a iluminação de lamparinas nas diversas casas circundantes e os bonecos	Último fim de semana de julho	Sanguinhedo, Santo Tirso

		miniatura em madeira que descrevem o quotidiano da vida rural, bem como diversos ofícios.		
Festival Internacional de Guitarra	Festival Música	Festival dedicado à guitarra clássica com destintos e reconhecidos intérpretes a nível nacional e internacional.	Entre maio e junho	Santo Tirso
Gião Mini Fest	Festival	Festival dedicado a público mais novo e às famílias que conta com atividades lúdico-pedagógicas.	junho	Parque de Gião e Biblioteca Municipal
Mercado Nazareno	Feira	Feira com recriações bíblicas, representação de ofícios antigos, e quotidiano do acampamento romano.	Entre março e abril dependendo da Páscoa	Santo Tirso
Sonoridades	Festival de Música	Festival dedicado a concertos com destaque para a música moderna portuguesa.	Entre abril e maio	Centro Cultural Municipal de Vila das Aves.

Tabela 4: Exemplos de Eventos Anuais em Santo Tirso; Fonte: do autor

Em Santo Tirso é possível encontrar diversos estabelecimentos de restauração, abordando todo o tipo de cozinha. No entanto, os mais procurados são aqueles que oferecem a gastronomia local e tradicional ou os estabelecimentos de confeitaria onde se podem provar as iguarias doces do concelho. No Anexo B é possível observar alguns estabelecimentos de restauração disponíveis no concelho.

No que respeita aos estabelecimentos de alojamento, Santo Tirso tem verificado um ligeiro crescimento como resposta à procura do concelho como destino turístico. De facto, existem alguns estabelecimentos mais emblemáticos, tal como o Hotel Cidnay e o Hotel Santo Thyrsos, que se situam no centro da cidade de Santo Tirso. No entanto, e apesar de não estar presente nas estatísticas dos Anuários Estatísticos da Região do Norte, produzida pelo

Instituto Nacional de Estatísticas (INE), é possível perceber um aumento do alojamento local, tanto no centro da cidade como em algumas das principais freguesias periféricas à cidade.

No Anexo C é possível observar alguns dos estabelecimentos de alojamento disponíveis no concelho.

3.2.2 O desempenho dos empreendimentos turísticos em Santo Tirso

Como forma de apresentar a dinâmica do turismo no concelho de Santo Tirso, serão apresentados gráficos comparando as estatísticas respeitantes à informação dos Anuários Estatísticos da Região do Norte dos anos de 2016, 2017 e 2018, respetivamente.

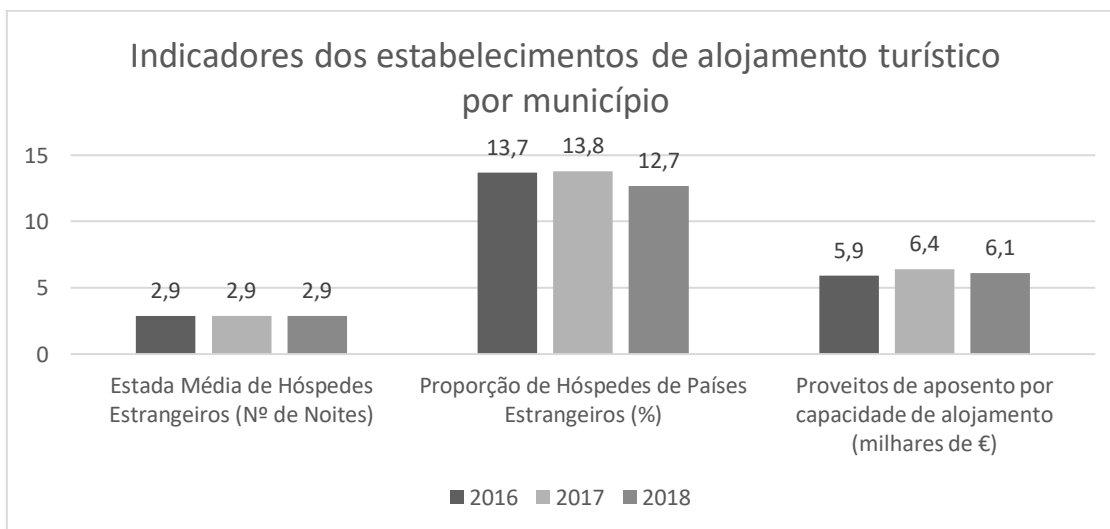


Gráfico 1: Indicadores dos estabelecimentos de alojamento turístico por município; Fonte: elaboração do autor, adaptado do Anuário Estatístico da Região Norte 2016, 2017 e 2018

Através do gráfico 1, percebe-se que nestes três anos a estada média de hóspedes estrangeiros permaneceu nas 2,9 noites, a proporção de hóspedes de países estrangeiros baixou um ponto percentual e o ano de 2017 apresenta-se como o ano com maior resultado de proveitos de aposento por capacidade de alojamento.

A estada média em estabelecimentos hoteleiros durante os três anos permaneceu nas 2,3 noites (Instituto Nacional de Estatísticas, 2016: p. 390) (Intituto Nacional de Estatísticas, 2017: p. 401) (Instituto Nacional de Estatísticas, 2018: p. 408).

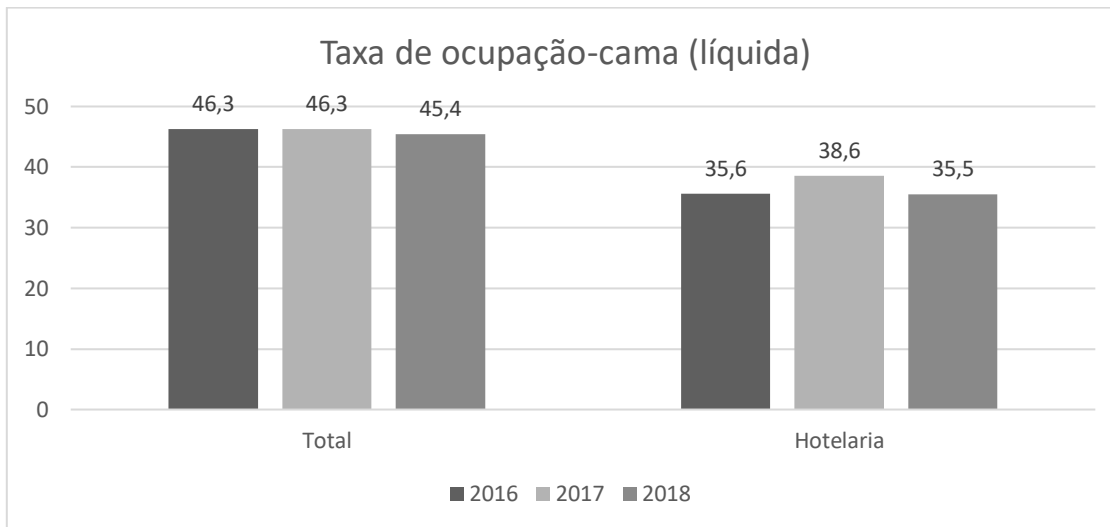


Gráfico 2: Taxa de ocupação-cama (líquida) Fonte: elaboração do autor, adaptado do Anuário Estatístico da Região Norte 2016, 2017 e 2018

Relativamente à taxa de ocupação-cama (líquida), percebe-se uma diminuição na percentagem dos estabelecimentos na sua totalidade de quase um ponto percentual e no caso da hotelaria existe um aumento de 3 pontos percentuais no ano de 2017.

Em Santo Tirso, segundo o Anuário Estatístico da Região Norte de 2016, 2017 e 2018 é possível encontrar 6 estabelecimentos de alojamento, sendo três estabelecimentos hoteleiros, dois alojamentos locais e um estabelecimento de Turismo no espaço rural e Turismo de habitação.

A capacidade destes estabelecimentos aumentou de 358 para 376 hóspedes em 2017, o que leva a crer que houve mudanças nos alojamentos locais ou nos estabelecimentos de Turismo em Espaço Rural (TER) e Turismo de habitação, uma vez que a capacidade dos

estabelecimentos hoteleiros permaneceu em 180 hóspedes nos três anos (Instituto Nacional de Estatísticas, 2016: p. 392) (Intituto Nacional de Estatísticas, 2017: p. 403) (Instituto Nacional de Estatísticas, 2018: p. 410).

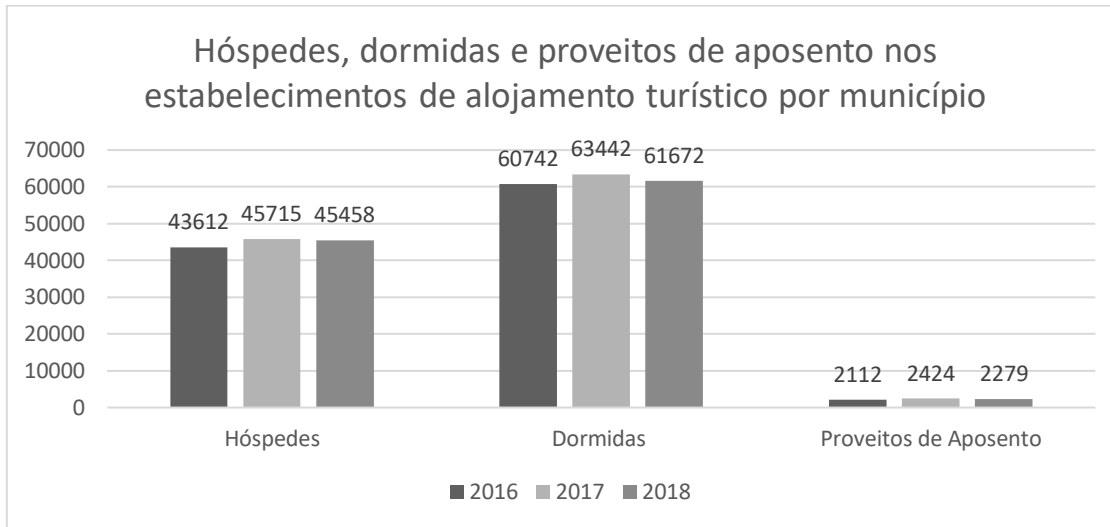


Gráfico 3: Hóspedes, dormidas e proveitos de aposento nos estabelecimentos de alojamento turístico por município;

Fonte: elaboração do autor, adaptado do Anuário Estatístico da Região Norte 2016, 2017 e 2018

Tal como se pode observar no gráfico 3, o ano com maior afluência de hóspedes e de dormidas decorre no ano de 2017, conduzindo, por consequente, a um aumento nos proveitos de alojamento.

Relativamente aos hóspedes, é perceptível um aumento nos últimos 3 anos de hóspedes de nacionalidade portuguesa tendo, em 2018, atingido os 39666 hóspedes. No entanto, o ano com maior número de dormidas de hóspedes portugueses verifica-se em 2017, com 45021 dormidas (Instituto Nacional de Estatísticas, 2016: p. 396) (Intituto Nacional de Estatísticas, 2017: p. 407) (Instituto Nacional de Estatísticas, 2018: p. 414).

Capítulo IV - A Identidade e Memória Tirsense

Neste ponto serão abordados alguns temas principais da identidade e cultura tirsense, passando da agricultura, à indústria têxtil e, por fim, aos produtos gastronómicos locais.

4.1 A Agricultura

O concelho de Santo Tirso, tal como os territórios vizinhos, tem na sua génese o trabalho no setor primário. De facto, a agricultura permitia o sustento dos habitantes tirsenses muito por conta do seu terreno fértil.

Apesar das terras serem cultivadas há décadas por particulares, é com a criação dos “Sindicatos Agrícolas”, e, no caso de Santo Tirso, com a criação do Sindicato Agrícola de Santo Tirso, que os produtores começam a receber instrução agrícola, a obterem preços mais reduzidos de transporte de mercadorias e empréstimos, ou até mesmo a comprarem de máquinas agrícolas, produtos, entre outros, por serem sócios do sindicato (Tedim & Borges, 2015).

Este sindicato já existiria por volta de 1900, mas seria substituído em 1940 pelo Grémio da Lavoura de Santo Tirso – inserido numa estratégia de renovação agrícola do estado novo –, que viria a trabalhar como representante e defensor dos interesses dos produtores tirsenses.

Em 1975, o Grémio é substituído pela, ainda atual, Cooperativa dos Concelhos de Santo Tirso e Trofa⁶ (Tedim & Borges, 2015).

⁶ Consultar Anexo D, Figura 24 - Sede Cooperativa Agricultores de Santo Tirso e Trofa.

Ainda assim, Santo Tirso é sede de uma instituição que mantém presente a tradição e o ensino das práticas do setor primário, a Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento⁷.

Esta escola surge junto ao Mosteiro de Santo Tirso e a sua história inicia-se aquando da extinção das ordens religiosas, em 1834. Neste ano, o mosteiro e as suas terras tornam-se propriedade do Estado e são, no ano de 1882, vendidos a Manuel José Ribeiro, brasileiro de torna-viagem, que viria a tornar-se Conde de São Bento (Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento - EPACSB, s.d.), (Gomes A. , 2013: p. 66).

Todos os bens do Conde viriam a ser herdados pelo seu sobrinho, José Luís de Andrade, sendo que à sua morte, todos estes bens deveriam ser doados a instituições religiosas e estabelecimentos de caridade. É assim que, após a morte de José Luís de Andrade em julho de 1899, a Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso herda as Quintas do Mosteiro, também denominadas de Quinta de Dentro e Quinta de Fora, bem como da Coutada de Burgães. (Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento - EPACSB, s.d.) (Gomes A. , 2013: p. 66)

A Santa Casa da Misericórdia, seguindo a intenção do seu tio, o Conde de São Bento, cria uma Escola de Asilo Agrícola “que visava receber órfãos e abandonados do concelho, aos quais seria ministrado o ensino primário agrícola.” (Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento - EPACSB, s.d.)

No entanto, em 1911, a instituição sede o usufruto destes terrenos ao Estado e é em 1913 que é criado, por Decreto assinado por Manuel de Arriaga, a Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento.

⁷ Consultar Anexo D, Figura 25 - Escola Agrícola Conde de São Bento.

A partir da sua criação, a escola começa a lecionar cursos agrícolas, utilizando, para as aulas práticas, os seus 22 hectares de terreno e mantendo viva no concelho, a cultura e tradição agrícola (Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento - EPACSB, s.d.), (Gomes A. , 2013: p. 66).

As principais explorações agrícolas de Santo Tirso envolvem as hortícolas, os cereais - que seriam, antigamente, transformados em farinha e mais tarde utilizados no processo do fabrico do pão, entre outras iguarias, mas que também serviriam de alimento para o gado – e o vinho, mais especificamente o vinho verde. A exploração pecuária seria, também ela, muito presente no concelho, sendo o leite um dos maiores produtos do território.⁸ (Tedim & Borges, 2015)

Santo Tirso é ainda considerado uma importante área de produção de vinho verde, fazendo parte da Rota de Vinhos Verdes de Portugal. A grande instituição dedicada a esta área no concelho é a Adega Cooperativa de Santo Tirso e Trofa que, para além da produção, engarrafamento e distribuição, conta também com um pequeno museu ilustrativo das atividades vinícolas (Rota Verde — Associação para o Desenvolvimento da Rota dos Vinhos Verde, 2003).

Apesar deste setor se ter tornado o setor com menos importância no concelho, e passando o setor secundário a ter maior impacto na sua economia, atualmente é possível perceber que o setor primário é ainda utilizado como atividade secundária de subsistência para muitos habitantes e agregados familiares (Instituto Nacional de Estatísticas, 2014).

Em 2011, apenas cerca de 250 habitantes tinham como profissão atividades respeitantes ao setor primário, tendo maior significância em freguesias como Santo Tirso, Água Longa,

⁸ Consultar Anexo D, Figura 26 a 35 – Imagens relativas a atividades rurais no concelho de Santo Tirso.

Reguenga, Monte Córdova, Roriz e Refojos de Riba de Ave⁹ (Instituto Nacional de Estatísticas, 2014).

4.2 A Indústria Têxtil

A cultura da fiação e do têxtil adquire um papel importantíssimo na identidade tirsense. Através de alguns vestígios que remontam à Idade do Ferro, como os cossoiros – objetos em argila com finalidade de práticas de fiação – é possível perceber que a atividade têxtil já estaria presente no território (Olaio & Moreira, s.d.).

Na Idade Média, os tecidos mais típicos do território seriam o fustão, a serguilha, o burel, as sedas e escarlates – sendo estes dois últimos habitualmente utilizados pela nobreza. Estes requeriam fios em lã, linho e seda que seriam maioritariamente adquiridos no estrangeiro. No entanto, os demais fios, já seriam produzidos localmente (Olaio & Moreira, s.d.).

Uma vez enraizada a tradição da fiação e tecelagem do linho na região do Minho, também esta cultura foi adotada pelo povo tirsense, enraizando-se na sua própria cultura e tornando-se num dos principais produtos locais. O cultivo do linho tornava-se assim, uma grande fonte de rendimento para muitos lavradores locais e a sua fiação era, maioritariamente, realizada a domicílio por várias fiandeiras locais, assim como parte da sua tecelagem. Este produto adquire tamanha importância que, em 1945, a Empresa Fabril do Norte – EFANOR – estabelece a sua Central de Maceração do Linho na Trofa (Olaio & Moreira, s.d.).¹⁰

⁹ Consultar Anexo D, Figura 36 - População Por Setor De Atividade, Em Número, Por Freguesia, No Concelho De Santo Tirso (2011).

¹⁰ O atual município da Trofa é apenas desanexado do concelho de Santo Tirso a 19 de novembro de 1998.

Ainda assim, é possível perceber que a lã seria também um recurso utilizado pela população, uma vez que no Inquérito Industrial de 1881 se faz referência à produção das baetas carriças¹¹ na freguesia de Guidões, atual concelho Trofa, adquiridas por comerciantes de vários pontos do país, principalmente do Norte (Olaio & Moreira, s.d.).

Segundo Barbosa (2002), a realidade do território reunia as condições essenciais para a criação de um núcleo de empresas especializadas na indústria têxtil, tendo por base três grandes fatores:”

- 1. A água - (energia hidráulica), fonte energética de recurso, da máxima importância e indispensável para este tipo de indústria, mas também um elemento essencial na preparação das fibras e na sua utilização como elemento auxiliar do seu próprio fabrico;*
- 2. A interligação com a agricultura - muitas destas indústrias surgiram inicialmente como um complemento a esta atividade, mas no fundo essas indústrias têxteis estão perfeitamente interligadas com esta atividade do sector primário, na medida em que lhes fornece a própria matéria-prima;*
- 3. A mão-de-obra - a existência de mão-de-obra disponível é sempre um fator importante para desenvolver outras atividades económicas e a indústria necessitava que se verificasse um certo êxodo para se poder desenvolver.” (Barbosa J. M., 2002: pp. 91-92)*

No entanto, é a partir dos últimos anos do século XIX e o início do século XX, que a economia do concelho começa a prosperar, através da utilização da indústria têxtil como principal setor económico. Deste modo, inicia-se a utilização de um dos produtos que viria a facilitar os processos de produção, por ser um produto mais abundante, de fácil transporte e mais barato, o algodão. Um dos primeiros factos que leva a esta exploração têxtil é a criação

¹¹ Produto têxtil confeccionado a partir da lã.

e construção da Fábrica de Fiação Tecidos do Rio Vizela¹², uma fábrica pioneira na industrialização algodoeira do Vale do Ave (Coelho, 2018), (Alves J. F., 1995).

A fábrica instala-se na freguesia de Vila das Aves em 1845, sendo que os seus investidores eram maioritariamente negociantes ligados ao comércio da cidade do Porto. A fábrica é edificada junto à ponte de S. Tomé de Negrelos, na margem do rio Vizela e a população operária, no início do século XX, alcançava já os três mil trabalhadores (Costa, s.d.) (Alves J. F., 1995).

De facto, apesar de ter sido um dos grandes impulsionadores da indústria têxtil, esta fábrica demonstrava já a intenção de tornar o território junto à bacia hidrográfica do rio Ave, num espaço vocacionado para o setor têxtil (Costa, s.d.), (Alves J. F., 1995). A fábrica era composta por quase todas as fases ligadas à fiação, tecelagem, tinturaria, acabamentos e confeção, tornando-se num dos principais motores do desenvolvimento económico e social do território, tendo sido considerada como uma das grandes impulsionadoras para a chegada do comboio à freguesia de S. Tomé de Negrelos. A empresa¹³ encerra a atividade em 2001, muito por conta da crise da indústria têxtil dos anos 90 (Câmara Municipal de Santo Tirso, 2019).

A Fábrica de Fiação de Tecidos de Santo Tirso¹⁴, que nasce da vontade testamentária do Conde S. Bento para a sua construção, é, também ela, um símbolo desta atividade económica no concelho. Fundada no século XIX, considerada como uma das fábricas pioneiras nesta

¹² Consultar Anexo E, Figura 37 - Obras de Construção da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela.

¹³ Atualmente as antigas instalações da fábrica deram lugar às instalações da Hotelar, uma empresa que labora na área têxtil, precisamente em artigos de hotelaria (Câmara Municipal de Santo Tirso, 2019).

¹⁴ Consultar Anexo E, Figura 38 – Foto aérea da antiga Fábrica de Fiações e Têxteis de Santo Tirso.

área e como influenciadora do desenvolvimento urbano da cidade (Museu Municipal Abade Pedrosa, s.d.).

A fábrica é construída em parte dos antigos terrenos da Quinta de Fora, que pertenciam ao mosteiro beneditino, sendo que a primeira sociedade a gerir a empresa denominava-se de “Vavasseur, Hargreaves & Costa”, assumindo a gerência desta no ano de 1895. No entanto, as instalações são apenas concluídas no início do século XX, por volta do ano de 1900, sendo o algodão a principal matéria-prima explorada.

Ao longo das décadas seguintes existiram várias obras de ampliação da fábrica, aumentando não só o complexo industrial, mas também o número de operários da fábrica, que chegaria a contar com cerca de 2000 trabalhadores. Este facto leva a que os trabalhadores sintam a necessidade de encontrar habitação perto das instalações onde operavam e começam a surgir os bairros operários, tal como é o caso do Bairro Operário do Teles, que se localizava na Fábrica de Fiação de Tecidos de Santo Tirso (Ribeiro, 2017).

A empresa entra em decadência nas décadas de oitenta e noventa, aquando a crise anteriormente mencionada e, em 1993, a Fábrica de Fiação de Tecidos de Santo Tirso encerra a sua atividade (Museu Municipal Abade Pedrosa, s.d.).

Atualmente, as antigas instalações da fábrica dão lugar a um Quarteirão Cultural e Criativo onde se encontram duas incubadoras ligadas à área da moda e à área da tecnologia designada de “Fábrica de Santo Thyrso”. As instalações constituem, também, um centro interpretativo contemplando a memória de Santo Tirso como território ligado à indústria têxtil, estimulando novas indústrias, com uma vertente comercial mas também cultural, sendo que é muitas vezes

utilizada como local para eventos da agenda cultural do município de Santo Tirso (Câmara Municipal de Santo Tirso, s.d.).

Ao longo das décadas seguintes, após a criação da Fábrica de Fiação Tecidos do Rio Vizela e da Fábrica de Fiação de Tecidos de Santo Tirso, várias foram as fábricas têxteis que surgiram neste território, precisamente no concelho de Santo Tirso, tais como:

- Empresa Industrial de Santo Tirso, Lda., antiga Arco Têxteis¹⁵;
- Empresa Têxtil de S. Martinho do Campo;
- Fábrica de Tecidos da Ponte Lda.;
- Flor do Campo Lda.;
- Empresa Fabril Tirsense. (Costa, s.d.)

No entanto, e apesar da indústria têxtil se ter tornado num grande legado e identidade tirsense, desde a crise dos têxteis que se tem assistido a um encerramento de quase todas as fábricas de fiação que impulsionaram Santo Tirso a ser considerado um dos maiores polos desta mesma indústria. “Efetivamente, o outrora modelo de crescimento extensivo, capaz de gerar uma oferta massiva de oportunidades de trabalho, muitas vezes precoces, pouco qualificadas e mal remuneradas, deu agora lugar a um esvaziamento deste segmento produtivo, hipotecando o futuro de muitas pessoas.” (Conselho Local de Ação Social de Santo Tirso, 2019: p. 23)

¹⁵ localizada na margem direita do ribeiro de Sanguinhedo, é fundada em 1923. Atualmente o espaço é ocupado pelo supermercado Mercadona por um restaurante da cadeia americana McDonald’s (Neves, 2019)..

4.3 Os Produtos Gastronómicos Locais

4.3.1 Jesuíta

O jesuíta¹⁶ é um dos ex-libris da cidade de Santo Tirso. O certo é que quem vem a Santo Tirso sai, normalmente com a boca adoçada por esta tentação triangular.

A origem do pastel não é consensual. Por certo, estará ligado à Companhia de Jesus, devido ao seu nome e à sua capa de açúcar que relembra o traje dos monges jesuítas. No entanto a receita terá sido criada por um pasteleiro espanhol, que trabalhava na pastelaria Moura, fazendo com que esta seja a “casa mãe” deste pastel (Pelayo, 2016), (Morais, 2017).

O pasteleiro terá sido contratado por Joaquim Moura, para o ajudar na confeitaria, que já estaria a trabalhar desde 1892. É este mesmo pasteleiro que designa o bolo de “jesuíta”, pois acredita-se que tenha trabalhado num convento da ordem da Companhia de Jesus em Bilbao, antes de chegar a Santo Tirso (Pelayo, 2016), (Morais, 2017).

A receita do jesuíta, apesar de simples pelo número de ingredientes, torna-se complexa pela técnica necessária para a sua confeção, sendo que os genuínos jesuítas de Santo Tirso têm o seu próprio segredo. A base de todo o jesuíta é a massa folhada. Esta divide-se por camadas e, em cada uma delas é necessário barrar um pouco de creme pasteleiro. No fim deste processo e com a última camada de massa folhada, barra-se a ganache de açúcar, corta-se em triângulos e vai ao forno (Pelayo, 2016), (Morais, 2017).

¹⁶ Consultar Anexo F, Figura 39 – Jesuítas e Limonetes.

Idêntico aos jesuítas é também possível encontrar em Santo Tirso uma outra iguaria típica da região, os limonetes, que podem ser encontrados nas pastelarias e confeitarias mais famosas do concelho.

Apesar de não estarem desenvolvidos no que respeita a sua história e origem, este doce é muito aclamado tanto pelos locais como pelos visitantes. Adquire um formato idêntico ao pastel de nata, com a massa folhada, no entanto é recheado com um creme pasteleiro e é coberto com ganache de açúcar, contendo uma cruz no seu topo (Pelayo, 2016), (Morais, 2017).

Relativamente ao acompanhamento tanto do jesuíta como do limonete, normalmente estes fazem-se acompanhados por um café, chá, o típico galão ou meia de leite, e até mesmo um copinho de vinho do porto ou licor de Singeverga (Pelayo, 2016), (Morais, 2017).

4.3.3 Bolachas das Freiras

As Bolachas Conventuais das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Santa Escolástica¹⁷ são os doces conventuais mais apreciados de Santo Tirso. A receita secreta foi trazida por uma monja, na década de 30, passando-a às outras monjas do mosteiro que continuariam com esta tradição. Por ter vindo da Bélgica é notável a influência belga em algumas bolachas. No total as irmãs fazem oito tipos de bolachas: o pão de amêndoa, a areada, os cocos, bolinhos de mel, sablé, maizena, lagartos e os bolos de mel, sendo que nas famosas caixas, apenas se encontram seis tipos de bolachas (Vale, Pinheiro, Aquino, & Cruz, 1999: pp. 31-34), (Tovar, 2018).

¹⁷ Consultar Anexo F, Figura 40 - Bolachas Conventuais das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Santa Escolástica.

Tal como o licor de Singeverga, este produto conventual é uma das formas utilizadas para o sustento das monjas e nasce a partir, mais uma vez, do lema de S. Bento “Ora et Labora” (reza e trabalha).

Outra característica interessante destas bolachas prende-se na sua confeção, na sua maioria, manual - utilizando apenas uma batedeira e uma máquina que auxilia os moldes algumas bolachas (Vale, Pinheiro, Aquino, & Cruz, 1999: pp. 31-34), (Tovar, 2018).

É também importante mencionar que a massa não leva qualquer tipo de corante e, mesmo assim, ao fim de muitas semanas ainda se encontram crocantes.

Para a confeção das bolachas, as monjas decidem dedicar um dia a cada tipo de bolacha. Ao fim do dia têm já as bolachas depositadas em sacos e pequenos recipientes para poderem encher as famosas caixas de bolachas.

Relativamente ao processo, este, obviamente, tem vários passos. A descrição destes passos tem por base uma experiência anterior do autor na confeção das bolachas junto das freiras.

Primeiramente é necessário fazer a massa e bater. Após este passo é preciso moldar as bolachas e levá-las ao forno. Enquanto este passo é executado, existem outras pessoas a dobrar os cartões para formar as caixas, uma outra a colocar um saco plástico e o suporte das bolachas na caixa - para que mais tarde seja possível colocar as bolachas uma a uma. Por último, dobra-se o saco, prende-se com fita cola e coloca-se uma espécie de palha de plástico no topo. Fecha-se a caixa e em cada lado da caixa remata-se fita cola. O último passo é embalar a caixa num saco plástico como se fosse um embrulho de presente.

Relativamente ao acompanhamento destas bolachas. Por serem doces e crocantes as bolachas são sempre boas acompanhadas de um café, chá ou até mesmo um licor, como é o caso do

licor de Singeverga. Para além disso, pode-se colocar em algumas bolachas, uma compota feita pelas monjas, que é também uma boa maneira de comer estas bolachas.

Tal como acontece com o licor de Singeverga, principalmente nas épocas festivas existem inúmeras encomendas de bolachas, sendo, por vezes, necessário trabalharem tanto de dia como de noite para conseguirem concluir as encomendas (Vale, Pinheiro, Aquino, & Cruz, 1999: pp. 31-34), (Tovar, 2018).

4.3.4 Pudim Condessa Aldara

Esta nova iguaria tirsense¹⁸ foi vencedora do Concurso Pudim Condessa Aldara, que tomou lugar durante os Fins de Semana Gastronómicos de Santo Tirso no ano de 2018.

Este concurso foi promovido pela Câmara Municipal de Santo Tirso, em parceria com a Entidade Regional do Turismo Porto e Norte, com o objetivo de criar “um novo produto gastronómico no concelho” (Jornal do Ave, 2018).

O júri foi composto por Isabel Castro - diretora do departamento operacional do Turismo do Porto e Norte de Portugal -, Miguel Cerqueira Correia - Grão-Mestre da Confraria do Vinho Verde -, Miguel Oliveira – chef criador do pudim do abade -, Miguel Cizeron – chef do Club House Vale Pisão -, António Loureiro – chef do restaurante Cozinha - e Renato Cunha – Chef do restaurante Ferrugem (Jornal do Ave, 2018).

O nome do pudim – Condessa Aldara -, advém de uma figura histórica do concelho, a mãe de São Rosendo e ‘benemérita’ do Mosteiro de São Bento

¹⁸ Consultar Anexo F, Figura 41 - Pudim Condessa Aldara.

Apesar de terem sido 28 as receitas apresentadas durante o concurso, foi a receita da conceituada Confeitaria Algarve que viria a vencer o concurso.

A receita surge do desafio que António Miranda, proprietário da Confeitaria Algarve, faz a Laurinda Gonçalves, funcionária da confeitaria. Tendo experiência na área da pastelaria decide criar a receita apostando em “elementos da terra”, como é o caso do Licor de Singeverga e do mel de Santo Tirso. No entanto, diz ser a canela o segredo da receita, uma vez que acaba por ser um “corta sabores” para estes dois produtos regionais (Jornal do Ave, 2018).

A receita consiste em: oito gemas, 400 mililitros de açúcar, meio litro de água, uma colher de Licor de Singeverga, uma outra de mel e uma pitada de canela. Tal como todos os pudins, coloca-se o caramelo na forma e vai a cozer em banho maria (Jornal do Ave, 2018).

4.3.3 Licor de Singeverga

O licor de Singeverga¹⁹ surge através do lema de S. Bento, tal como tinha referido anteriormente, “Ora et Labora” (reza e trabalha). Através deste lema os mosteiros tentavam encontrar formas de conciliar a oração e o trabalho e é daqui que nascem tantos produtos monásticos, muitas vezes ligados à confeitaria. No caso do licor de Singeverga, este nasce por volta de 1945 e o seu nome advém da terra e do mosteiro onde foi criado.

A sua confeção é realizada na adega do mosteiro e, como é um licor artesanal, o “trabalho à mão” é essencial, sendo que os monges utilizam as máquinas apenas para facilitar todos os trabalhos mais pesados ou apenas para prevenir qualquer desperdício do licor desde o

¹⁹ Consultar Anexo F, Figura 42 – Licor de Singeverga.

processo até ao engarrafamento (Nogueira & Costa, 2017), (Jornal do Ave, 2016), (Vale, Pinheiro, Aquino, & Cruz, 1999: pp. 19-22).

Trata-se de um licor pois o processo de confeção do mesmo envolve a “destilação direta e demorada de plantas aromáticas”, fazendo com que a adega prime por um cheiro adocicado (Vale, Pinheiro, Aquino, & Cruz, 1999: pp. 19-22).

A fórmula foi inventada por um engenheiro químico amigo dos monges do mosteiro, sendo que esta conta com inúmeras especiarias entre as quais se pode nomear: a baunilha, a canela, o açafreão, a noz-moscada, o cravinho, a amêndoa amarga, o cálamo e a raiz angélica. Inicialmente, o licor servia apenas como oferta aos benfeitores do mosteiro e, mais tarde, um frei começa a vender o licor, sendo que a sua venda se verifica especialmente durante as épocas festivas (Nogueira & Costa, 2017), (Jornal do Ave, 2016), (Vale, Pinheiro, Aquino, & Cruz, 1999: pp. 19-22).

O processo para a confeção do licor demora duas semanas e divide-se em sete partes. A primeira parte do processo consiste em colocar 45 litros de álcool etílico nos 4 garrações existentes na adega, em conjunto com as especiarias e com 10 litros de água. Um facto interessante é que ao contrário do habitual, neste tipo de licores, o licor não contém água ardente, pois esta retirava todo o sabor proveniente das especiarias, usando, como substituto, o álcool etílico. Após esta primeira fase, o licor encontra-se no processo de maceração durante cerca de 4 dias. Este processo é caracterizado por fazer com que todos os sabores do licor se liguem entre si. A terceira fase consiste em destilar a água dos garrações durante um dia, para fazer com que o álcool do licor desça dos 90% até os 30%. A quarta fase consiste, em fazer um xarope com grandes quantidades de açúcar, água destilada, ácido cítrico e chá

preto. A quinta fase consiste em fazer caramelo que vai ser acrescentado ao licor e que ajuda a dar a sua cor característica. A sexta fase caracteriza-se pelo envelhecimento do licor nas pipas e a última fase corresponde ao engarrafamento (Nogueira & Costa, 2017), (Jornal do Ave, 2016).

Por ano, os monges fabricam cerca de 4000 litros e atualmente todo o processo está a cargo do Padre Albino Moreira contando com a ajuda de um funcionário.

Alguns aspetos interessantes no engarrafamento do licor são os dois pavões no rótulo maior da garrafa e as inscrições na medalha que fecha a garrafa. De um lado da medalha pode ler-se “Singeverga” e do outro uma figura de um corvo. O corvo está relacionado com uma lenda de S. Bento, que conta que alguém o queria envenenar através da comida, mas o corvo veio e tirou-lhe a comida (Nogueira & Costa, 2017), (Jornal do Ave, 2016), (Vale, Pinheiro, Aquino, & Cruz, 1999: pp. 19-22).

4.3.4 O Vinho Verde

O vinho verde é um dos produtos mais emblemáticos de Santo Tirso e que compõe a mesa de um tirsense combinando com os pratos típicos locais.

O vinho verde é produzido desde tempos remotos sendo que existem algumas referências históricas da existência de vinho na atual Região Demarcada dos Vinhos Verdes²⁰ datada do Século I a.C. (Silva N. , s.d.).

²⁰ Consultar Anexo F, Figura 43 – Mapa Região Demarcada dos Vinhos Verdes e respetivo logótipo.

No entanto, a sua produção acentua-se no século XII por iniciativa de várias instituições religiosas e pela coroa. A partir dessa altura, o vinho torna-se parte da cultura e tradição dos habitantes do Entre-Douro-e-Minho (Silva N. , s.d.).

O Vinho Verde torna-se, mais tarde, nos primeiros vinhos portugueses a serem reconhecidos no mercado internacional e é no século XX, em setembro de 1908, que, através de uma Carta de Lei e de um Decreto, é demarcada, pela primeira vez, a “Região dos Vinhos Verdes” (Silva N. , s.d.).

Em Santo Tirso é criada anos mais tarde uma instituição que visa representar os viticultores da região e que inicia os seus trabalhos no ano de 1970, a Adega Cooperativa de Santo Tirso e Trofa. Esta está sediada em Santa Cristina do Couto e conta com mais de 40 hectares de vinha nos dois concelhos (Adega Cooperativa de Santo Tirso e Trofa, s.d.).

O Vinho Verde é um nome empregue a vinhos e espumantes, brancos, tintos e rosados, aguardentes víquicas e bagaceiras e ainda a vinagre de vinho branco, tinto ou rosado.

As castas mais utilizadas na região de Santo Tirso para o fabrico de vinho verde branco são o loureiro, o Arinto/Pedernã, a Trajadura e para o vinho verde tinto é a casta vinhão (Adega Cooperativa de Santo Tirso e Trofa, s.d.).

Estas castas têm certas especificidades sendo que é possível distingui-las segundo as suas características diferenciadoras:

- Loureiro – “Casta cultivada em quase toda a região e melhor adaptada às zonas do litoral, não sendo recomendada apenas nas sub-regiões mais interiores como Amarante, Basto e Baião. Antiga e de alta qualidade, produz vinhos de cor citrina, aroma fino, elegante, que

vai do frutado de citrinos (limão) ao floral (frésia, rosa) e melado (bouquet), sendo o sabor frutado, com ligeiro acídulo, fresco, harmonioso, encorpado e persistente.”

- Arinto/Perdernã - “Casta cultivada por toda a Região (não recomendada na sub-região de Monção e Melgaço). Conhecida como Arinto de Bucelas, atinge o seu mais elevado nível de qualidade nas zonas interiores da região. Os vinhos são de cor citrina a palha, apresentam aroma rico, do frutado dos citrinos e pomóideas (maçã madura e pêra) ao floral (lantanas). O sabor é fresco, harmonioso e persistente.”
- Trajadura - “Casta cultivada por toda a região (não recomendada na sub-região de Baião), de boa qualidade, produz vinhos de cor intensa, palha dourada, de aroma intenso, a frutos de árvore maduros (maçã, pêra e pêsego), macerados, sendo o sabor macio, quente, redondo e com tendência, em determinadas condições, a baixa acidez.”
- Vinhão – “Casta de grande expansão é cultivada em toda a Região pela sua qualidade e dado ser a única casta regional tintureira. Produz vinhos de cor intensa, vermelho granada, de aroma vinoso, onde se evidenciam os frutos silvestres (amora e framboesa), sendo o sabor igualmente vinoso, encorpado e ligeiramente adstringente.” (Vinho Verde, s.d.).

Capítulo V – Casa nº 67 da Rua dos Moinhos: A

Quinta de Gião

Da pouca informação que chega à atualidade, através de uma conversa informal com o Sr. Sebastião²¹, 92 anos, percebe-se que antigamente a casa era utilizada pelos moleiros, sendo que se anexava a um extinto moinho, a um lagar de azeite e a uma pequena serralharia. A propriedade tinha sete entradas e duas delas situavam-se junto a esta casa dos moleiros.

Pela memória do Sr. Sebastião os últimos habitantes da casa destinada aos moleiros deverão ter sido Joaquim e a sua esposa, Margarida (conhecidos como os Pêssegos), e que terão habitado a casa entre 1920 e 1930.

Atualmente, a casa é a sede da Associação Amigos de Sanguinhedo, o lagar de azeite contempla uma autorização para a criação de um núcleo museológico, com o fim de restauro, e a antiga serralharia serve como local de arrumos para a associação.²²

²¹ Sebastião é um habitante do lugar da Ponte Velha que cresceu na Quinta de Gião, apesar de não ser propriamente um caseiro da extinta quinta, conhecia os seus últimos habitantes e privou com várias pessoas ligadas à quinta. Atualmente, é reformado, no entanto encarrega-se da manutenção dos espaços da casa dos lagareiros, a atual sede da Associação Amigos de Sanguinhedo.

²² Consultar Anexo G - Fotografias da Antiga Casa dos Lagareiros da Quinta de Gião, a Atual Sede da Associação Amigos de Sanguinhedo.



Figura 4: Fachada da antiga casa dos lagareiros da extinta Quinta de Gião; Fonte: do autor

A casa, no entanto, fazia parte da extinta quinta de Gião – também denominada de Geão – que se compunha, para além das estruturas construídas já citadas, de um bosque, um vasto pomar com várias árvores de frutos, vinhas e olival, campos de cultivo, área de criação de gado e uma casa senhorial. A quinta era composta pelos terrenos onde se localiza a atual biblioteca de Santo Tirso, até á Ponte Velha²³, o parque urbano de Gião e o aglomerado habitacional circundante, tendo durante vários anos integrado o terreno onde se localiza o atual hospital de Santo Tirso.²⁴

²³ Consultar Anexo H: Envolvente do rio Sanguinhedo, Ponte Velha e moinhos da Quinta de Gião

²⁴ Consultar Anexo I, Território Aproximado da Extinta Quinta de Gião.



Figura 5: Território aproximado da extinta Quinta de Gião a vermelho e a amarelo a localização aproximada da antiga casa senhorial da quinta de Gião; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)

A casa da Quinta de Gião²⁵ foi mandada construir por volta de 1577 pelo Vigário Licenciado Amador Ribeiro. Esta afirmação advém do facto de que na padieira da porta em frente à escada do eirado, por debaixo da pedra de armas, existia uma inscrição com a seguinte informação: “ESTAS CASAS MANDOV FAZ.../ O Ldº AMADOR RIBEIRO 1577”.²⁶ (Nóbrega, 1957: pp. 33-34).

Também a pedra de armas²⁷ feita em granito confirmava este facto através da sua composição, que incluía: “

- 1) Uma Flor de Lis
- 2) (uma estrela?).
- 3) Três faixas bastilhadas, soltas no flanco esquerdo.”. (Nóbrega, 1957: pp. 33-34).

²⁵ Consultar Anexo J, Quadro de Hilário Sineiro da Antiga Casa Senhorial de Gião.

²⁶ Esta pedra de armas acaba por desaparecer após o incêndio que destrói a casa senhorial da Quinta de Gião.

²⁷ Consultar Anexo K - Ilustração Aproximada da Pedra de Armas da Quinta de Gião.

Assim no Livro “Pedras de Armas do Concelho de Santo Tirso: (Heráldica de Família)”, o autor acredita ser um escudo peninsular referente à conjugação da família dos Lopes (de Ciudad-Rodrigo) com as dos Ribeiros. No entanto não se assume este facto como certo (Nóbrega, 1957: pp. 33-34).

Através de “O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588: A silhueta de uma entidade projetada no chão de uma história milenária” da autoria de Francisco Carvalho Correia, percebe-se que a quinta:

“Ficava nas vizinhanças do mosteiro de Santo Tirso. Hoje absorvida, como dissemos, pelo aro citadino da nossa urbe. Era esta propriedade da mesa abacial. Pelos meados do sec. XVI, era rendeiro Gonçalo Pires de Gião. Em 1563 – a 28 de junho –, far-se-á novo prazo, nas notas do tabelião Jácome Varela, a favor de Simão Gonçalves. Depois, para os familiares do nosso Licenciado: primeiro, passaria para Catarina Pires, mãe de Amador Ribeiro, o nosso Vigário. A esta sucederia, pelos finais do sec. XVI, o seu filho padre; e, por último, em terceira vida, a filha deste, de nome Isabel de Andrade. Desta forma, por entre 1570 e o séc. XVIII, mais ou menos, várias gerações em familiares de Amador Ribeiro, na posse de Gião. Em 1636, o Casal estava nas mãos do genro do dito vigário, de nome Alexandre Jácome que faleceu em 1636. De seguida, tomamos conhecimento de que era senhora deste casal uma neta do licenciado, Margarida Jácome, que desta vida se fora por 1686. Tinha casado com o capitão Francisco Monteiro, falecido em 5 de novembro 1681...” (Correia F. C., 2008: p. 510).

De facto, a quinta terá permanecido durante centenas de anos nos descendentes de Amador Ribeiro de Andrade. No entanto aquando da Guerra Civil do século XIX entre os absolutistas e os liberais, surge um alferes de cavalaria das tropas liberais que terá encerrado o convento de Santo Tirso e ocupado a Quinta de Gião em conjunto com as suas tropas, fazendo com que os proprietários, ainda descendentes do vigário, fugissem da propriedade. Terminada a guerra o alferes toma posse da quinta indevidamente e a certa altura desaparece sem deixar rasto, dando criação à fantasmagórica lenda do “Espada a Rastos”.

A lenda situa-se no século XIX, após a Guerra Civil portuguesa e o enredo desenvolve-se na extinta Quinta do Gião, perto da Rua D. Maria do Carmo Azevedo.

A lenda conta a história do alferes²⁸ que pertencia às tropas de D. Pedro, que instala o seu quartel na Quinta de Gião, retirando de lá os seus legítimos proprietários, em 1834. Mesmo depois da guerra ter terminado, o alferes apodera-se da quinta.

Alguns anos depois, o alferes morre deixando para trás as suas sobrinhas, apelidadas de “senhoras de Gião”, que se tornaram herdeiras da quinta.

Segundo a voz popular, o alferes era uma pessoa de bem e toda a sua vida teria sido um bom homem, o único pecado fora o de apoderar-se indevidamente de terras que não lhe pertenciam, e, portanto, o seu espírito seria condenado para a eternidade.

Sempre que alguém passasse pela quinta ou a atual Rua D. Maria do Carmo Azevedo, ouvia passos e uma espada a arrastar no chão, sendo que havia quem tivesse uma miragem de um oficial de cavalaria montando um cavalo branco.

²⁸ Posto militar, normalmente associado ao transporte da bandeira militar.

Com a morte das suas sobrinhas e conseqüentemente a falta de herdeiros, a quinta é vandalizada e sofre um incêndio que a destrói completamente. É neste incêndio que o quarto onde o espírito estava preso é destruído, libertando-o. No quarto restaria apenas uma casaca de alferes, umas botas e a espada no centro do antigo quarto.

Ainda se diz que, quando o vento está intenso, nas escuras noites de inverno, é possível ouvir passos e uma espada a rastejar (Lendas e Tradições - A Lenda do Espada a Rastos, cite em: "santotirsodigital.com", 2010).

A quinta é, entretanto, ocupada, mais uma vez por descendentes afastados do Vigário, sendo conhecidas, em Santo Tirso, como as “senhoras de Gião”. Na mesma conversa com o Sr. Sebastião percebe-se que as últimas habitantes da Casa de Gião terão sido D. Maria Correia de Oliveira e Ermelinda Correia de Oliveira²⁹, irmãs, que terão permanecido solteiras até às suas mortes.

Em 1915, é construído o Hospital Conde S. Bento³⁰ -atual Hospital de Santo Tirso-, num terreno, por esta altura, desmembrado à Quinta de Gião (Liga dos Amigos do Hospital de Santo Tirso, 2014: p. 61).

Após a morte das últimas proprietárias, tiveram lugar várias disputas entre os herdeiros culminando num abandono da quinta. A casa acaba por ser vandalizada e incendiada ainda nos primeiros anos da década de 70, sendo que em conversa com alguns habitantes que costumam frequentar a Associação Amigos de Sanguinhedo, percebe-se que estes acreditam que tal ato de marginalidade poderá ter sido levado a cabo com fins políticos e económicos,

²⁹ Consultar Anexo L, Fotografia e Legenda da Fotografia de Maria e Ermelinda Correia de Oliveira disponível na Sede da Associação Amigos de Sanguinhedo

³⁰ Consultar Anexo M, Hospital Conde S. Bento Maquete, Inauguração e Atualidade

uma vez que após o incêndio que destruiu a casa, começaram a surgir projetos para a dinamização e desenvolvimento urbano deste território.

Em 1976 a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia mostra-se a favor da “passagem a utilidade pública da Quinta de Gião”, sendo que é ainda no mesmo ano apresentada à Câmara Municipal uma proposta de urbanização da Quinta de Gião que acaba por ser rejeitada. Por esta altura, a quinta contava com um território de cerca de 21,5ha.

Em 1986, argumentando como interesse público, a Câmara Municipal de Santo Tirso adquire a quinta.

Entre 1980 até agosto de 2000, a área da Quinta de Gião é ocupada por uma comunidade cigana, que acaba por ser realojada como consequência do Plano de Pormenor da Quinta de Gião. Este plano começa a ser elaborado após a compra da CMST, pela Cooperativa de Estudos da Arquitetura Planeamento e Engenharia (CEAPE), sendo o plano final da autoria de Rui de Sousa Louro e aprovado em Assembleia Municipal a 21 de outubro de 1991.

O plano previa a criação de uma área de lazer - o “Parque Urbano de Gião”, inaugurado a 14 de setembro de 2019 -, a construção de um Quartel da Guarda Nacional Republicana (GNR), a construção da Biblioteca Municipal de Santo Tirso – inaugurada a 18 de novembro de 2020 e um projeto de construção de zonas habitacionais coletivas e unifamiliares (Moreira, Correia, Melo, & Gomes, s.d.: pp. 320, 321).

Um outro elemento fundamental neste território são as Festas de Sanguinhedo³¹, as únicas festas pagãs do concelho na atualidade. Realizam-se junto ao rio Sanguinhedo e estima-se

³¹ Consultar Anexo DD - Tradição das Festas de Sanguinhedo.

que esta tradição tenha iniciado no final dos anos 50, segundo Augusto Soares. As festas decorrem ao longo de um fim de semana, habitualmente no mês de julho. Durante as festas é possível assistir a vários grupos de folclore e música tradicional, assim como a construção de uma cascata feita com peças de madeira que simbolizam o património tirsense. Na Figura 6 é possível observar a cascata sob o rio Sanguinhedo.



Figura 6: Cascata Sob o Rio Sanguinhedo; Fonte: Correio do Minho

Durante estes dias as ruas são todas iluminadas, sendo que antigamente utilizavam-se as famosas velas, colocadas em cada casa.

5.1 Linhagem dos Proprietários da Quinta de Gião

1. Gonçalo Pires terá sido o primeiro proprietário, de que há registo, deste terreno, tendo mais tarde passado para a sua parente Catarina Pires.
2. Catarina Pires mãe de Amador Ribeiro de Andrade recebe a propriedade por parte de Gonçalo Pires, seu parente.

Catarina Pires era filha de Bastião Pires de Couto e sobrinha por parte paterna de Mécia Pires que se terá casado com Brás Rodrigues, tabelião de Refojos e senhor da quinta de Beleique. Esta mesma quinta passa para o seu filho Francisco Rodrigues e mais tarde para o seu neto Amador Lourenço a quem se admite a paternidade de Amador Ribeiro de Andrade (Pereira, s.d.).

3. Amador Ribeiro de Andrade (?-22.05.1602) era filho de Catarina Pires, mas no que respeita ao seu pai, não se consegue confirmar a filiação. Existe um documento na cúria de Braga que diz que o Vigário seria filho de “um presbítero e moça solteira” levando a crer que seu pai seria padre. Admite-se, também, que o pai poderá ter sido Lourenço de Andrade, um fidalgo que se estabelece em Guimarães por volta do século XV e que terá tido relações com esta cúria de Braga. No entanto, há quem associe a filiação paterna a Amador Lourenço Ribeiro, senhor da casa de Beleique, em Guimarei, que teria um prazo do casal da Manguela com o seu parente Gonçalo Pires de Gião, havendo, portanto, uma ponte de ligação entre os dois (Pereira, s.d.), (Carvalho Correia, 2008). Na Figura 7 é possível observar o Registo de Óbito de Amador Ribeiro de Andrade.

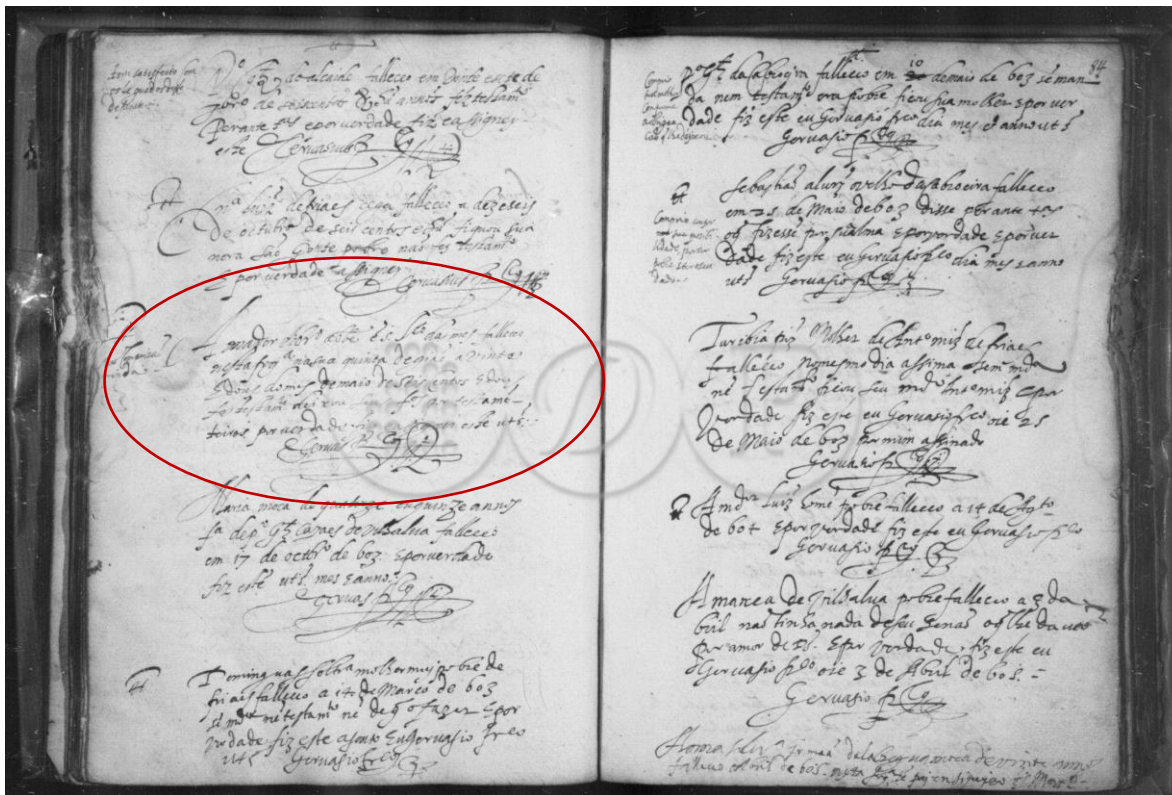


Figura 7: Óbito de Amador Ribeiro de Andrade - 22.05.1602; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-003-0001_m0292.tif

Amador Ribeiro de Andrade tinha um tio padre que se chamava Gaspar Lourenço, natural de Boim, Lousada, que foi abade dessa mesma paróquia por intercessão do sobrinho junto da cúria. Admite-se que Amador Lourenço Ribeiro poderia ser irmão de Gaspar Lourenço e que teria nascido também ele em Boim.

Amador Ribeiro foi padre – ordenado em Braga, doutor em cânones³², completando os estudos em Teologia na Universidade de Coimbra. Recebe a Prima Tonsura³³ das mãos de D. Francisco da Conceição a 9 de março de 1555 e é diaconado³⁴ por D. Frei Bartolomeu dos

³² Antigo curso ou faculdade de teologia.

³³ Cerimónia religiosa onde o ordinando recebe um corte de cabelo por parte de bispo e lhe é conferido o primeiro grau de Ordem do clero.

³⁴ Grau inferior na hierarquia religiosa.

Mártires, a 26 de março de 1569, tornando-se assim vigário³⁵ secular de Santo Tirso. Amador torna-se também senhor da quinta de Gião e da casa que manda construir nesta propriedade, sendo que se admite que Amador poderá ser o “pai” de todos os Andrades da região (Carvalho Correia, 2008).

Amador deixa 4 filhos:

- I. Isabel de Andrade;
- II. Catarina de Andrade – casa com Gaspar Gonçalves em Santo Tirso;
- III. Amador de Andrade – este Amador de Andrade utiliza em vários documentos o nome de “Amador Lourenço”, um “mercador, morador na cidade do Porto, na rua das Taipas”, segundo uma procuração datada de 08/04/1608;³⁶
- IV. André de Andrade – após casar vive na freguesia de Burgães. (Pereira, s.d.)
(Carvalho Correia, 2008)

4. Isabel de Andrade casou a 24.11.1603, em Santo Tirso, com Alexandre Jácome, tabelião. Poderá ter sido herdeira da Quinta de Gião, uma vez que é sabido que a sua filha, Margarida Jácome fora senhora da Quinta de Gião (Carvalho Correia, 2008), (Pereira, s.d.). Na Figura 8 é possível observar o Registo de Casamento de Isabel de Andrade e Alexandre Jácome.

³⁵ Na ordem religiosa é a pessoa autorizada a exercer funções de outrem durante a sua ausência, em determinado local e tempo.

³⁶ Uma vez que não existe certezas quanto à paternidade de Amador Ribeiro de Andrade, acredita-se que ao utilizar o nome “Amador Lourenço” poderá estar a utilizar o mesmo nome que o seu avô, Amador Lourenço Ribeiro, que poderá ter sido pai do vigário.

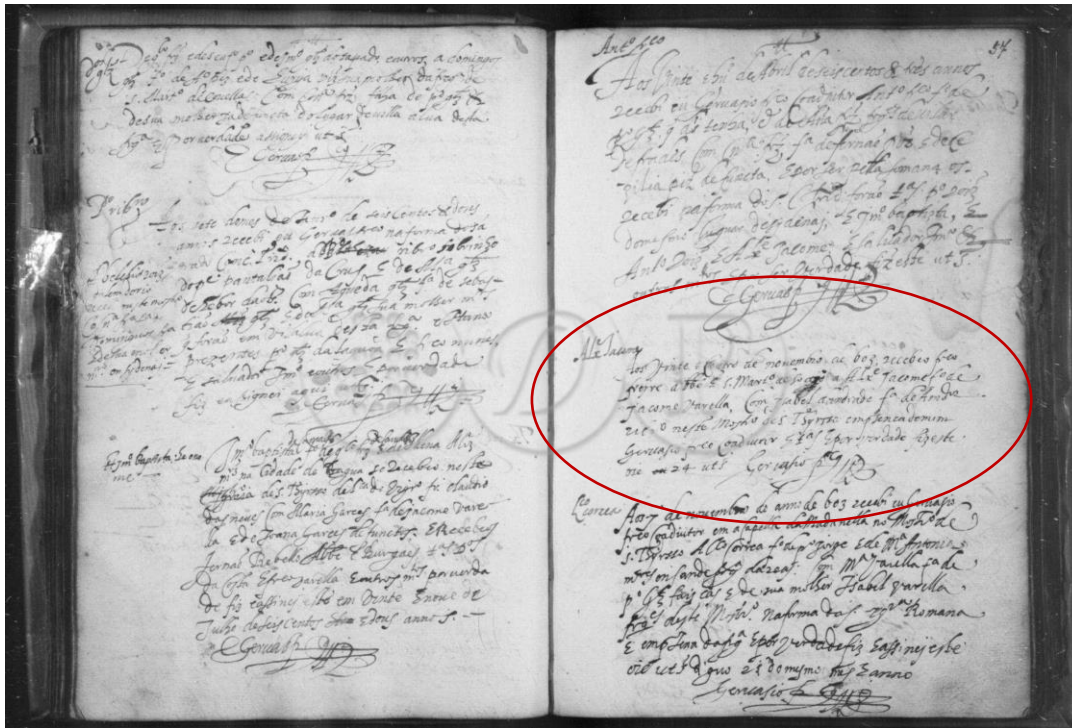


Figura 8: Casamento Isabel de Andrade e Alexandre Jácome; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-002-0001_m0265.tif

Isabel de Andrade e Alexandre Jácome tiveram 6 filhos:

- I. Margarida Jácome (22.04.1605³⁷ – 30.04.1686)
- II. Maria de Andrade (30.11.1606)³⁸
- III. Bartolomeu (01.09.1608)³⁹
- IV. Mónica de Andrade (15.06.1611)⁴⁰
- V. Madalena de Andrade (22.07.1613)⁴¹
- VI. Bento de Andrade (13.10.1615)⁴²

³⁷ Consultar Anexo N, Figura 74: Batismo Margarida Jácome;

³⁸ Consultar Anexo N, Figura 75: Batismo Maria de Andrade;

³⁹ Consultar Anexo N, Figura 76: Batismo Bartolomeu;

⁴⁰ Consultar Anexo N, Figura 77: Batismo Mónica de Andrade;

⁴¹ Consultar Anexo N, Figura 78: Batismo Madalena de Andrade;

⁴² Consultar Anexo N, Figura 79: Batismo Bento;

VII. Cipriano de Andrade (21.09.1617)⁴³ – este Cipriano é ascendente de Bernardino Luís de Andrade, o 1º presidente da Câmara de Santo Tirso.

5. Margarida Jácome (22.04.1605-30.04.1686⁴⁴), herdeira da casa de Gião, casou com Capitão Francisco Monteiro (20.02.1610⁴⁵-25.11.1681⁴⁶) a 8.5.1636, em Santo Tirso. Na Figura 9 é possível observar o Registo de Casamento Margarida Jácome e Francisco Monteiro.

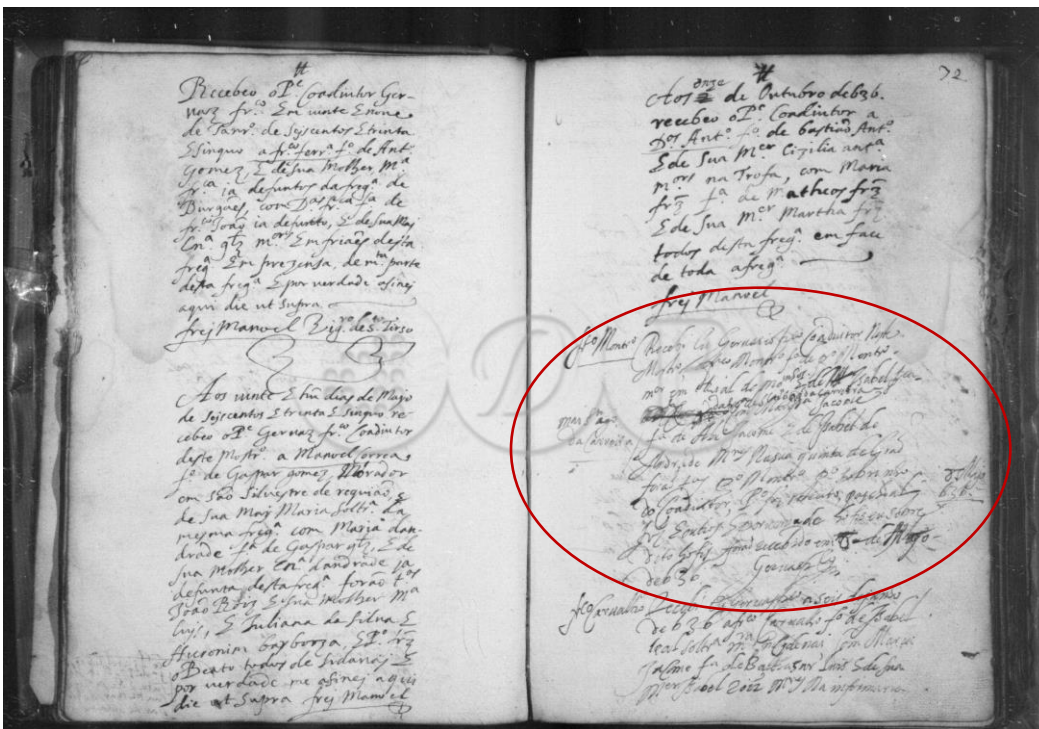


Figura 9: Casamento Margarida Jácome e Francisco Monteiro; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-002-0001_m0280.tif

Margarida Jácome e Francisco Monteiro têm 8 filhos:

I. Luísa (batizada a 16.7.1637)⁴⁷

⁴³ Consultar Anexo N, Figura 80: Batismo Cipriano de Andrade;

⁴⁴ Consultar Anexo N, Figura 81: Óbito Margarida Jácome;

⁴⁵ Consultar Anexo N, Figura 82: Batismo de Francisco Monteiro;

⁴⁶ Consultar Anexo N, Figura 83: Óbito Capitão Francisco Monteiro;

⁴⁷ Consultar Anexo N, Figura 84: Batismo Luísa;

- II. Mónica (batizado 14.12.1638⁴⁸)
- III. Alexandre (batizado 2.3.1640⁴⁹)
- IV. António (batizado 12.10.1641⁵⁰)
- V. Francisco Monteiro de Andrade (batizado a 13.11.1642⁵¹-10.11.1721⁵²)
- VI. Maria (batizada a 8.2.1644⁵³)
- VII. José (batizado a 23.4.1646⁵⁴)
- VIII. Vicente (batizado a 20.4.1650⁵⁵-27.09.1716⁵⁶)

6. Francisco Monteiro de Andrade (13.11.1642-10.11.1721), casou com Luísa Soares (?-10.9.1724⁵⁷) a 14.02.1672 na paróquia da Sé da Cidade do Porto. Foi herdeiro e morador na Casa de Gião. Francisco terá seguido as pegadas de seu pai, tendo se tornado Capitão. Destes últimos herdeiros pouco se conhece. Sabe-se, contudo, que casaram no Porto, sendo que Luísa Soares era natural dessa cidade. Na Figura 10 é possível observar o Registo de Casamento de Francisco Monteiro de Andrade e Luísa Soares.

⁴⁸ Consultar Anexo N, Figura 85: Batismo Mónica;

⁴⁹ Consultar Anexo N, Figura 86: Batismo Alexandre;

⁵⁰ Consultar Anexo N, Figura 87: Batismo António;

⁵¹ Consultar Anexo N, Figura 88: Batismo Francisco Monteiro de Andrade;

⁵² Consultar Anexo N, Figura 89: Óbito Francisco Monteiro de Andrade;

⁵³ Consultar Anexo N, Figura 90: Batismo Maria;

⁵⁴ Consultar Anexo N, Figura 91: Batismo José;

⁵⁵ Consultar Anexo N, Figura 92: Batismo Vicente;

⁵⁶ Consultar Anexo N, Figura 93: Óbito de Vicente;

⁵⁷ Consultar Anexo N, Figura 94: Óbito Luísa Soares;

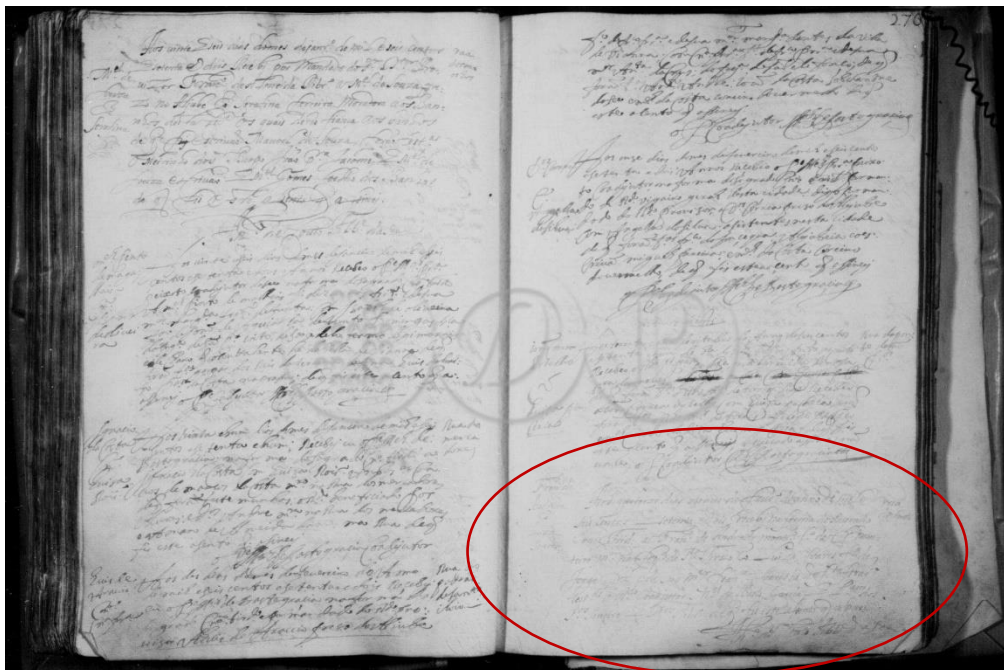


Figura 10: Registo de Casamento de Francisco Monteiro de Andrade e Luísa Soares; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PPRT14-002-0005_m0254.tif

Francisco Monteiro de Andrade e Luísa Soares têm 2 filhos:

- I. Maria de Andrade Monteiro (11.12.1672)⁵⁸
- II. Francisco de Andrade (29.04.1675)⁵⁹

7. Maria de Andrade Monteiro casa com João de Sousa Ferreira (?-20.09.1716⁶⁰) e têm 8 filhos:

- I. Joanna (batizado a 25.04.1688)⁶¹
- II. José (7.01.1692)⁶²
- III. Alberto (26.09.1693)⁶³

⁵⁸ Consultar Anexo N, Figura 95: Batismo de Maria de Andrade Monteiro;

⁵⁹ Consultar Anexo N, Figura 96: Batismo Francisco de Andrade;

⁶⁰ Consultar Anexo N, Figura 97 e 98: Óbito João de Sousa Ferreira - Parte 1 e 2;

⁶¹ Consultar Anexo N, Figura 99: Batismo Joanna;

⁶² Consultar Anexo N, Figura 100: Batismo José;

⁶³ Consultar Anexo N, Figura 101 e 102: Batismo Alberto - Parte 1 e 2;

- IV. Josefa Maria de Andrade e Sousa (20.03.1696)⁶⁴
- V. Maria (2.03.1699)⁶⁵
- VI. Jerónimo (03.07.1701)⁶⁶
- VII. André (15.02.1704)⁶⁷
- VIII. José Maria (11.11.1706⁶⁸-20.08.1715)

8. Josefa Maria de Andrade e Sousa casa com António Fernandes Roriz a 24 de junho de 1722, em Santo Tirso. Na Figura 11 é possível observar o Registo de Casamento de Josefa Maria de Andrade e Sousa e António Fernandes Roriz.

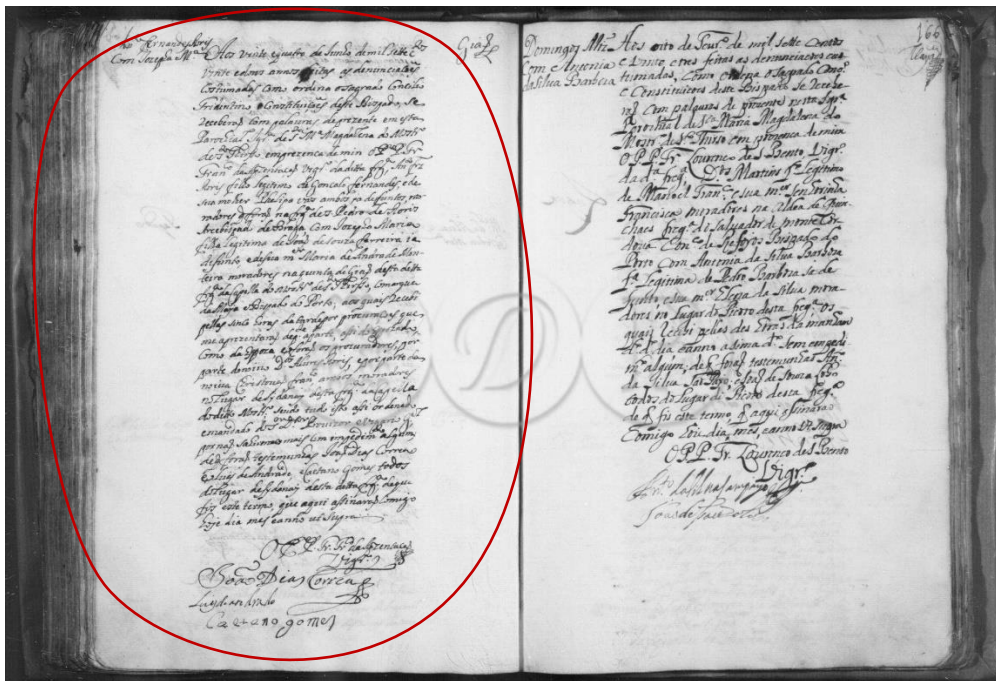


Figura 11: Registo de Casamento de Josefa Maria de Andrade e Sousa e António Fernandes Roriz; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-002-0003_m0827.tif

⁶⁴ Consultar Anexo N, Figura 103: Batismo Josefa;
⁶⁵ Consultar Anexo N, Figura 104: Batismo Maria;
⁶⁶ Consultar Anexo N, Figura 105: Batismo Jerónimo;
⁶⁷ Consultar Anexo N, Figura 106: Batismo André;
⁶⁸ Consultar Anexo N, Figura 107: Batismo José Maria;

Josefa Maria de Andrade e Sousa e António Fernandes Roriz têm como filhos:

- I. Feliciano (26.04.1723)⁶⁹
- II. António (25.03.1725)⁷⁰
- III. José (11.10.1728)⁷¹
- IV. Josefa Joaquina de Andrade (24.05.1731)⁷²
- V. Theodora (02.10.1733)⁷³

9. Josefa Joaquina de Andrade casa com Jerónimo da Silva, a 29 de outubro de 1749 na paróquia da Sé, da cidade do Porto. Na Figura 12 é possível observar o Registo de Casamento de Josefa Joaquina de Andrade e Jerónimo da Silva.

⁶⁹ Consultar Anexo N, Figura 108: Batismo Feliciano;

⁷⁰ Consultar Anexo N, Figura 109: Batismo António;

⁷¹ Consultar Anexo N, Figura 110: Batismo José;

⁷² Consultar Anexo N, Figura 111: Batismo Josefa Joaquina de Andrade;

⁷³ Consultar Anexo N, Figura 112: Batismo Theodora;

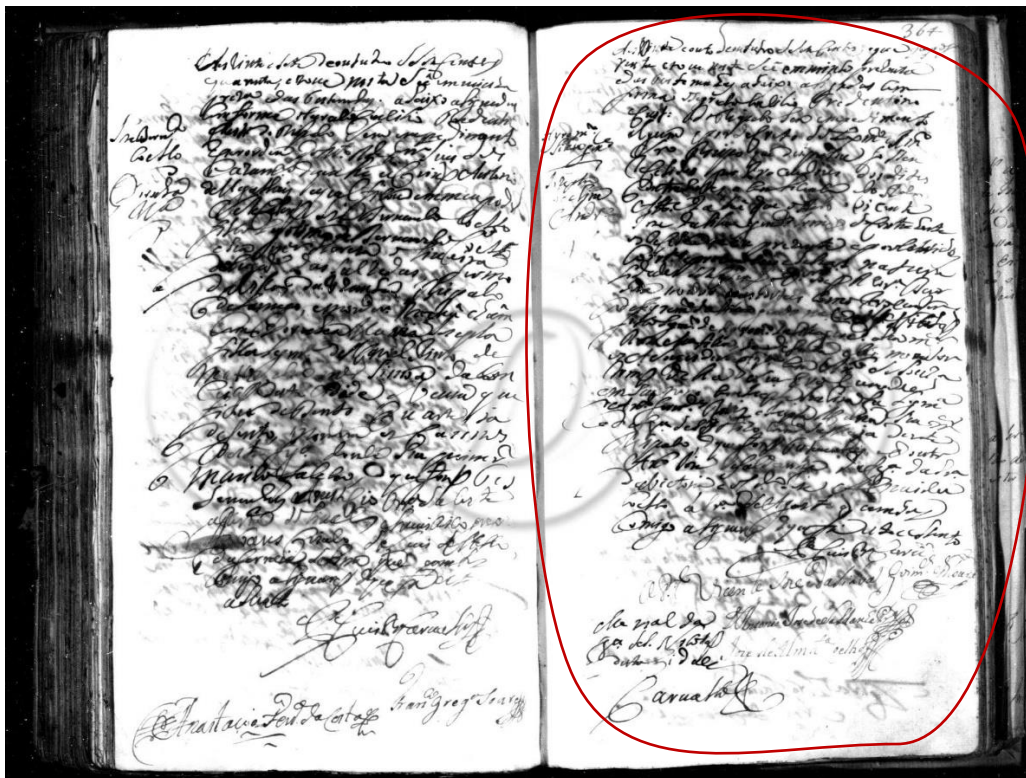


Figura 12: Registo de Casamento de Josefa Joaquina de Andrade e Jerónimo da Silva; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PPRT14-002-0014_m1174.tif

Josefa e Jerónimo têm 11 filhos:

- I. Francisco Xavier (03.12.1750)⁷⁴
- II. Ana Maria (02.02.1752)⁷⁵
- III. José Joaquim (14.10.1753)⁷⁶
- IV. Joaquim José (12.01.1756)⁷⁷
- V. Maria Rosa (07.12.1758)⁷⁸
- VI. João José (23.02.1761)⁷⁹

⁷⁴ Consultar Anexo N, Figura 113: Batismo Francisco Xavier;

⁷⁵ Consultar Anexo N, Figura 114: Batismo Ana Maria;

⁷⁶ Consultar Anexo N, Figura 115: Batismo José Joaquim;

⁷⁷ Consultar Anexo N, Figura 116: Batismo Joaquim José;

⁷⁸ Consultar Anexo N, Figura 117: Batismo Maria Rosa;

⁷⁹ Consultar Anexo N, Figura 118: Batismo João José;

- VII. Raimundo (31.08.1763)⁸⁰
- VIII. Jacinta Rosa Angélica (04.04.1765)⁸¹
- IX. Rosa Elena (12.01.1768)⁸²
- X. Francisca Rita (04.10.1771)⁸³
- XI. José Bento (15.04.1775)⁸⁴

10. Jacinta Angélica casa com António José Correia de Miranda a 21 de abril de 1785 em Santo Tirso, e após o casamento ficam a viver na quinta dos pais de António, a quinta de Dinis, em Santo Tirso. Na Figura 13 é possível observar o Registo de Casamento de Jacinta Angélica e António José Correia de Miranda.

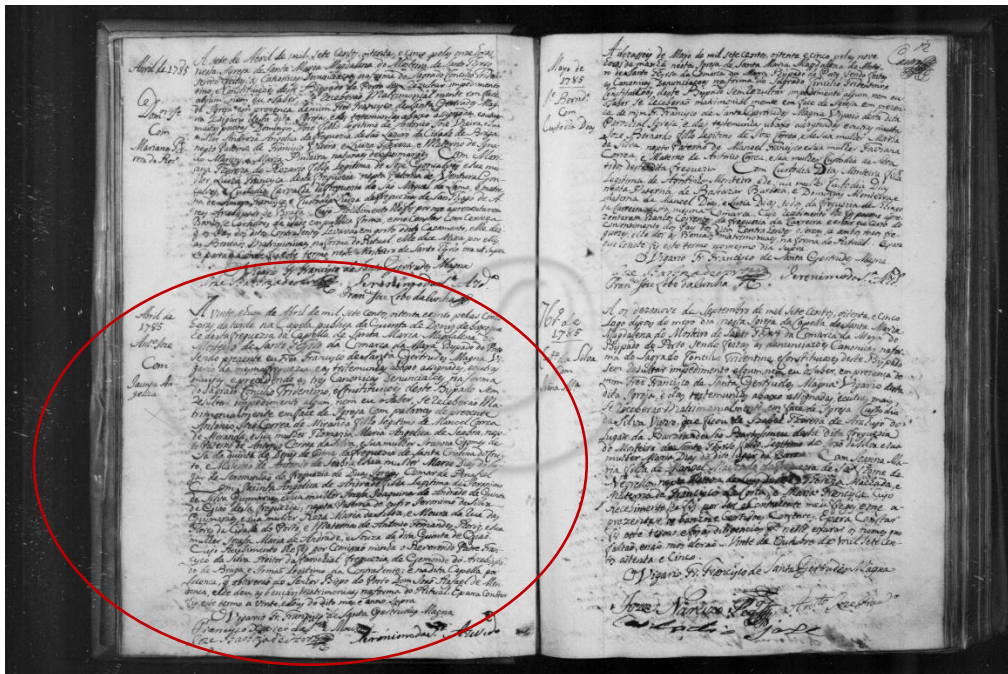


Figura 13: Registo de Casamento de Jacinta Angélica e António José Correia de Miranda; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-002-0006_m0578.tif

⁸⁰ Consultar Anexo N, Figura 119: Batismo Raimundo;
⁸¹ Consultar Anexo N, Figura 120: Batismo Jacinta Rosa Angélica;
⁸² Consultar Anexo N, Figura 121 e 122: Batismo Rosa Elena – Parte 1 e 2;
⁸³ Consultar Anexo N, Figura 123: Batismo Francisca Rita;
⁸⁴ Consultar Anexo N, Figura 124: Batismo José Bento;

Jacinta e António têm 8 filhos:

- I. Maria (13.03.1786)⁸⁵
- II. Anna Rita Correia (11.04.1788)⁸⁶
- III. Francisca (19.10.1790)⁸⁷
- IV. Rosa (24.04.1793)⁸⁸
- V. Bernardina (16.03.1796)⁸⁹
- VI. Joaquina (4.11.1798)⁹⁰
- VII. Gertrudes (02.05.1801)⁹¹
- VIII. José (17.09.1804)⁹²

11. Anna Rita Correia casa com Rodrigo António Pinheiro de Freitas a 24 de março de 1808, em Santo Tirso, e passam a viver na Quinta de Gião após o casamento. Na Figura 14 é possível observar o Registo de Casamento de Anna Rita Correia e Rodrigo António Pinheiro de Freitas.

⁸⁵ Consultar Anexo N, Figura 125: Batismo Maria;

⁸⁶ Consultar Anexo N, Figura 126: Batismo Anna Rita Correia;

⁸⁷ Consultar Anexo N, Figura 127: Batismo Francisca;

⁸⁸ Consultar Anexo N, Figura 128: Batismo Rosa;

⁸⁹ Consultar Anexo N, Figura 129: Batismo Bernardina;

⁹⁰ Consultar Anexo N, Figura 130 e 131: Batismo Joaquina - Parte 1 e 2;

⁹¹ Consultar Anexo N, Figura 132: Batismo Gertrudes;

⁹² Consultar Anexo N, Figura 133: Batismo José;

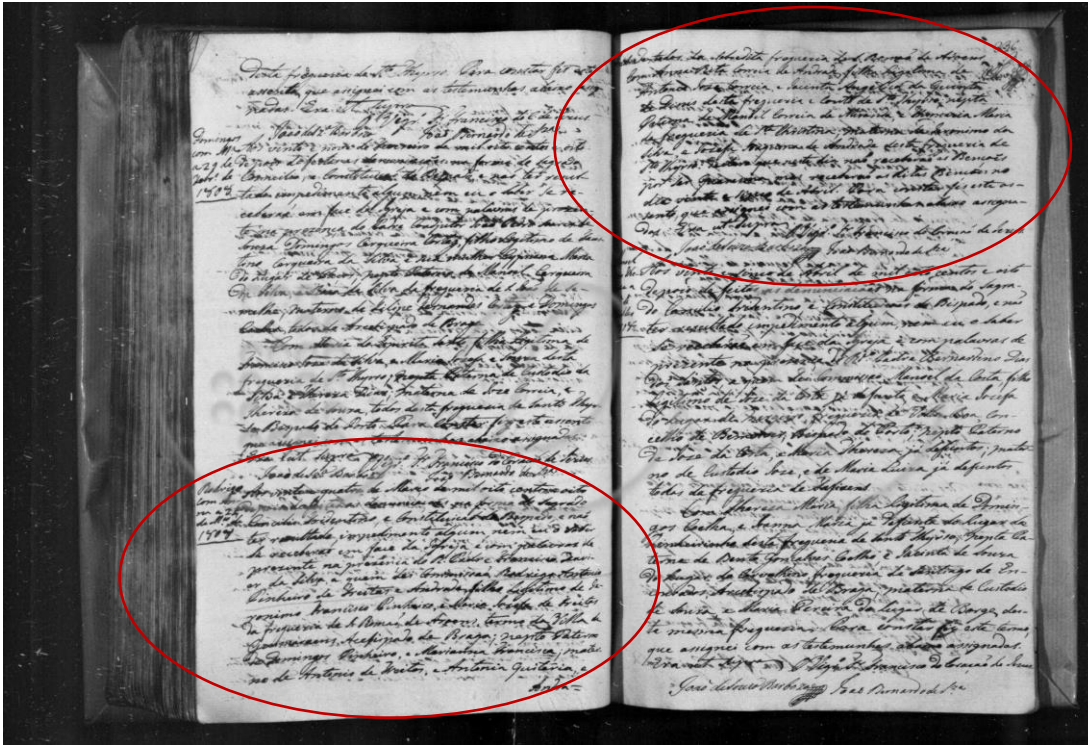


Figura 14: Registo de Casamento de Anna Rita Correia e Rodrigo António Pinheiro de Freitas; Fonte: PT-ADPRT-PRO-PSTS22-002-0007_m0977.tif

Anna e Rodrigo e têm 3 filhos:

- I. Francisco António Pinheiro de Freitas (05.04.1809)⁹³
- II. Rosa (01.11.1810)⁹⁴
- III. António (06.12.1812)⁹⁵

Sabendo que, por volta da Guerra Civil do século XIX (1823-33) a quinta é tomada pelo alferes, é provável que os seguintes proprietários tenham partilhado a quinta com este alferes.

⁹³ Consultar Anexo N, Figura 134: Batismo Francisco António Pinheiro de Freitas;

⁹⁴ Consultar Anexo N, Figura 135: Batismo Rosa;

⁹⁵ Consultar Anexo N, Figura 136: Batismo António;

12. Francisco António Pinheiro casa⁹⁶ com Emília Rosa, natural da freguesia de Serzedelo concelho de Guimarães. Após o casamento, o casal passa a viver na quinta de Gião e têm 14 filhos:

- I. Manuel (09.10.1840)⁹⁷
- II. Maria (10.10.1841)⁹⁸
- III. Cecília (26.02.1843)⁹⁹
- IV. José (19.12.1844)¹⁰⁰
- V. Cândida (02.09.1846)¹⁰¹
- VI. Thomas (28.01.1848)¹⁰²
- VII. Joaquim (28.09.1850)¹⁰³
- VIII. Clementina (21.10.1852)¹⁰⁴
- IX. António (20.11.1854)¹⁰⁵
- X. Antónia (09.10.1856)¹⁰⁶
- XI. Narcisa (26.01.1859)¹⁰⁷
- XII. Recém-Nascido do género feminino (04.09.1861-04.09.1861)¹⁰⁸

⁹⁶ Estima-se que se o casamento tenha ocorrido entre 1835 e 1839, uma vez que o primeiro filho deste casal nasce em outubro de 1840. Não havendo registo do casamento na freguesia de Santa Maria Madalena de Santo Tirso, é provável que o casamento tenha sido feito na paróquia de Emília. No entanto, não existe documentos dos registos de casamentos nessa paróquia entre os anos de 1808 e 1858.

⁹⁷ Consultar Anexo N, Figura 137: Batismo Manuel;

⁹⁸ Consultar Anexo N, Figura 138: Batismo Maria;

⁹⁹ Consultar Anexo N, Figura 139: Batismo Cecília;

¹⁰⁰ Consultar Anexo N, Figura 140: Batismo José;

¹⁰¹ Consultar Anexo N, Figura 141: Batismo Cândida;

¹⁰² Consultar Anexo N, Figura 142: Batismo Thomas;

¹⁰³ Consultar Anexo N, Figura 143: Batismo Joaquim;

¹⁰⁴ Consultar Anexo N, Figura 144 e 145: Batismo Clementina – Parte 1 e 2;

¹⁰⁵ Consultar Anexo N, Figura 146: Batismo António;

¹⁰⁶ Consultar Anexo N, Figura 147: Batismo Antónia;

¹⁰⁷ Consultar Anexo N, Figura 148: Batismo Narcisa;

¹⁰⁸ Consultar Anexo N, Figura 149 e 150: Recém-Nascido do Género Feminino – Parte 1 e 2;

XIII. Ermelinda (30.09.1863)¹⁰⁹

XIV. Serafim (06.08.1865)¹¹⁰

13. Clementina Rosa casa com José Joaquim Correia d'Oliveira a 23 de junho de 1877. Após o casamento deverão ter ido morar para uma propriedade onde terá o seu esposo teria vivido e crescido, no lugar de Alcaide, Santo Tirso, pois tanto nos registos dos batizados dos filhos como no próprio casamento referem que estes seriam moradores neste local. Na Figura 15 e 16 é possível observar o Registo de Casamento de Clementina Rosa e José Joaquim Correia d'Oliveira.

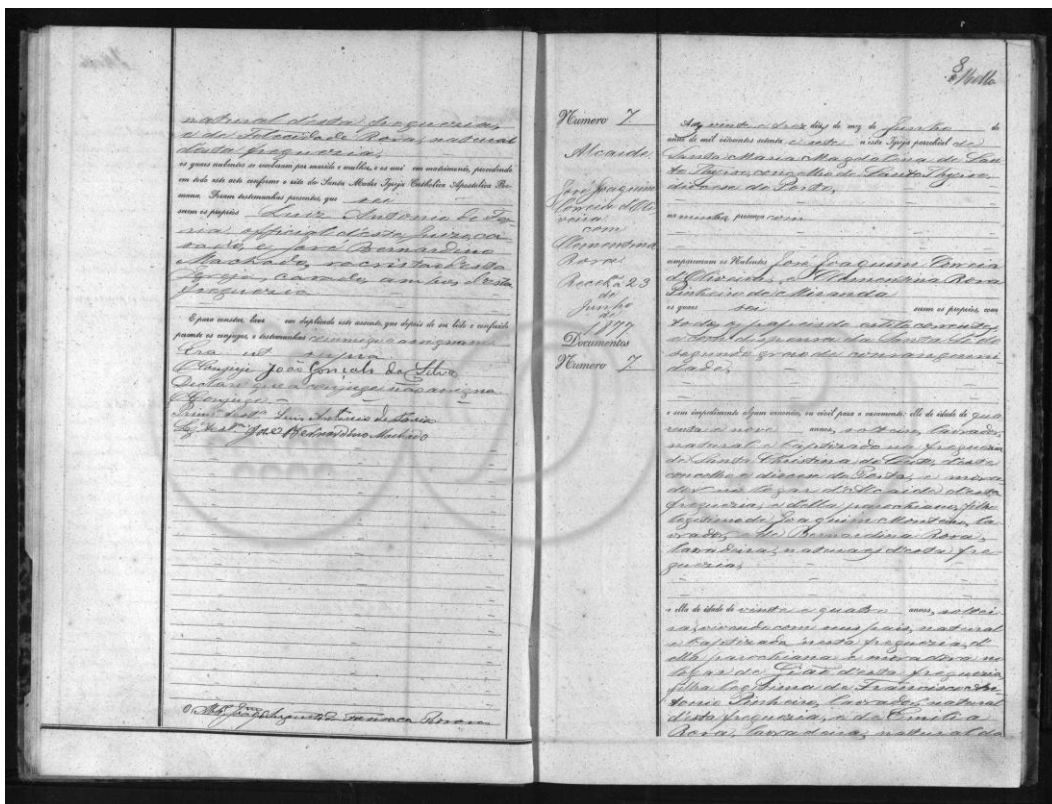


Figura 15: Registo de Casamento de Clementina Rosa e José Joaquim Correia d'Oliveira – Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-002-0016_m00009.tif

¹⁰⁹ Consultar Anexo N, Figura 151: Batismo Ermelinda;

¹¹⁰ Consultar Anexo N, Figura 152 e 153: Batismo Serafim - Parte 1 e 2;

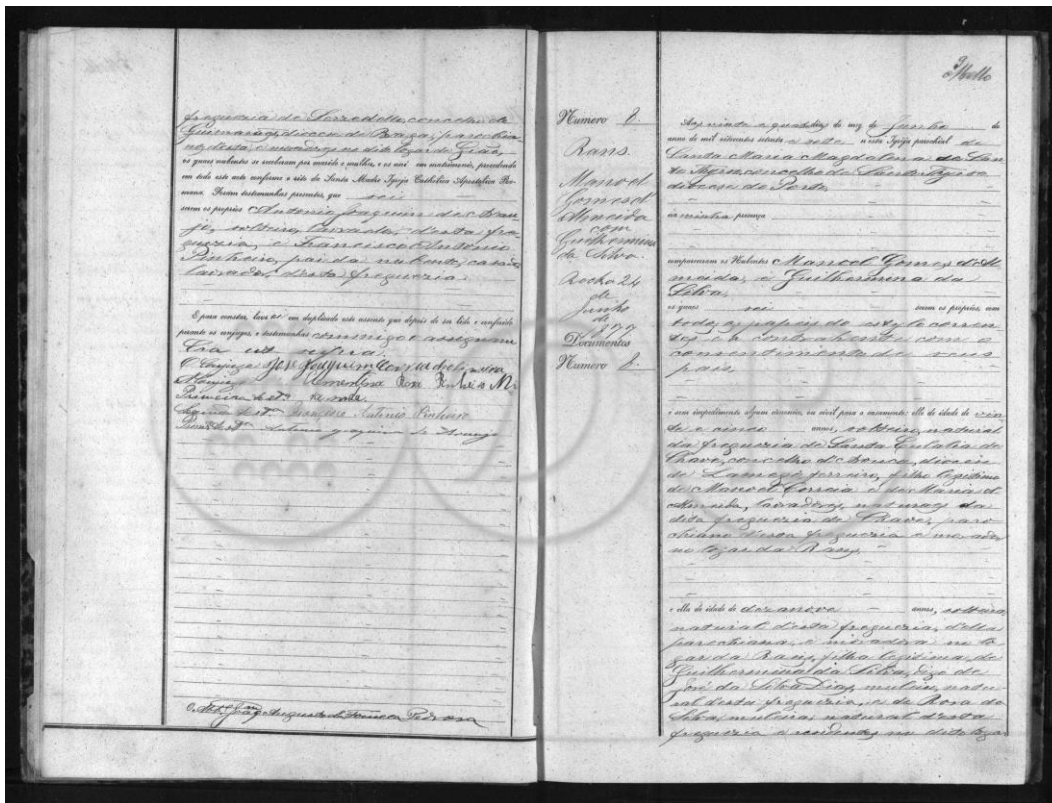


Figura 16: Registo de Casamento de Clementina Rosa e José Joaquim Correia d'Oliveira – Parte 2; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-002-0016_m00010.tif

Clementina Rosa e José Joaquim Correia d'Oliveira tiveram 7 filhos:

- I. Ermelinda (14.06.1883 – 03.12.1957)¹¹¹
- II. Custódia (29.12.1884 – 24.01.1952)¹¹²
- III. Olympia (4.2.1888 - 31.03.1984)¹¹³
- IV. Maria (22.11.1886 – 12.01.1973)¹¹⁴ – segundo Sr. Sebastião seria conhecida como “mariquinhas”
- V. António (21.06.1890 – 15.07.1947)¹¹⁵

¹¹¹ Consultar Anexo N, Figura 154: Batismo Ermelinda;

¹¹² Consultar Anexo N, Figura 155: Batismo Custódia;

¹¹³ Consultar Anexo N, Figura 156: Batismo Olympia;

¹¹⁴ Consultar Anexo N, Figura 157: Batismo Maria;

¹¹⁵ Consultar Anexo N, Figura 158: Batismo António;

VI. Olympia (01.05.1893)¹¹⁶

VII. Carlos (22.10.1896 – 23.02.1938)¹¹⁷

Segundo o Sr. Sebastião, Ermelinda e Maria permaneceram solteiras e viveram na casa da Quinta de Gião até ao final da vida. Todas as descrições da “Lenda do Espada a Rastos” mencionam as “senhoras de Gião”, supostas sobrinhas do alferes que viveram na casa até ao final da vida. Desta forma, é possível especular que estas senhoras seriam precisamente as duas irmãs e últimas habitantes da casa da quinta de Gião.

5.2 Outros Moradores na Quinta de Gião

Ao longo da pesquisa pelos livros dos registos de batismo e casamentos, foi possível perceber que, para além dos seus proprietários, a quinta de Gião acolheu muitas outras famílias. Algumas estavam diretamente ligadas aos proprietários, sendo, nomeadamente, filhos, netos e genros, e outras deveriam trabalhar na quinta e, portanto, acredita-se que tenham sido caseiros da mesma.

1. Manoel Ferreira e Apolónia Carvalho terão vivido na quinta por volta de 1677, uma vez que no registo de batismo de sua filha Maria, a 5 de maio de 1677, estes seriam moradores no lugar de Gião.¹¹⁸
2. José Bento e Antónia Vieira terão vivido e trabalhado como assistentes na quinta por volta de 1790, uma vez que no registo de batismo de seu filho Joaquim, a 21 de julho de 1790, estes seriam moradores no lugar de Gião.¹¹⁹

¹¹⁶ Consultar Anexo N, Figura 159: Batismo Olympia;

¹¹⁷ Consultar Anexo N, Figura 160: Batismo Carlos;

¹¹⁸ Consultar Anexo O, Figura 161: Batismo Maria;

¹¹⁹ Consultar Anexo O, Figura 162: Batismo Joaquim;

3. Custódio Francisco e Joanna Rosa terão vivido na quinta de Gião por volta de 1811, uma vez que no registo de batismo de sua filha Maria (04.08.1806)¹²⁰, indicam o lugar de Gião como morada.
4. José Francisco e Joanna Moreira terão residido na quinta de Gião por volta de 1811, uma vez que no registo de batismo de sua neta Maria, a 13 de março de 1811, indicam como morada o lugar de Gião.¹²¹
5. António de Sousa e Anna Joaquina terão vivido na quinta por volta de 1825 e 1873, uma vez que no registo de batismo de seus filhos Joaquim (28.11.1825)¹²², Joaquim (06.04.1846)¹²³ e José (batizado a 23.04.1873¹²⁴), têm como morada o lugar de Gião.
6. Joaquim Narciso da Silveira e Maria Rosa terão vivido na quinta por volta de 1831 e 1849, uma vez que no registo de batismo de seus filhos Anna e Bernarda (2.06.1831)¹²⁵, Rosa (11.10.1834)¹²⁶, José (16.07.1837)¹²⁷, Manoel (08.10.1846)¹²⁸, Francisco (28.03.1844)¹²⁹ e Maria (23.10.1849)¹³⁰, estes seriam moradores no lugar de Gião.
7. José Peixoto Freitas e Rosa Joaquina, filha de Rodrigo e Anna Rita, terão vivido na quinta por volta de 1842 e 1851, uma vez que no registo de batismo de seus filhos Luísa

¹²⁰ Consultar Anexo O, Figura 163: Batismo Maria;

¹²¹ Consultar Anexo O, Figura 164: Batismo Maria;

¹²² Consultar Anexo O, Figura 165: Batismo Joaquim;

¹²³ Consultar Anexo O, Figura 166: Batismo Joaquim;

¹²⁴ Consultar Anexo O, Figura 167 e 168: Batismo José - Parte 1 e 2;

¹²⁵ Consultar Anexo O, Figura 169: Batismo Anna e Bernarda;

¹²⁶ Consultar Anexo O, Figura 170: Batismo Rosa;

¹²⁷ Consultar Anexo O, Figura 171: Batismo José;

¹²⁸ Consultar Anexo O, Figura 172: Batismo Manoel;

¹²⁹ Consultar Anexo O, Figura 173: Batismo Francisco;

¹³⁰ Consultar Anexo O, Figura 174: Batismo Maria;

- (19.08.1842)¹³¹, Emília (20.03.1847)¹³² e António (16.04.1851)¹³³, indicam como morada o lugar de Gião.
- 8.** António Moreira e Maria Rosa terão vivido na quinta por volta de 1842 e 1851, uma vez que no registo de batismo de seus filhos Maria (18.08.1848)¹³⁴, António (10.06.1852)¹³⁵ e Bernardina (12.04.1857)¹³⁶, indicam como morada o lugar de Gião.
- 9.** António Machado e Vitória Maria terão vivido na quinta por volta de 1847, uma vez que no registo de batismo de sua filha Rosa (20.10.1847)¹³⁷, estes seriam moradores no lugar de Gião.
- 10.** José da Costa e Theresa de Jesus terão vivido na quinta por volta de 1857, uma vez que no registo de batismo de seu filho Joaquim (09.04.1857)¹³⁸, têm como morada o lugar de Gião.
- 11.** Manuel José de Carvalho e Anna da Costa terão vivido na quinta por volta de 1860, uma vez que no registo de batismo de seu filho Joaquim (23.08.1860)¹³⁹, indicam como morada o lugar de Gião.
- 12.** António Monteiro d'Oliveira Pinto e Maria Rosa Pinheiro de Miranda, filha de Francisco António Pinheiro e Emília Rosa, terão vivido na quinta por volta de 1864 e 1877, uma vez que no registo de batismo de seus filhos 9 filhos: Francisco (08.08.1859)¹⁴⁰, Joaquim

¹³¹ Consultar Anexo O, Figura 175: Batismo Luísa;

¹³² Consultar Anexo O, Figura 176: Batismo Emília;

¹³³ Consultar Anexo O, Figura 177: Batismo António;

¹³⁴ Consultar Anexo O, Figura 178: Batismo Maria;

¹³⁵ Consultar Anexo O, Figura 179: Batismo António;

¹³⁶ Consultar Anexo O, Figura 180: Batismo Maria;

¹³⁷ Consultar Anexo O, Figura 181: Batismo Rosa;

¹³⁸ Consultar Anexo O, Figura 182: Batismo Joaquim;

¹³⁹ Consultar Anexo O, Figura 183 e 184: Batismo Joaquim - Parte 1 e 2;

¹⁴⁰ Consultar Anexo O, Figura 185: Batismo Francisco;

(15.02.1861)¹⁴¹, Anna (07.04.1864¹⁴²), José (30.11.1865¹⁴³), Clementina (05.04.1869¹⁴⁴), Abelino (27.06.1871¹⁴⁵), António (24.04.1873¹⁴⁶), Júlia (7.04.1875-12.02.1939)¹⁴⁷ e Narcisa (23.03.1877)¹⁴⁸, estes seriam moradores no lugar de Gião.

- 13.** António José Correia e Joaquina Rosa terão vivido na quinta por volta de 1871, uma vez que no registo de batismo de sua filha Maria (14.02.1871-12.11.1944)¹⁴⁹, têm como morada o lugar de Gião.
- 14.** Francisco da Costa e Anna Correia, ambos lavradores, terão sido moradores no lugar de Ponte Velha e na quinta de Gião, uma vez que nos registos de batismo dos seus filhos Maria (06.10.1887)¹⁵⁰, Narcisa (24.06.1889)¹⁵¹, David (14.08.1891)¹⁵² e Júlia (01.04.1896)¹⁵³, estes seriam moradores no lugar de Ponte Velha, enquanto que nos registos de batismo dos seus filhos José (13.04.1898¹⁵⁴), Palmira (25.01.1900-08.10.1921)¹⁵⁵, Clementina (22.10.1903-04.11.1976)¹⁵⁶ e Emília (25.03.1894-25-02.1976)¹⁵⁷, indicam como morada o lugar de Gião.

Apesar de em todos os registos indicados anteriormente identificarem a Quinta de Gião como local de morada, estes poderiam referir-se não só à casa senhorial, e respetiva casa dos

¹⁴¹ Consultar Anexo O, Figura 186: Batismo Joaquim;

¹⁴² Consultar Anexo O, Figura 187: Batismo Anna;

¹⁴³ Consultar Anexo O, Figura 188 e 189: Batismo José – Parte 1 e 2;

¹⁴⁴ Consultar Anexo O, Figura 190: Batismo Clementina;

¹⁴⁵ Consultar Anexo O, Figura 191: Batismo Abelino;

¹⁴⁶ Consultar Anexo O, Figura 192: Batismo António;

¹⁴⁷ Consultar Anexo O, Figura 193: Batismo Júlia;

¹⁴⁸ Consultar Anexo O, Figura 194: Batismo Narcisa;

¹⁴⁹ Consultar Anexo O, Figura 195: Batismo Maria;

¹⁵⁰ Consultar Anexo O, Figura 196: Batismo Maria;

¹⁵¹ Consultar Anexo O, Figura 197: Batismo Narcisa;

¹⁵² Consultar Anexo O, Figura 198: Batismo David;

¹⁵³ Consultar Anexo O, Figura 199: Batismo Júlia;

¹⁵⁴ Consultar Anexo O, Figura 200: Batismo José;

¹⁵⁵ Consultar Anexo O, Figura 201: Batismo Palmira;

¹⁵⁶ Consultar Anexo O, Figura 202: Batismo Clementina;

¹⁵⁷ Consultar Anexo O, Figura 203: Batismo Emília;

moleiros e dos lagareiros, mas também outras habitações que pudessem existir dentro da quinta e que serviriam de habitação para os vários caseiros que trabalhavam os campos da quinta, ou poderiam não ser moradores em habitações dentro do território da quinta, mas em locais que estivessem na sua envolvente.

Capítulo VI – Pesquisa de Campo

Neste capítulo, o autor pretende perceber o grau de recetividade por parte da comunidade local e dos vários stakeholders no que respeita a proposta de criação de um Ecomuseu em Santo Tirso.

6.1 As Entrevistas

O trabalho de campo do projeto caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa que prima essencialmente pelo contacto direto entre o entrevistador e o entrevistado.

Através desta pesquisa o autor pretendia perceber qual a opinião de duas grandes partes: a comunidade e os stakeholders.

Serão, portanto, elaboradas dois tipos de entrevistas:

1. A primeira, uma vez que o ecomuseu é caracterizado pela envolvência da comunidade local, permitirá perceber que tipo de objetos e elementos a comunidade local tem em sua posse e que poderão fazer parte do inventário do ecomuseu.
2. A segunda será vocacionada principalmente a órgãos da autoridade governamental e outras partes interessadas, tal como o presidente da Associação Amigos de Sanguinhedo. O tema central desta segunda entrevista, será a proposta do Ecomuseu de Santo Tirso, tentando perceber alguns passos que poderiam tornar a proposta num objeto concreto, tendo sido elaboradas uma série de questões que permitiam ao entrevistador guiar a conversa.

No entanto, ao longo do trabalho houve a necessidade de contactar alguns profissionais da área da museologia para apoiar a pesquisa bibliográfica e para auxiliar na recolha de informação. Assim, foram contactados seis profissionais, sendo que estas entrevistas serviram de base, principalmente para o “Capítulo II – A Museologia Moderna”.

6.1.1 Entrevistas à Comunidade Local

As entrevistas à comunidade foram realizadas a habitantes tirsenses principalmente ligados às temáticas da agricultura e da indústria têxtil, abordadas pelo ecomuseu. Através de um primeiro contacto com a Cooperativa dos Agricultores dos Concelhos de Santo Tirso e Trofa, o autor tentou perceber quais seriam alguns dos principais produtores do setor primário que fariam sentido entrevistar ao mesmo passo que tentaria contactar outros produtores por meios familiares. No que respeita aos entrevistados relativos à indústria têxtil, uma vez que os familiares do autor laboram neste setor, os contactos resultaram de uma consulta para perceber quais testemunhos seriam mais indicados para o trabalho.

Assim sendo foram entrevistadas 7 personalidades como parte integrante da comunidade local, sendo elas:

1. Mário Ribeiro¹⁵⁸ – Natural do concelho de Santo Tirso, da freguesia de São Mamede de Negrelos. É licenciado em engenharia agrícola.
2. António Rodrigues¹⁵⁹ – Natural do concelho de Santo Tirso, da freguesia de Água Longa. É licenciado em engenharia florestal pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, é, atualmente, responsável pela marca Red-Berry Fruits e gerente da empresa António

¹⁵⁸ Consultar Anexo P - Entrevista Mário Ribeiro.

¹⁵⁹ Consultar Anexo Q - Entrevista António Rodrigues.

Moreira Rodrigues, unipessoal, localizada em Água Longa. Esta terá sido criada pelos avós do entrevistado, tendo permanecido sob gerência familiar até a atualidade. A empresa produz maioritariamente vinho, leite e, desde 2012, com a criação da marca Red-Berry Fruits, pequenos frutos, sendo a sua maior produção dedicada aos mirtilos – produziram no ano de 2020, 60 toneladas de mirtilos.

3. João Abreu¹⁶⁰ - Natural do concelho de Santo Tirso, da freguesia de Vilarinho. Licenciado em Direito pela Universidade Católica Portuguesa, e com grau de mestre em Marketing pela Universidade Portucalense. Entre 1987 a 2004, assume o cargo de Diretor da revista dos Amigos do Hospital de Santo Tirso. Entre 1998 e 2002, é Diretor de Formação da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE). Entre 2002 e 2006, assume os cargos de Chefe de Gabinete da Presidência e Responsável pelo Gabinete da Cultura da Câmara Municipal de Penafiel. Entre 2005 e 2009, passa a Vereador da Câmara Municipal de Santo Tirso. No ano de 2006, assume o cargo de Diretor Científico – Tecnológico da Associação Incubadora do Vale do Sousa (IVSA). Em 2007, cria a sua própria empresa, Academia das Emoções, Soluções Criativas e de Desempenho. Atualmente, desempenha funções de docente em instituições como: Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA), Escola de Hotelaria e Turismo do Porto, Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo (ISCET), entre outras.
4. Domingos Silva¹⁶¹ - Natural do distrito de Braga, do concelho de Celorico de Bastos. Termina a escolaridade no 6º ano e começa a sua atividade dentro do setor agrícola. Em 1984 inicia os seus trabalhos numa empresa denominada de Agrororiz, uma empresa de

¹⁶⁰ Consultar Anexo R - Entrevista João Abreu.

¹⁶¹ Consultar Anexo S - Entrevista Domingos Silva.

comércio de produtos agrícolas. No ano de 1989 começa a trabalhar numa panificadora, Midouro, na freguesia de Moreira de Cónegos. Mais tarde, regressa à Agrororiz e começa a construir a casa onde vivia até então, deixando já um rés do chão pronto para a abertura de um negócio, uma vez que já pretendia tornar-se empreendedor. É então no ano de 1994 que é criada a sua empresa têxtil de artigos atalhados, Domingos Cunha e Silva Lda. Atualmente a sua atividade é dedicada à gerência desta empresa, é tesoureiro na Junta de Freguesia de Roriz e é, também, Presidente da Assembleia União Desportiva e Social de Roriz.

5. Vítor Martins¹⁶² - Natural do concelho de Santo Tirso, da freguesia de Roriz. Concluiu os seus estudos com o 6º ano de escolaridade e prosseguiu para o setor da indústria têxtil numa empresa familiar, Tufarte. Ao longo dos seguintes anos adquire conhecimento nesta indústria e após o encerramento desta empresa no início do século XX, torna-se Sócio-Gerente de uma outra empresa familiar, desta vez em conjunto com a sua esposa, Dimexlar, inaugurada no ano de 2000, onde ainda permanece. O seu conhecimento em gestão foi adquirido através da experiência nas duas empresas, sendo que nos últimos anos tem vocacionado o seu trabalho na criação de um serviço ao invés da criação de um produto. Assim, a diferenciação da Dimexlar faz-se pela aplicação de pontos decorativos, adquirindo uma visão de empresa familiar, com poucos funcionários, incutindo o trabalho em equipa e procurando a perfeição. Os seus serviços são habitualmente contratados por empresas de maior volume de mercado, no entanto, e tendo em conta o cliente final, já trabalharam para marcas como a TAP Portugal, Air France, Desigual, Gucci, Massimo Dutti, H&M, Carolina Herrera, Williams Sonoma, entre outras.

¹⁶² Consultar Anexo T - Entrevista Vítor Martins.

6. Domingos Peixoto¹⁶³ - Natural do concelho de Santo Tirso, da freguesia de Vilarinho. Terminou o 4º ano de escolaridade. A sua atividade principal esteve ligada à indústria têxtil, especialmente nas chumbarias e com artigos atoalhados, tendo trabalhado na Fábrica da Boca, em Vilarinho e mais tarde numa outra empresa têxtil em Moreira de Cónegos. Ainda assim, no restante tempo do seu dia dedicava-se à agricultura. O seu conhecimento da agricultura advém principalmente dos seus antepassados que seriam agricultores e, por isso tem ainda na sua posse vários objetos relacionados com a agricultura tradicional que foram passando de geração em geração¹⁶⁴. Atualmente é reformado e toma conta de uma quinta alugada pelo seu filho, fazendo o seu cultivo e criação de gado como porcos, vacas, galinhas, patos, entre outros.
7. Augusto Soares¹⁶⁵ - Natural do concelho de Santo Tirso, da freguesia de Santa Maria Madalena. Nascido na primeira metade do século XX, cresceu na zona da Ponte Velha, precisamente no local de Sanguinhedo. A residência que terá sido habitada pelos seus antepassados, e onde reside atualmente, tem a particularidade de se localizar precisamente na margem do rio Sanguinhedo. Apesar de maior parte da sua família ter estado ligada à indústria têxtil, seria com a profissão de fotógrafo que ocuparia a sua vida laboral. Conta com mais de 50 anos nesta indústria, tendo captado vários momentos do quotidiano tirsense ao longo da sua vida. Atualmente encontra-se reformado procurando manter a sua atividade e vigor físico através da agricultura, sem, no entanto, esquecer a atividade onde trabalhou toda a sua vida, a fotografia. Assim, ainda contempla algumas horas do seu dia

¹⁶³ Consultar Anexo U - Entrevista Domingos Peixoto.

¹⁶⁴ Consultar Anexo V – Objetos na posse de Domingos Peixoto.

¹⁶⁵ Consultar Anexo W - Entrevista Augusto Soares.

com atividades no seu estúdio fotográfico, situado na cidade de Santo Tirso e designado por Foto Íris.

A entrevista realizou-se seguindo uma série de perguntas essenciais que o autor queria ver respondidas. No entanto, foi dado o espaço aos entrevistados para que surgissem diversas formas para a entrevista ser conduzida.

As perguntas tinham como principal intuito de perceber o apoio e opinião dos entrevistados face ao projeto, sendo uma última pergunta de cunho pessoal que poderá servir de base para um eventual testemunho, ligado às temáticas do ecomuseu, a ser utilizado no espólio museológico. Foram, portanto, elaboradas 7 perguntas principais que constituíam o guião da entrevista, tal como se segue:

1. Qual é a sua relação com o concelho de Santo Tirso?
2. Já alguma vez teve relação com a agricultura ou o têxtil típico do concelho?
3. Acredita conhecer os principais pontos históricos/turísticos do concelho?
4. Estaria disposto a visitar e cooperar num espaço museológico dedicado à identidade tirsense?
5. Gostaria de praticar atividades culturais relacionadas com a identidade tirsense?
6. Admitindo que dentro da oferta de atividades do museu se pretende, entre outros, incluir workshops de construção de instrumentos tradicionais, aulas de culinária baseadas nos produtos gastronómicos do município, aulas ligadas ao fabrico de produtos locais como o linho, o azeite e a farinha, que atividades gostaria de ver presentes no projeto em questão?
7. Poderia partilhar alguma história/testemunho da sua ligação com os setores mencionados anteriormente?

Ao longo das entrevistas percebe-se que a maioria dos entrevistados tem uma relação muito próxima com o concelho. Como comunidade local seria de esperar que todos eles fossem residentes no concelho, no entanto, nem todos são naturais do concelho e alguns residiram fora do concelho por motivos profissionais ou académicos.

Todos os entrevistados têm uma certa relação com a agricultura ou o têxtil, seja ela direta ou indireta. De certa forma todos eles estariam ligados indiretamente à agricultura, muito por conta dos seus antepassados.

No que respeita aos pontos históricos/turísticos do concelho, foram poucos aqueles que afirmaram conhecer muito bem estes elementos. A maioria acredita conhecer os pontos mais convencionais tanto na cidade de Santo Tirso como no concelho, como é o caso do Castro de Monte Padrão, o Santuário de Nossa Senhora da Assunção, os mosteiros de Singeverga, Vilarinho, Santa Escolástica, e São Bento, entre outros.

Todos os entrevistados demonstraram interesse em cooperar num espaço museológico dedicado à identidade tirsense, principalmente no que respeita a partilha de conhecimento e a recolha de memórias, testemunhos e histórias pessoais.

Para além disso, todos eles também demonstram um interesse em participar em atividades realizadas pelo ecomuseu, essencialmente dentro das temáticas que lhes são mais familiares. No seguimento desta reflexão, e referente às atividades que gostariam de ver presentes no projeto, todos os entrevistados referiram atividades relacionadas com a sua área de interesse como por exemplo, tosquia de ovelhas, atividades relacionadas com a produção agrícola, com a cozinha e dança tradicionais, com o desenvolvimento da indústria têxtil no concelho, com

as artes plásticas e fotografia presentes no concelho, recuperação de clubes como o clube tirsense, entre outros.

No que respeita a história/testemunho dos entrevistados relacionados com as temáticas abrangidas pelo ecomuseu, todos eles se dispuseram partilhar algo mais pessoal, sendo que foi ainda possível fazer a recolha em formato vídeo do processo de produção de linho daquilo que é a memória do senhor Domingos Peixoto.

6.1.2 Entrevistas aos Stakeholders

Estas entrevistas, tal como mencionado anteriormente, foram vocacionadas principalmente a órgãos da autoridade governamental e outras partes interessadas em Santo Tirso. O público-alvo para a entrevista aos stakeholders foram exatamente 6 personalidades sendo elas:

1. Alberto Costa¹⁶⁶ – atual presidente Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Santo Tirso;
2. Tiago Araújo¹⁶⁷ – atual vereador da Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Santo Tirso;
3. Álvaro Moreira¹⁶⁸ – atual diretor do Museu Municipal Abade Pedrosa;
4. António Ventura¹⁶⁹ – atual presidente da Associação Amigos de Sanguinhedo;
5. Napoleão Ribeiro¹⁷⁰ – Antropólogo no Gabinete do Património Cultural Municipal da Trofa. É membro da Associação Amigos de Sanguinhedo, Presidente da Associação

¹⁶⁶ Consultar Anexo X - Entrevista Alberto Costa.

¹⁶⁷ Consultar Anexo Y - Entrevista Tiago Araújo.

¹⁶⁸ Consultar Anexo Z - Entrevista Álvaro Moreira.

¹⁶⁹ Consultar Anexo AA - Entrevista António Ventura.

¹⁷⁰ Consultar Anexo BB - Entrevista Napoleão Ribeiro.

Cultural Tirsense e membro fundador da Escola de Gaitas da Ponte Velha, na qual leciona gaita-de-foles;

6. Joaquim Ferreira Dias¹⁷¹ – Presidente da Cooperativa dos Agricultores dos Concelhos de Santo Tirso e Trofa.

A entrevista realizou-se seguindo uma série de perguntas essenciais que o autor queria ver respondidas. No entanto, foi dado o espaço aos entrevistados para que surgissem diversas formas para a entrevista ser conduzida.

Assim, foram elaboradas 6 perguntas principais que constituíam o guião da entrevista, sendo que em alguns casos incluiu-se uma sétima pergunta que se direcionava a perceber o apoio que o projeto poderia obter da parte da entidade que os entrevistados representavam. De seguida é apresentado o guião das entrevistas aos *stakeholders*.

1. Na sua opinião sente que o município tem unido esforços para melhorar e aumentar as atividades turísticas no concelho?
2. Acredita que a criação de um museu ligado à identidade tirsense seria benéfica tanto para os turistas, como para a comunidade local e outros agentes envolvidos?
3. Tendo em conta a descrição do projeto e do ecomuseu que importância atribui à relação intrínseca entre os agentes do museu e a comunidade local?
4. No âmbito do museu e focando as temáticas que irá abordar, o que pensa encontrar no museu?
5. Quais acredita serem os maiores desafios para este projeto?

¹⁷¹ Consultar Anexo CC - Entrevista Joaquim Ferreira Dias.

6. Acredita que este projeto de ecomuseu poderá fazer a diferença dentro do espólio de património tirsense, e aumentando a curiosidade e visita dos locais?
7. Como representante da (nome da entidade) admite que o projeto poderia ser apoiado pela mesma? Em que medida acredita que esta entidade poderia ser um parceiro do projeto.
(Opcional)

Apesar das diversas entidades que foram representadas pelos entrevistados, no que respeita os *stakeholders*, houve um consenso de que o município de Santo Tirso tem trabalhado no sentido de melhorar e aumentar a oferta turística do concelho, sendo que o mais recente projeto relaciona-se com o Centro de Artes Alberto Carneiro e que estará intimamente ligado com o Museu Internacional de Escultura Contemporânea.

Todos os entrevistados demonstraram acreditar que a criação de um museu ligado à identidade tirsense seria benéfica tanto para os turistas, como para a comunidade local e outros agentes envolvidos, sendo que, dentro desta questão, vários foram os entrevistados que mencionaram a necessidade de criar raízes com o território e aumentar o sentido de pertença com o mesmo, bem como perceber as origens da população e do território.

Relativamente à importância atribuída à relação intrínseca entre os agentes do museu e a comunidade local, para os entrevistados, esta seria de extrema importância, pois a comunidade é o “mais direto beneficiário da preservação desse património e da transmissão do conhecimento”. Este é, também, um fator-chave para adquirir conhecimento aprofundado das temáticas abrangidas pelo ecomuseu, uma vez que muitos destes tópicos não constam em registo escrito.

Ficou claro que o ecomuseu iria tentar abranger as origens e desenvolvimento no tempo dos setores ligados à agricultura e à indústria têxtil, a exposição do desenvolvimento urbano da cidade de Santo Tirso e a história da Quinta de Gião, bem como os produtos típicos e as tradições do concelho, que estão relacionadas com as temáticas anteriores.

De modo consensual, percebeu-se que o maior desafio do projeto será a nível de financiamento, pelo que é necessário munir o projeto de profissionais qualificados para que exista um maior suporte aquando da sua apresentação e desenvolvimento.

Os entrevistados demonstraram acreditar que o projeto poderá fazer a diferença dentro do espólio de património tirsense, e aumentando a curiosidade e visita dos locais, uma vez que se pretende reabilitar um espaço com extrema importância no que respeita a cultura tirsense, ainda mais quando se pretende reabilitar um antigo lagar de azeite. No entanto, o ecomuseu deverá ser “um espaço dinâmico, de produção de conhecimento, que detenha uma dimensão lúdico-pedagógica, que preserve uma realidade que seja interessante, e que seja uma entidade ativa e operante no tecido socioeconómico” (Moreira, 2020).

Por último e de modo geral, ficou perceptível que os entrevistados, representando uma certa entidade, admitem que o projeto poderia ser apoiado por essa mesma entidade. Assim, o projeto poderia contar com recursos humanos, com o apoio na recolha dos testemunhos e na programação da agenda cultural, com a documentação, entre outros, bem como na cedência de instalações.

6.1.3 Entrevistas a Profissionais da área da Museologia

Com a evolução do trabalho e, especialmente, no que respeita a revisão bibliográfica, sentiu-se a necessidade de enriquecer o trabalho através de entrevistas a profissionais da área da museologia.

Estas entrevistas foram feitas de forma semiestruturada a seis profissionais. O ponto principal focou-se na partilha de informação sobre os novos desafios da museologia moderna, sendo que cada profissional foi, também, partilhando alguns autores e bibliografia que o autor poderia utilizar para a elaboração do trabalho.

Assim, houve um primeiro contacto para agendar esta partilha que foi realizada por videoconferência, chamada telefónica e até email.

Ao todo, e tal como referido anteriormente, foi possível comunicar com seis profissionais, sendo elas:

1. Isabel Andrade Silva - curadora no Museu Marta Ortigão Sampaio.
2. Patrícia do Vale - Curadora em Serralves. Tem um mestrado em curadoria na escola de Belas Artes.
3. Ana Bárbara Barros - Diretora do Museu Romântico do Porto.
4. Inês Moreira – Arquiteta, especialista em exposições de arte e de curadoria.
5. Cândida Cadavez - Professora na Escola Superior de Hotelaria do Estoril. Dirige um grupo ligado à Museologia, sendo especialista no período do Estado Novo.

6. Alice Semedo - Integra um projeto de investigação financiado pela FCT e dirige uma revista sobre museus.

A primeira entrevista foi realizada com Isabel Andrade Silva através de chamada telefónica. Tal como mencionado anteriormente, a entrevista modelou-se de forma informal. Ao longo da conversa percebeu-se que, no respeito a museologia moderna e no contexto do seu trabalho, Isabel crê que uma das mais importantes áreas de ação do museu atual compreende-se na área educativa. Para Isabel, o museu deve também conter cada vez mais as ações produtivas que recuperem “processos artesanais, mais limpos e saudáveis”. No contexto do projeto em concreto do ecomuseu, Isabel acredita que o facto de o lagar ser recuperado de forma a que voltasse a funcionar seria uma mais valia para o ecomuseu.

Assim, os museus devem tornar-se cada vez mais espaços, de conhecimento, bem-estar e educacionais, onde o enfoque do seu trabalho passe do objeto para “a pessoa”.

Na entrevista com Patrícia do Vale - feita, mais uma vez, via chamada telefónica -, e tendo raízes neste concelho, precisamente no território de Sanguinhedo, Ponte Velha e antiga quinta de Gião, foi sugerido que se voltasse a fazer uma visita à sede dos amigos de Sanguinhedo de forma a conseguir mais informação no que respeita a tradição das festas de Sanguinhedo¹⁷². Relembrou ainda que, durante estas festas, eram colocadas velas nas casas que rodeavam a zona tornando o local acolhedor e com uma certa mística.

Ao longo da conversa, e tratando o assunto de como se poderia incluir a tecnologia no ecomuseu, indicou as transcrições, o áudio, o vídeo e a realidade aumentada.

¹⁷² Consultar Anexo DD - Tradição das Festas de Sanguinhedo.

No que respeita a museologia contemporânea, Patrícia do Vale acredita que os museus têm alguns desafios principalmente em duas grandes áreas: “educativa, no que respeita a transmissão de conhecimentos, e na área informativa”. Em termos do serviço educativo poderão ser utilizadas estratégias como “os percursos temáticos, e adaptar a forma como conteúdos são disponibilizados, a fim de apelar a diferentes idades”.

Patrícia acredita que o novo paradigma dos museus tem enfoque principalmente na experiência, sendo que esta deverá “ser uma ligação não só através da informação ou conhecimento, mas também no percurso dentro do museu” fazendo uso dos diferentes tipos de “iluminação, conforto, áreas de lazer, entre outros”.

Durante e após a entrevista foram feitas algumas indicações de museus que poderiam ser interessantes pela forma como abordavam alguns temas que estariam relacionados com o projeto do ecomuseu, tal como o Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG), em Guimarães, o Museu do Douro, o Museu Nacional Thyssen-Bornemisza, o Ecomuseu Municipal do Seixal, Museu de Mértola, o Ecomuseu de Barroso e o Écomusée du Creusot em Paris.

A última entrevista feita recorrendo a chamada telefónica foi realizada com Alice Semedo. De facto, a conversa foi breve e focou-se na preocupação em perceber se os conceitos que estavam a ser utilizados no trabalho seriam os conceitos corretos para a ideia do projeto. Foi sugerido que voltasse a rever a revisão bibliográfica de modo a perceber se efetivamente o projeto deveria ser denominado de “ecomuseu”. Para além destes pontos foi também mencionado que no que respeita a museologia moderna tem sido cada vez mais utilizada uma estratégia museológica de conhecimento e um modelo de gestão participativo.

A primeira entrevista recorrida ao método de videoconferência foi realizada com Cândida Cadavez. No que respeita a museologia do século XXI, Cândida mencionou algumas personalidades que têm desenvolvido vários artigos relacionados com estes temas nos últimos anos, como Luís Raposo, arqueólogo e presidente do ICOM Europa, Maria Isabel Roque e Sofia Costa Pessoa. No entanto, e no conceito da produtividade e das ações criativas, é indicado um dos grandes autores no que respeita o conceito de turismo criativo, Greg Richards.

Durante a conversa foram dadas algumas dicas de melhoria do projeto e tentando perceber o rumo e paradigma da museologia moderna.

Para além destes temas e tendo em conta a explicação do projeto, houve o desafio de incluir um capítulo que abordasse os temas de storydoing e storytelling uma vez que seriam um dos atrativos diferenciadores do projeto, pelo que o desafio fora aceite e incluído na parte conceptual do trabalho.

A última entrevista recorrendo a videoconferência fora realizada com Ana Bárbara Barros. A longa conversa começa por fazer referência a algumas das principais áreas portuguesas com uma forte cultura de ecomuseu como é o caso do território de Loures e Seixal. No entanto Ana acredita que o Museu da Fundação do Douro é um grande exemplo da forma participativa da comunidade para com os museus e pela forma como expõe e incorpora os objetos.

Um dos grandes temas da entrevista focou-se na definição da missão e do público-alvo do projeto, sendo que, para Ana, um dos grandes desafios da museologia moderna prende-se no facto de que os museus devem perceber e definir estes conceitos desde a fase inicial dos

projetos sendo que no que respeita a missão, esta pode ir evoluindo e redefinir-se. Como tal foi colocado como desafio a inclusão de um ponto no trabalho que abordasse estes temas estratégicos: a missão, a visão e o público-alvo do ecomuseu. Outros grandes desafios da museologia prendem-se no facto de que esta se deve adaptar aos contextos onde se insere e cada vez mais tentar incluir as ferramentas tecnológicas de acordo com a coleção do museu. Ainda neste tema, Ana acredita que a “base dos museus está nas suas coleções/objetos”, no entanto é cada vez mais notória a importância em dedicar-se ao público do museu.

Ana acredita que, cada vez mais, e tendo em conta o ecomuseu, é necessário que a participação da comunidade seja realizada desde o início do projeto, ouvir a comunidade e tentar incluir as suas opiniões na construção da coleção do museu de forma a “criar museus para as pessoas” e criar “um sentido de pertença para com o espaço”, uma vez que os museus são muitas vezes vistos como espaços de grande formalidade/poder sem grande sentido de pertença.

No que respeita o tema tecnológico, acredita que as tecnologias são uma ferramenta para a construção de informação, mas também de comunicação dentro do museu, uma vez que um mero cartaz informativo tem um menor impacto interativo comparativamente a ferramentas tecnológicas.

Um dos grandes exemplos da incorporação da tecnologia em espaços museológicos no Norte de Portugal será o World of Discoveries, que explora o tema dos descobrimentos portugueses. No entanto, e no contexto da instituição onde labora, a Extensão do Romantismo do Museu Municipal da Cidade do Porto, exemplificou duas estruturas tecnológicas utilizadas no espaço. Um friso cronológico com um monitor touch que permite a leitura de várias áreas

específicas do período Romântico, como a sociedade, economia, personagens ilustres, entre outros e uma vitrine interativa com três níveis de informação que expõe um conjunto de objetos relacionados com a moda desse mesmo período. A vitrine tem, também ela, um monitor *touch* que poderá projetar um vídeo, imagem ou mais informações relativas ao objeto.

No entanto, o museu tem outros tipos de tecnologias no qual estão a trabalhar ou que já trabalharam, mas não incluíram tal como: guias sonoros por smartphone, QR codes e visitas virtuais através do smartphone, recorrendo a imagens 360°.

Por último outro grande tema abordado na entrevista prendia-se no conceito de *storydoing*, tendo o autor demonstrado a dificuldade na procura bibliográfica deste conceito no contexto museológico, foi indicado que a procura fosse feita através do termo “hands-on”. De facto, Ana acredita que as principais atividades existentes estão relacionadas com público infantojuvenil e público sénior. No entanto, é cada vez mais comum a adaptar dinâmicas diferentes a estes dois tipos de segmento. No público alvo tem-se notado algumas atividades onde o monitor toma o lugar do aprendiz e é o público que vai passando o conhecimento através das experiências pessoais. Estas ações são facilmente explicadas uma vez que os guias, são habitualmente pessoas de faixa etária mais jovem que explicam processos que não fizeram parte do seu quotidiano. No contexto da Extensão do Romantismo do Museu Municipal da Cidade do Porto, exemplifica estas atividades criativas com ações que utilizou com público mais jovem onde estes vestiam e ocupavam personagens de uma típica casa do século XIX.

Assim, a Ana acredita que a museologia deve tirar proveito das opiniões dos visitantes e da comunidade local estimulando a que os visitantes sejam críticos, participativos e ativos.

Capítulo VII – O Ecomuseu de Santo Tirso

Após a elaboração das temáticas conceptuais, assim como da pesquisa de campo e respetivas conclusões, o seguinte capítulo tem como finalidade a criação de um acervo museológico que se propõe a compor o ecomuseu de Santo Tirso.

7.1 A Proposta do Ecomuseu

A proposta para o ecomuseu passa pela criação de um espaço que demonstre a identidade e memória de Santo Tirso. No fundo, pretende-se criar um local que desenvolva algumas temáticas que são características da identidade tirsense, explicando as origens deste território e da comunidade local.

O ecomuseu irá localizar-se na antiga Quinta de Gião, em Santo Tirso. Pretende-se utilizar o antigo lagar de azeite na antiga casa dos lagareiros desta quinta. O lagar encontra-se com alguma degradação sendo que há a intenção de reabilitá-lo. Este lagar foi também um dos elementos que levou o autor em pensar criar um ecomuseu que estivesse ligado a atividades campesinas, uma vez que a quinta seria uma paisagem rural inserida no centro da cidade de Santo Tirso.



Figura 17: Imagem Aérea do Território do Ecomuseu; Fonte: Google Maps

Para além de todos estes elementos, pretende-se criar uma espécie de núcleo museológico, uma vez que, para além da antiga casa dos lagareiros da Quinta de Gião, será proposto a utilização de determinados espaços dentro dos três moinhos que se encontram perto desta casa.

Será importante integrar a comunidade nas variadas fases de planeamento, construção, desenvolvimento, e manutenção do ecomuseu. Para além desta inclusão pretende-se criar um espaço onde os habitantes possam dar o seu cunho pessoal, mas também que adquiram um sentido de pertença para com o mesmo.

Uma das estratégias a ser utilizada pelo ecomuseu foca-se, essencialmente, em criar um espaço ativo, que permita a interação de pessoas para com os objetos, e de pessoas para com as pessoas. Esta estratégia socioeducativa irá ser suportada pelas atividades que o ecomuseu irá desenvolver segundo a sua agenda cultural.

Um outro aspeto importante do ecomuseu é exatamente esta aprendizagem, que estará, também ela, ligada à inclusão da comunidade local. Para além do acervo físico do museu,

pretende-se criar uma base de dados com várias histórias e testemunhos dos habitantes locais, que permitam a transmissão de conhecimento de forma individual, e que permitam a liberdade destes em se pronunciarem da forma mais conveniente e sobre as temáticas que lhes tenham mais significado.

Assim, o ecomuseu irá munir-se de algumas tecnologias que permitam a exibição destes testemunhos. A ideia seria criar uma espécie de aplicação ou QR Codes¹⁷³ para cada exposição e que ao contactarem com um certo objeto, através destas ferramentas tecnológica, fosse dado o espaço ao visitante para perceber a realidade da comunidade local e que permitisse uma maior informação para cada objeto. Estas informações seriam exibidas tendo por base texto, áudio, fotografia, vídeos, entre outros,

Desta forma, tanto com a utilização das tecnologias como com a disponibilidade de obter experiências únicas e autênticas, o ecomuseu será capaz de responder a alguns dos principais desafios descritos no Capítulo II, sobre “Os Novos Desafios da Museologia Moderna.”

A missão do ecomuseu passará por tentar incluir a comunidade local na criação de um espaço comum e ativo, que inclua momentos pedagógicos, lúdico/recreativos e socioeducativos, e que contribua para a preservação, conservação e divulgação da história que define o povo tirsense.

Apesar de não ser possível definir o segmento de visitantes que o ecomuseu pretende, essencialmente, captar, é possível indicar que tanto os tirsenses residentes no concelho como os tirsenses residentes fora do concelho serão um dos principais público-alvo. Ainda assim o

¹⁷³ Consultar Anexo EE, Figuras 218 e 219 - Exemplo de utilização de aplicação para telemóvel e de QR CODE em contexto museológico

ecomuseu tentará captar todos os indivíduos que tenham interesse no património e identidade local, tendo ainda como segmentos de nicho todos os indivíduos que pretendam aprofundar algumas das diferentes temáticas que serão abordadas nas exposições do ecomuseu.

Assim, propõe-se a criação de quatro exposições temáticas. Estas exposições abordam alguns dos principais elementos que diferenciam Santo Tirso de outros territórios, sendo que nenhum dos temas se pode dissociar dos restantes. Propõe-se, portanto, que as exposições sejam divididas da seguinte forma:

- A agricultura tirsense¹⁷⁴: nesta exposição pretende-se colocar a história e o desenvolvimento deste setor económico no concelho. Perceber a sua evolução ao longo do tempo, quais os produtos agrícolas mais utilizados no concelho, assim como expor alguns instrumentos tradicionais agrícolas nos diferentes ciclos de atividade como no cultivo, transformação, produção entre outros. Para tal, espera-se que a exposição tenha por base objetos, imagens, diferentes testemunhos dos atuais e maiores produtores neste setor, contando também com os testemunhos dos habitantes que utilizam a agricultura de subsistência, entre outros. Esta exposição contará, também, com o antigo lagar de azeite, que será reabilitado e que poderá exemplificar como seria trabalhado o azeite numa das suas formas de produção mais tradicional e artesanal.
- A indústria têxtil¹⁷⁵ – nesta exposição pretende-se desenvolver aquele que foi o grande impulsionador do desenvolvimento da cidade, percebendo a sua evolução ao

¹⁷⁴ Consultar Anexo EE, Figura 220 e 221 - Exemplo de Exposição relacionada com a agricultura e reabilitação de um antigo lagar de azeite.

¹⁷⁵ Consultar Anexo EE, Figura 222 e 223 - Exemplos de exposição relacionada com a indústria têxtil e do fabrico do linho.

longo do tempo, expondo a contextualização das maiores empresas tirsenses neste setor. Tal como na exposição da agricultura tirsense, pretende-se obter os testemunhos dos habitantes que tenham estado ligados, de alguma forma, a este setor, seja como gerente de empresa, como operário, como de habitantes que trabalhem produtos têxteis de forma artesanal como é o caso do linho e do algodão, entre outros. Na Figura 18 é possível observar o local das exposições “ A Agricultura” e “ A Indústria Têxtil” e Reabilitação do Lagar de Azeite.



Figura 18: Local das Exposições “A Agricultura” e “A Indústria Têxtil” e Reabilitação do Lagar de Azeite; Fonte: Google Maps

- Santo Tirso: Ontem, Hoje e Amanhã e a Quinta de Gião¹⁷⁶ – nesta exposição pretende-se demonstrar o desenvolvimento do tecido urbano da cidade de Santo Tirso. Para tal pretende-se obter, através da tecnologia, uma espécie de friso cronológico com recurso a um monitor *touch* que permita perceber as alterações ao longo dos anos. Ainda dentro desta exposição será elaborada a temática da Quinta de Gião, que está, também ela, ligada ao desenvolvimento da urbanização da cidade.

¹⁷⁶ Consultar Anexo EE, Figura 224 - Exemplo de ecrã touch interativo no contexto museológico.

Uma vez que o ecomuseu será sediado nesta antiga quinta, fazia todo o sentido para o autor, criar um espaço que pudesse explorar a sua história, a sua relação com a cidade, e perceber a linhagem dos proprietários e moradores deste local. A informação para o desenvolvimento desta temática terá como base a pesquisa realizada pelo autor durante o projeto e que permitirá, no futuro, recolher um maior leque informação. Na Figura 19 é possível observar o local da exposição “Santo Tirso: Ontem, Hoje e Amanhã e a Quinta de Gião”.



Figura 19: Local da Exposição “Santo Tirso: Ontem, Hoje e Amanhã e a Quinta de Gião”; Fonte: Google Maps

- Os Produtos Locais e as Tradições – nesta exposição pretende-se exibir alguns dos principais produtos locais como é o caso dos jesuítas e limonetes, as bolachas monásticas, o licor de Singeverga, o vinho verde, o artesanato local, entre outros. Estes terão como suporte um estudo sobre cada produto e pretende-se, junto da comunidade, adquirir algumas curiosidades sobre os mesmos. Ainda dentro desta exposição, será elaborada a temática das tradições. Dentro deste tema serão trabalhados alguns ditados populares, festas e romarias locais, curiosidades sobre a

população tirsense, entre outros. O suporte informativo para este tema será uma exaustiva pesquisa junto da comunidade, principalmente a comunidade sénior, recolhendo o seu testemunho e juntando a informações recolhidas através desta pesquisa com a restante bibliografia. Na Figura 20 é possível observar o local da exposição “Os Produtos Locais e as Tradições”.



Figura 20: Local da Exposição “Os Produtos Locais e as Tradições”; Fonte: Google Maps

7.3 A Oferta Cultural

A oferta cultural será o elemento que dará a dinâmica e que fará do ecomuseu, uma instituição com vida e ativa. Este elemento será o principal ativo diferenciador do ecomuseu sendo que é precisamente neste ponto que se propõe a cooperação ativa tanto dos *stakeholders* como da comunidade local.

Importa ressaltar que estas atividades, serão desenvolvidas essencialmente no que respeita ao ecomuseu como instituição, no entanto, poderá fazer sentido desenvolver novas atividades, ou até mesmo implementar atividades já existentes no ecomuseu, inserindo-as na

oferta cultural de outras entidades tirsenses, como é o caso da Câmara Municipal de Santo Tirso.

Através da oferta cultural o ecomuseu poderá implementar as abordagens socioeducativas a que se propõe através de um espaço ativo, tal como mencionado anteriormente, que permita a interação de pessoas para com os objetos, e de pessoas para com as pessoas.

Prevê-se que um dos moinhos da sede da Associação Amigos de Sanguinhedo seja utilizado para a execução destas atividades. No entanto poderá fazer sentido utilizar as infraestruturas das restantes exposições, a envolvente ao ar-livre, o parque urbano de Geão ou outras instalações, como a biblioteca municipal e a Câmara Municipal. Na Figura 21 é possível observar o local destinado à oferta cultural do ecomuseu.



Figura 21: Local Destinado à Oferta Cultural do Ecomuseu; Fonte: Google Maps

Transversalmente às diferentes atividades que o ecomuseu se propõe a desenvolver, será possível, ao visitante, usufruir de atividades recreativas e experiências autênticas e únicas. Estas irão permitir a aprendizagem e conhecimento de certas temáticas que serão abordadas em cada uma dessas mesmas atividades.

Apesar de se pretender fazer um esforço para desenvolver uma oferta cultural abrangendo as mais variadas faixas etárias, compreende-se que o maior leque de atividades será destinado a um público infantojuvenil e a um público sénior.

Assim, e apesar de serem temáticas presentes em toda a proposta do ecomuseu, a este elemento estará bastante presente o tema abordado no subcapítulo 2.2, “*Storytelling vs. Storydoing*”, relativo ao *Storydoing* e incentivando o visitante a criar novos conteúdos e novas narrativas através da participação ativas nas atividades propostas pelo ecomuseu.

Desta forma, o ecomuseu tentará criar uma oferta diversificada, abrangendo as várias temáticas do acervo museológico.

De seguida, são apresentadas, na Tabela 5, algumas das atividades que podem ou não ser complementares às diferentes exposições, e que poderão ser incluídas na oferta cultural do ecomuseu.

Proposta de Atividades Culturais a Incluir no Ecomuseu				
Identificação da Atividade	Temática da Atividade ¹⁷⁷	Descrição	Possíveis Parceiros	Possível Local para realização da atividade ¹⁷⁸
Workshop Fabrico do Linho	2	Atividade que demonstra os vários processos de produção artesanal do linho no concelho de Santo Tirso, recorrendo a instrumentos tradicionais do fabrico deste produto;	Artesãos tirsenses e Comunidade Local;	1
Workshop artesanato tirsense ¹⁷⁹	4	Atividade onde é possível aprender a realizar alguns produtos do artesanato tirsense como é o caso da madeira, cerâmica,	Artesãos tirsenses e Comunidade Local;	4

¹⁷⁷ Por número 1 entende-se a temática referente à agricultura tirsense; por número 2 entende-se a temática referente à Indústria Têxtil; por número 3 entende-se a temática referente a Santo Tirso: Ontem, Hoje e Amanhã e a Quinta de Gião; por número 4 entende-se a temática referente aos produtos locais e as tradições;

¹⁷⁸ Por número 1 entende-se o local da exposição da agricultura tirsense e a Indústria Têxtil; por número 2 entende-se o local da exposição “Santo Tirso: Ontem, Hoje e Amanhã e a Quinta de Gião”, por número 4 entende-se o local da exposição dos produtos locais e as tradições e por número 4, entende-se o local designado para a oferta cultural do ecomuseu

¹⁷⁹ Consultar Anexo FF, Figura 225 - Exemplos de artesanato tirsense – madeira.

		azulejo, entre outros.		
Oficina Construção de Instrumentos Tradicionais ¹⁸⁰	4	Atividade onde é possível aprender a construir diversos instrumentos através de plantas, como por exemplo Gaita de Barcego, Gaita de Abobedeira, entre outros;	Escola de Música Tradicional da Ponte Velha;	3
Oficina de Construção Figuras da Cascata da Festa de Sanguinhedo ¹⁸¹	3; 4	Atividade onde é possível aprender a construir as pequenas peças de madeiras que são integradas todos os anos na Cascata das Festas de Sanguinhedo;	Associação Cultural Amigos de Sanguinhedo;	3; 4
Workshop Produção de Azeite	1; 4	Atividade onde é possível aprender o processo de fabrico tradicional do azeite recorrendo ao antigo lagar de azeite presente na	Comunidade Local, Associação Cultural Amigos de Sanguinhedo; Câmara Municipal de Santo Tirso; Cooperativa dos Agricultores dos Concelhos de Santo Tirso e Trofa;	1

¹⁸⁰ Consultar Anexo FF, Figura 226 - Exemplos de construção de instrumentos tradicionais - Gaita de Barcego com Napoleão Ribeiro.

¹⁸¹ Consultar Anexo FF, Figura 227 - Figura artesanal da cascata das Festas de Sanguinhedo.

		Sede da Associação Amigos de Sanguinhedo;		
Oficina de Atividades Agropecuárias	1	Conjunto de atividades onde é possível aprender o processo de criação de gado, perceber os diferentes tipos de animais de criação no concelho e as características principais de cada um, bem como atividades ligadas a cada animal, como por exemplo a tosquia da ovelha, a ordenha das vacas, entre outros;	Comunidade Local; Produtores Locais; Cooperativa dos Agricultores dos Concelhos de Santo Tirso e Trofa;	1; Quintas e terrenos de produção agrícola no concelho
Recreação de eventos sociais tradicionais ¹⁸²	1	Conjunto de atividades ligadas ao quotidiano campesino tradicional; Recreação junto da comunidade local de desfolhadas, magustos, vindimas, queima do	Comunidade Local; Associação Cultural Amigos de Sanguinhedo; Câmara Municipal de Santo Tirso; Cooperativa dos Agricultores dos Concelhos de Santo Tirso e Trofa; Entre outros;	Envolvente do Ecomuseu ao “ar livre”; Parque Urbano de Geão

¹⁸² Consultar Anexo FF, Figura 228 - Recriação de desfolhadas.

		judas, cantar dos reis, entre outros;		
Visita Guiada a Espaços Tirsenses relacionados com a Indústria Têxtil	2; 3	Atividade onde é possível perceber a dinâmica e a realidade de antigas e de atuais empresas relacionadas com a indústria têxtil no concelho;	Comunidade Local; Empresas Locais;	Indústrias têxteis do concelho
Visita Guiada a quintas e produtores do concelho	1; 3	Atividade onde é possível perceber a dinâmica e a realidade de antigas e de atuais empresas e produtores agrícolas do concelho;	Comunidade Local; Câmara Municipal de Santo Tirso; Cooperativa dos Agricultores dos Concelhos de Santo Tirso e Trofa;	Quintas e terrenos de produção agrícola no concelho
Visita Guiada Pela Cidade	3	Atividade onde é possível conhecer de forma exploratória a cidade de Santo Tirso e perceber as diferentes alterações na urbanização da cidade tendo em conta a exposição sobre Santo Tirso: Ontem	Câmara Municipal de Santo Tirso;	Cidade de Santo Tirso

		e Hoje e a Quinta de Geão;		
Peça Teatral Lenda do Espada a Rastos	3; 4	Atividade de recreação em forma teatral da famosa Lenda do Espada a Rastos, utilizando atores ou os próprios visitantes para as diferentes personagens da peça;	Biblioteca Municipal; Câmara Municipal de Santo Tirso; Associação Cultural Amigos de Sanguinhedo	Biblioteca; Câmara Municipal de Santo Tirso; Envolvente do Ecomuseu ao “ar livre”; Parque Urbano de Geão
Workshop e Aulas de Gastronomia Tirsense ¹⁸³	4	Atividade onde é possível aprender a cozinhar alguns dos principais pratos tradicionais da cozinha tirsense, como por exemplo, o cabrito e o arroz no forno, o pão e a broa tradicional, o caldo verde; o cozido à portuguesa, entre outros;	Restaurantes Locais; Comunidade Local;	4; Restaurantes do concelho
Workshop e Aulas de Confeção de Jesuítas e Limonetes, Visita Guiada a	4	Atividade onde é possível aprender a confeccionar duas das mais	Confeitarias/Pastelarias Locais;	4; Confeitarias Tirsenses

¹⁸³ Consultar Anexo FF, Figura 229 - Exemplo de workshop de gastronomia.

algumas das mais emblemáticas confeitarias do concelho		afamadas iguarias da doçaria tirsense, os jesuítas e os limonetes ao mesmo passo em que visitam os locais mais procurados pelos visitantes, onde são produzidos estes doces.		
--	--	---	--	--

Tabela 5: Proposta de Atividades Culturais a Incluir no Ecomuseu; Fonte: do autor

Considerações Finais

Os ecomuseus, surgem, portanto, como modelo de uma museologia integrativa e como promotor do turismo cultural, combinando aspetos culturais materiais e imateriais como tradições orais, expressões de folclore, linguagem, tradições, festivais, entre outros. Para além disso, são desenvolvidos outros conceitos relacionados com o ecomuseu como a memória coletiva e a construção/reconstrução do passado.

É precisamente dentro destes conceitos que a comunidade local é vista como um agente essencial durante todos os processos que acompanham o ecomuseu.

Este modelo pode ser utilizado como estratégia de desenvolvimento endógeno sustentável, integrado no território, valorizando e conservando o património local, ao mesmo passo que faz uso daquelas que são as potencialidades do território.

Tanto os ecomuseus, como os restantes modelos museológicos devem responder às necessidades do seu meio envolvente, sendo que atualmente estes devem ser espaços vivos, participativos e experienciais, que permitam o contacto direto entre os visitantes e os objetos expostos, com um papel fundamental na educação e inclusão social, no qual incentivam a formação do espírito crítico e fazendo uso, nos vários processos museológicos, da tecnologia.

Neste contexto surgem os temas de “*Storytelling*” e “*Storydoing*” que proporcionam envolvimento passivo e ativo, respetivamente, dos visitantes, fazendo face à necessidade de interatividade e experiências entre os objetos do museu e o visitante.

Assim, a proposta de criação de um ecomuseu em Santo Tirso, surge no contexto do território tirsense, fazendo uso de alguns elementos que são caracterizadores da identidade e memória desde local, a agricultura, a indústria têxtil e os produtos locais.

Dentro desta proposta definiu-se, como local de instalação desta instituição museológica, a antiga casa dos lagareiros da Quinta de Gião, que seria uma quinta localizada junto ao rio Sanguinhedo e ao local da Ponte Velha, da cidade de Santo Tirso. Esta terá ficado ao abandono na segunda metade do século XIX, sendo que atualmente serve como sede da Associação Amigos de Sanguinhedo e nela é possível encontrar um antigo lagar de azeite.

Em suma, e tendo por base as diversas entrevistas realizadas no trabalho de campo, denotou-se um interesse tanto pela parte da comunidade local como pela parte dos *stakeholders* em desenvolver um projeto onde fosse possível preservar, documentar, conservar, informar, entre outros aspetos, o público sobre o património deste território. Percebe-se, também, que, no geral, os entrevistados e principalmente a comunidade local estaria disposta a cooperar e a visitar um espaço museológico dedicado a estas temáticas tanto naquilo que seria a cedência de instalações, como apoio através de recursos materiais e humanos, na participação ativa no desenvolvimento da oferta cultural, entre outros.

De facto, a grande questão prende-se com o financiamento do projeto e em encontrar os parceiros e os profissionais que permitam o desenvolvimento do projeto em concreto, e que possibilitem a aplicação desta proposta num projeto real no território de Santo Tirso.

Bibliografia

Adega Cooperativa de Santo Tirso e Trofa. (s.d.). Produção de vinhos - Adega Cooperativa.

www.sabemais.pt. Consultado a 29 de agosto de 2020, em:

<https://www.sabemais.pt/informacao/2/27066>.

Adega Cooperativa de Santo Tirso e Trofa. (s.d.). Vinhos Produzidos e Comercializados.

www.sabemais.pt. Consultado a 29 de agosto de 2020 em:

<https://www.sabemais.pt/informacao2/2/27066/100>.

Alves, J. F. (1995). Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela - As Origens. *O TRIPEIRO*,

7ª série, ano XV, nº 1-2 (Janeiro/Fevereiro), p. 41-46, e nº 3, p. 84-88. Consultado a

5 de julho de 2020, em:

[https://www.researchgate.net/publication/37657127_Fabrica_de_Fiacao_e_Tecidos
_do_Rio_Vizela_as_origens](https://www.researchgate.net/publication/37657127_Fabrica_de_Fiacao_e_Tecidos_do_Rio_Vizela_as_origens).

Alves, L., & Carvalho, P. (Junho de 2014). Ecomuseus e Desenvolvimento Local: O Caso

do Ecomuseu Tradições do Xisto (Serra de Lousã). *DELOS - Revista Desarrollo*

Local Sostenible, Vol 7. Nº 20. Universidad de Málaga y Red Académica

Iberoamericana Local-Global: Consultado a 29 de Janeiro de 2020, em:

<http://www.eumed.net/rev/delos/20/ecomuseus.pdf>.

Barbosa, F. F. (Fevereiro de 2005). O Turismo como Um Fator de Desenvolvimento Local

e/ou Regional. *Caminhos de Geografia 10(14)107-114*. Instituto de Geografia UFU:

Consultado a 22 de Janeiro de 2020, em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15380>.

Barbosa, J. M. (2002). A Flor do Campo (Tese de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Consultado a 3 de julho de 2020, em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10858?locale=pt>.

Botallo, M. (1995). Os museus tradicionais na sociedade contemporânea: uma revisão. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 5: 283-287. São Paulo: Consultado a 8 de abril de 2020, em: <http://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/109242/107713/>.

Brullon, B. (Agosto de 2015). A Invenção do Ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-Les-Mines e a Prática da Museologia Experimental. *Mana vol.21, nº2*. Rio de Janeiro: Consultado a 29 de Dezembro de 2019, em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p267>.

Câmara Municipal de Santo Tirso. (2019). Fábrica do Rio Vizela ganha nova vida a partir de janeiro. *www.cm-stirso.pt*. Consultado a 4 de julho de 2020, em: <https://www.cm-stirso.pt/conhecer/noticias/noticia/fabrica-do-rio-vizela-ganha-nova-vida-a-partir-de-janeiro>.

Câmara Municipal de Santo Tirso. (s.d). Município. *www.cm-stirso.pt*. Acedido em 22 de Outubro de 2018, em: <https://www.cm-stirso.pt/viver/municipio/caraterizacao/municipio>.

Câmara Municipal de Santo Tirso. (s.d.). Fábrica Santo Thyrsó. *www.cm-stirso.pt*. Consultado a 4 de julho de 2020, em: <https://www.cm-stirso.pt/viver/cultura/fabrica-santo-thyrso>.

Carvalho Correia, F. (2008). O mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588 : a silhueta de uma entidade projectada no chão de uma história milenária : volume I, estudo (Tese de Doutoramento). *Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico*. Consultado a 25 de Fevereiro de 2020, em: https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/10347/2416/1/9788498870381_content.pdf.

Carvalho, C., & Sardo, A. (2015). O Património Rural como Recurso Propulsor do Desenvolvimento Turístico Local: proposta de criação do Ecomuseu da Cordinha. *Inovação, Gestão e Educação em Turismo e Hotelaria: Investigação Aplicada*. Instituto Politécnico da Guarda: Consultado a 26 de Janeiro de 2020, em: http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/2368/3/Carvalho%2c%20Cla%2c%20Anabela%20-%20O%20Patrim%2c%20Rural%20como%20Recurso%20Propulsor%20do%20Desenvolvimento%20Tur%2c%20adstico%20Local_.

Chinelli, M. (2009). Experimentos e Contextos nas Exposições Interativas dos Centros e Museus de Ciências. *Investigações em Ensino de Ciências – VI4(3)*, pp. 377-392. Consultado a 12 de Maio de 2020, em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/348>.

Cleaver, J. (1992). *Doing Children's Museums: A Guide to 265 Hands-On Museums*. Charlotte, Vermont, Joanne Cleaver, Williamson Publishing Co.: Consultado a 15 de maio de 2020, em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED382399.pdf>.

Coelho, C. G. (2018). Têxtil no Vale do Ave e Internacionalização – o caso de Santo Tirso na imprensa local (1885 –1980) (Tese de Mestrado). Faculdade de Letras da

Universidade do Porto: Consultado a 4 de julho de 2020, em:
<https://core.ac.uk/reader/160610052>.

Conselho Local de Ação Social de Santo Tirso. (2019). Diagnóstico Social de Santo Tirso .
Cadernos Temáticos - Atividade económica, emprego e formação; Versão 1.5.
Câmara Municipal de Santo Tirso: Consultado a 6 de julho de 2020, em:
[https://www.cm-](https://www.cm-stirso.pt/cmsantotirso/uploads/document/file/5402/caderno_emprego_versao1_5.pdf)
[stirso.pt/cmsantotirso/uploads/document/file/5402/caderno_emprego_versao1_5.pdf](https://www.cm-stirso.pt/cmsantotirso/uploads/document/file/5402/caderno_emprego_versao1_5.pdf)

Coriolano, L. N. (2012). A Contribuição do Turismo a Desenvolvimento Local. *Turismo, Espaço e Estratégias*, pp. 61-70 - Anderson Pereira Portugal, Giovanni Seabra, Odaléia Telles M. M. Queiroz (Organizadores). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB: Consultado a 22 de Janeiro de 2020, em:
https://www.researchgate.net/profile/Fabia_Trentin/publication/236842411_Turismo_e_Estrategias_de_Developimento_Local_Uma_Reflexao_Sobre_as_Politicadifusionista_e_Territorialista/links/02e7e519524ad337b3000000/T.

Correia, F. (s.d.). *O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588. A Silhueta de uma Entidade Projetada no Chão de uma História Milenária: Tese de Doutoramento*. Universidade de Santiago de Compostela: Faculdade de Geografia, História e Arte - Departamento de História Medieval e Moderna.

Costa, F. d. (s.d.). A Indústria Têxtil na Bacia Hidrográfica do Rio Ave Uma Perspectiva Segundo As Fábricas de Fiação e Tecidos, Numa Relação Historicamente Sustentada pelo Domínio Público Hídrico. CEGOT/Departamento de Geografia, Instituto de

Ciências Sociais, Universidade do Minho: Consultado a 3 de julho de 2020, em:
https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/22632/1/A%20IND%C3%9AS%20TRIA%20T%C3%8AXTIL%20NA%20BACIA%20HIDROGR%C3%81FICA%20DO%20RIO%20AVE_%20FranciscoCosta.pdf.

Creusot Montceau Tourisme. (s.d.). The Museum of Man and Industry - Connect with Le Creusot's industrial history. <https://www.creusotmontceautourisme.fr>. Consultado a 6 de Agosto de 2020, em: <https://www.creusotmontceautourisme.fr/en/discover/le-creusot/a-rich-industrial-past/preserved-industrial-heritage/the-chateau-de-la-verrierie/the-museum-of-man-and-industry>.

Davis, P. (2008). New Museologies and the Ecomuseum. *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. Ashgate e Books: Consultado a 29 de Dezembro de 2019, em: https://books.google.pt/books?hl=pt-BR&lr=&id=iyHzEUKUe8C&oi=fnd&pg=PA397&dq=ecomuseum&ots=P2fwIE0k8A&sig=Pg0KBcAiblKuWxp1F3rCqr-bAqA&redir_esc=y#v=onepage&q=ecomuseum&f=false.

Davis, P. (2009). Ecomuseums and the representation of place. *Rivista Geografica Italiana*, Vol. 116, 483-503. Pacini Editore SpA: Consultado a 20 de Janeiro de 2020, em: <https://eprint.ncl.ac.uk/34586>.

Davis, P. (2011). Ecomuseum: A Sense of Place. *2nd Revised edition*. Continuum International Publishing Group Ltd: Consultao a 13 de Janeiro de 2020, em: <https://books.google.pt/books?id=SZMs3ufXeeoC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q=antennae&f=false>.

Davis, P. (2019). Ecomuseum Indicators and the '21 Principles'. *On Community and Sustainable Museums*. EULAC Museums: Consultado a 20 de Janeiro de 2020, em : https://eulacmuseums.net/eulac_museums_docs/EULAC_COMPENDIUM.pdf.

Desvallées, A. (2000). L'écomusée : rêve ou réalité, . *Publics et Musées*, n°17-18 . Consultado a 29 de Dezembro de 2019, em: https://www.persee.fr/issue/pumus_1164-5385_2000_num_17_1.

Direção-Geral do Património Cultural. (s.d.). Ecomuseu Municipal do Seixal. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt>. Consultado a 10 de agosto de 2020; em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/ecomuseu-municipal-do-seixal/>.

Dutta, P. (2005). The concept of ecomuseum a study with special reference to Majuli as a heritage site (Tese de Doutoramento). *Tezpur University in the Department of Cultural Studies*. Consultado a 03 de Janeiro de 2020, em: <https://shodhganga.inflibnet.ac.in/handle/10603/97356>.

Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento - EPACSB. (s.d.). História da Escola. www.epacsb.pt. Consultado a 3 de agosto de 2020 em: <https://epacsb.pt/historia.php>.

Espinoza, M. C. (2017). Narrativa Transmedia y su relación con el comportamiento del prosumidor a través de la campaña publicitaria "Leyes de la Amistad de Pilsen" (Tese de Mestrado). *Facultad de Ciencias de la Comunicación, Turismo y Psicología Sección de Posgrado*. Lima, Peru,:: Consultado a 18 de abril de 2020, em: http://www.repositorioacademico.usmp.edu.pe/bitstream/handle/usmp/3068/chump_en_em.pdf?sequence=3&isAllowed=y.

EULAC Museums. (s.d.). *Projeto*. Obtido de <https://eulacmuseums.net/>: Consultado a 29 de Janeiro de 2020, em: <https://eulacmuseums.net/index.php/pt-eulac-projecto>

Gomes, A. (2013). Escola Agrícola de Santo Tirso, 100 anos a formar técnicos para a Agricultura. *IMPACTUM - Coimbra University Press*. Publindústria: Consultado a 2 de agosto de 2020, em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/29959/1/Agrotec7_artigo24.pdf.

Gomes, P., & Silva, J. (s.d.). Santo Tirso - ConVida... Anégia Editores.

Ibrahim, S. (2019). Social Development through Storytelling at Heritage Sites and Museums. *International Journal of Heritage and Museum Studies, Artigo 16, Volume 1, Issue 1, Page 240-245*. Consultado a 15 de maio de 2020, em: https://journals.ekb.eg/article_119043_cfd1a5188cf2ee7c15f6a6692239bf4c.pdf.

ICOM. (19 de março de 2015). Definição: Museu. <http://icom-portugal.org/>. Consultado a 9 de abril de 2020, em: <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>.

Instituto Nacional de Estatísticas. (2014). Censos 2011. XV Recenseamento Geral da População. V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados definitivos. Consultado a 10 de Fevereiro de 2020; em: ftp://fogos.icnf.pt/pmdfci/13_Porto/1314/2G/Caderno_I/Mapas/10_POP_SETOR_ACTIVIDADE_SANTO_TIRSO.pdf.

Instituto Nacional de Estatísticas. (2016). Anuário Estatístico da Região Norte. Consultado a 01 de Fevereiro de 2020, em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=277187213&PUBLICACOESmodo=2.

Instituto Nacional de Estatísticas. (2018). Anuário Estatístico da Região Norte. Consultado a 1 de Fevereiro de 2020, em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=410498016&PUBLICACOESmodo=2.

Instituto Nacional de Estatísticas. (2017). Anuário Estatístico da Região Norte. Consultado a 1 de Fevereiro de 2020 em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=320468948&PUBLICACOESmodo=2.

Jornal do Ave. (2016). Mosteiro de Singeverga. Consultado a 30 de junho de 2020, em: <https://www.youtube.com/watch?v=tGS5H39nmbs>.

Jornal do Ave. (Março de 2018). Confeitaria Algarve vence Concurso Pudim Condessa Aldara. *www.jornaldoave.pt*. Consultado a 6 de setembro de 2020, em: <https://www.jornaldoave.pt/confeitaria-algarve-vence-concurso-pudim-condessa-aldara/>.

Lebaudyles, G. (2016). Les Métamorphoses du Bon Berger. *Jean Blanc et L'Exposition Berger de France Aux Origines de La Patrimonialisation du Pastoralism*. Région Languedoc-Roussillon; Centre National du Livre: Consultado a 5 de agosto de 2020; em: <http://docplayer.fr/46436155-Les-metamorphoses-du-bon-berger-mobilites-mutations-et-fabrique-de-la-culture-pastorale-du-sud-de-la-france.html>.

Leite, P. P. (2016). Ecomuseus e Museologia Social. *Informal Museology Studies n° 14*. Marca d' Água: Consultado a 28 de Janeiro de 2020, em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/49128546/ecomuseus_e_ecom

useologia_REDUX.pdf?response-content-
disposition=inline%3B%20filename%3DEcomuseus_e_Museologia_Social.pdf&X-
Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-A.

Lendas e Tradições - A Lenda do Espada a Rastos, cite em: "santotirsodigital.com". (2010).

Acedido em: 08 de Outubro de 2018, em:
<http://portugalparanormal.com/index.php/topic,5077.0.html>.

Liga dos Amigos do Hospital de Santo Tirso. (2014). Revista Liga dos Amigos do Hospital

de Santo Tirso, nº27. Consultado a 01 de Março de 2020, em:
https://issuu.com/lemosstudiocreative/docs/r_lahst_27.

Marcos, T. (2015). Story - Telling and Doing (Tese de Mestrado). *ISCTE Business School -*

Instituto Universitário de Lisboa. Consultado a 19 de Abril de 2020, em:
[https://repositorio.iscte-
iul.pt/bitstream/10071/11627/1/Tese%20de%20Teresa%20Marcos.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/11627/1/Tese%20de%20Teresa%20Marcos.pdf).

Moortheeswari, & K., S. (s.d.). Telling stories with museum objects – Reflection on

Interpretation. Consultado a 14 de abril de 2020, em:
[http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/cidoc/ConferencePap
ers/2015/CIDOC_Paper_K._Moortheeswari.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/cidoc/ConferencePapers/2015/CIDOC_Paper_K._Moortheeswari.pdf).

Morais, F. (2017). Jesuíta: história e receita. Porto.

Moreira, A., Correia, F. C., Melo, C., & Gomes, M. (s.d.). Santo Tirso. Das Origens do

povoamento à atualidade. *Câmara Municipal de Santo Tirso*.

Mostra de Usos e Costumes do Concelho de Santo Tirso. (14 de Julho).

- Muchacho, R. (2009). *Museus e Novos Media: Redefinição do Espaço Museológico* (Tese de Mestrado). *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia*. Lisboa: Consultado a 9 de abril de 2020, em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/rute_muchacho.pdf.
- Mulholland, e. a. (2016). *Modelling museum narratives to support visitor interpretation. Artificial Intelligence for Cultural Heritage, Editors: Luciana Bordonì, Francesco Mele, Antonio Sorgente, pp.3-22*. Consultado a 16 de abril de 2020, em: https://www.researchgate.net/publication/305391606_Modelling_museum_narratives_to_support_visitor_interpretation.
- Museu Municipal Abade Pedrosa. (s.d.). *Fábrica de Fiações e Têxteis de Santo Tirso. mmap.cm-stirso.pt*. Consultado a 4 de julho de 2020, em: <http://mmap.cm-stirso.pt/fabrica-fiacoes-texteis-santo-tirso/>.
- Neves, R. (2019). *Antiga Arco Têxteis vai ter investimento de 40 milhões e criar 500 empregos. www.jornaldenegocios.pt*. Consultado a 6 de julho de 2020, em: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/imobiliario/detalhe/antiga-arco-texteis-vai-ter-investimento-de-40-milhoes-e-criar-500-empregos>.
- Nóbrega, V.-O. d. (1957). *Pedras de Armas do Concelho de Santo Tirso : (Heráldica de Família). O Concelho de Santo Tirso: Boletim Cultural. - Vol.5, p. 113-231*. Câmara Municipal de Santo Tirso.
- Nogueira, A., & Costa, B. (2017). *Monges fabricam licor em Santo Tiso. (A. Correia Costa, Entrevistador)*

Olaio, N. M., & Moreira, Á. B. (s.d.). Comemoração dos 150 anos [da] Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela. Santo Tirso: Consultado a 27 de julho de 2020, em: <https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos/a.595171917215801/595195113880148/?type=1&theater>.

OPAC - Observatório Português das Atividades Culturais. (Novembro de 2020). Relatório do Grupo de Projeto Museus no Futuro.

Organização Elizabeth Saad e Stefanie C. Silveira. (2016). Tendências em comunicação digital. *Escola de Comunicações e Artes e Universidade de São Paulo (ECA/USP)*. São Paulo: Consultado a 19 de abril de 2020, em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/87/75/365-1?inline=1>.

Pedrosa, A. (2013). Os ecomuseus como elementos estruturantes de espaços culturais e dinamizadores de estratégias de turismo local. *Cuadernos de Geografía, Revista Colombiana de Geografía, Vol. 23, n.º 2, jul.-dic. de 2014*. Consultado a 8 de Janeiro de 2020, em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rcdg/v23n2/v23n2a13.pdf>.

Pelayo, L. (2016). Jesuíta. (n. ponto., Entrevistador)

Pereira, D. (s.d.). Os Andrades. *bairroantigo.webnode.pt*. Consultado a 8 de Março de 2020, em: <https://bairroantigo.webnode.pt/os-andrades/>.

Perella, G., Galli, A., & Marcheggiani, E. (Agosto de 2010). The Potential of Ecomuseums in Strategies for Local Sustainable Development in Rural Areas. *Landscape Research, Vol. 35, No. 4, 431–447*.

Pilar, A. (s.d.). *Santo Tirso - Imagens e Identidade*.

Rangel, M. (2013). A museologia no mundo contemporâneo. *Ciência da Informação*, v. 42 n. 3, p.408-418. Brasília: Consultado a 9 de abril de 2020, em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1371/1550>.

Ribeiro, L. S. (2017). Os bairros do paternalismo industrial - O caso do Vale do Ave (1900-1974) (Tese de Mestrado). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Consultado a 6 de julho de 2020, em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/109413>.

Rota Verde — Associação para o Desenvolvimento da Rota dos Vinhos Verde. (2003). Guia da Rota dos Vinhos Verdes. Alquimia da Cor: Consultado a 9 de Maio de 2020, em: <http://www.vinhoverde.pt/pt/file/873>.

Sánchez, K. R. (2012). La musas de Principio del Siglo XXI: Indicios del Cambio Educativo Museal. *Revista Electrónica “Actualidades Investigativas en Educación, Vol. 12, N° 2*. Consultado a 9 de abril de 2020, em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44723437017>.

Scótolto, D., & Netto, A. P. (Fevereiro de 2015). Contribuições do Turismo para o Desenvolvimento Local. *CULTUR - Revista de Cultura e Turismo, ano 09 - n° 01* -. Consultado a 21 de Janeiro de 2020, em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/554>.

Silva, D. R. (1999). Museus: A Preservação Enquanto Instrumento de Memória. *Cadernos de Sociomuseologia N°16* . Consultado a 9 de abril de 2020, em:

<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3781/MUSEUS.pdf?sequence=1>.

Silva, N. (s.d.). Vinho Verde e Sua História. *www.clubevinhosportugueses.pt*. Consultado a 4 de agosto de 2020, em: <https://www.clubevinhosportugueses.pt/uncategorized/vinho-verde-e-sua-historia/>.

Tedim, J., & Borges, S. (2015). Nos Quarenta Anos da Cooperativa dos Agricultores dos Concelhos de Santo Tirso e Trofa. Cooperativa dos Agricultores dos Concelhos de Santo Tirso e Trofa.

Tovar, I. M. (2018). Especialidades Claustrais - Roriz, Santo Tirso. (N. Ponto, Entrevistador) Acedido em: <https://www.publico.pt/2018/03/05/fugas/noticia/no-ponto-especialidades-claustrais-1805402>.

Vale, F., Pinheiro, F., Aquino, L., & Cruz, O. (1999). Artefactos - Os artesãos e o artesanato em Santo Tirso. Câmara Municipal de Santo Tirso.

Vinho Verde. (s.d.). Castas. *www.vinhoverde.pt*. Consultado a 29 de agosto de 2020, em: <https://www.vinhoverde.pt/pt/castas>.

Visit Portugal. (s.d.). Ecomuseu Municipal do Seixal. *www.visitportugal.com*. Consultado a 10 de agosto de 2020; em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/ecomuseu-municipal-do-seixal>.

Anexos

Anexo A: Mapas do Concelho de Santo Tirso

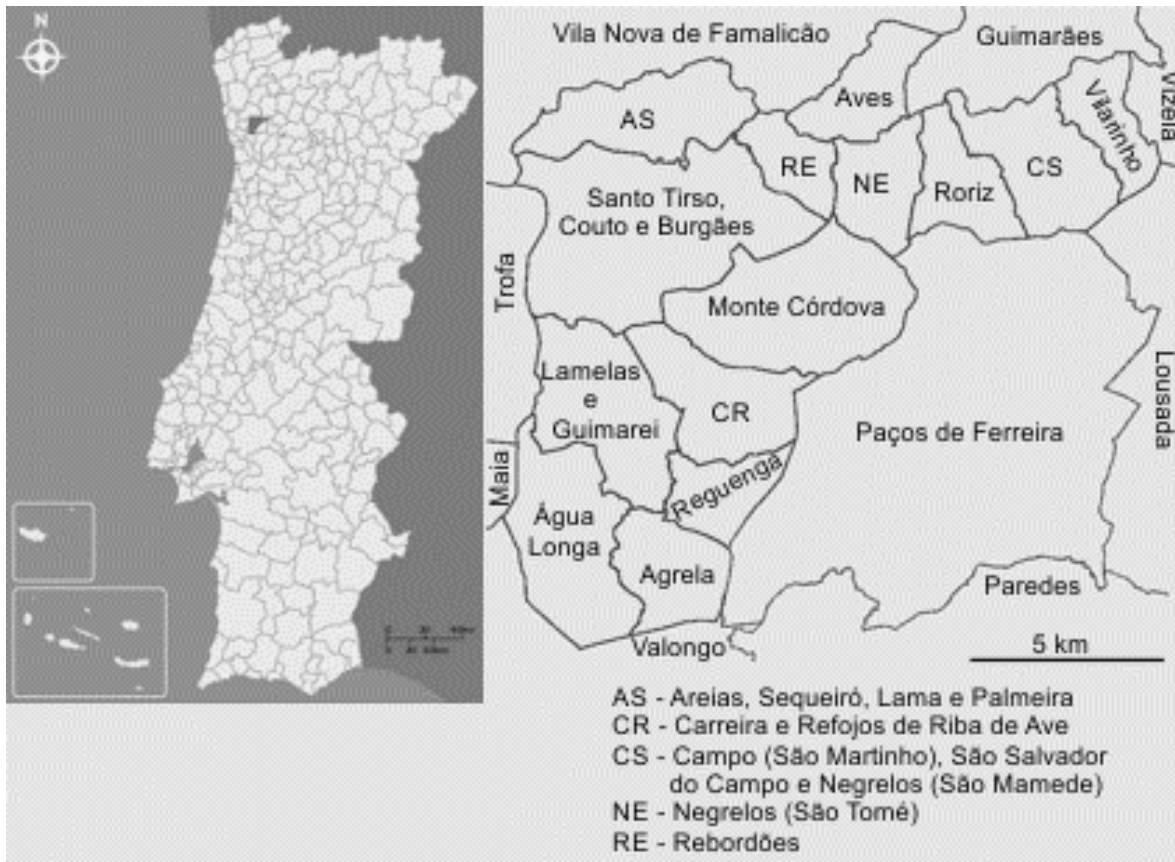


Figura 22: Mapa do Concelho de Santo Tirso e Respetivas Freguesias; Fonte: cheveuxcrepusfrun.blogspot.com (2018)

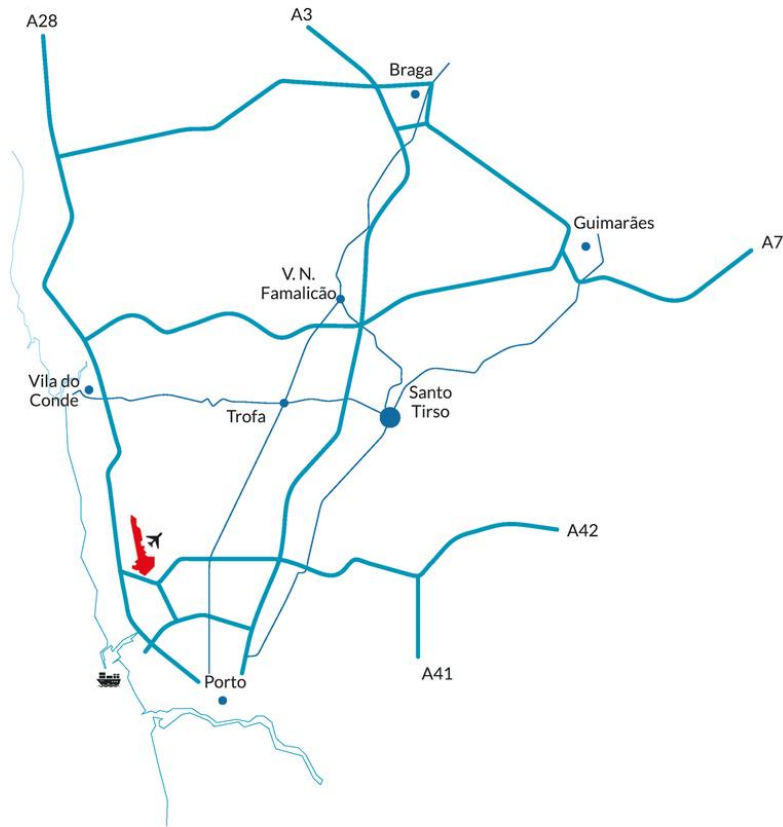


Figura 23: Mapa das Acessibilidades do Concelho de Santo Tirso; Fonte: Câmara Municipal de Santo Tirso (s.d.)

Anexo B: Exemplos de Estabelecimentos de Restauração em Santo Tirso

Restaurante	Tipologia	Preço Médio Por Pessoa	Dias de Abertura	Localização e contactos
Adega Amarela	Tradicional	15€	Segunda-feira a Domingo ao almoço	Rua Narciso Martins da Costa, 452, S. Martinho do Campo, STS; TLF: 252843336; TLM: 916692065
Uiscas	Regional	10€	Quarta-feira a Segunda-feira ao almoço	R. das Quintães ,155 - 4795-330 Roriz; TLF: 252881461
Cozinha da Avó	Tradicional	13€	Terça-Feira a Domingo	R. Fonte D'Aldeia, Monte Córdova, STS; TLF: 252898256; TLM: 937780239
Cozinha do Ave	Tradicional	15€	Terça-Feira a Domingo	Rua DR. Alexandre Lima Carneiro, 131, Areias, STS; TLF: 252862588
Excelência de Sabores	Tradicional/ Snack	15/20€	Segunda-feira a Domingo ao almoço	Rua dos Carvalhais nº 60/62, STS, TLF: 252083654
Excelência Wine House	Tradicional/ Tapas/ Gourmet	15€	Terça-Feira a Domingo	Rua Dr. Francisco Sá Carneiro, 20, STS; TLF: 252 214 680
O Olímpico	Tradicional/ Snack/ Marisco	15€	Terça-feira a Segunda-feira ao almoço	Rua Sousa Trepa n.º 63, STS; TLF: 252891617; TLM: 939509230
Restaurante 15	Tradicional; Snack	15€	Segunda-feira a Domingo	Praça Camilo Castelo Branco, 15 STS; TLF: 252098375
São José	Tradicional/ Snack/ Marisco	10€-20€	Segunda-feira a Domingo	Rua de Fontiscos, 1015, STS; TLF: 252080933
Tirsense	Tradicional	15€	Terça-feira a Domingo ao almoço	Praça Conde S. Bento, 25, STS; TLF: 252852889
O Cansêras	Tradicional	25€	Terça-feira a Domingo ao almoço	Rua de Santiago 347, Areias, STS; TLF: 252862725

Campinhos	Tradicional	6€-30€	Quarta-feira a Terça-feira ao almoço	Avenida São Rosendo, 22, STS; TLF: 252109419
7 Migalhas	Tradicional	8€-20€	Terça-Feira a Domingo	Tv. da aula 30, STS; TLF: 252175355
Tasquinha do João	Tradicional	2€-25€	Sexta-feira e Sábado	Rua cruzeiro 209, São Martinho do Campo, STS; TLM: 911117570
Taberna Rocha Pereira	Tradicional	8€-20€	Segunda-feira a Domingo	Rua das Alminhas 92, Vila das Aves, STS; TLF: 252941292
Barreira	Tradicional	15€.25 €	Segunda-feira a Domingo	R. José Bento Correia 217, STS; TLF: 252852101; TLM: 914846160
Ramada	Tradicional	15€	Terça-Feira a Domingo	Av. da Ramada,131, Burgães, STS; TLF: 252852227
Cantinho do João	Tradicional	15€	Segunda-feira a Domingo	Rua da Valcorneira 11, São Tomé de Negrelos, STS; TLM: 919256919
Casa Cristininha	Tradicional	30€	Segunda-feira a Sábado	Rua Cristininha, STS; TLF: 252853670
Cook	Tradicional	8€-15€	Segunda-feira a Sábado	Rua Irmãs Franciscanas, 17, STS; TLM: 924400972

Tabela 6: Exemplos de Estabelecimentos de Restauração em Santo Tirso; Fonte: do autor

Anexo C: Exemplos de Estabelecimentos de Alojamento em Santo Tirso

Nome	Tipologia	Preço Médio Por Noite	Localização e contactos
Baiona	Guest House	70€-120€	Rua Chã da Raposa, 52, Vilarinho, STS; TLF: 253479061
Residencial Zé da Rampa	Hotel 2*	25€-40€	Av. de Poldrões 272, AVES, STS; TLF: 252941517 ou 252871818
Residencial das Aves	Hotel 2*	17€-35€	Av. Comendador Silva Araújo, 324, Vila das Aves, STS; TLF: 252872363
Casa de Vilela	Turismo de habitação	1200€-2000€ (Por semana)	Tv. de Vilela,37, S. Tomé de Negrelo, STS; TLF: 252941336

Casa dos Três Rapazes	Turismo de habitação	323€ (casa com 6 quartos)	Rua Liberdade 80, Monte Córdova, STS; TLM: 912 308 114
Equinaturi	Turismo de habitação	66€	Rua Camilo Castelo Branco 1202, Monte Córdova, STS; TLM: 919606849
A Cepa	Guest House	70€	Rua Vale Do Ave N. 131 - Abelheira, Santo Tirso; TLM: 916 638 961
Quinta da Picaria	Turismo Rural	65€	Rua da Picaria, Santo Tirso; TLF: 252860409
Carvalhais	Hotel 3*	60€	Praça Dr. Rodrigues Ferreira - 4780-367 Santo Tirso; TLF: 252857910
Santo Thyrsó	Hotel 3*		Praça Conde São Bento, nº 29, Santo Tirso; TLF: 252830420
8 Villas	Suites	90€	Rua Sousa Trepa 4, Santo Tirso, TLF: 252 217 087
Cidnay	Hotel 4*	75€	R. Dr. João Gonçalves-Apartado 232, Santo Tirso; TLF: 252859300
Vilas Vale Pisão	Resort	86€-260€	Rua das Laranjeiras, 1, Água Longa, STS; TLF: 229698550
Solar de S. Bento	Hospedaria	40€	R. Alberto Pimentel, 6 a 14, Santo Tirso; TLF: 252862165
Quinta da Silvade	Turismo Rural	60€	Rua de Silvalde, 106, Freixieiro, Santo Tirso; TLM: 961061744

Tabela 7: Exemplos de Estabelecimentos de Alojamento em Santo Tirso; Fonte: Do autor

Anexo D: A Agricultura



Figura 24: Sede Cooperativa Agricultores de Santo Tirso e Trofa; Fonte: Santo Tirso TV (2015)



Figura 25: Escola Agrícola Conde de São Bento; Fonte: Jornal do Ave (2017)

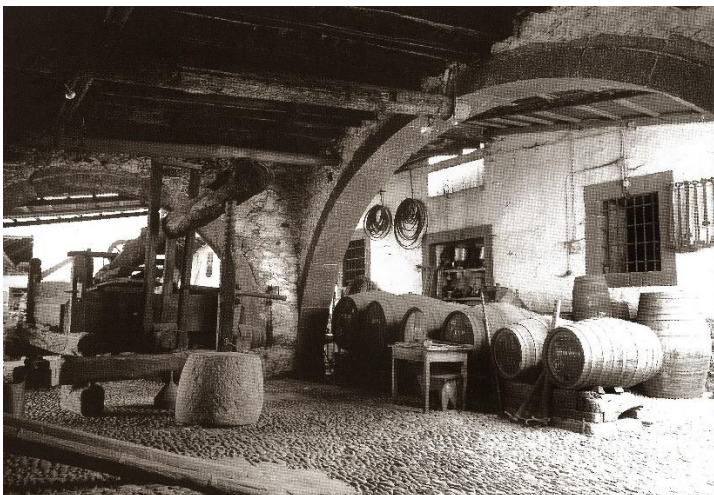


Figura 26: Antigo local de armazenagem de instrumentos e produtos agrícolas; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 27: Ato de malhar os cereais através de um malhador; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 28: Secagem dos cereais nas eiras agrícolas; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 29: Trabalhos agrícolas relacionados com o milho; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 30: Atividades agrícolas - desfolhada; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 31: Atividades agrícolas - trabalho do campo; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 32: Atividades agrícolas recorrendo a alfaias agrícolas e a cabeças de gado; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 33: Atividades agrícolas recorrendo a cabeças de gado; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 34: Atividades agrícolas - trabalhos nas eiras e espigueiros; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 35: Atividades agrícolas - trabalhos nas eiras; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)

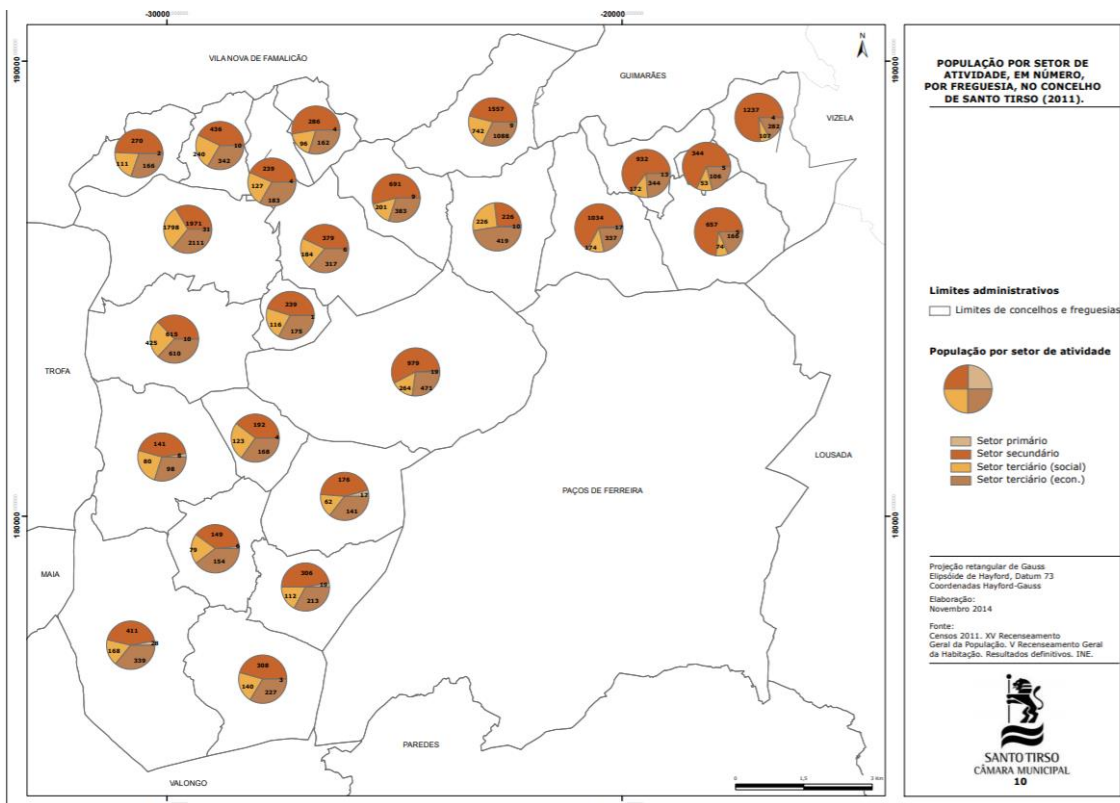


Figura 36: População Por Setor De Atividade, Em Número, Por Freguesia, No Concelho De Santo Tirso (2011); Fonte: Censos 2011

Anexo E: Indústria Têxtil em Santo Tirso

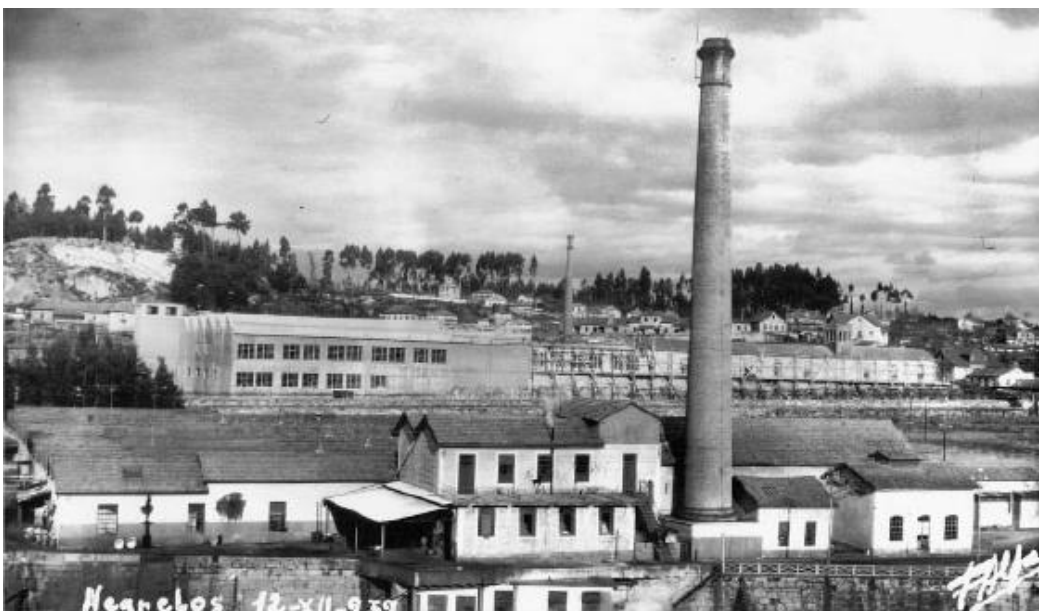


Figura 37: Obras de Construção da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela; Fonte: Fotografia Alvão (1939)

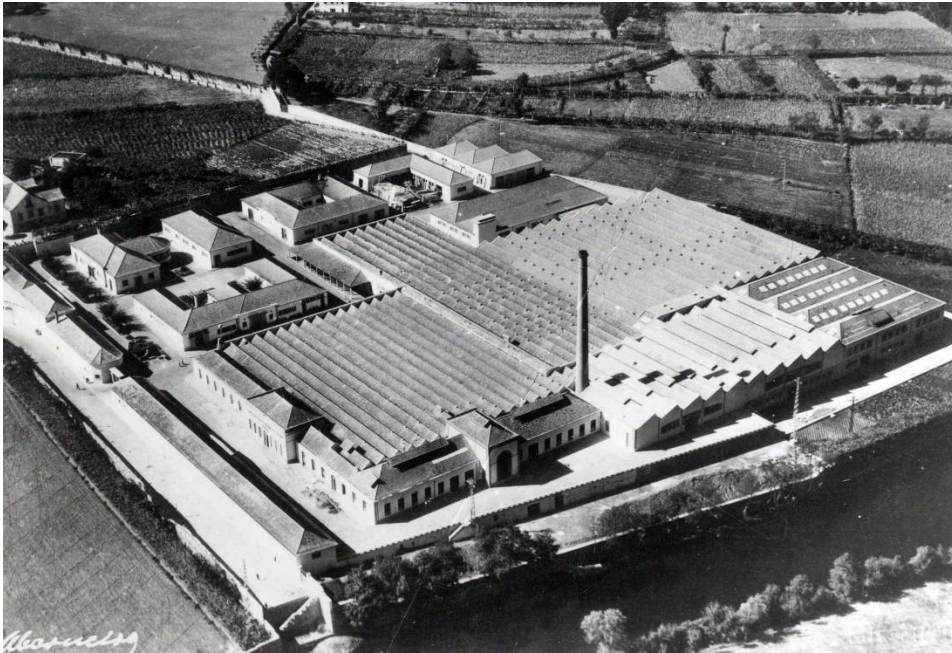


Figura 38: Foto Aérea da Antiga Fábrica de Fiações e Têxteis de Santo Tirso; Fonte: Museu Municipal Abade Pedrosa (website)

Anexo F: Produtos Gastronómicos Locais



Figura 39: Jesúitas e Limonetes



Figura 40: Bolachas Conventuais das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Santa Escolástica; Fonte: Cretive Gourmet (s.d.);



Figura 41: Pudim Condessa Aldara; Fonte: Jornal do Ave (2020)



Figura 42: Licor de Singeverga; Fonte: do autor

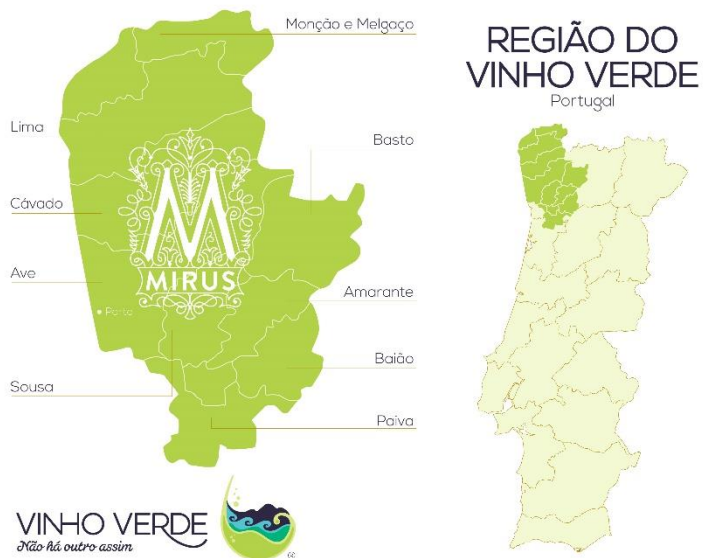


Figura 43: Mapa Região Demarcada dos Vinhos Verdes e respetivo logótipo; Fonte: Mirus (2018)

Anexo G: Fotografias da Antiga Casa dos Lagareiros da Quinta de Gião, a Atual Sede da Associação Amigos de Sanguinhedo



Figura 44: Casa dos Lagareiros da antiga Quinta de Gião; Fonte: do autor



Figura 45: Pormenor de janela e porta de entrada da casa dos lagareiros da antiga Quinta de Gião; Fonte: do autor



Figura 46: Pormenor da sinalética do nome atual da rua onde se localiza a casa dos lagareiros da antiga Quinta de Gião; Fonte: do autor

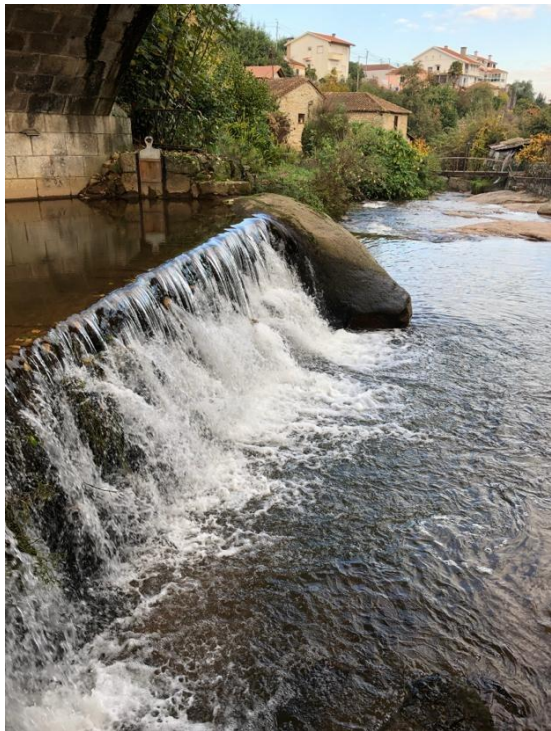


Figura 47: Pequena cascata no rio Sanguinhedo e ao fundo dois dos moinhos pertencentes à Associação Amigos de Sanguinhedo; Fonte: do autor



Figura 48: Vista do rio Sanguinhedo para a antiga casa dos lagareiros; Fonte: do autor



Figura 49: Vista para a antiga casa dos lagareiros do cimo da Ponte Velha; Fonte: do autor



Figura 50: Antigo lagar de azeite - pormenor do pio/vasa; Fonte: do autor



Figura 51: Antigo lagar de azeite - pormenor do pio/vasa e parte do moinho de azeite; Fonte: do autor



Figura 52: Antigo lagar de azeite - pormenor da sertã/albergue e dos cachorros de fixação da vara; Fonte: do autor



Figura 53: Antigo lagar de azeite - pormenor do pote, da caldeira, da sertã/albergue e dos cachorros de fixação da vara; Fonte: do autor



Figura 54: Antigo lagar de azeite - pormenor do pote, da sertã/albergue; Fonte: do autor

Anexo H: Envolvente do Rio Sanguinhedo, Ponte Velha e Moinhos da Quinta de Gião



Figura 55: Quadro de Hilário Sineiro da antiga Casa dos lagareiros, moinho de azeite e da Ponte Velha de Santo Tirso; Fonte: <http://hilariosineiro.blogspot.com/2013/07/blog-post.html?m=0>

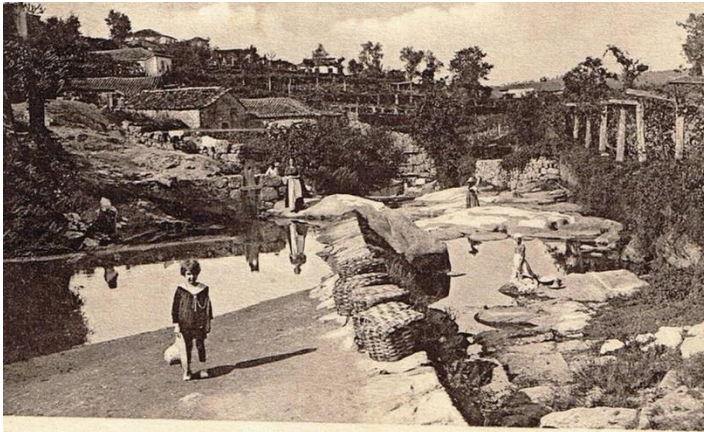


Figura 56: Açude do Sanguinhedo antes da construção da nova ponte; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 57: Casa do Moleiro da Quinta de Gião; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)

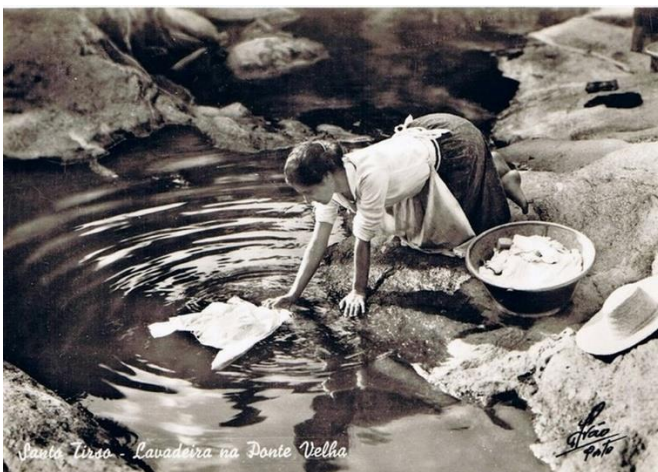


Figura 58: Lavadeira no rio Sanguinhedo lugar da Ponte Velha; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)

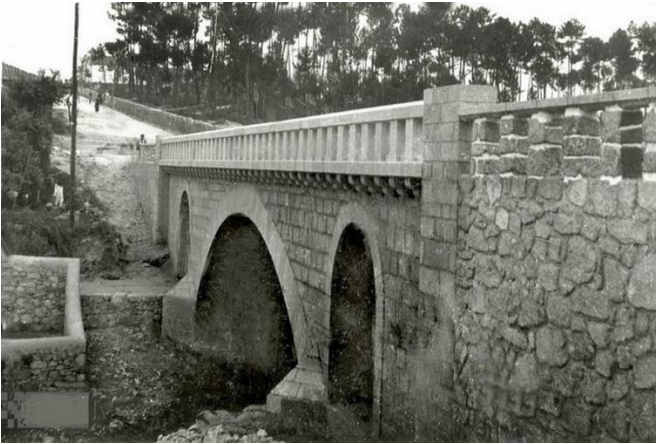


Figura 59: Ponte Nova após a sua construção - Ao fundo a vedação e pinheiral da quinta de Gião; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 60: Ponte Nova em Construção; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)

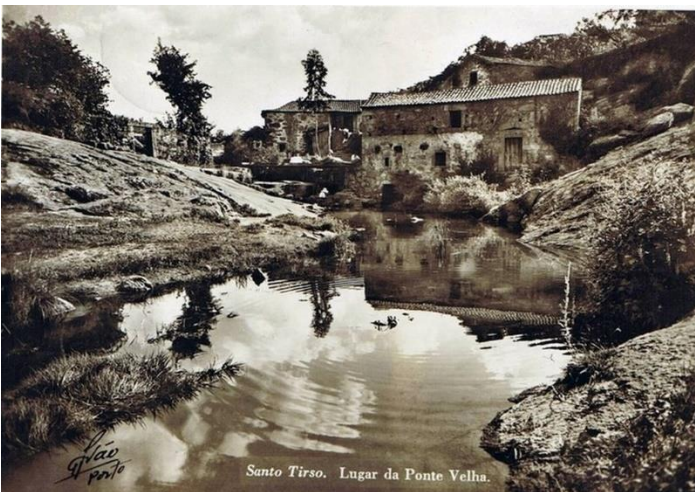


Figura 61: 1º Construção o moinho e casa dos moleiros, 2º habitação o moinho de três mós e por cima a corte da mula no lugar da Ponte Velha; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 62: Rio Sanguinheiro Onde foi rodado parte do filme as Pupilas do Sr. Reitor; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 63: Rio Sanguinheiro sem Ponte Nova - postal ilustrado de uma serie colorida à mão; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 64: Vista da casa do moleiro para o moinho e corte da mula; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)

Anexo I: Território Aproximado da Extinta Quinta de Gião



Figura 65: Território aproximado da extinta Quinta de Gião; Fonte: Azevedo, André (2012)

Anexo J: Quadro de Hilário Sineiro da Antiga Casa Senhorial de Gião.



Figura 66: Quadro de Hilário Sineiro da antiga casa senhorial de Gião. Fonte: https://hilariosineiro.blogspot.com/2013/03/blog-post_9.html

Anexo K: Ilustração Aproximada da Pedra de Armas da Quinta de Gião.



Figura 67: ilustração aproximada da pedra de armas da Quinta de Gião; Fonte:

Anexo L: Fotografia e Legenda da Fotografia de Maria e Ermelinda Correia de Oliveira Disponível na Sede da Associação Amigos de Sanguinhedo



Figura 68: Fotografia de Maria e Ermelinda Correia de Oliveira disponível na Sede da Associação Amigos de Sanguinhedo; Font: do autor

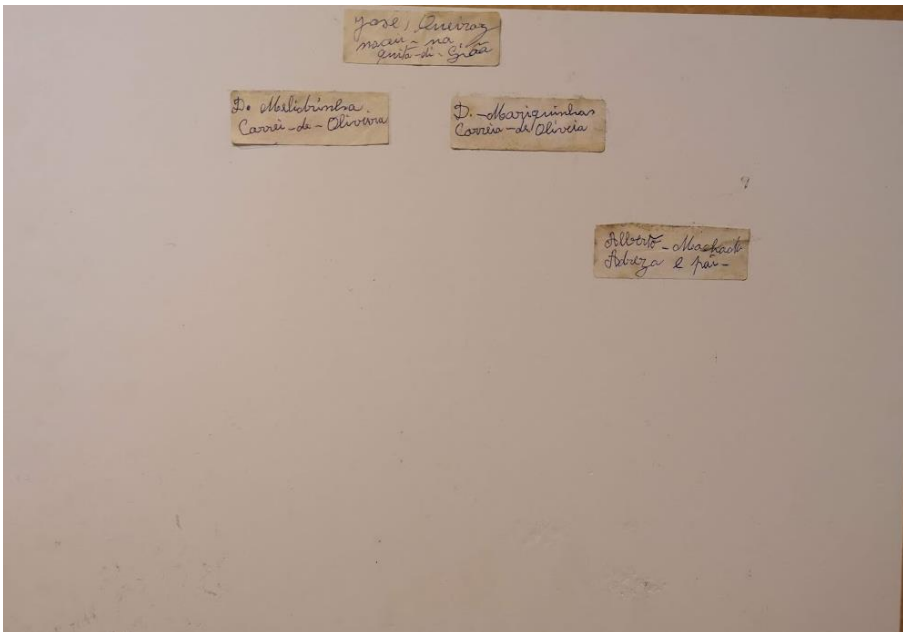


Figura 69: Legenda da Fotografia de Maria e Ermelinda Correia de Oliveira disponível na Sede da Associação Amigos de Sanguinhedo; Fonte: do autor

Anexo M: Hospital Conde S. Bento Maquete, Inauguração e Atualidade

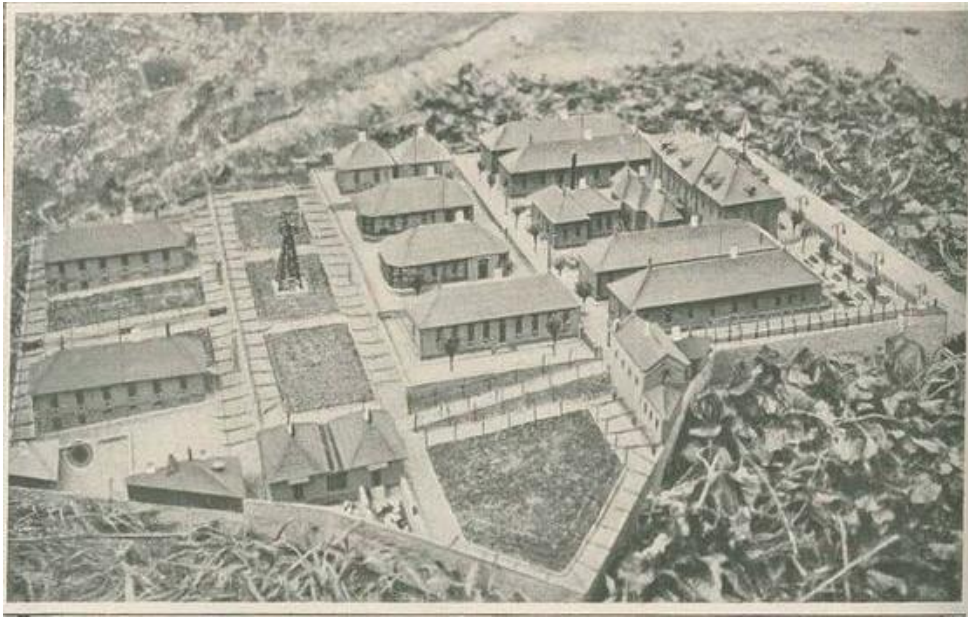


Figura 70: Maquete do hospital da Misericórdia de Santo Tirso; Fonte: <https://www.facebook.com/MisericordiaSantoTirso/photos/pcb.2114210115258611/2114201665259456/?type=3&theater>

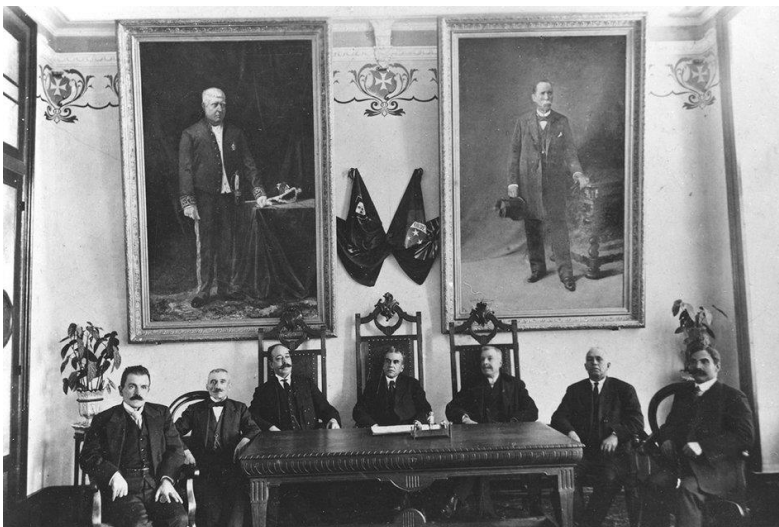


Figura 71: Inauguração do hospital da Misericórdia de Santo Tirso em 1893; Fonte: Misericórdia de Santo Tirso (s.d.)



Figura 72: Hospital de Santo Tirso atualmente; Fonte: Santo Tirso TV (2016)

Anexo N: Documentos Relativos à Linhagem dos Proprietários

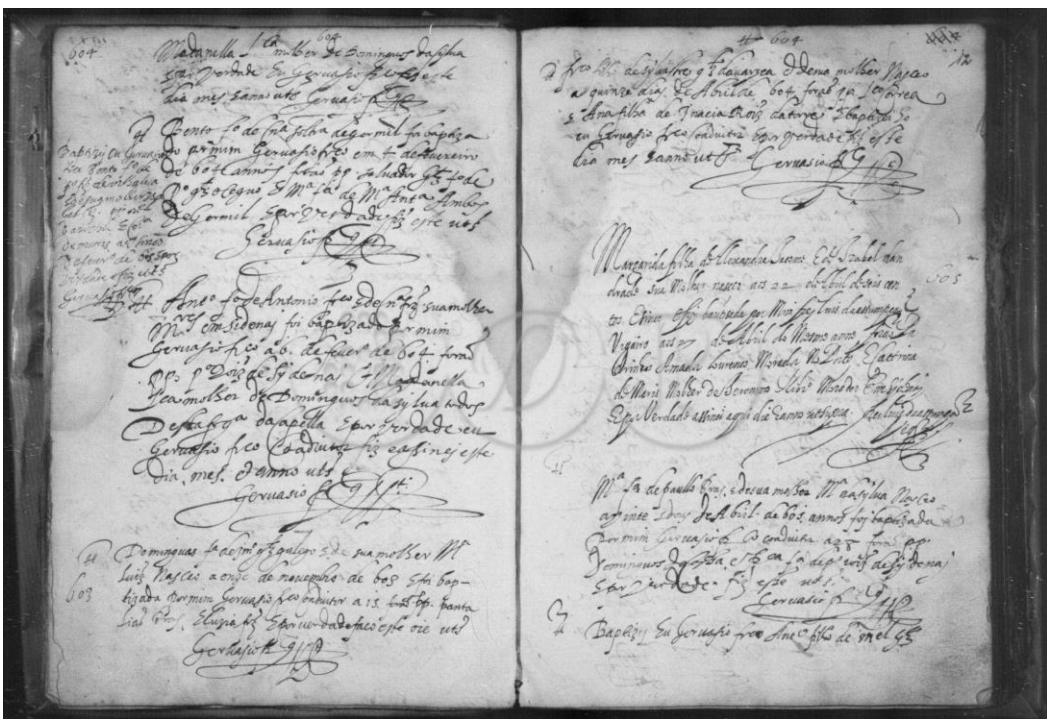


Figura 73: Batismo Margarida Jácome; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0220.tif

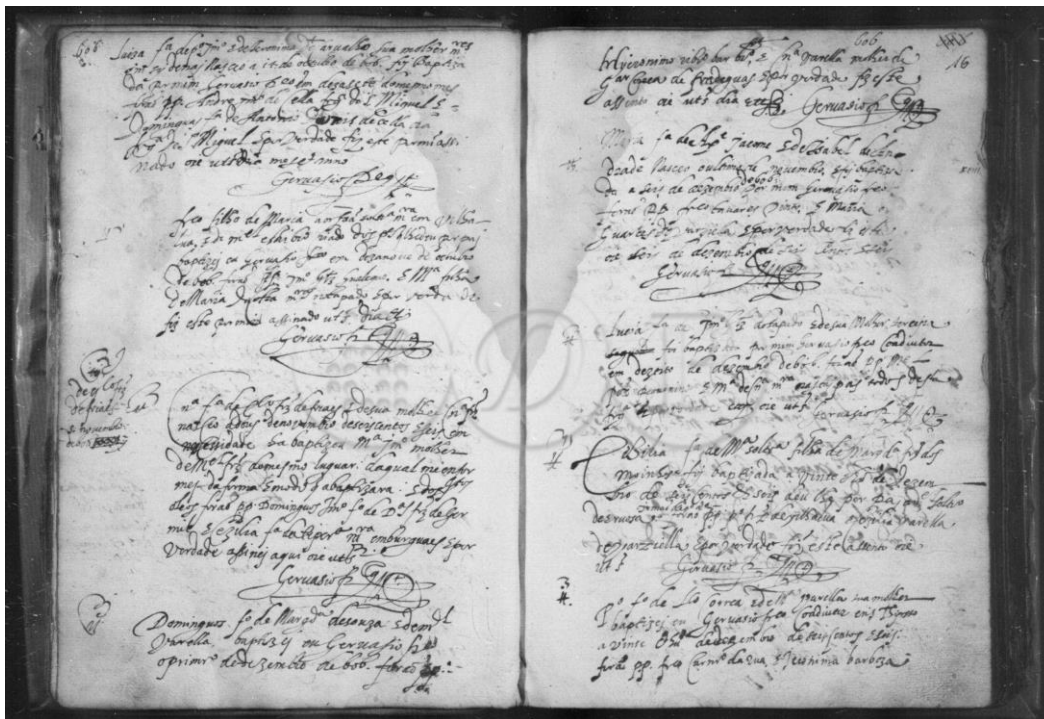


Figura 74: Batismo Maria de Andrade; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0224.tif

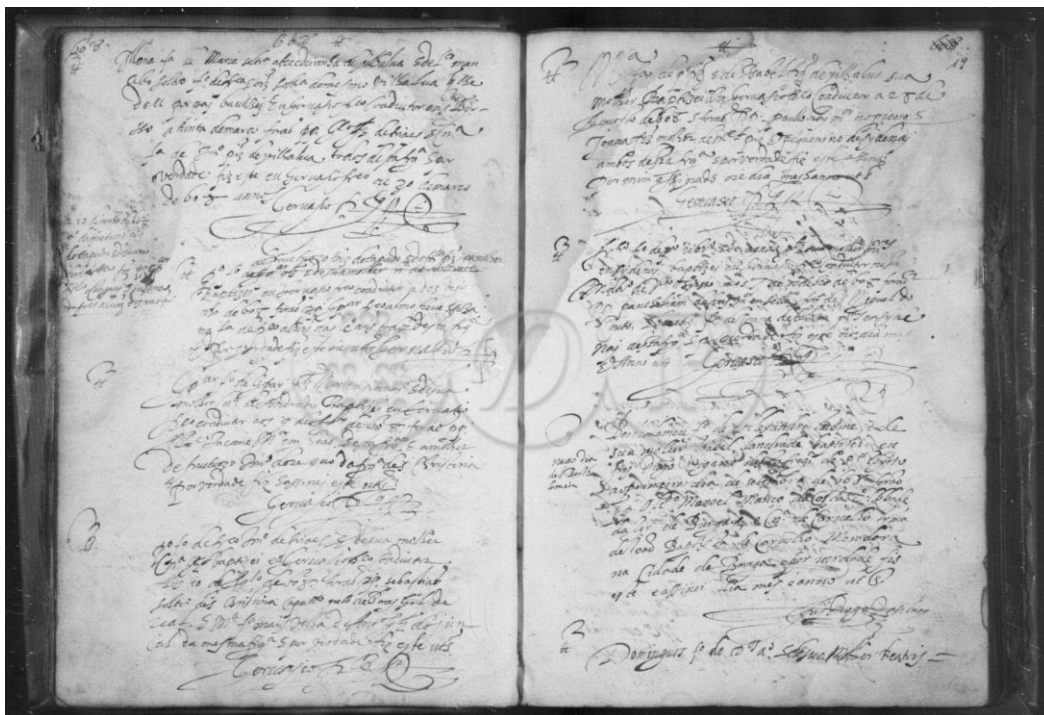


Figura 75: Batismo Bartolomeu; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0227.tif

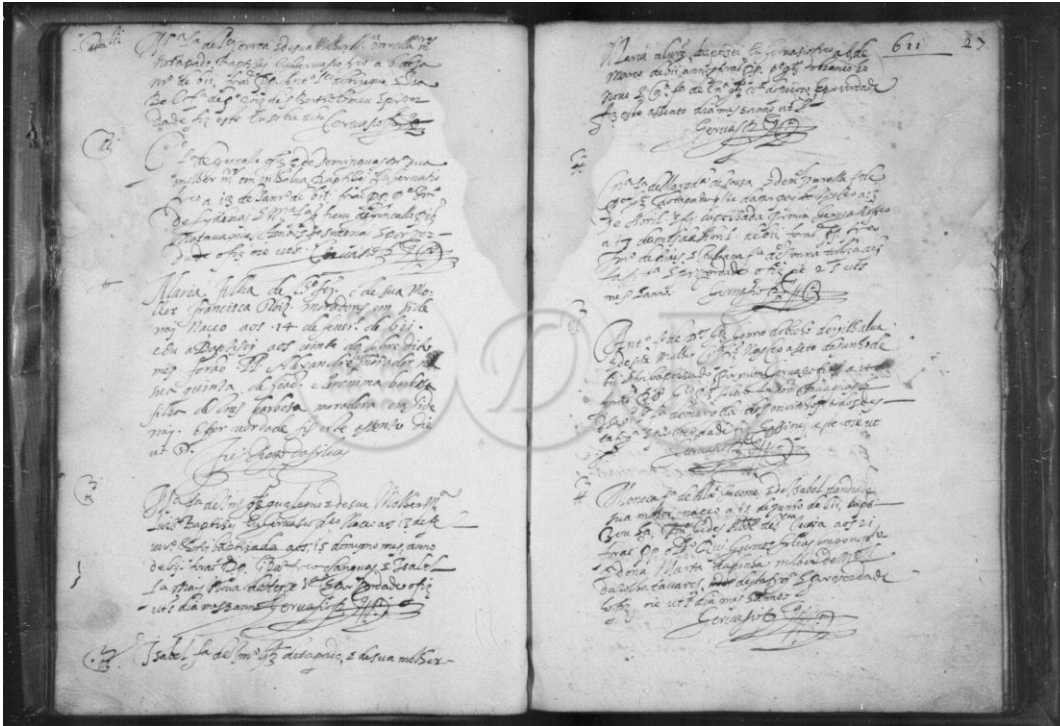


Figura 76: Batismo Mônica de Andrade; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0235.tif

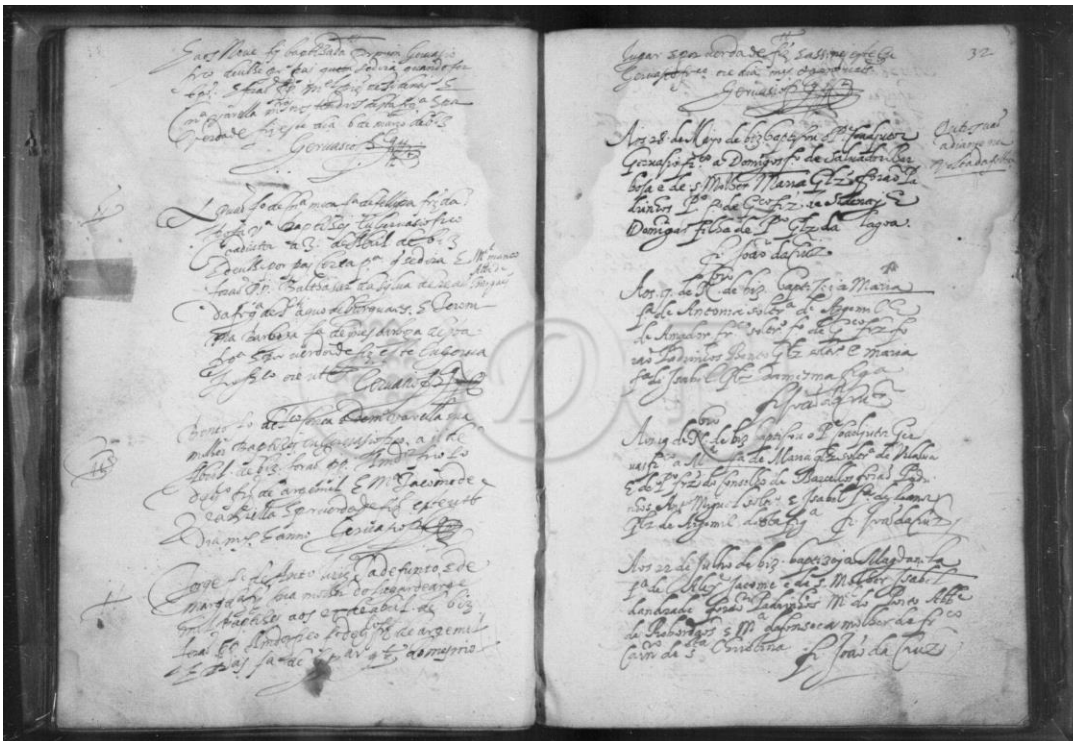


Figura 77: Batismo Madalena de Andrade; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0240.tif

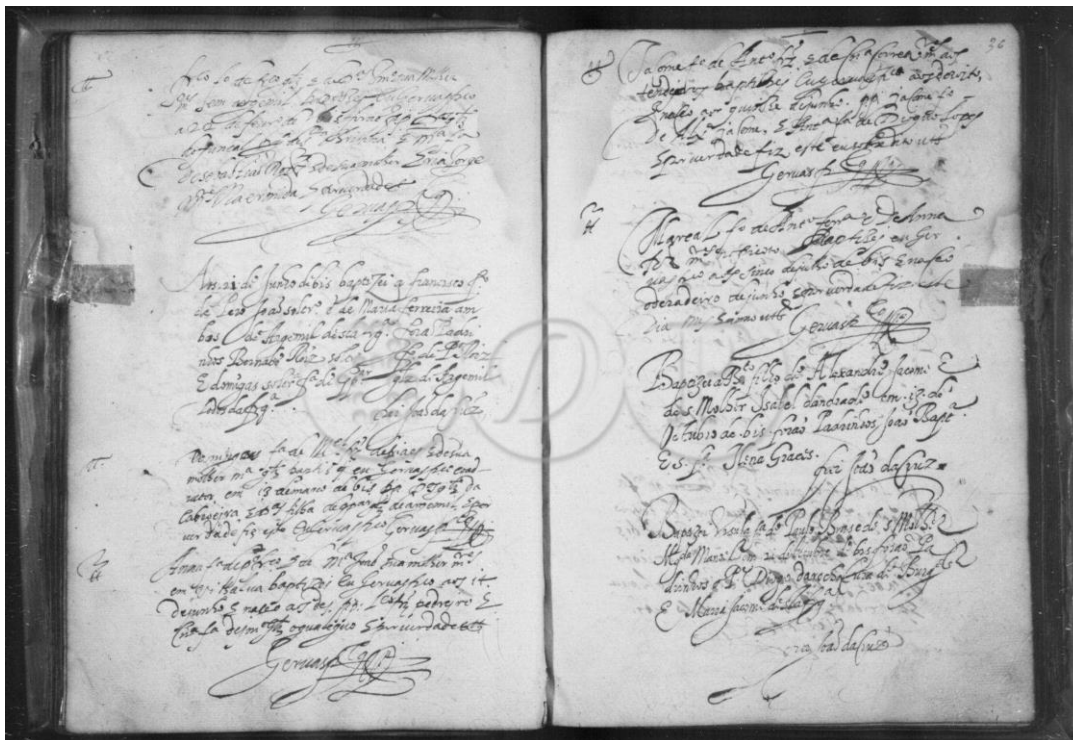


Figura 78: Batismo Bento; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0244.tif

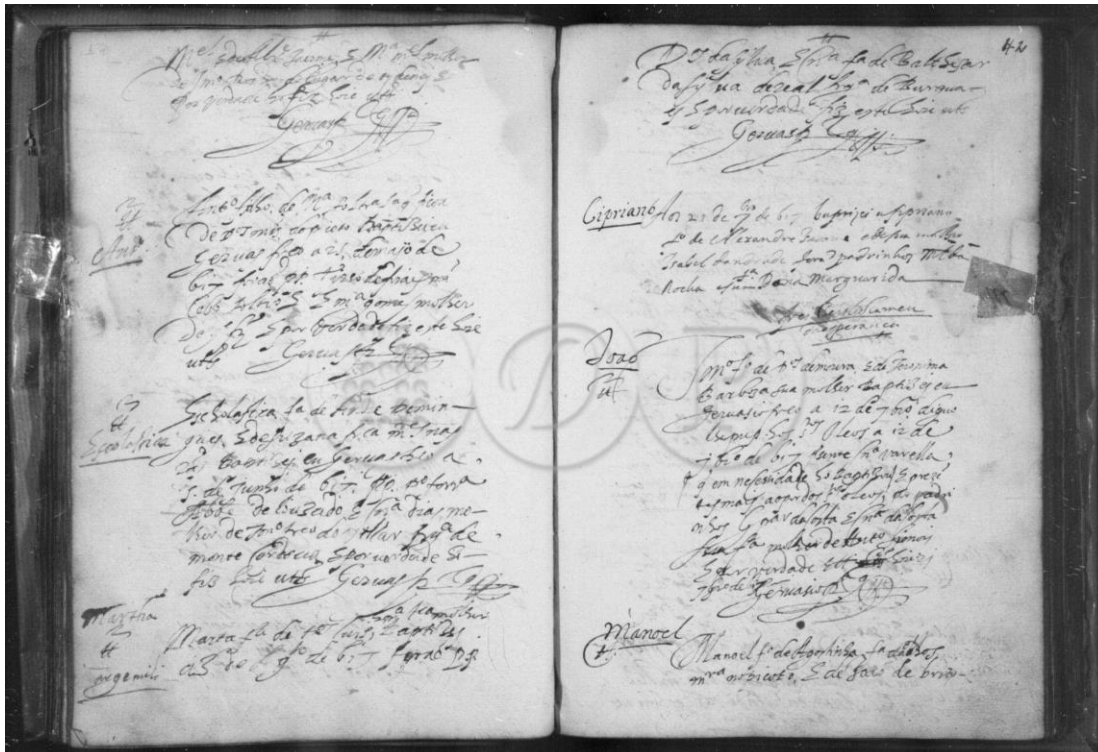


Figura 79: Batismo Cipriano de Andrade; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0250.tif

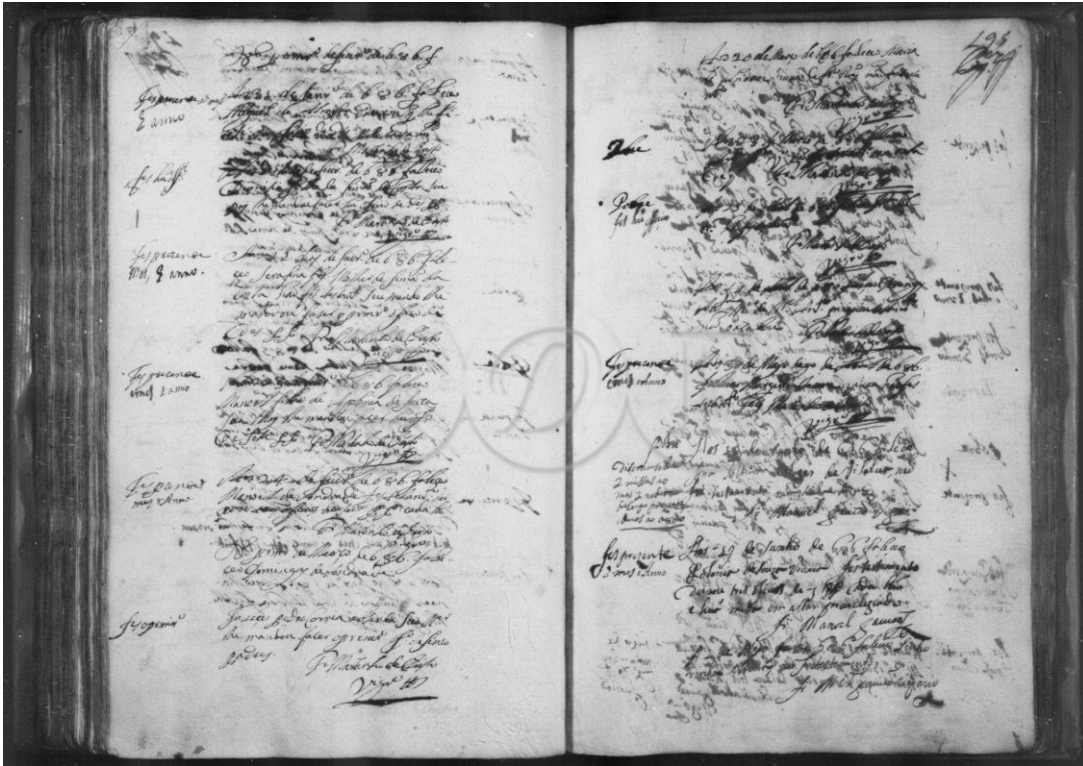


Figura 80: Óbito Margarida Jácome; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-003-0002_m0588.tif

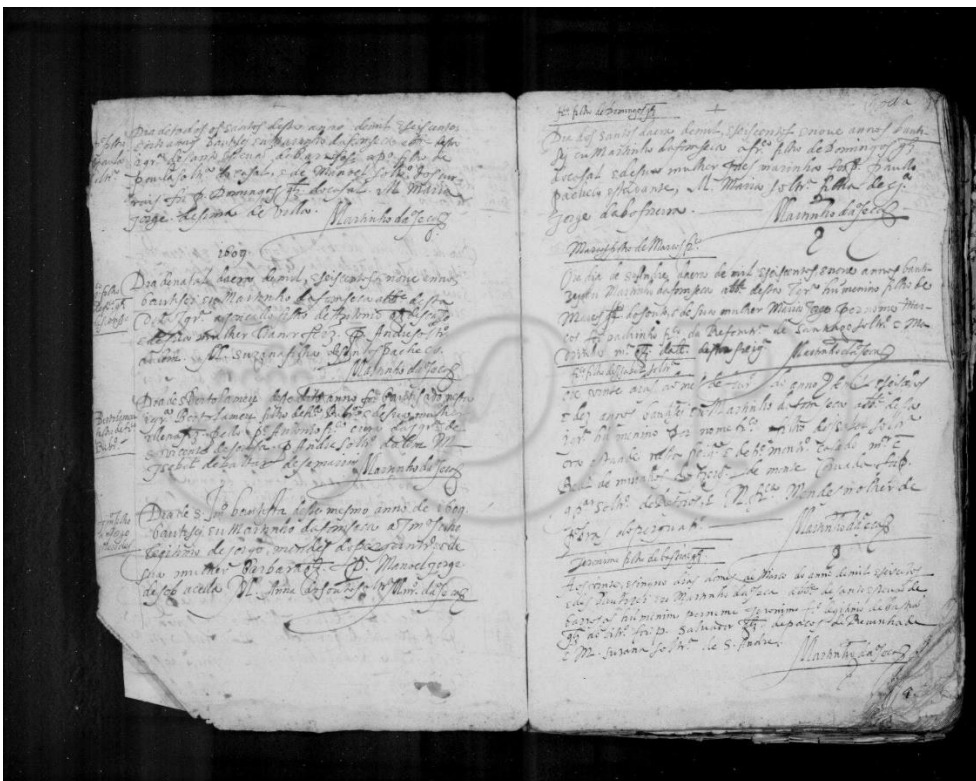


Figura 81: Batismo de Francisco Monteiro; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PLSD21-001-0001_m00163.tif

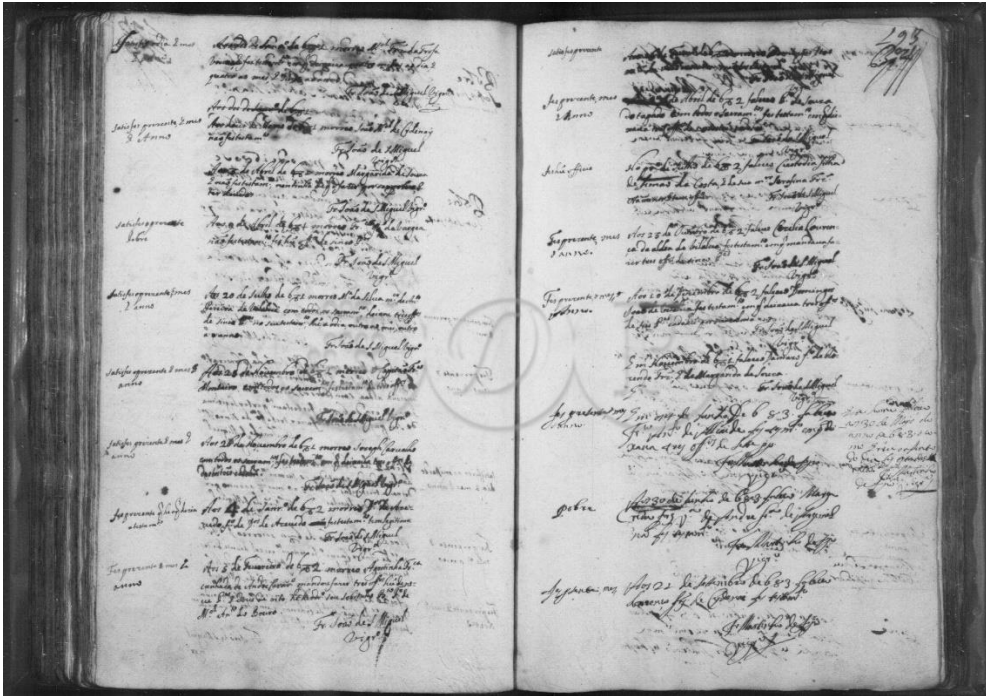


Figura 82: Óbito Capitão Francisco Monteiro; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-003-0002_m0586.tif

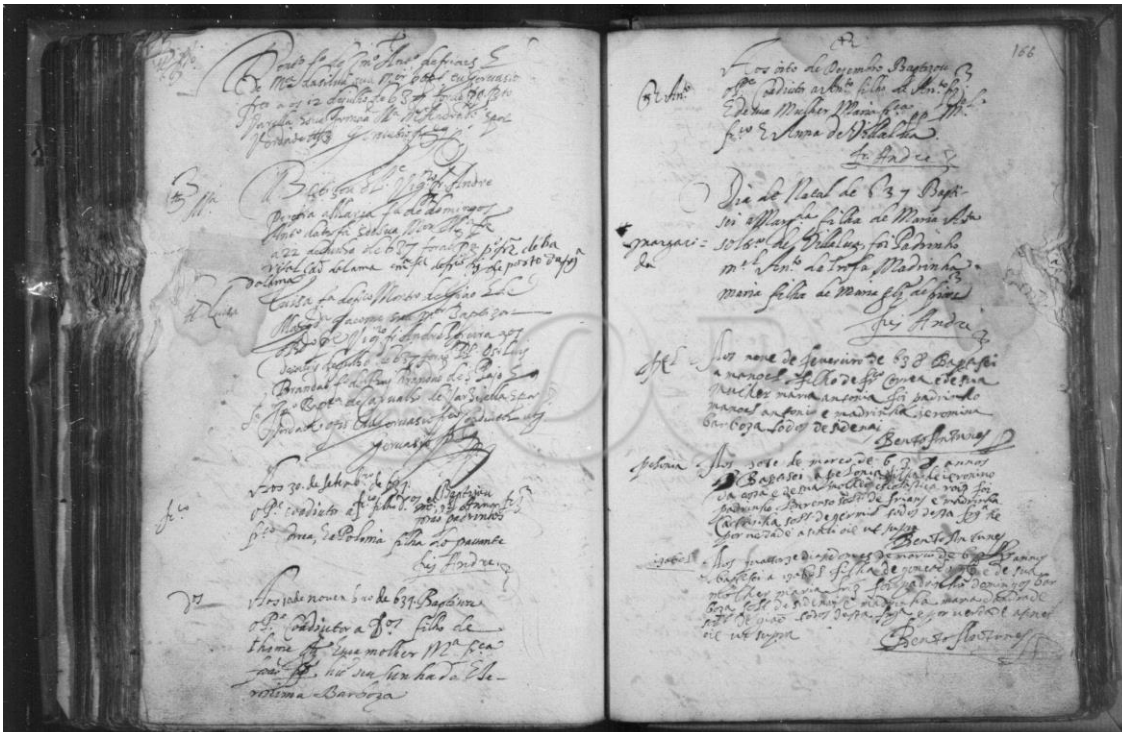


Figura 83: Batismo Luísa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0365.tif

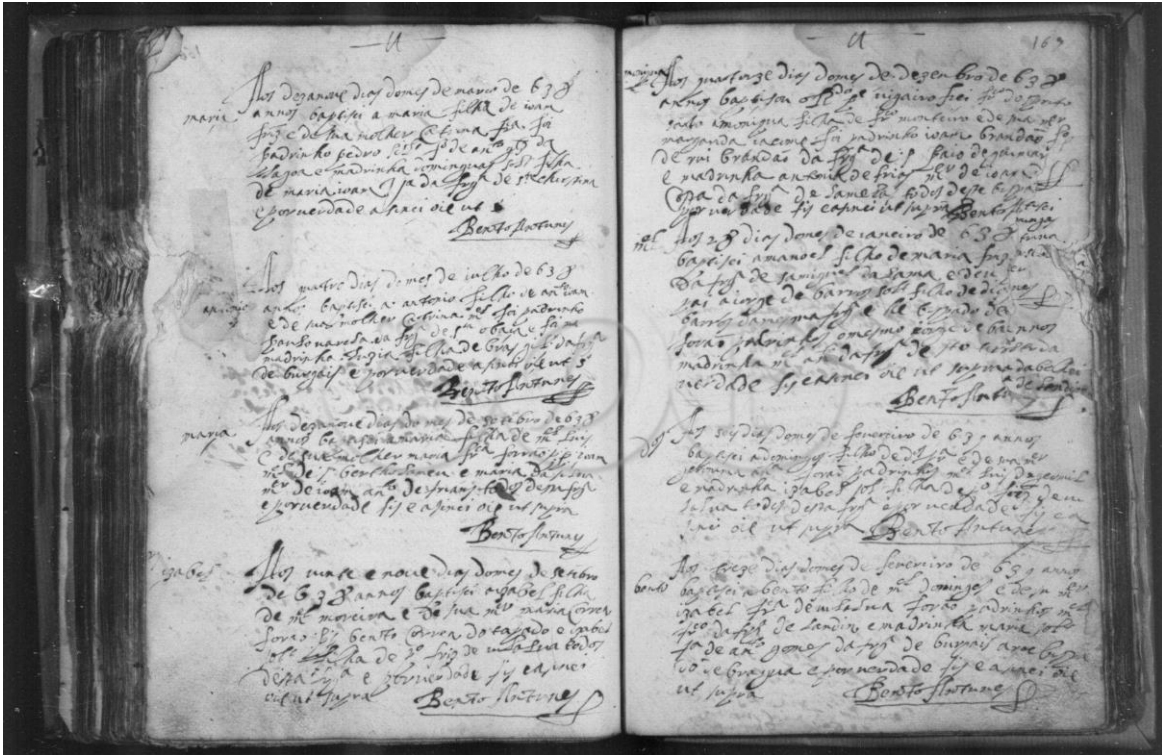


Figura 84: Batismo Mónica; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0366.tif



Figura 85: Batismo Alexandre; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0369.tif

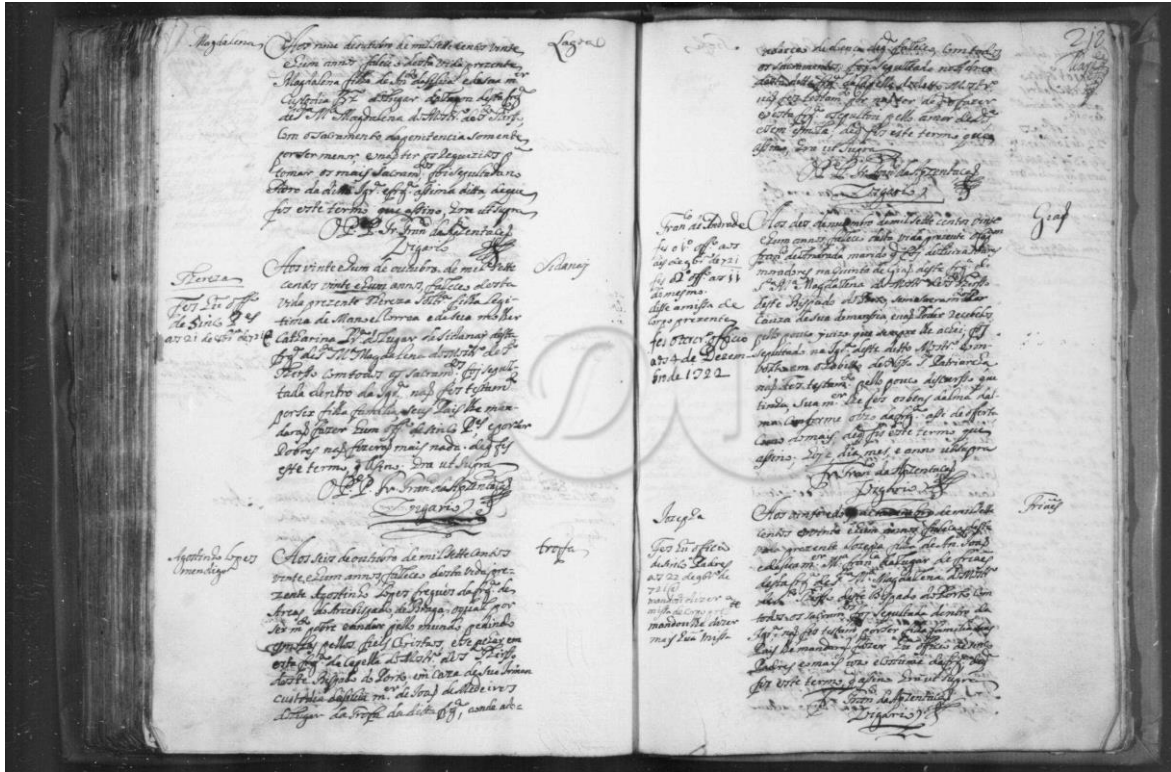


Figura 88: Óbito Francisco Monteiro de Andrade; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-003-0003_m0867.tif

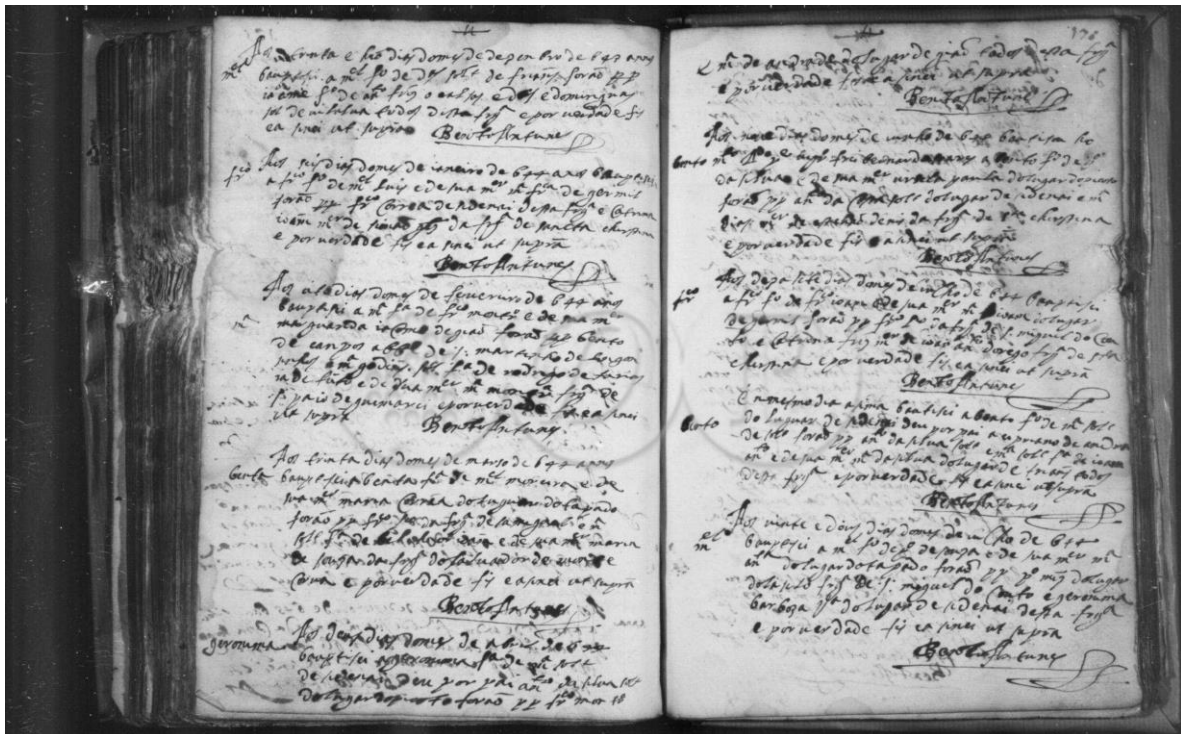


Figura 89: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0375.tif



Figura 90: Batismo José; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0379.tif

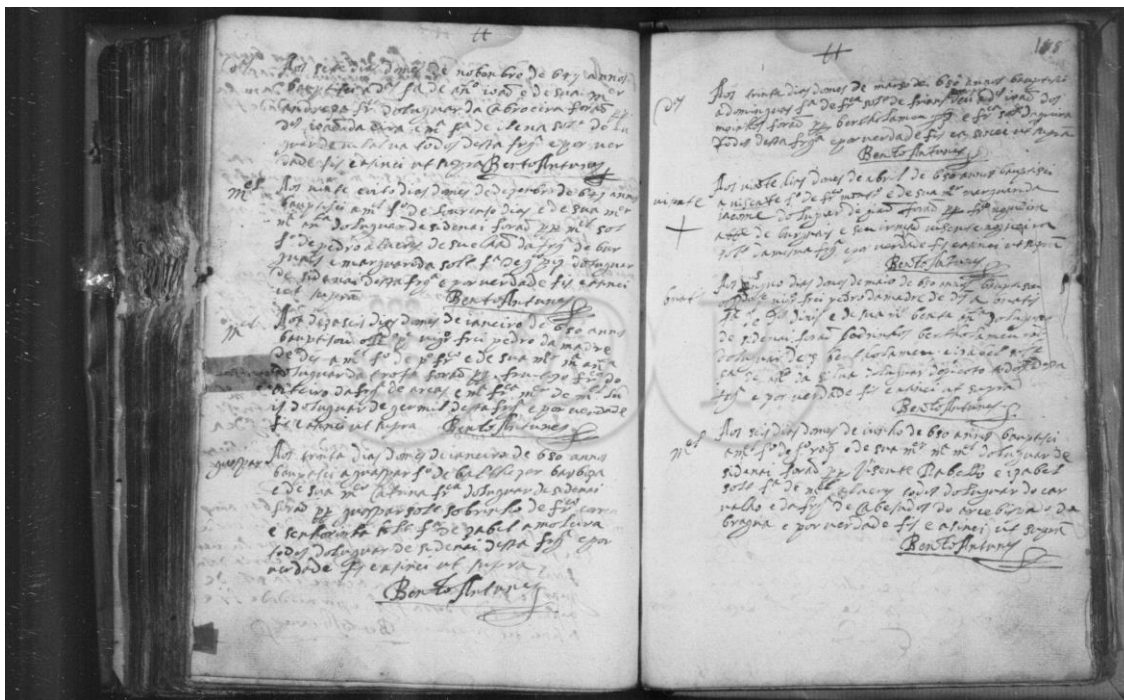


Figura 91: Batismo Vicente; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0001_m0387.tif

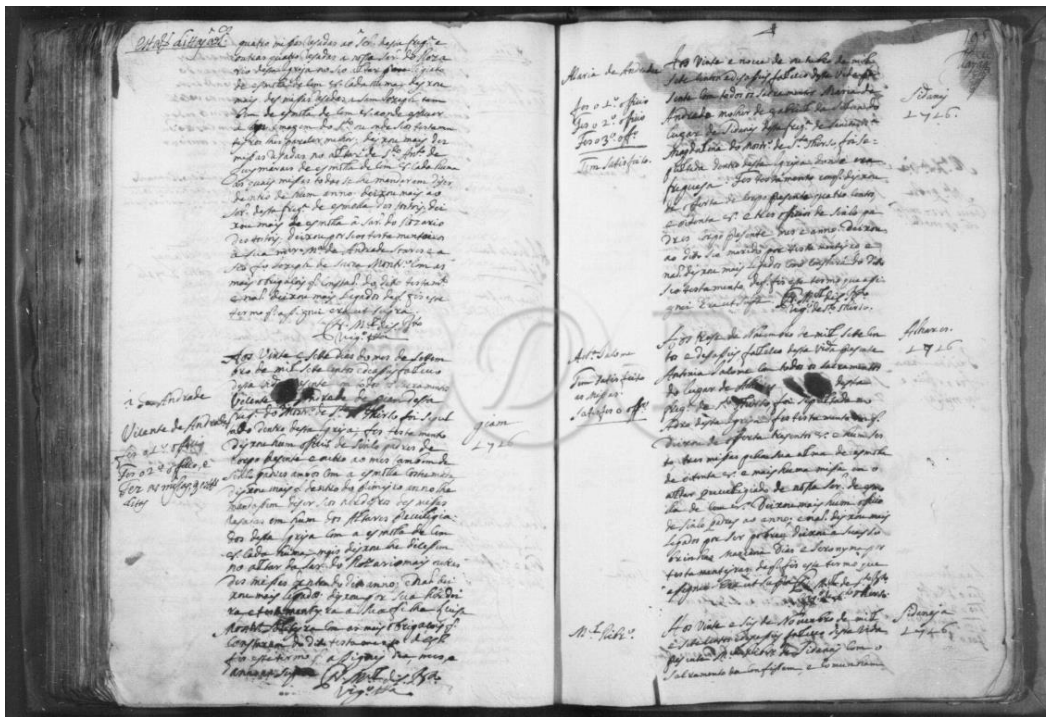


Figura 92: Óbito de Vicente; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-003-0003_m0850.tif

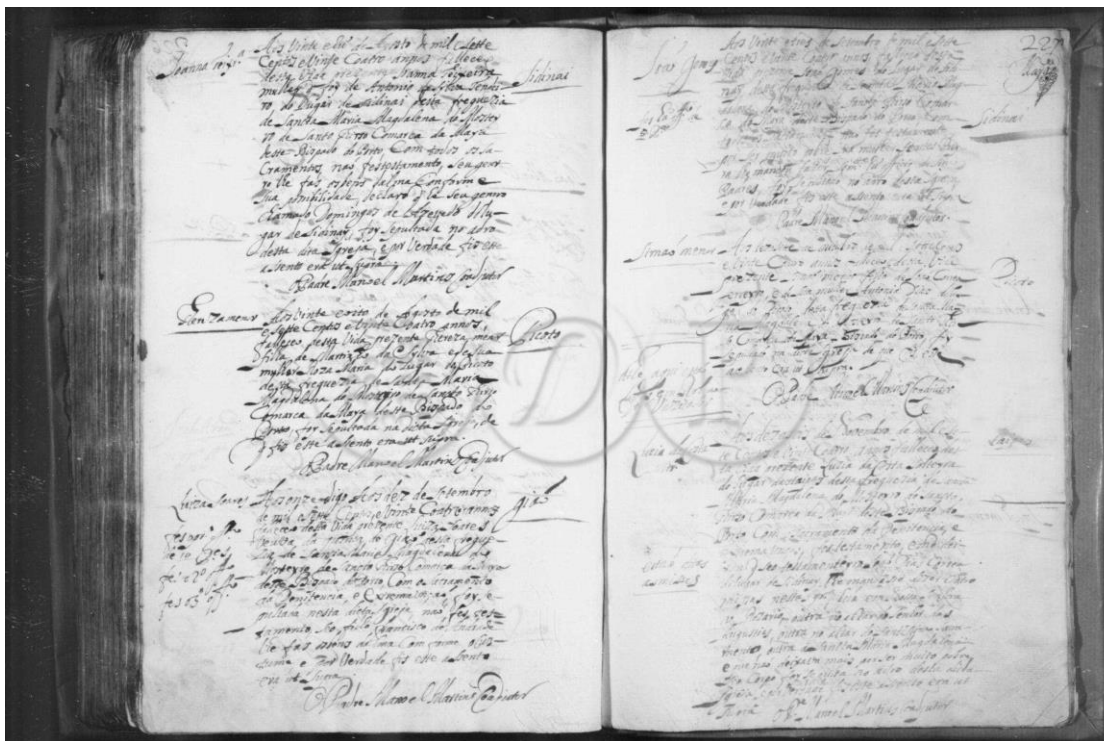


Figura 93: Óbito Luísa Soares; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-003-0003_m0882.tif

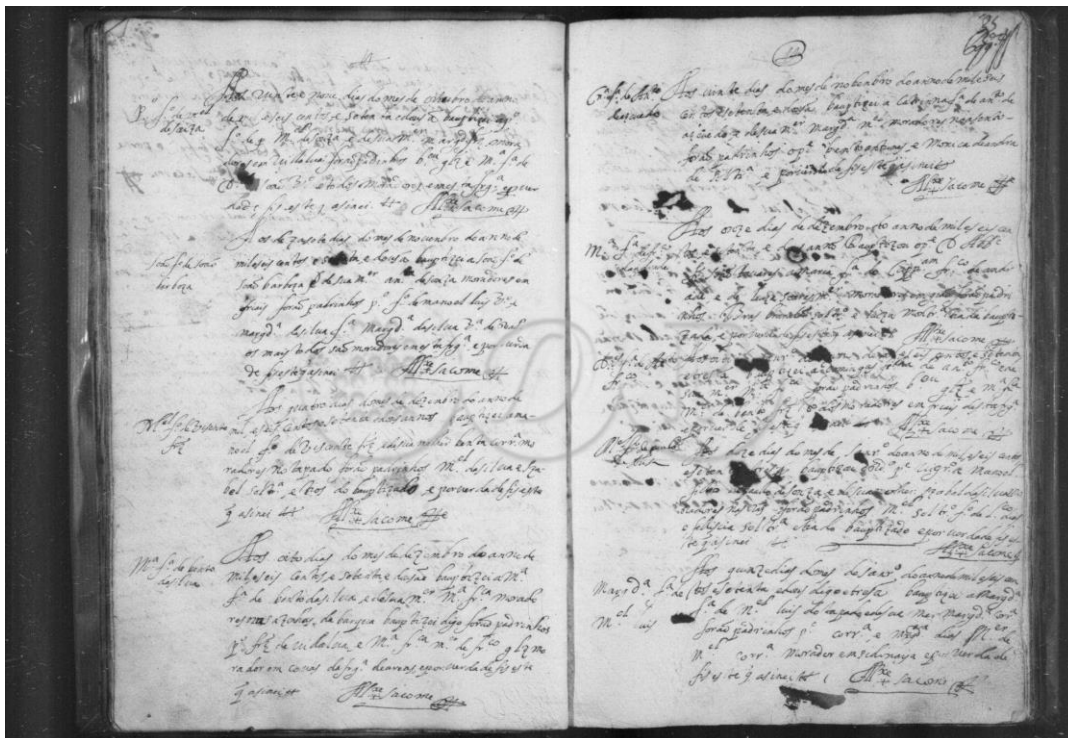


Figura 94: Batismo de Maria de Andrade Monteiro; Fonte: PT-ADPRT-PRO-PSTS22-001-0002_m0452.tif

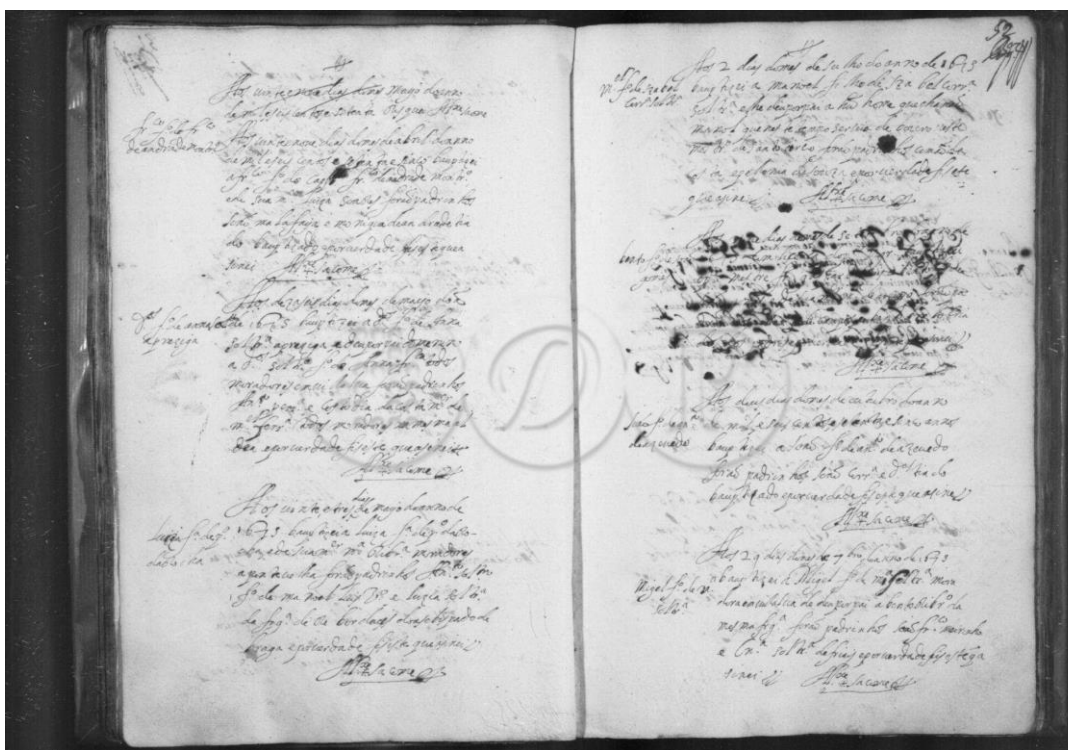


Figura 95: Batismo Francisco de Andrade; Fonte: PT-ADPRT-PRO-PSTS22-001-0002_m0460.tif

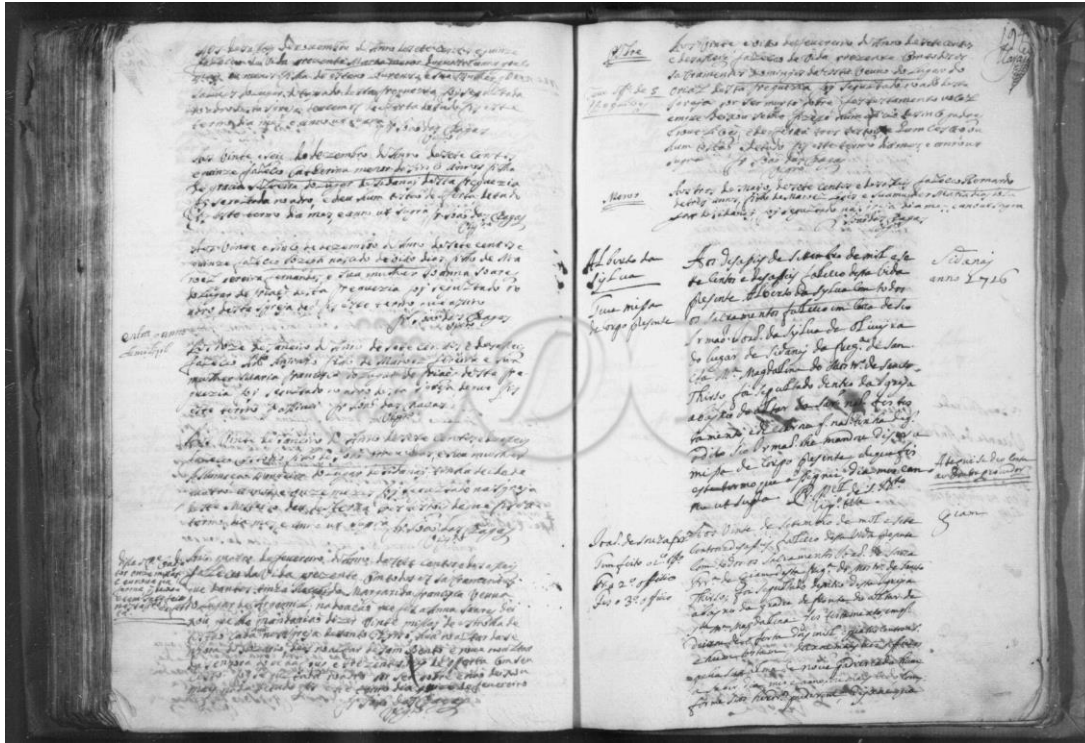


Figura 96: Óbito João de Sousa Ferreira - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-003-0003_m0849.tif

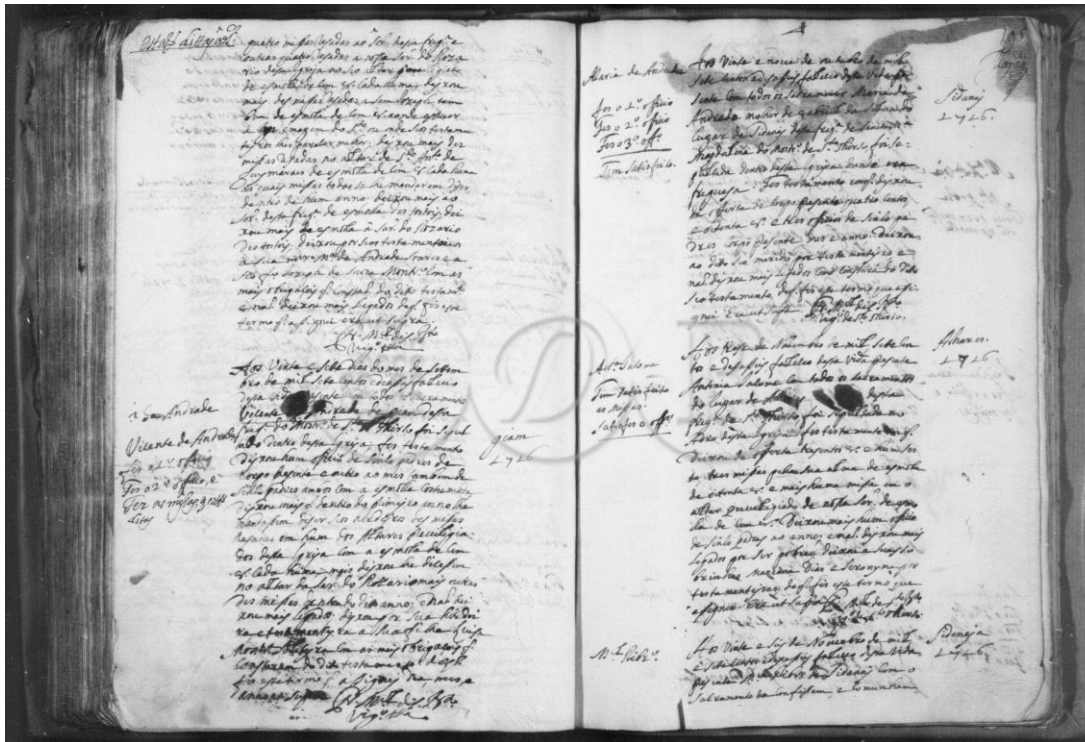


Figura 97: Óbito João de Sousa Ferreira - Parte 2; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-003-0003_m0850.tif

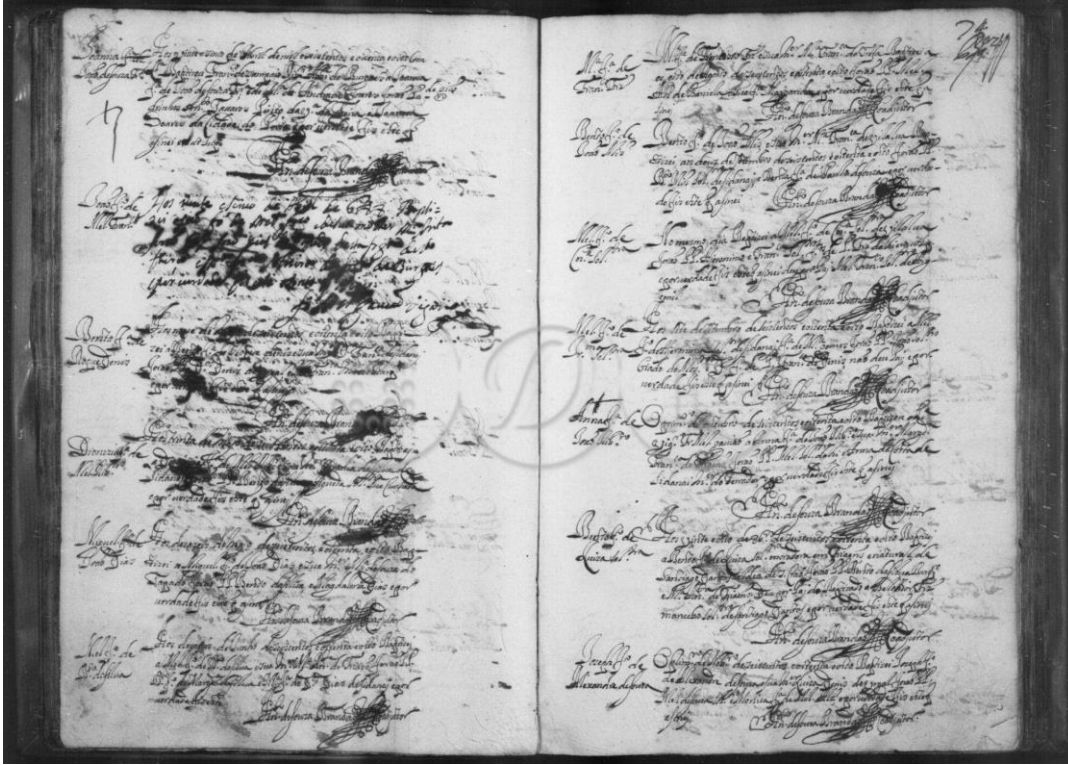


Figura 98: Batismo Joanna; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0482.tif

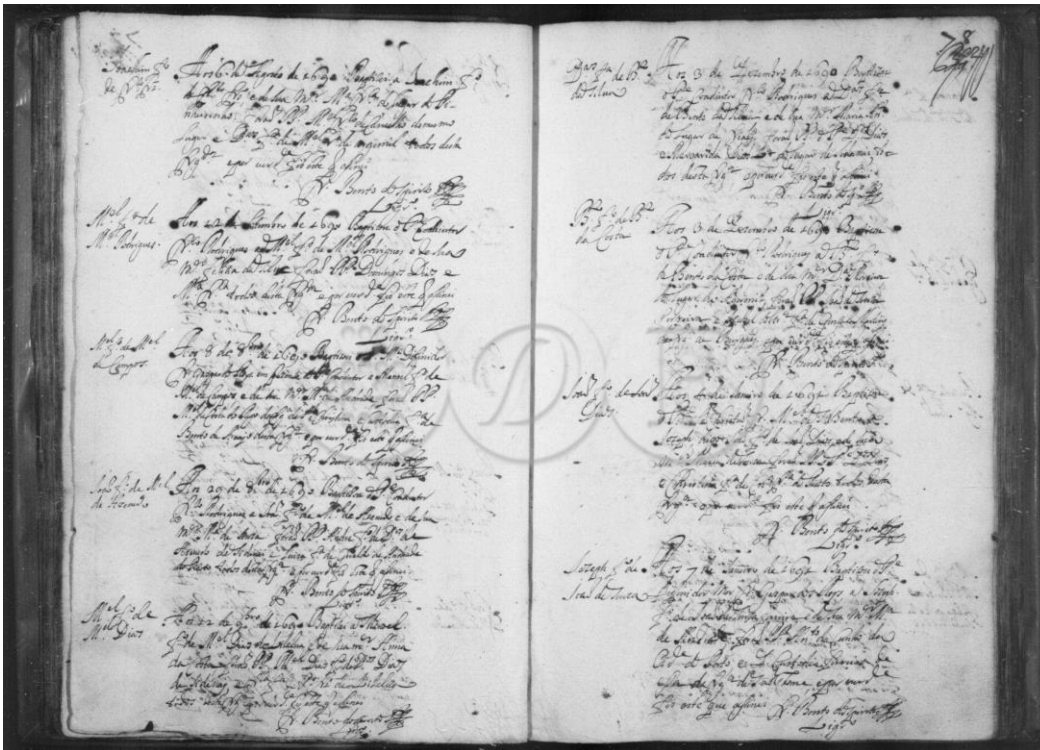


Figura 99: Batismo José; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0486.tif

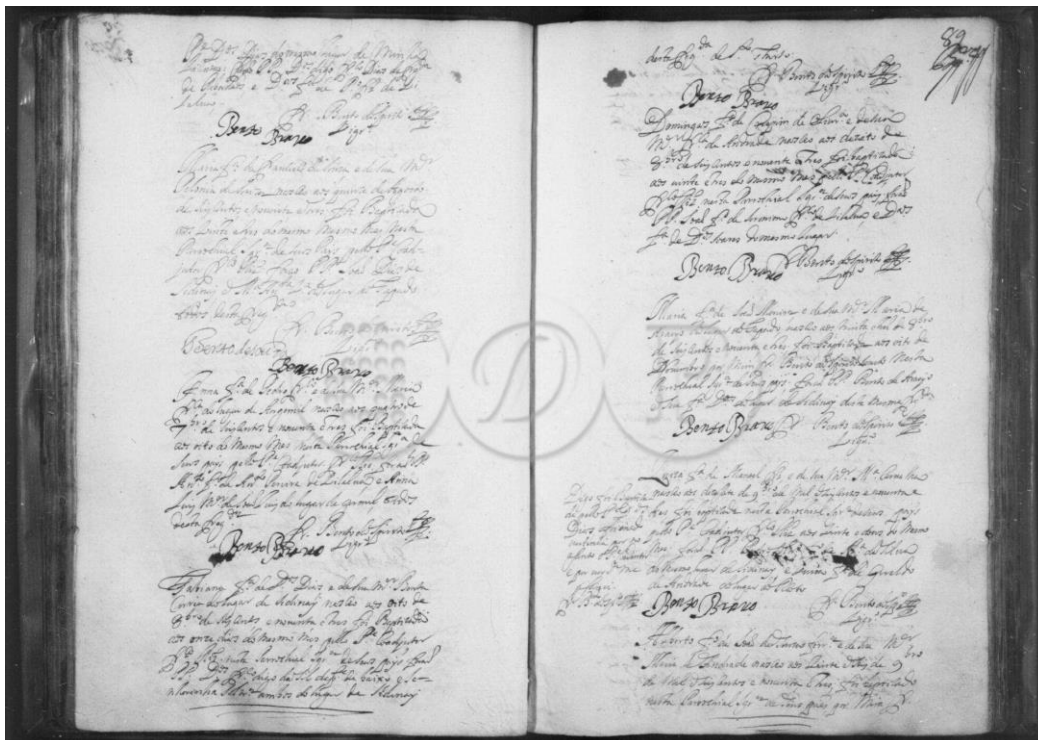


Figura 100: Batismo Alberto - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0497.tif

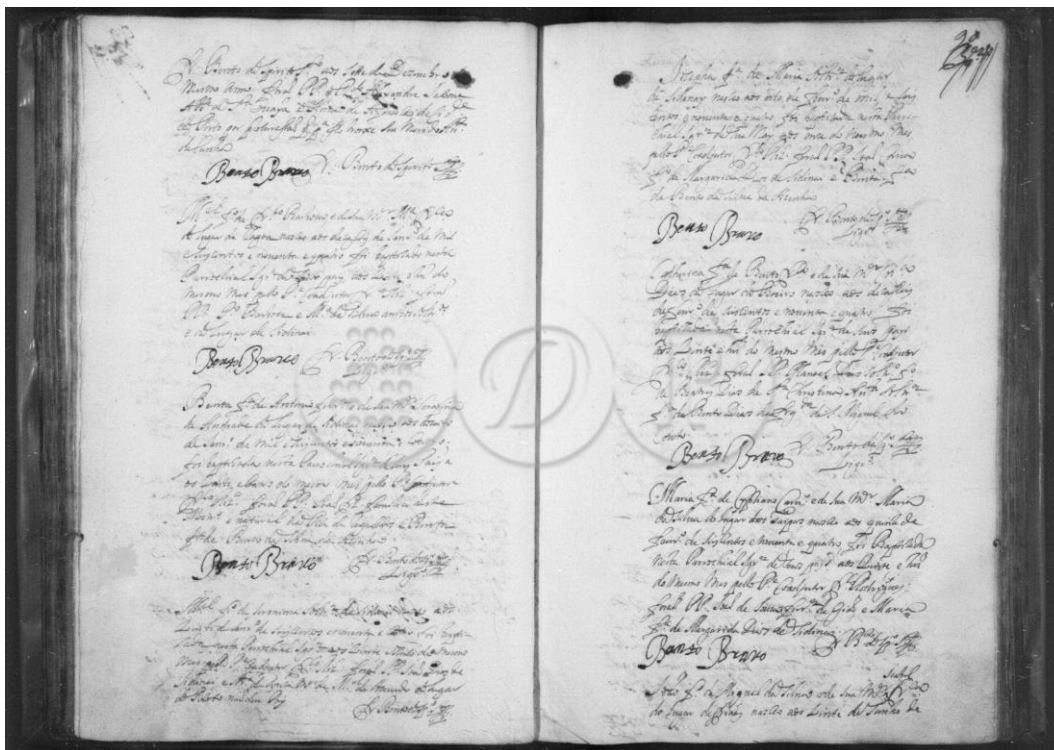


Figura 101: Batismo Alberto - Parte 2; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0498.tif

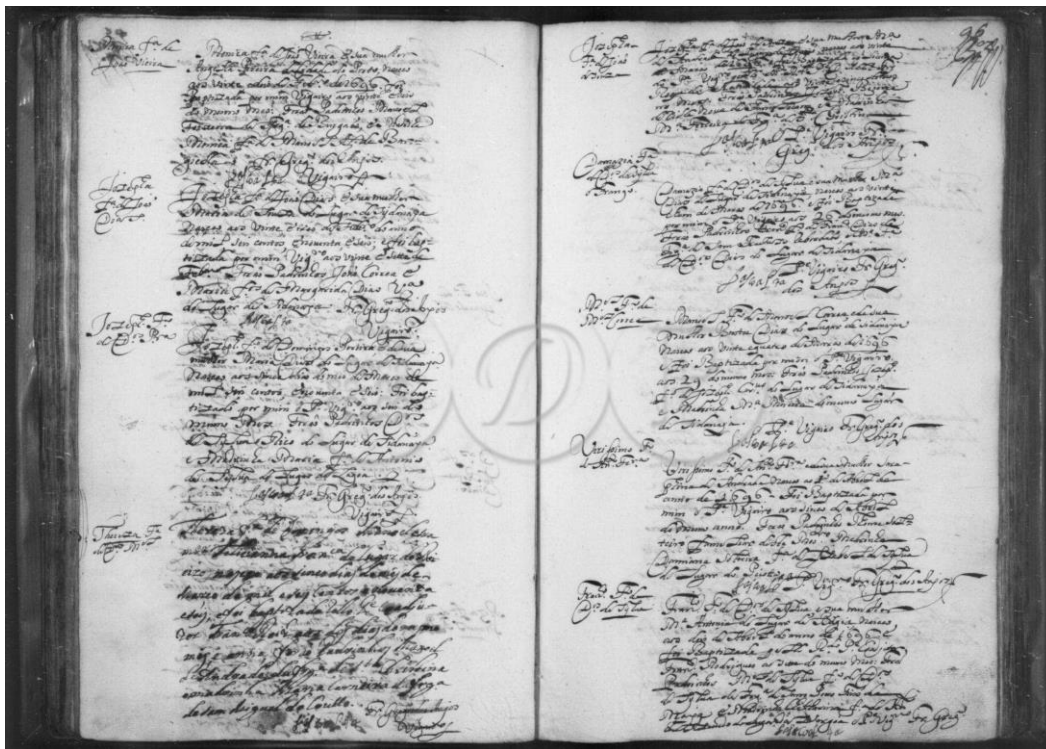


Figura 102: Batismo Josefa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0504.tif

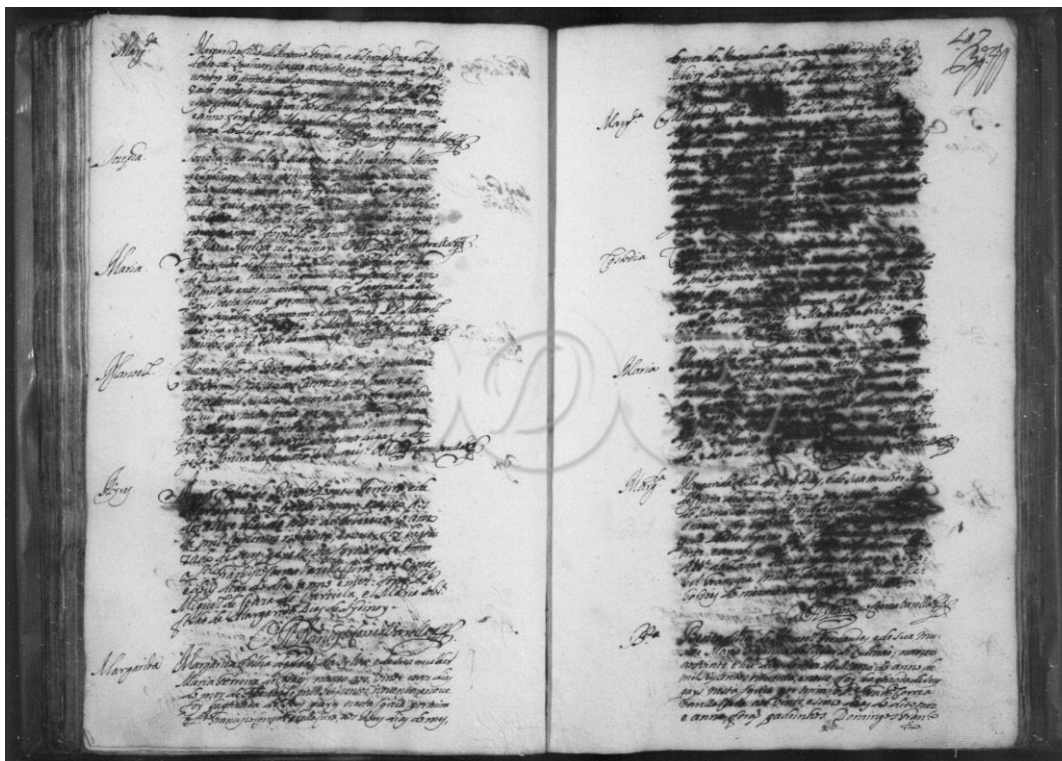


Figura 103: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0515.tif

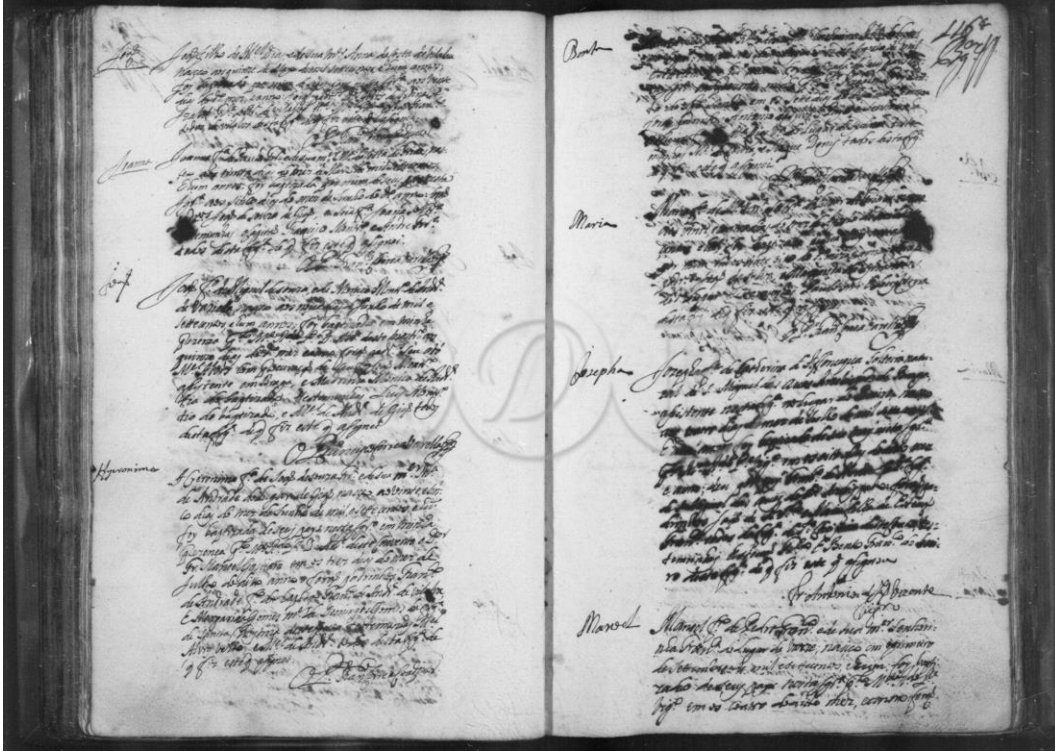


Figura 104: Batismo Jerônimo; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0524.tif

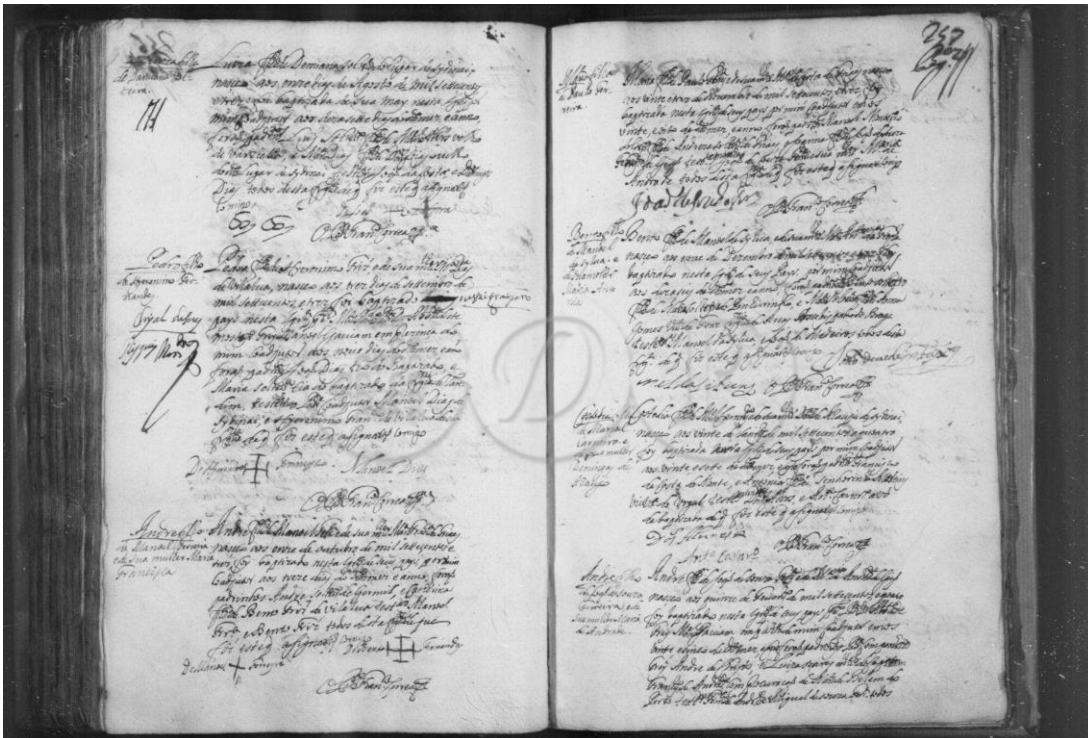


Figura 105: Batismo André; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0636.tif

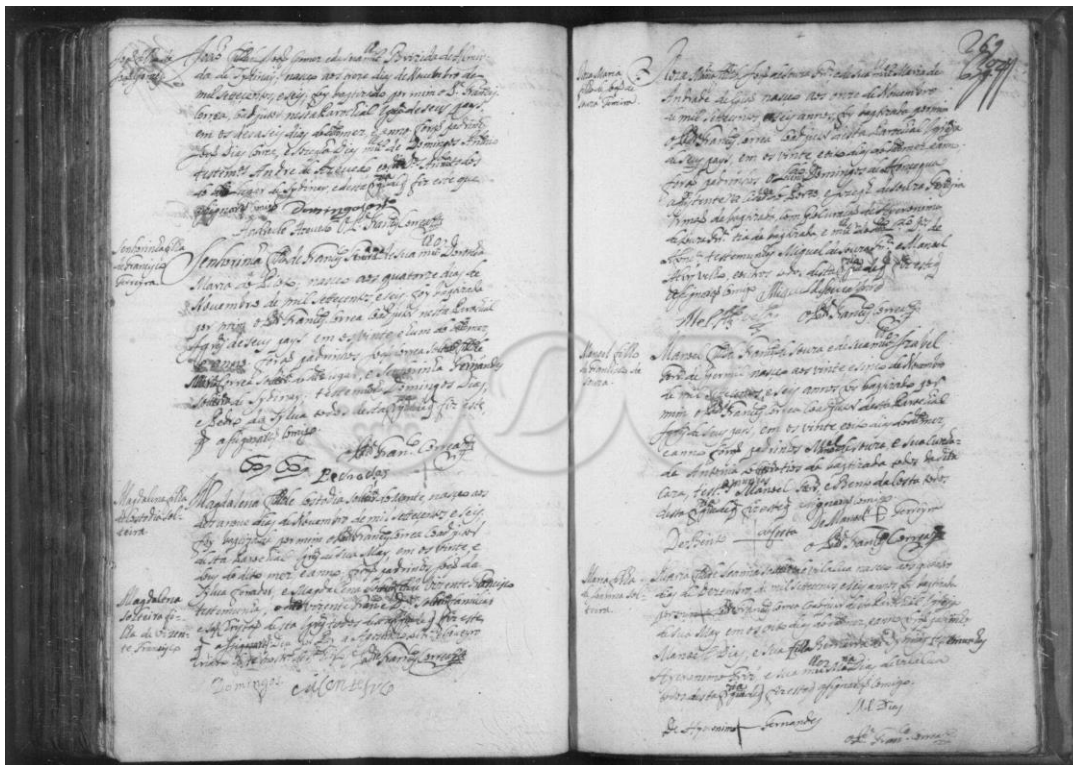


Figura 106: Batismo José Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0648.tif

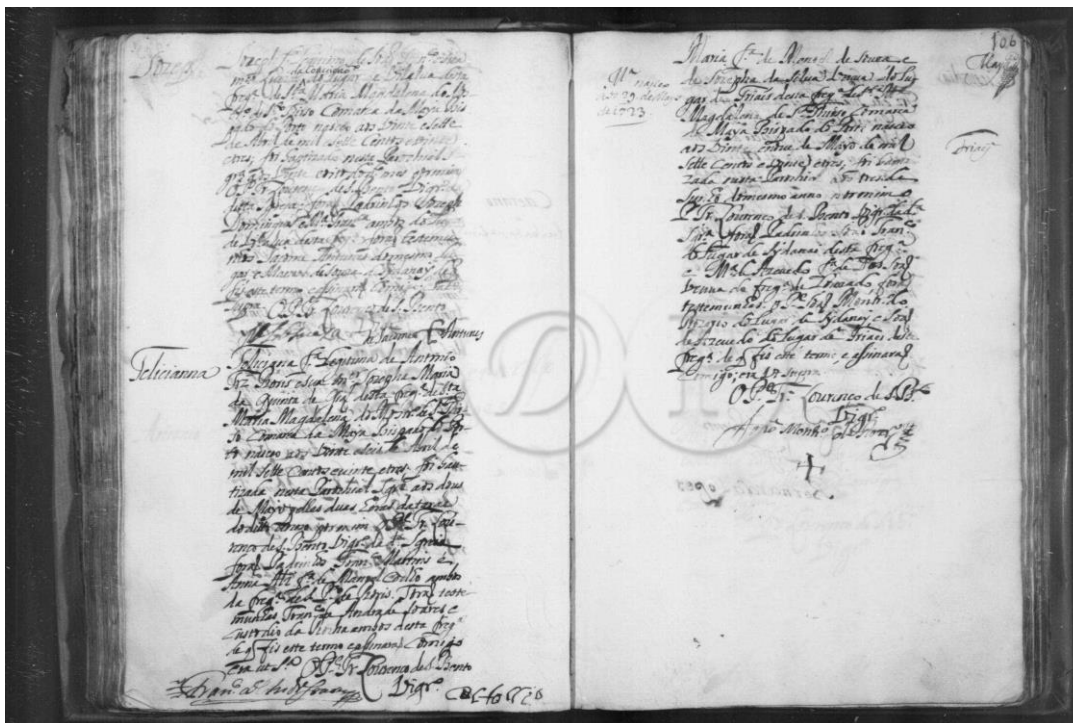


Figura 107: Batismo Feliciano; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0003_m0767.tif

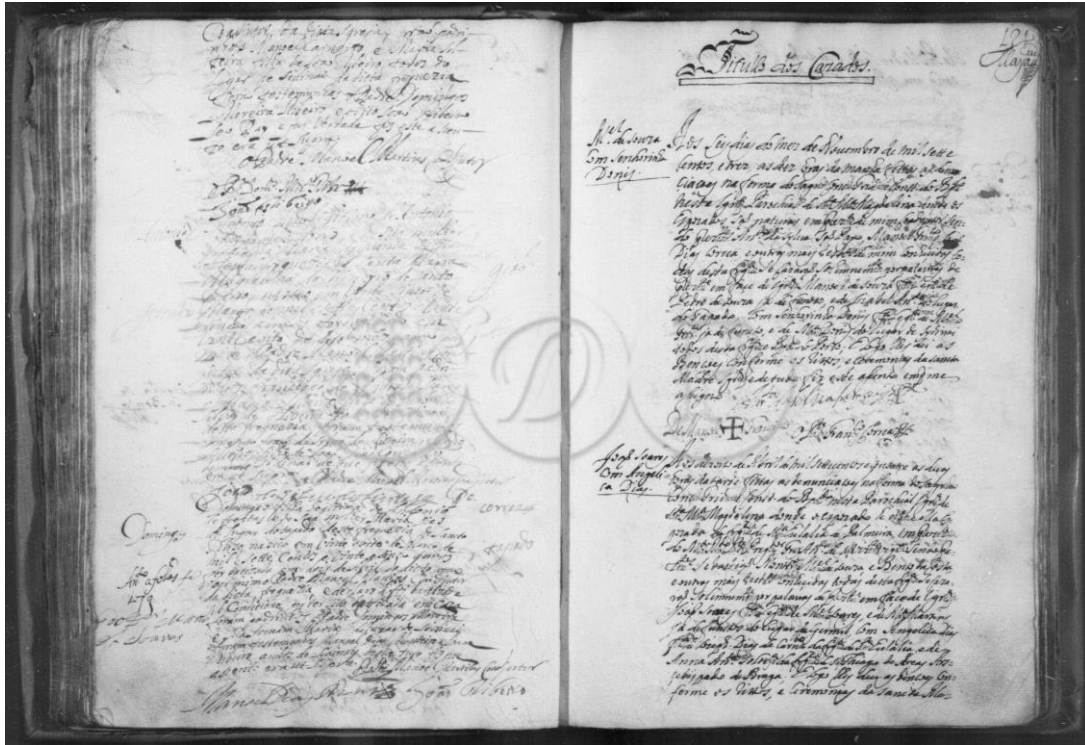


Figura 108: Batismo António; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-002-0003_m0785.tif

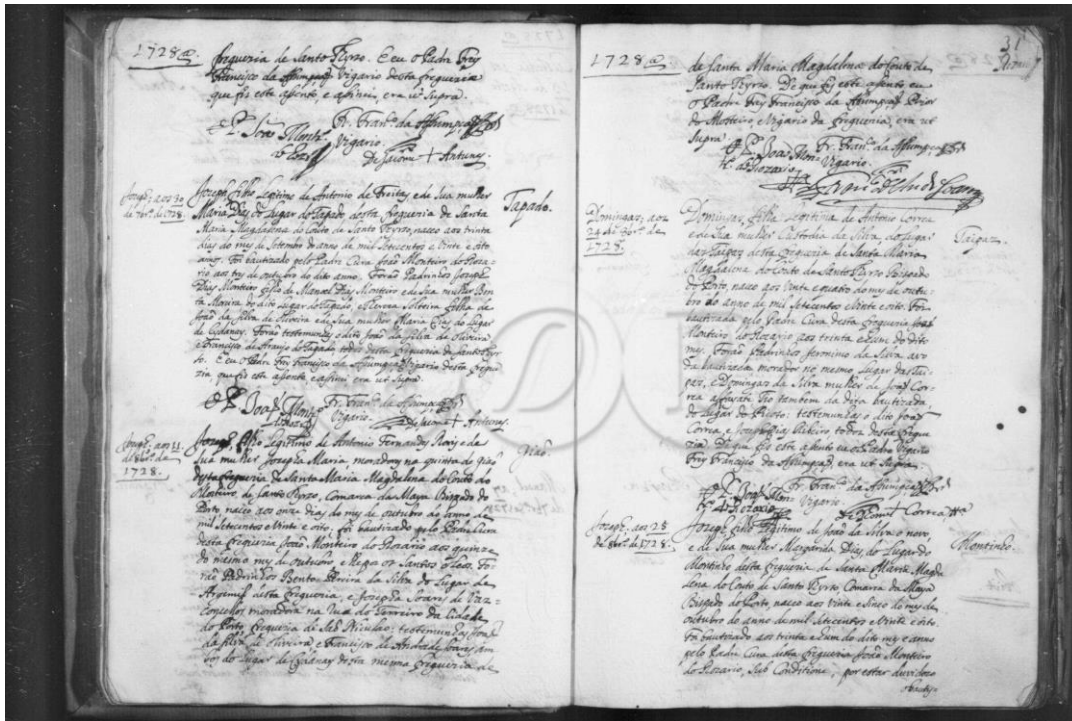


Figura 109: Batismo José; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0004_m0921.tif

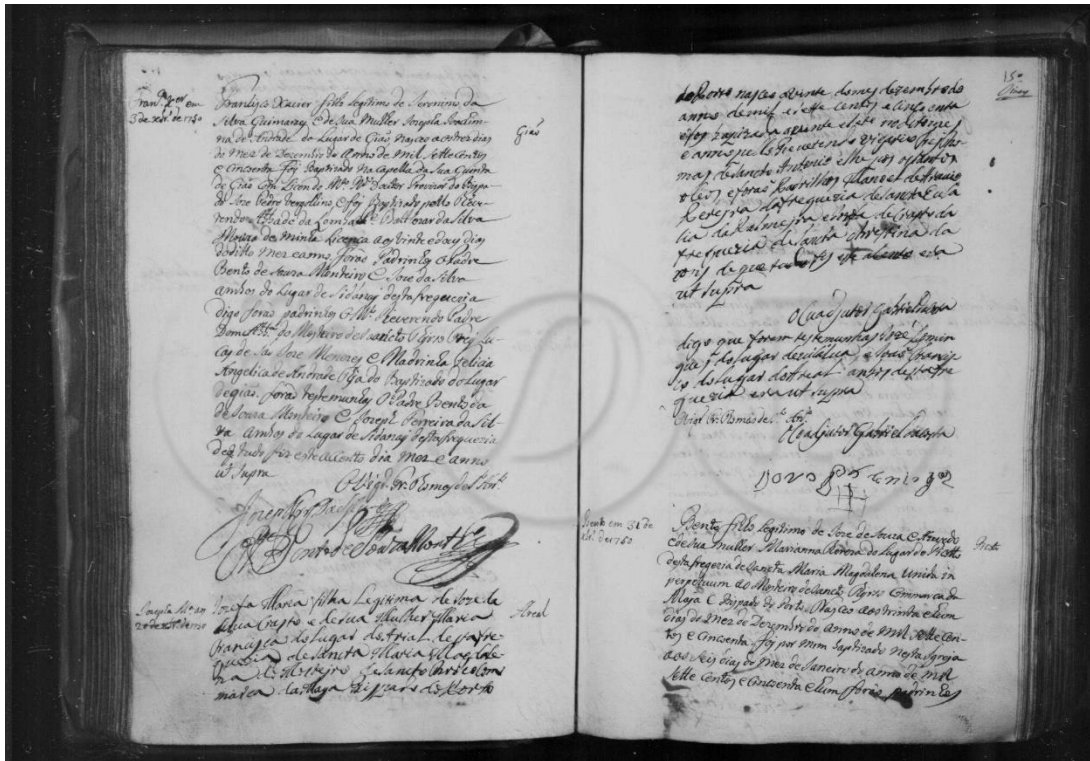


Figura 112: Batismo Francisco Xavier; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0005_m0156.tif

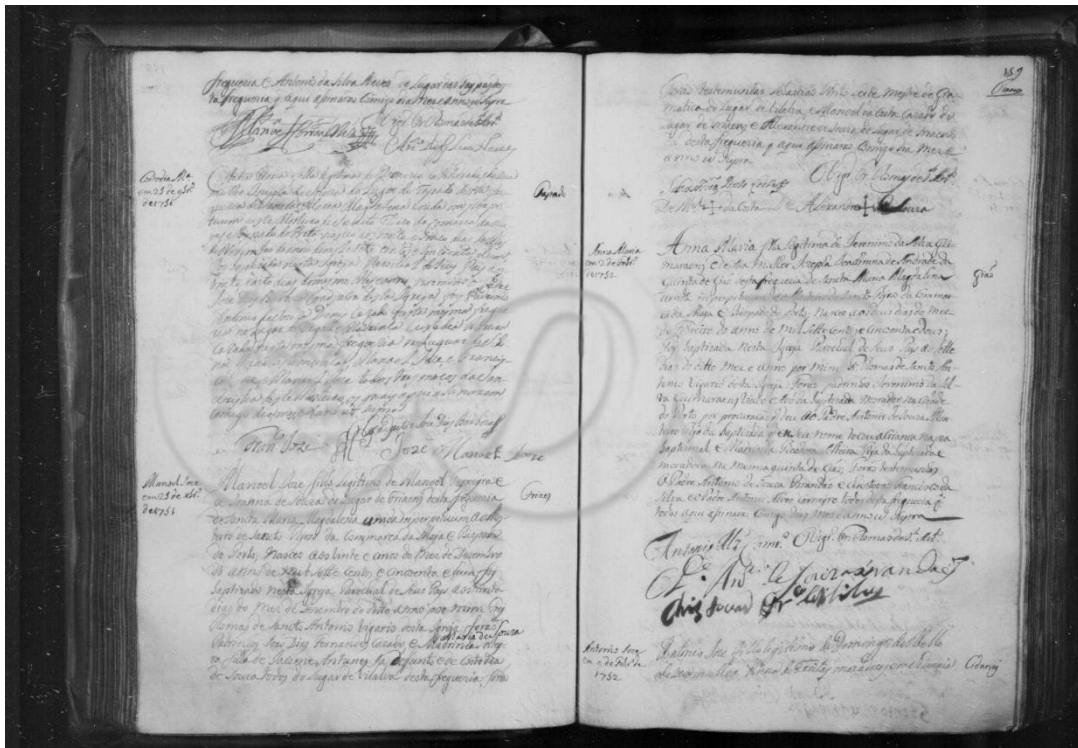


Figura 113: Batismo Ana Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0005_m0165.tif

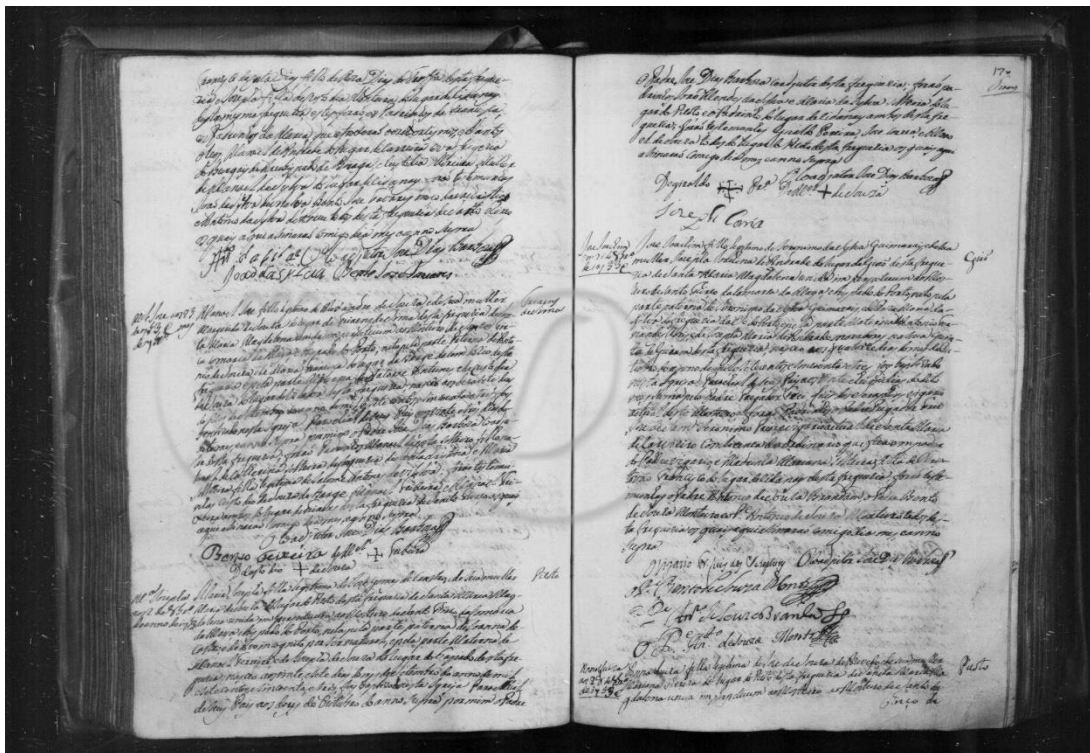


Figura 114: Batismo José Joaquim; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0005_m0176.tif

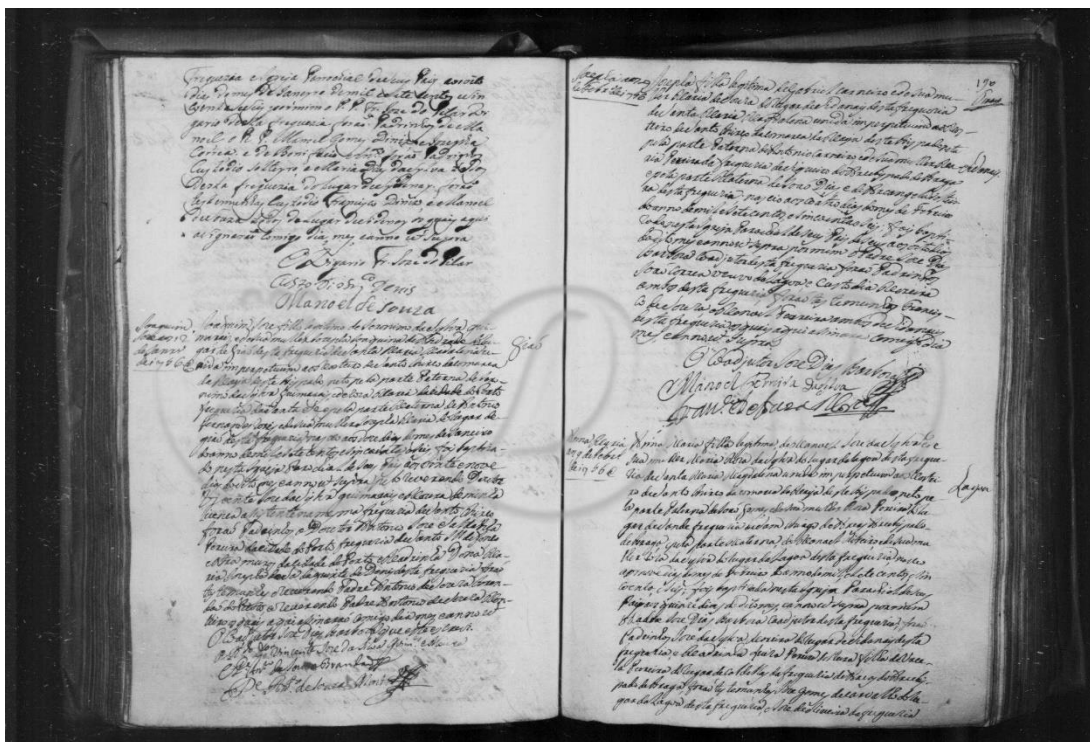


Figura 115: Batismo Joaquim José; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0005_m0195.tif

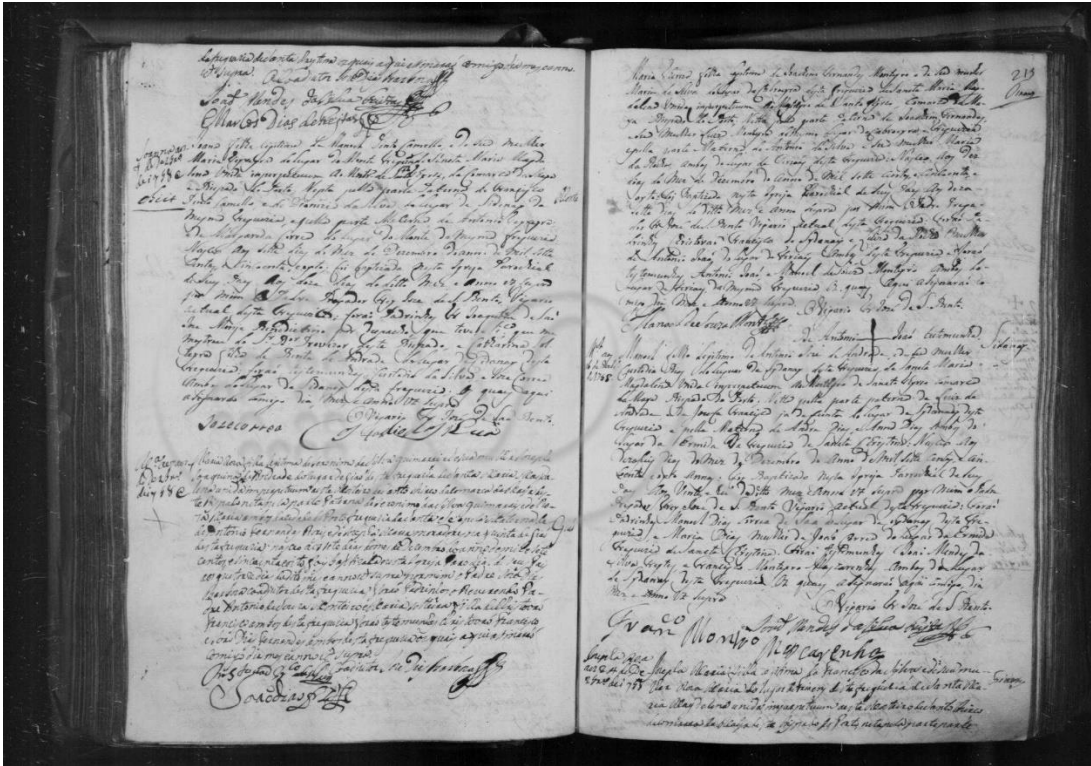


Figura 116: Batismo Maria Rosa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0005_m0217.tif

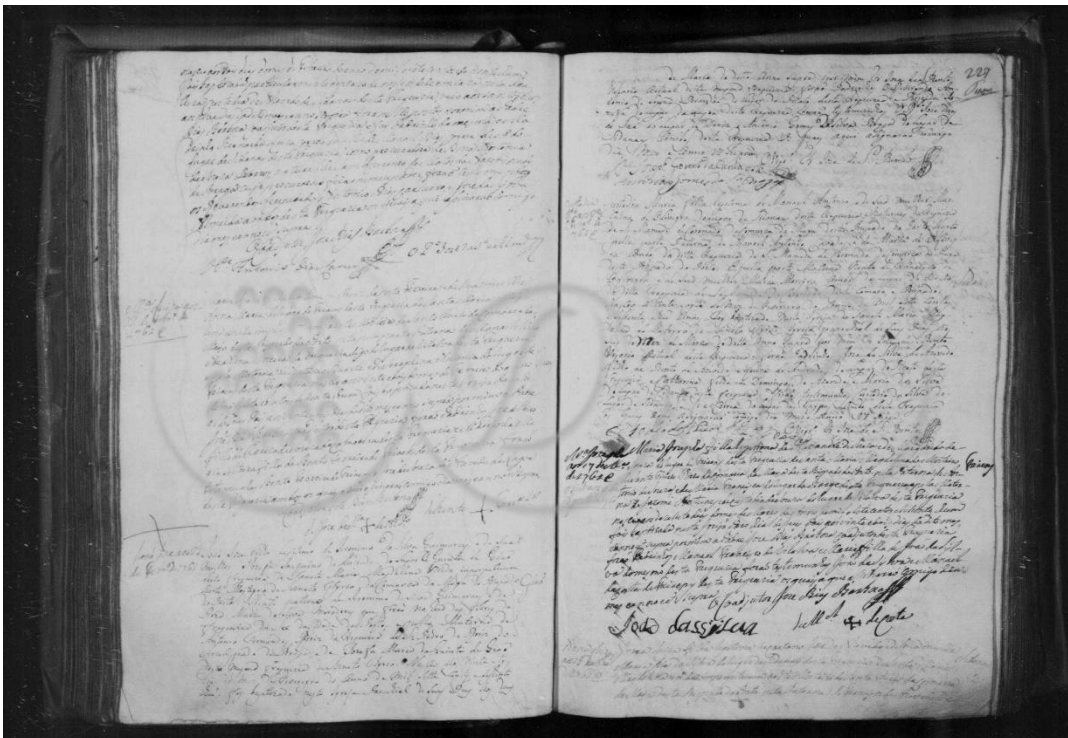


Figura 117: Batismo João José; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0005_m0230.tif

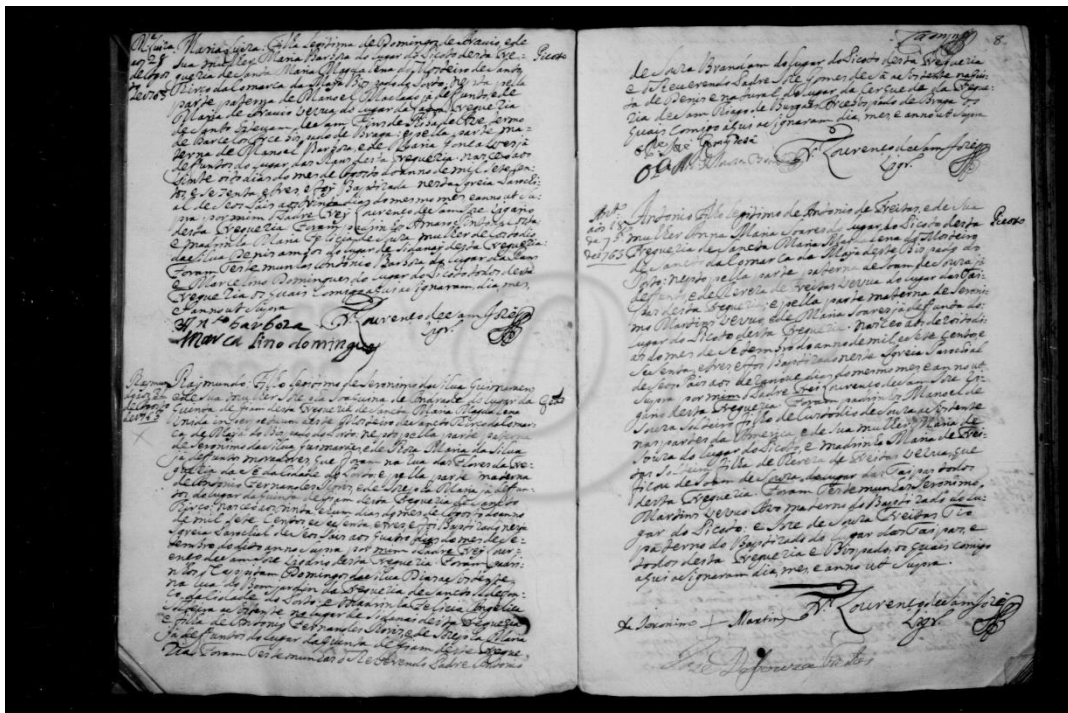


Figura 118: Batismo Raimundo; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0006_m0945.tif

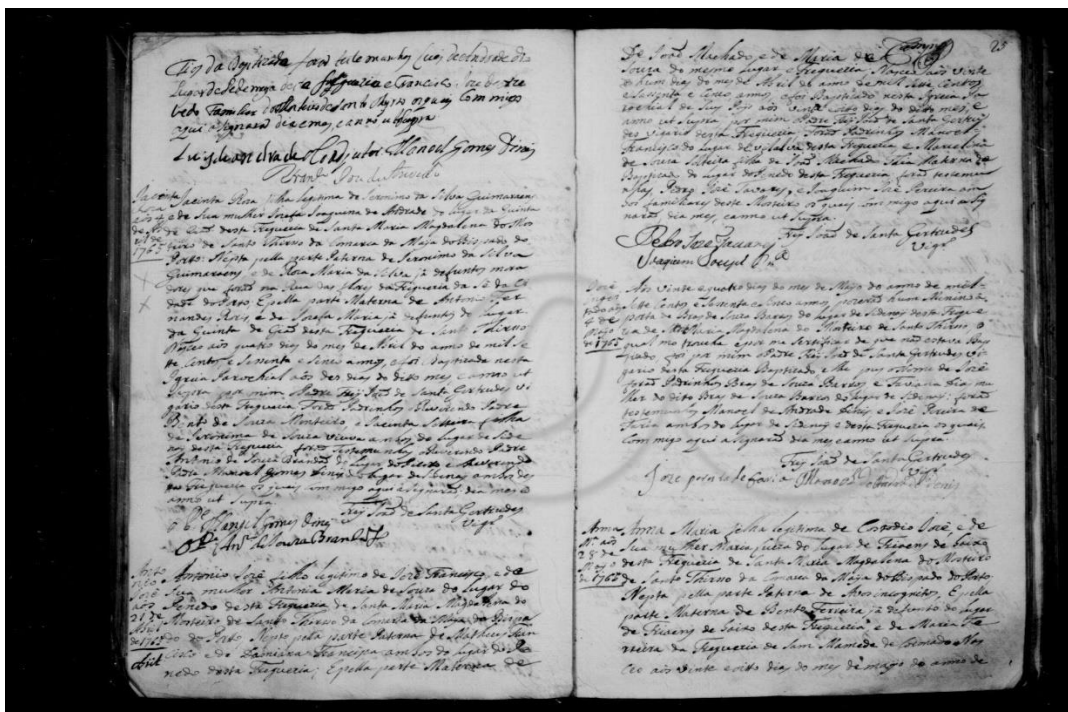


Figura 119: Batismo Jacinta Rosa Angélica; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0006_m0962.tif

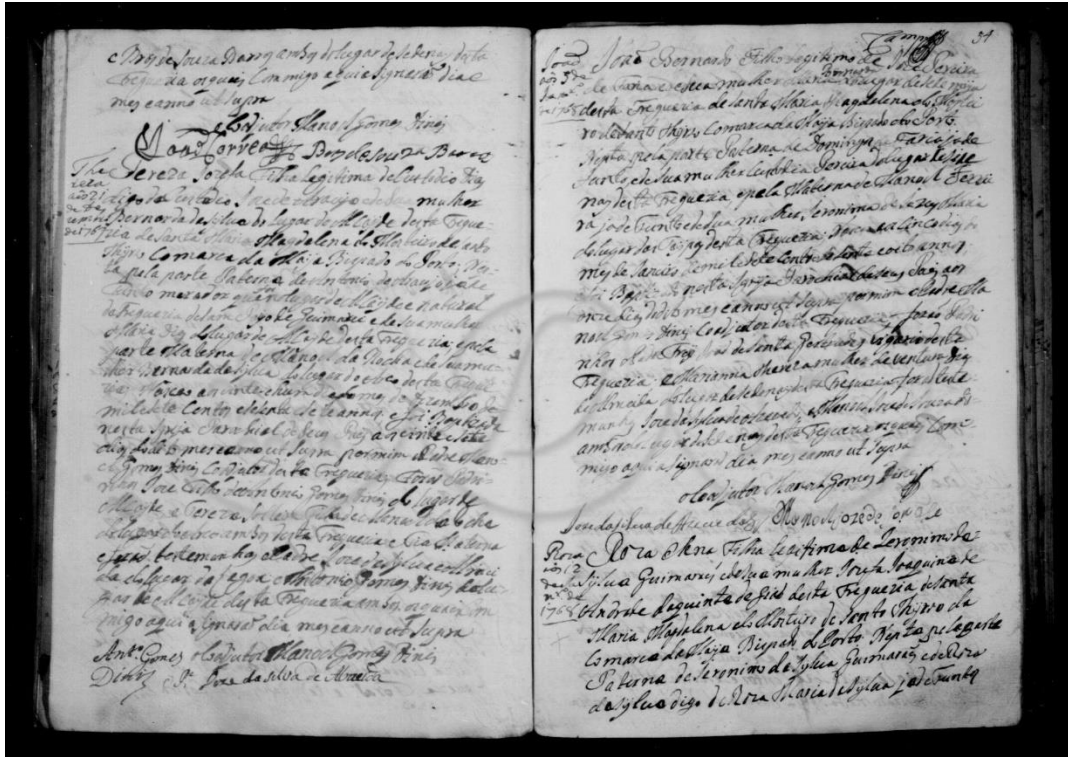


Figura 120: Batismo Rosa Elena - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0006_m0991.tif

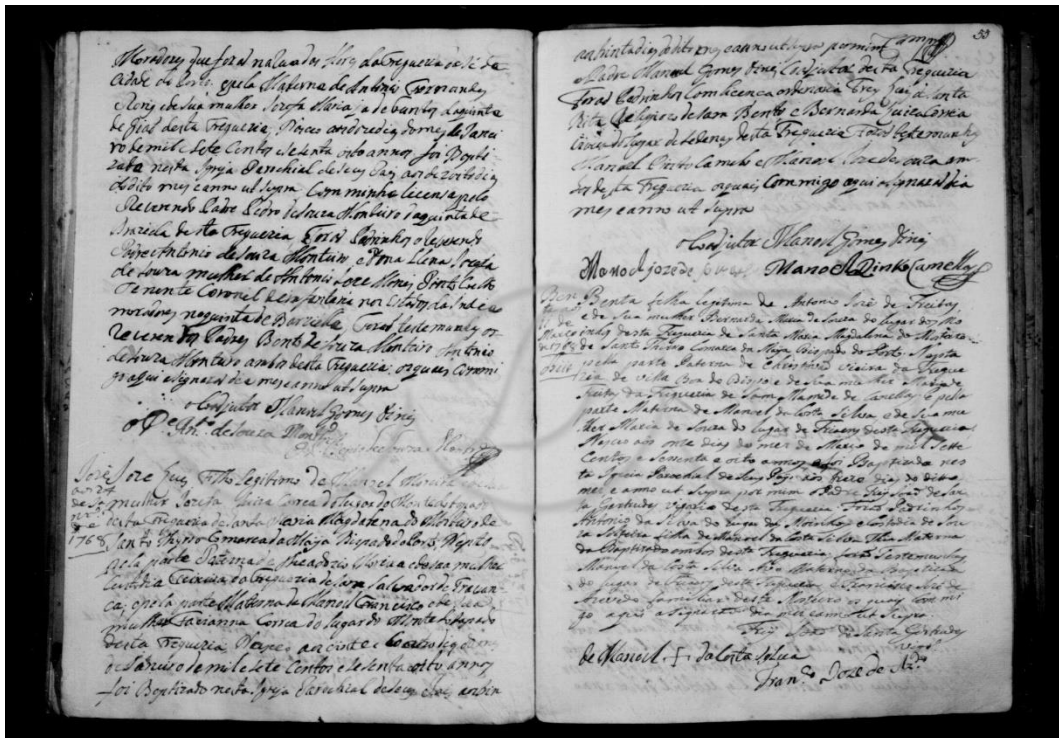


Figura 121: Batismo Rosa Elena - Parte 2; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0006_m0992.tif

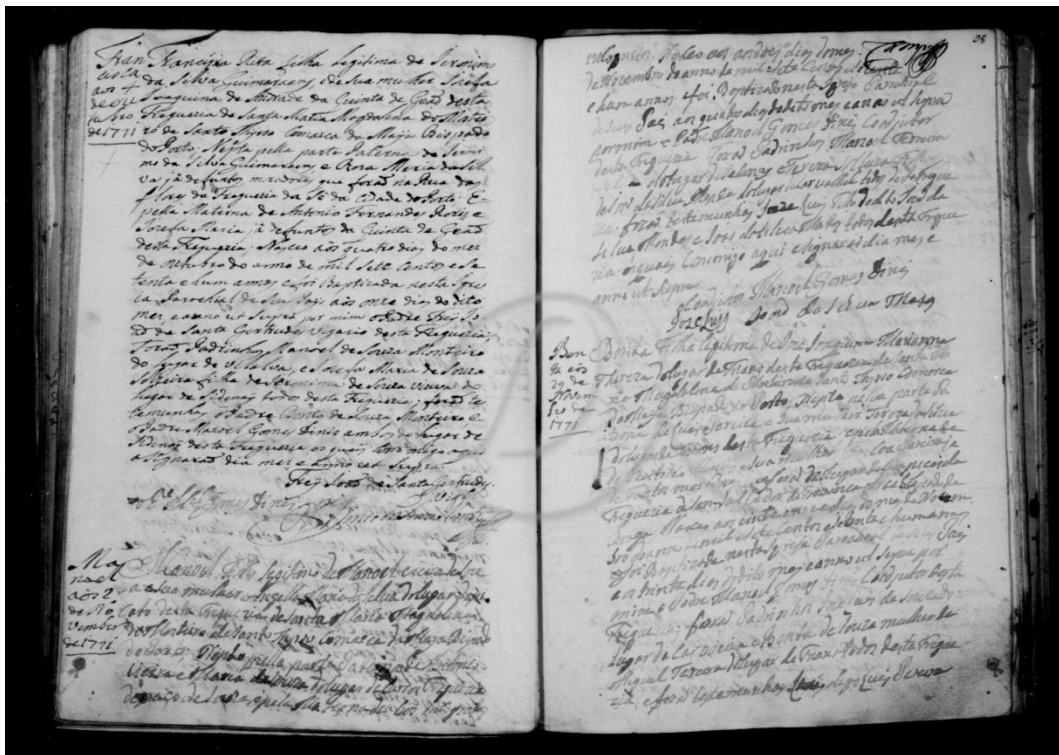


Figura 122: Batismo Francisca Rita; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0006_m1035.tif

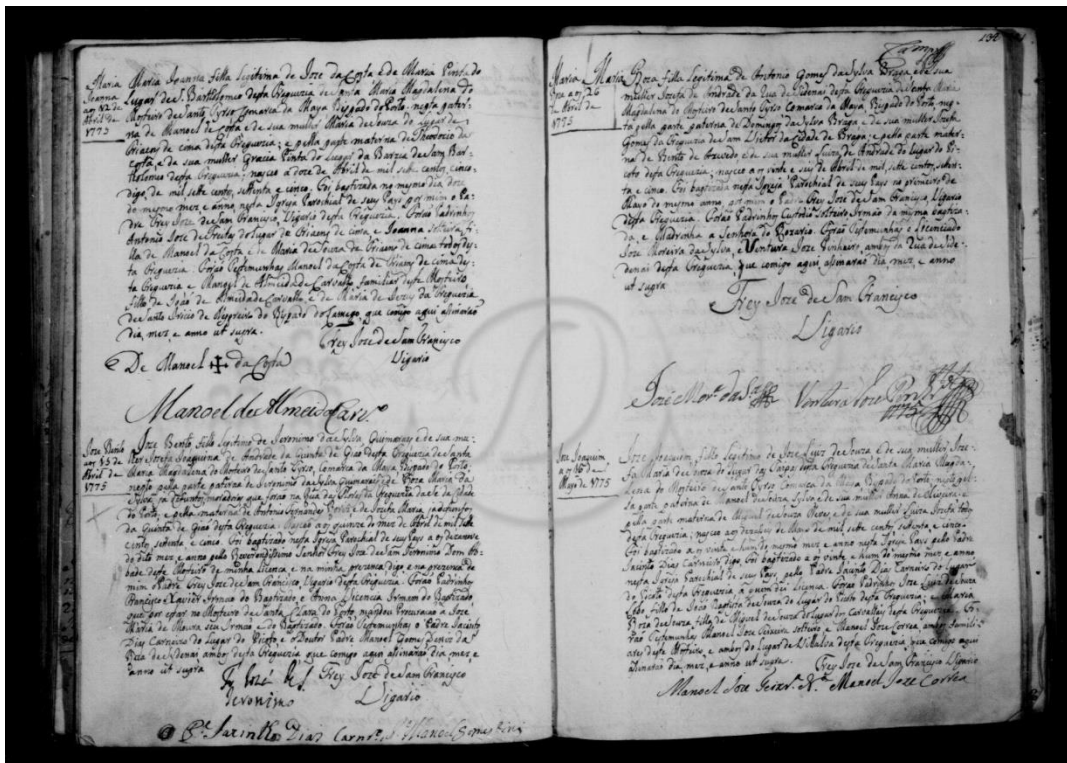


Figura 123: Batismo José Bento; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0006_m1071.tif

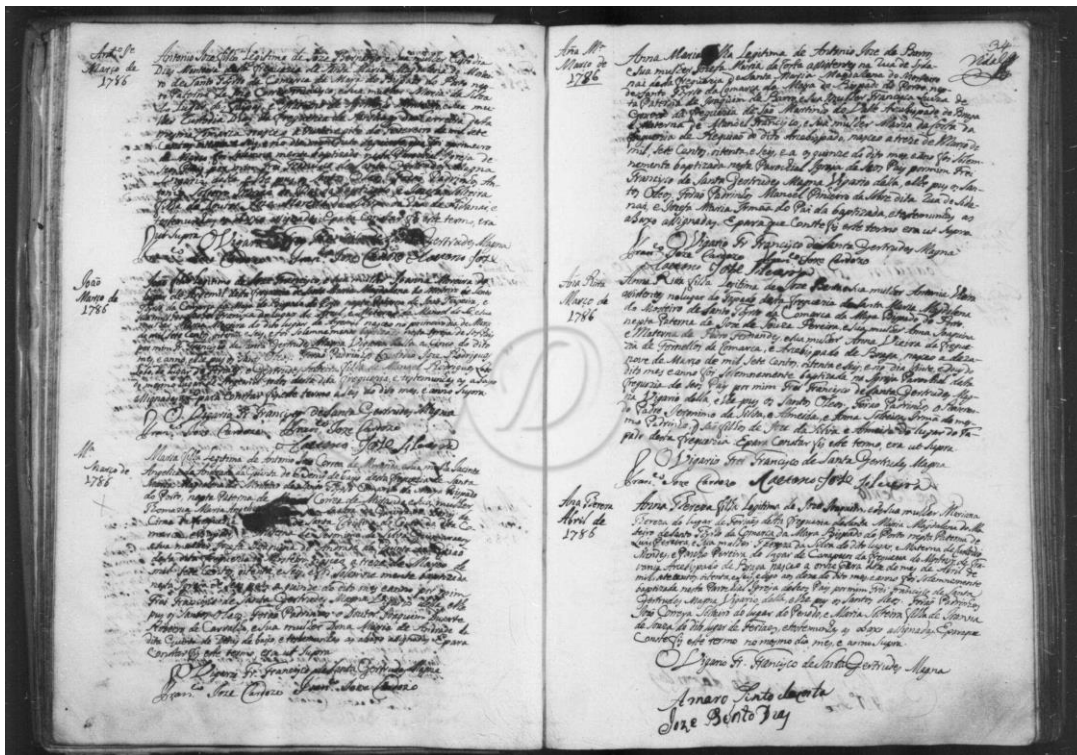


Figura 124: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0007_m0039.tif

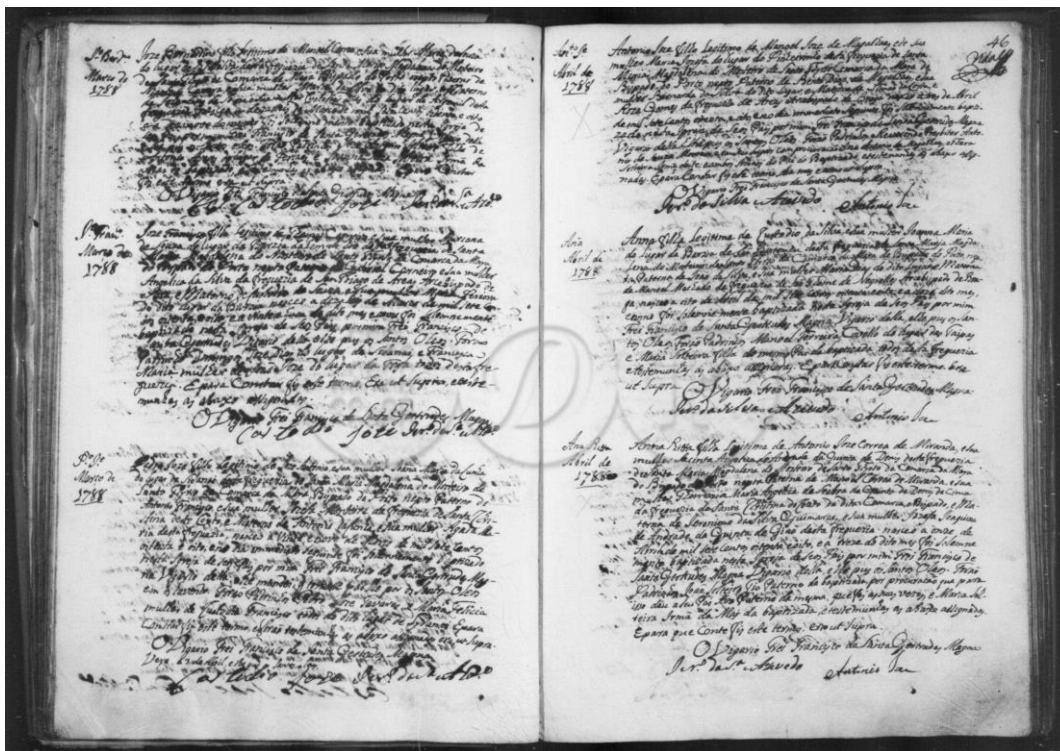


Figura 125: Batismo Anna Rita Correia; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0007_m0051.tif

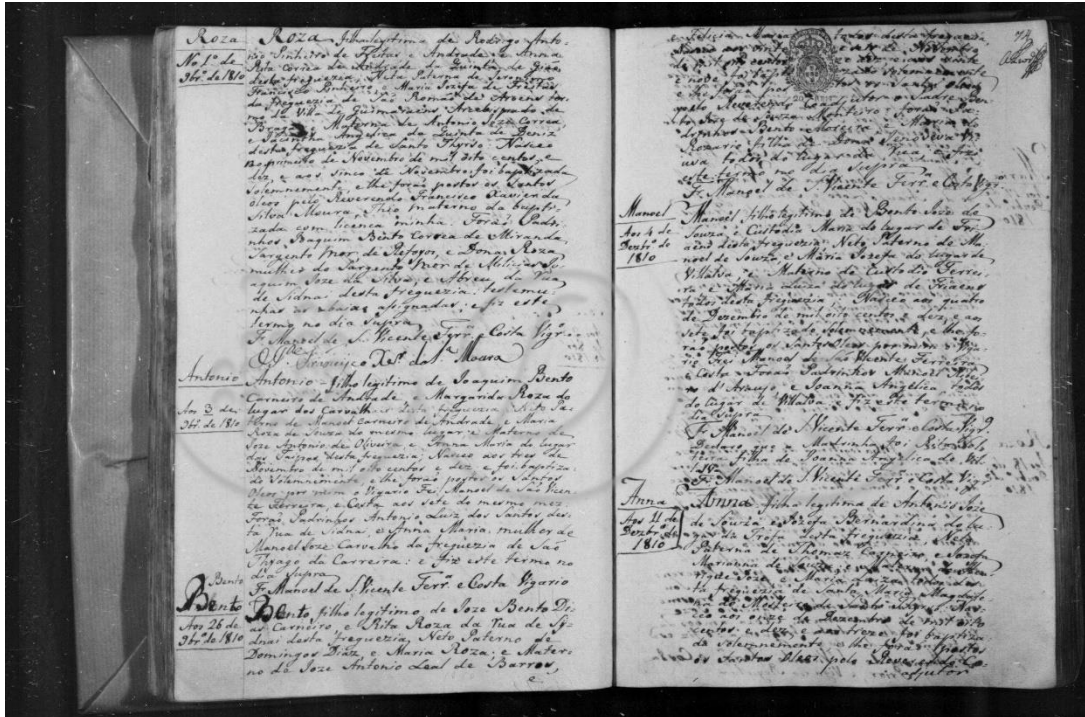


Figura 134: Batismo Rosa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0008_m0815.tif

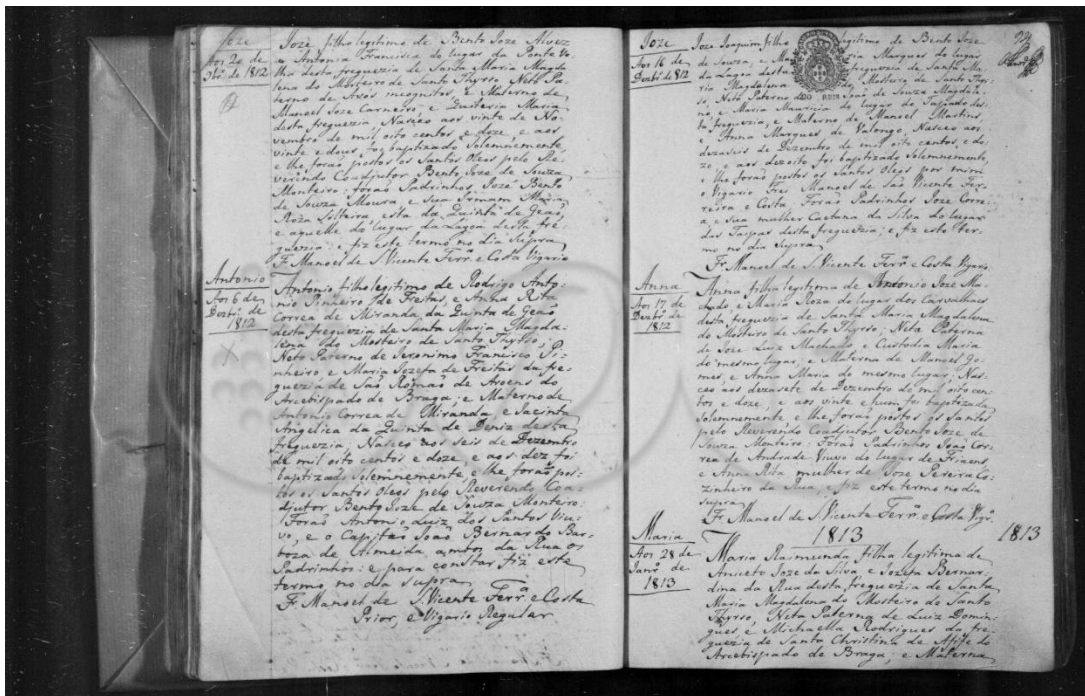


Figura 135: Batismo António; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0008_m0835.tif

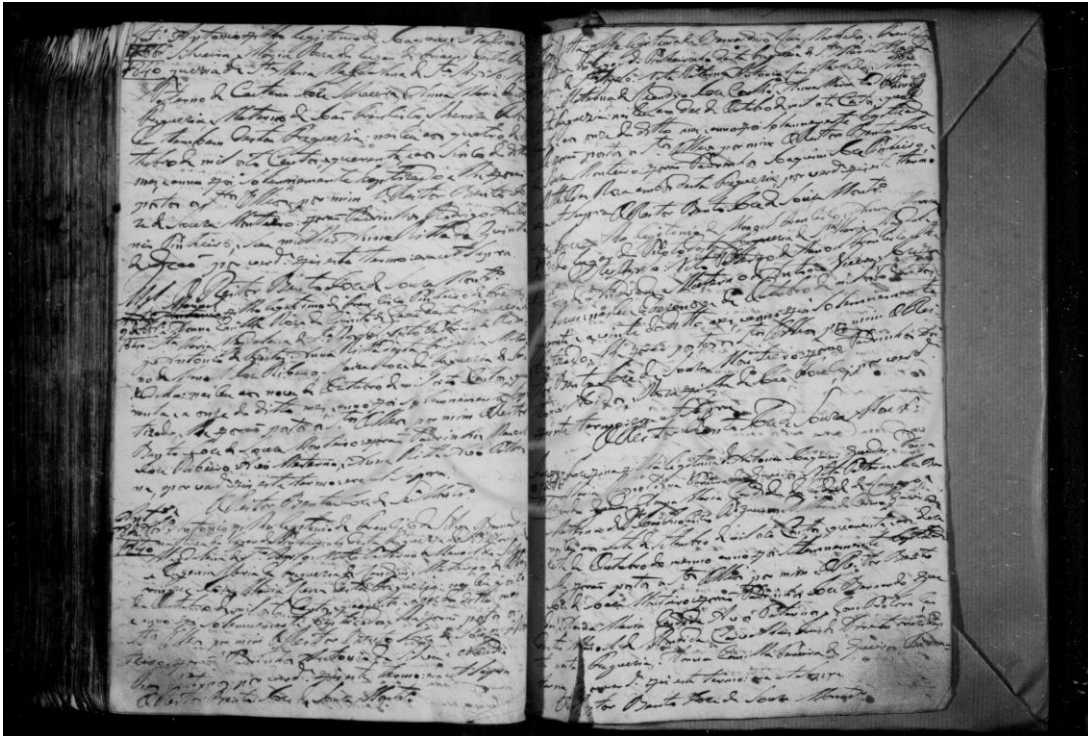


Figura 136: Batismo Manuel; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0009_m0389.tif

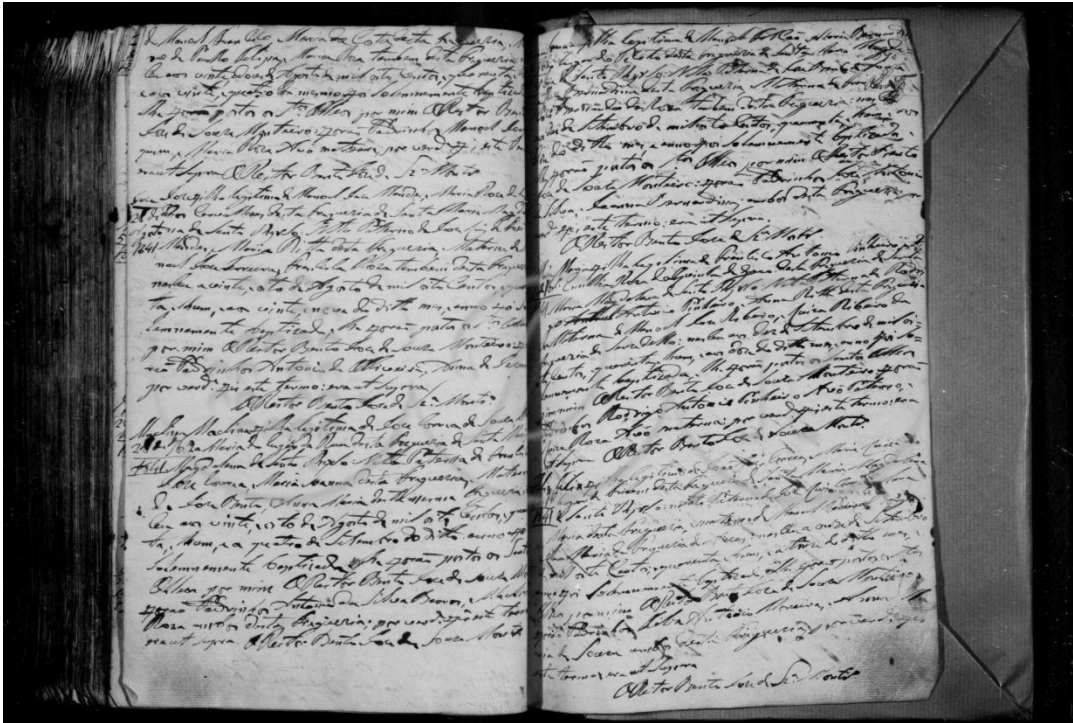


Figura 137: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0009_m0393.tif

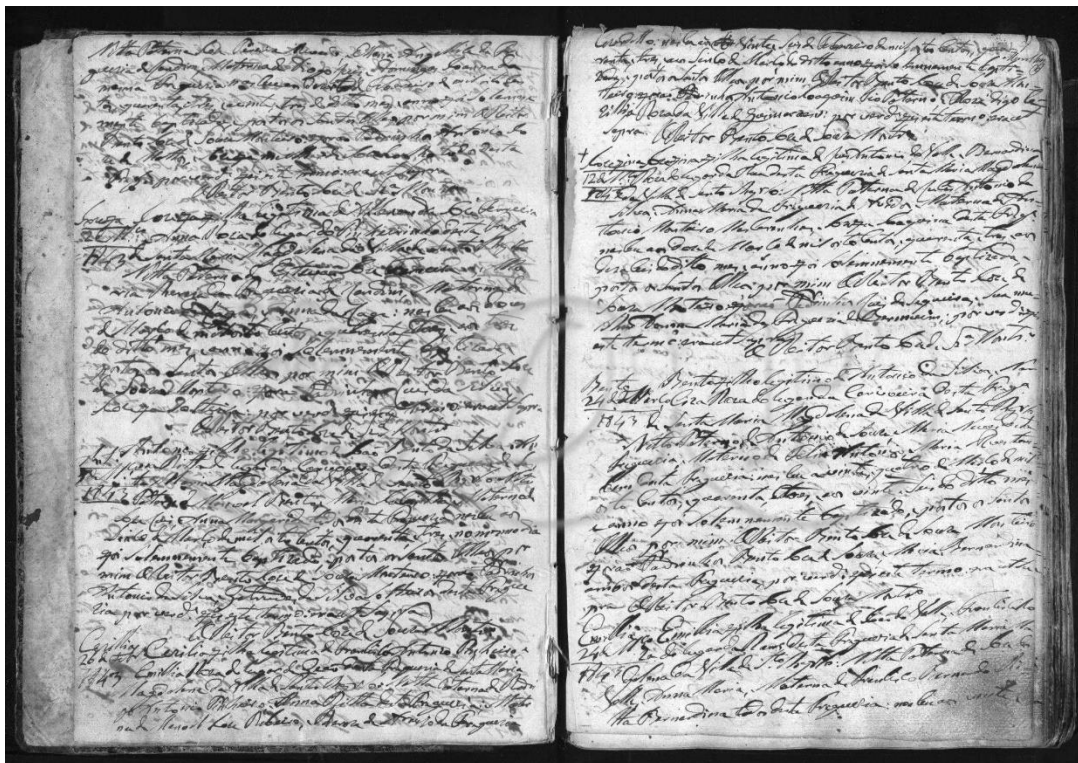


Figura 138: Batismo Cecília; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00008.tif

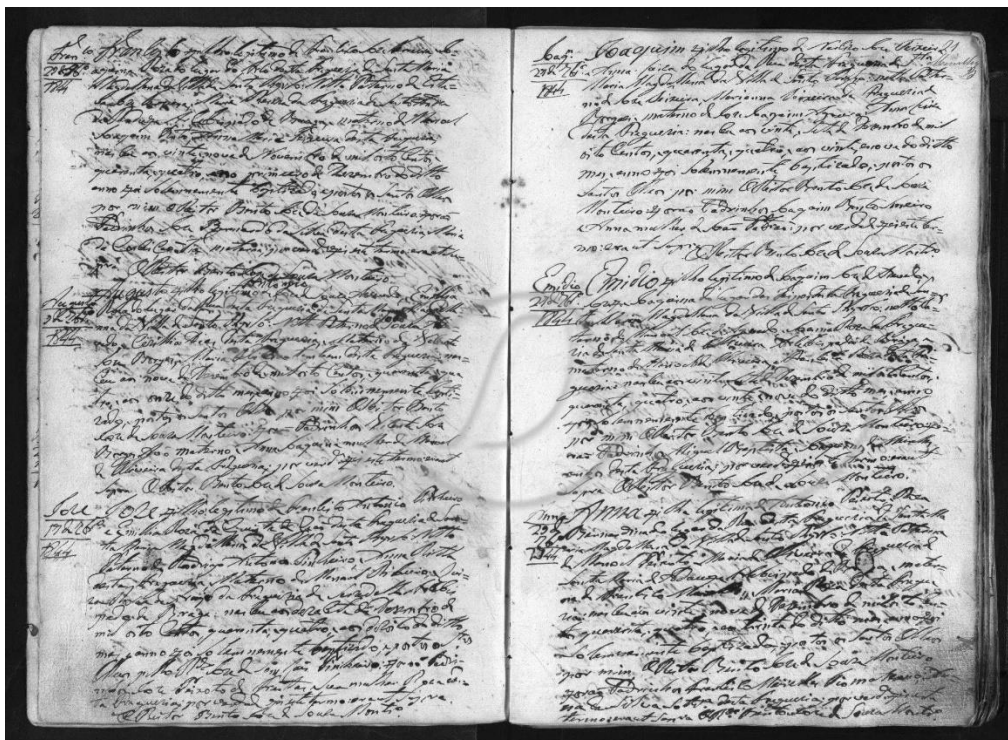


Figura 139: Batismo José; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00022.tif

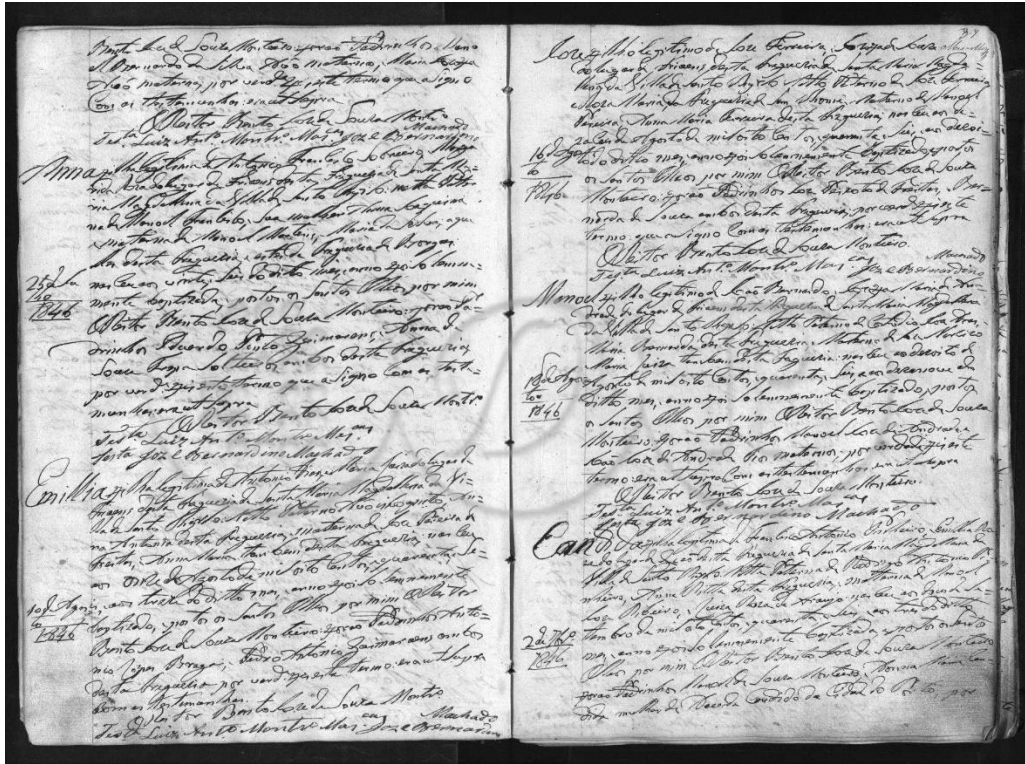


Figura 140: Batismo Cândida; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00038.tif

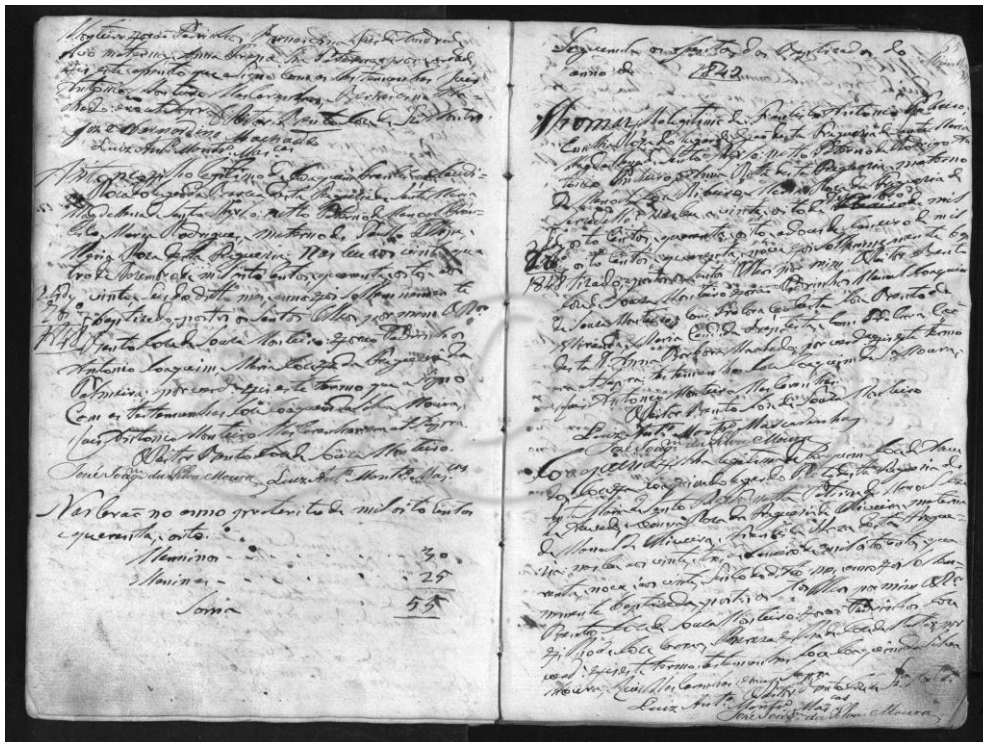


Figura 141: Batismo Thomas; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00066.tif

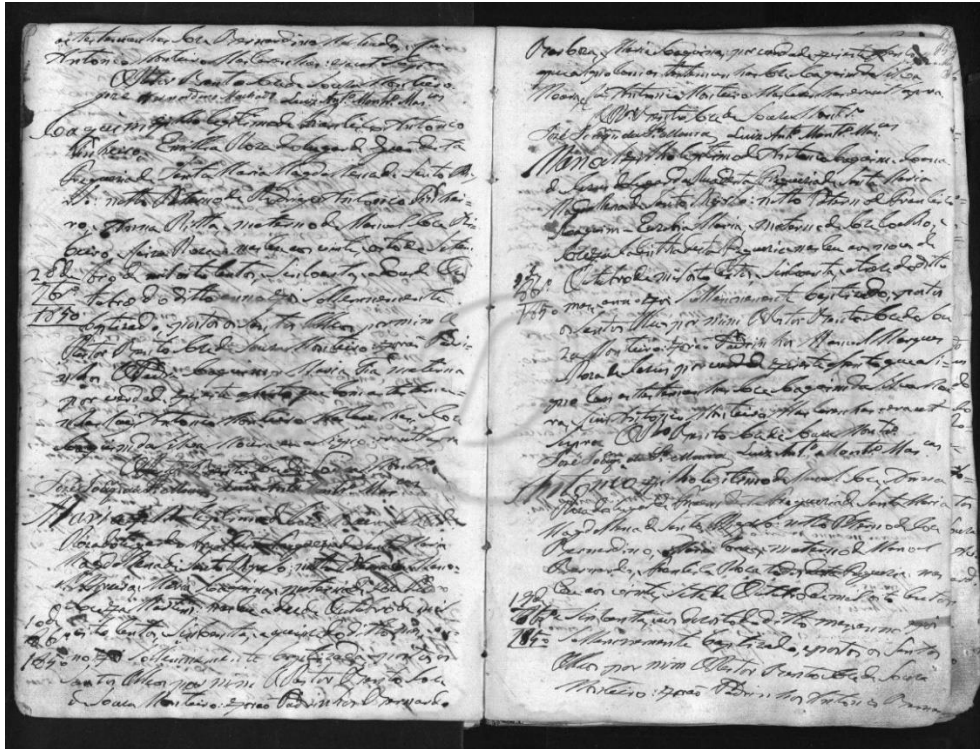


Figura 142: Batismo Joaquim; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00086.tif

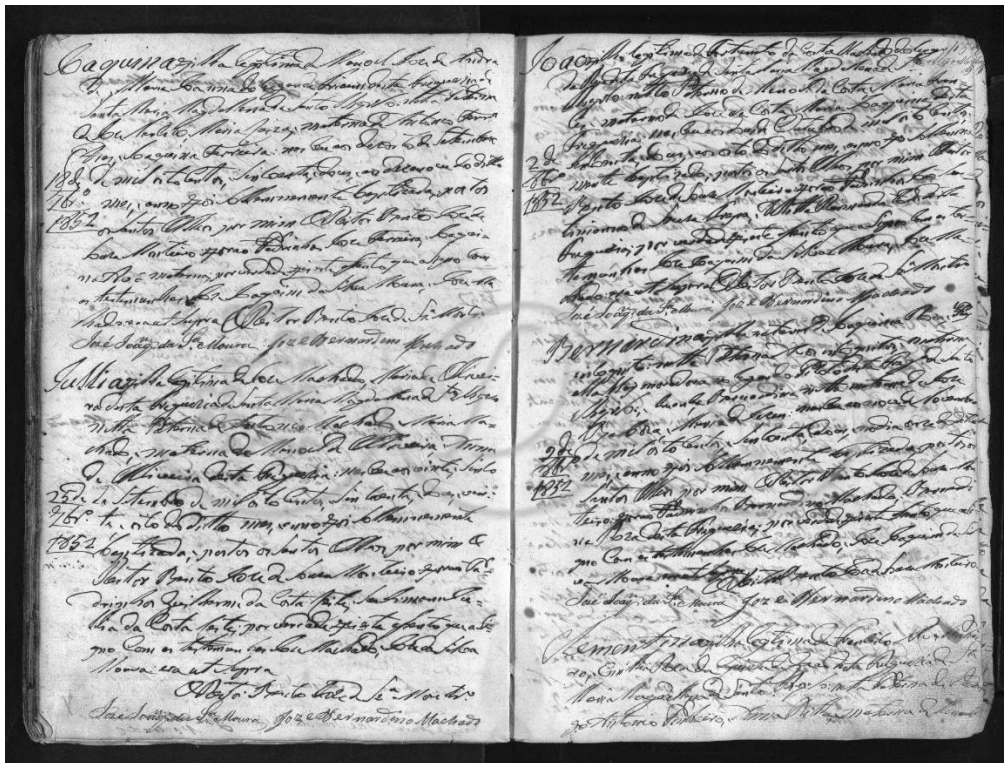


Figura 143: Batismo Clementina – Parte I Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00106.tif

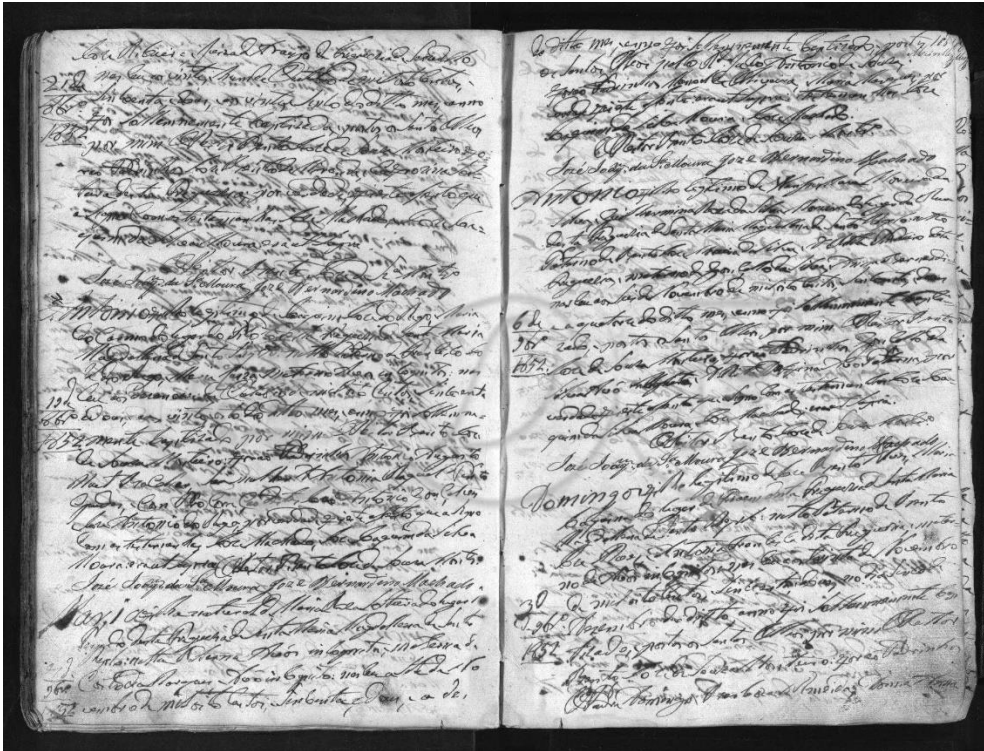


Figura 144: Batismo Clementina – Parte 2 Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00107.tif

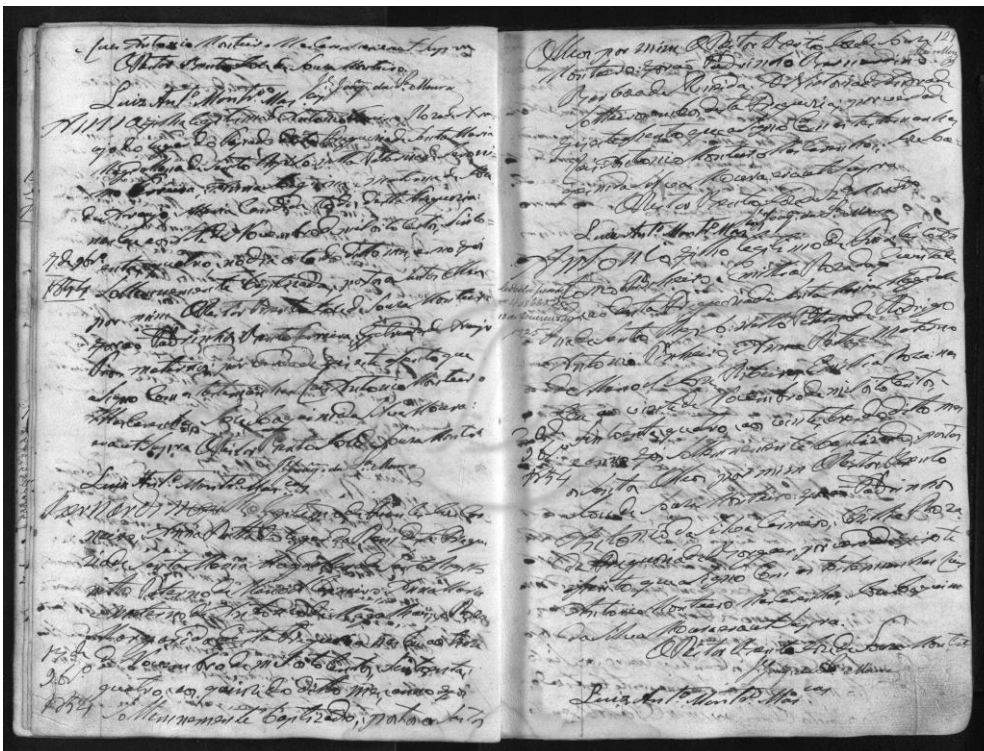


Figura 145: Batismo António; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00130.tif

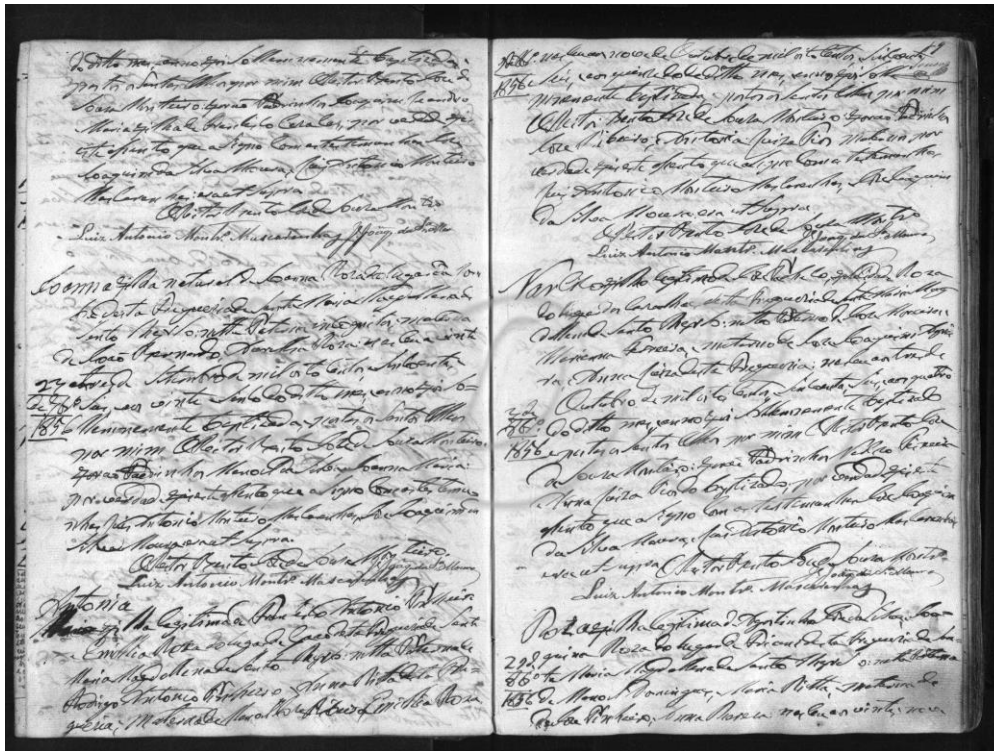


Figura 146: Batismo Antônia; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0011_m00020.tif

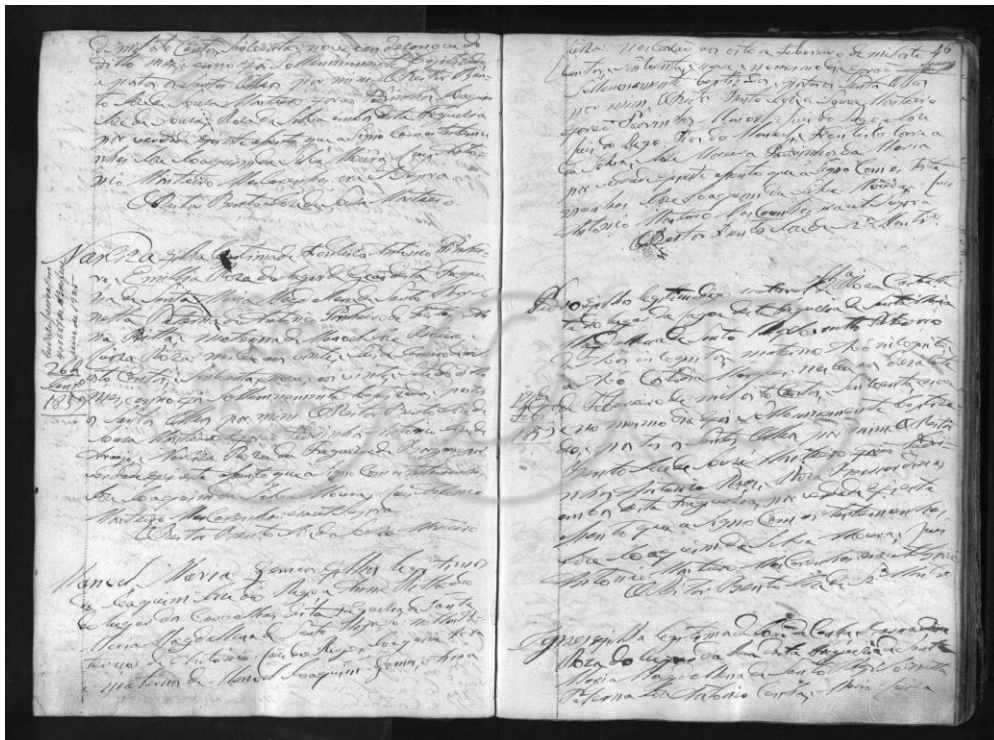


Figura 147: Batismo Narcisa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0011_m00047.tif

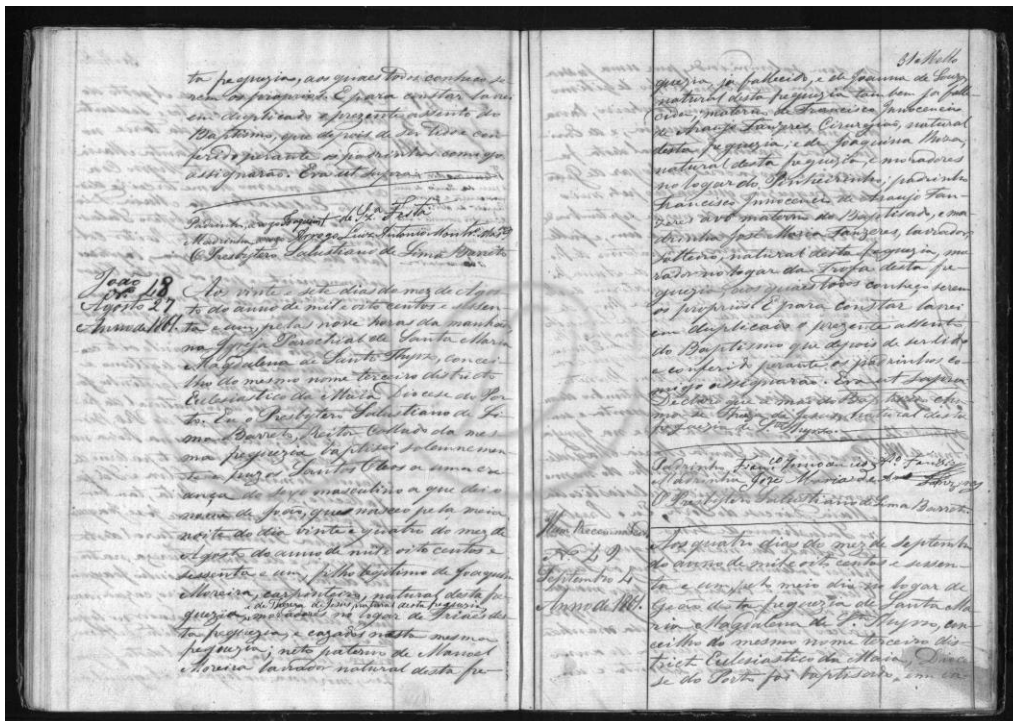


Figura 148: Recém-Nascido do Género Feminino - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0013_m00032.tif

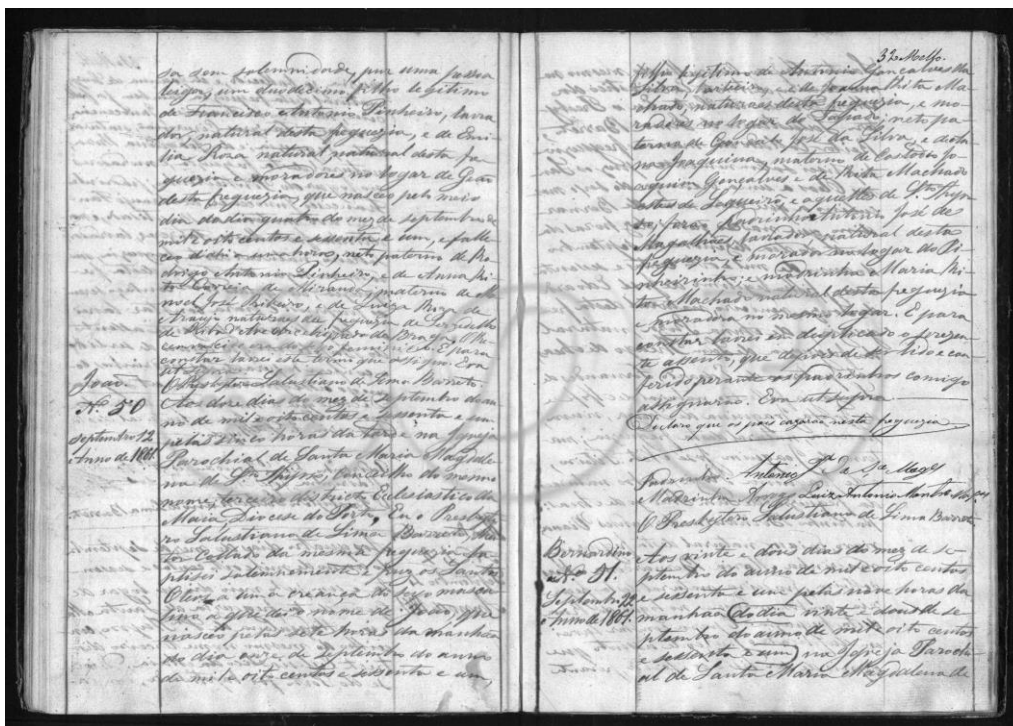


Figura 149: Recém-Nascido do Género Feminino - Parte 2; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0013_m00033.tif

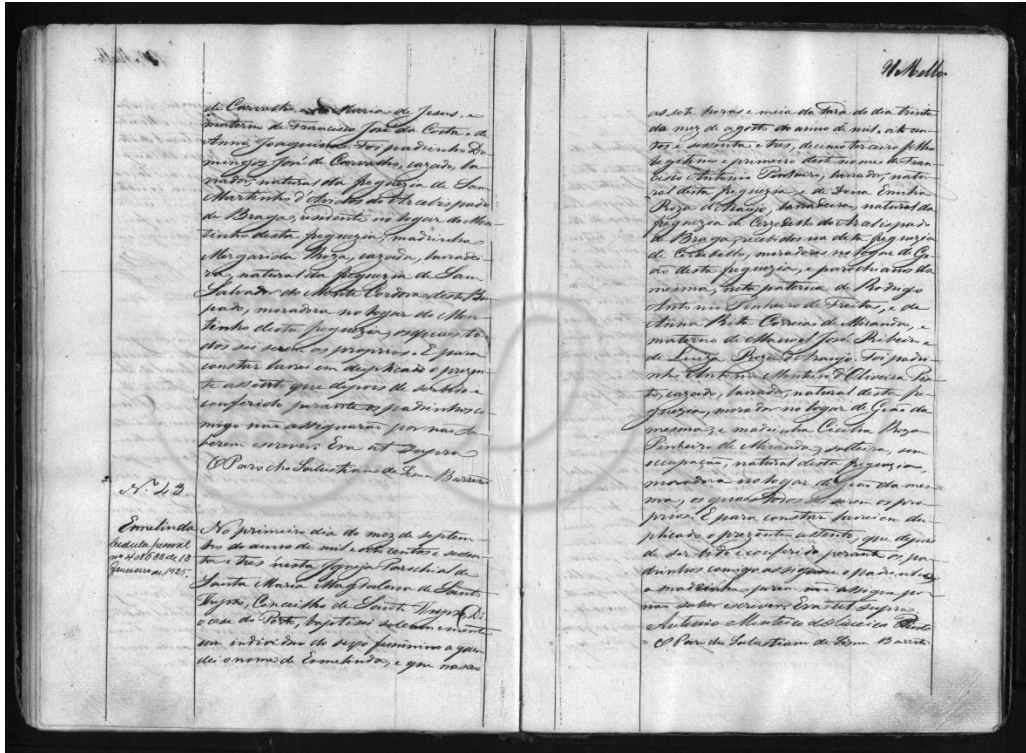


Figura 150: Batismo Ermelinda; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0014_m00092.tif

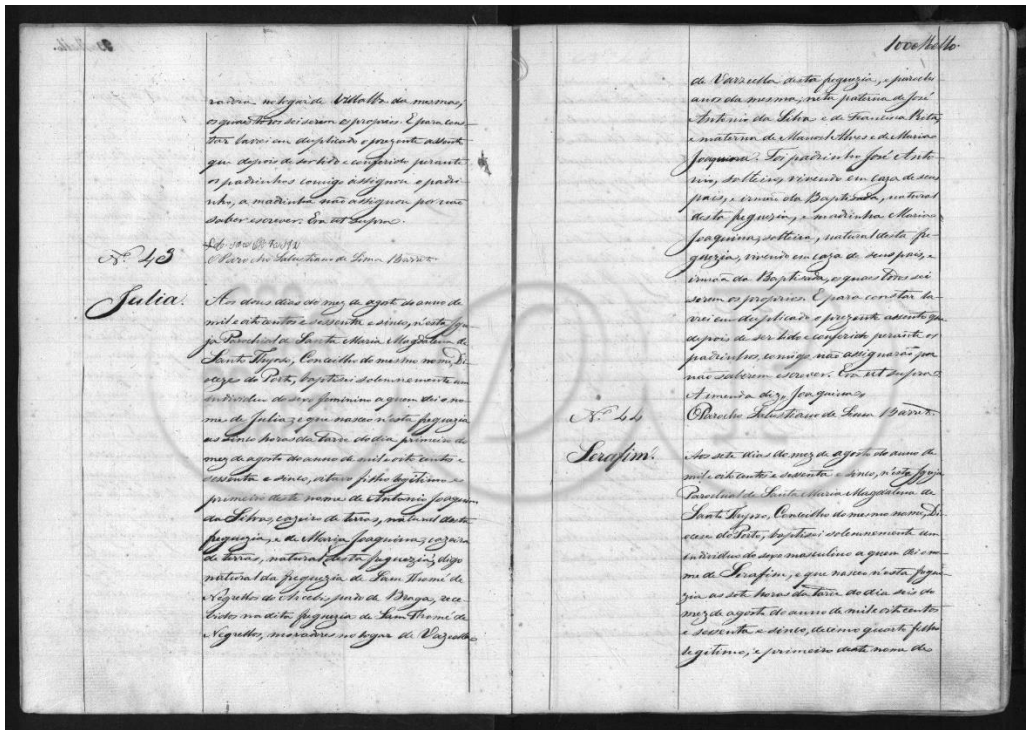


Figura 151: Batismo Serafim - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0015_m00100.tif

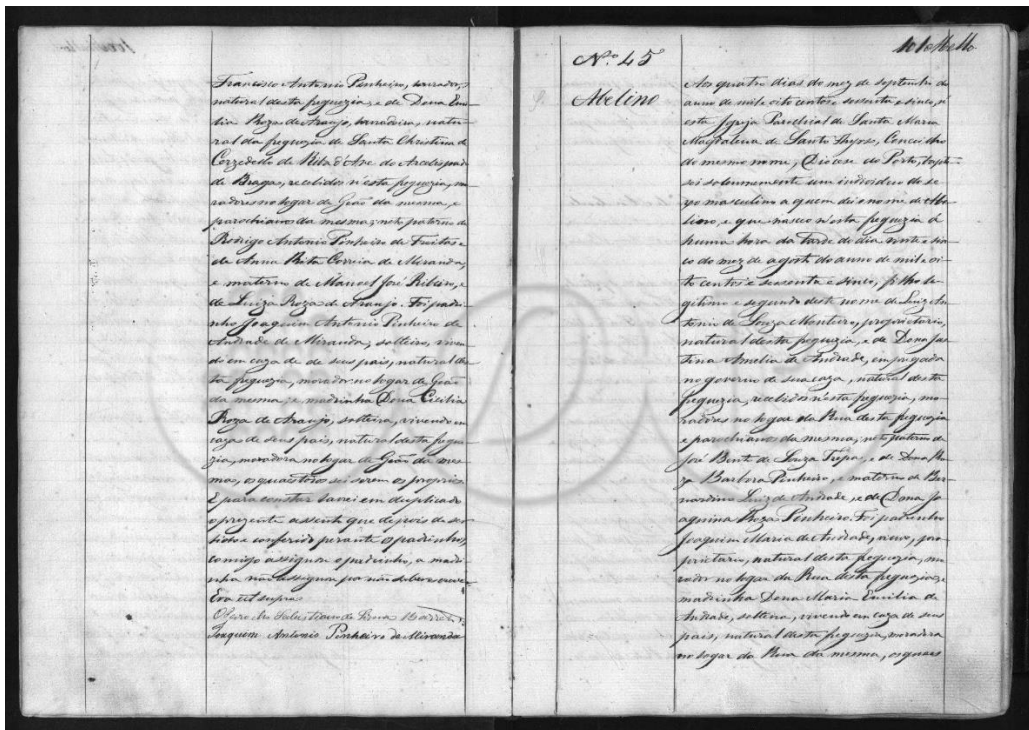


Figura 152: Batismo Serafim - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0015_m00101.tif

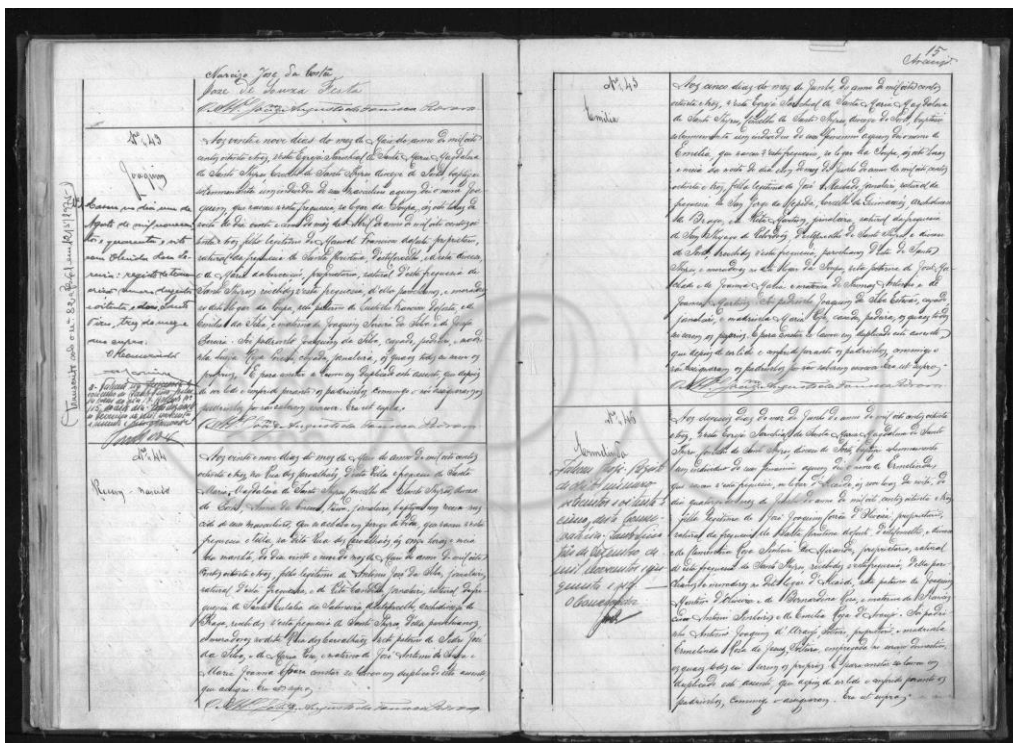


Figura 153: Batismo Ermelinda; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0023_m00050.tif

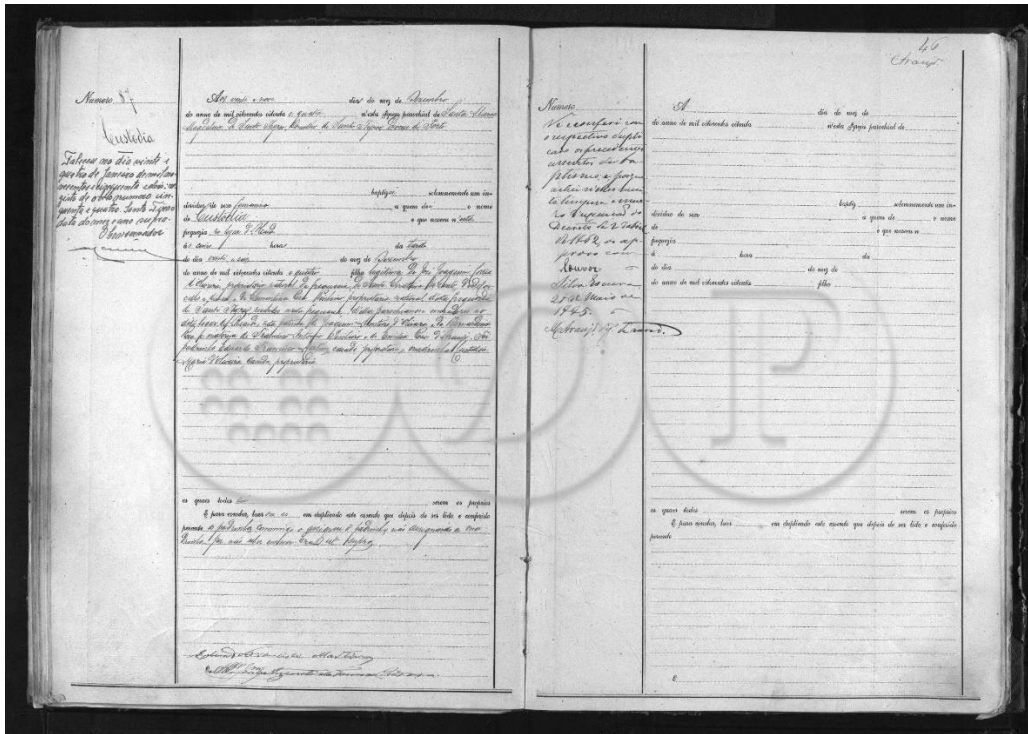


Figura 154: Batismo Custódia; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0024_m00047.tif

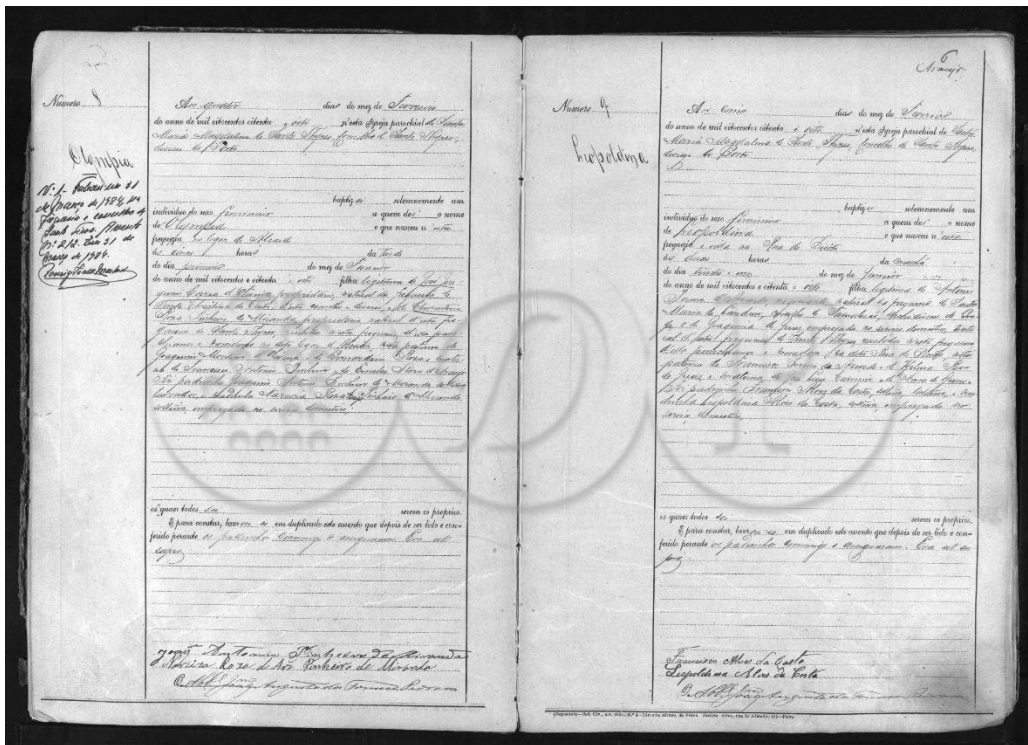


Figura 155: Batismo Olympia; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0027_m00007.tif

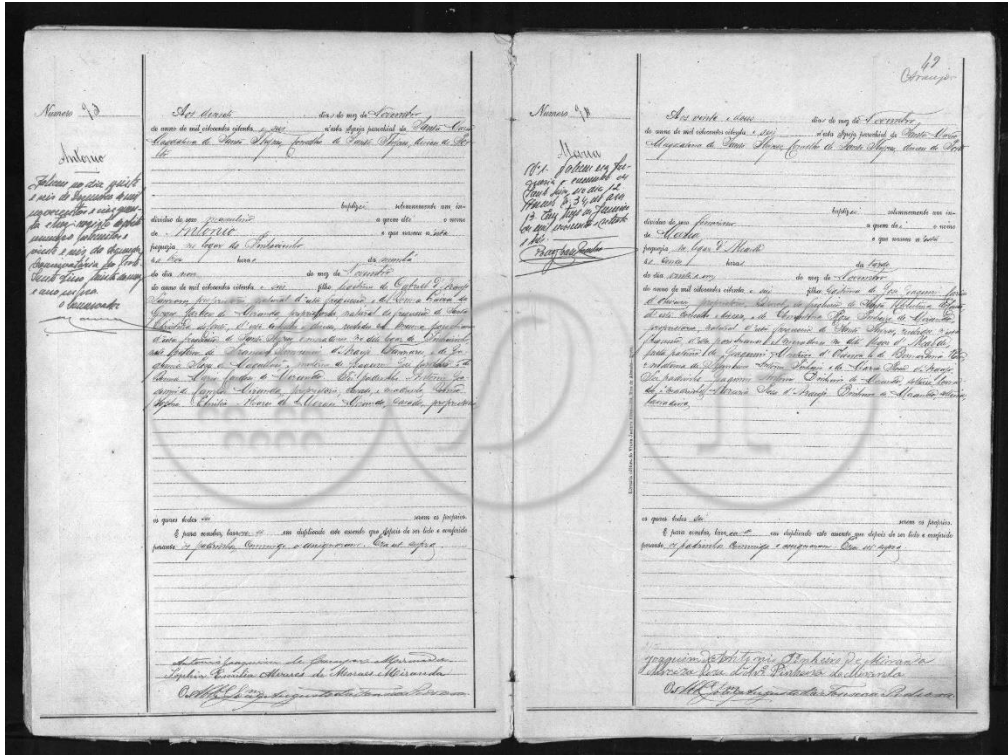


Figura 156: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0025_m00050.tif

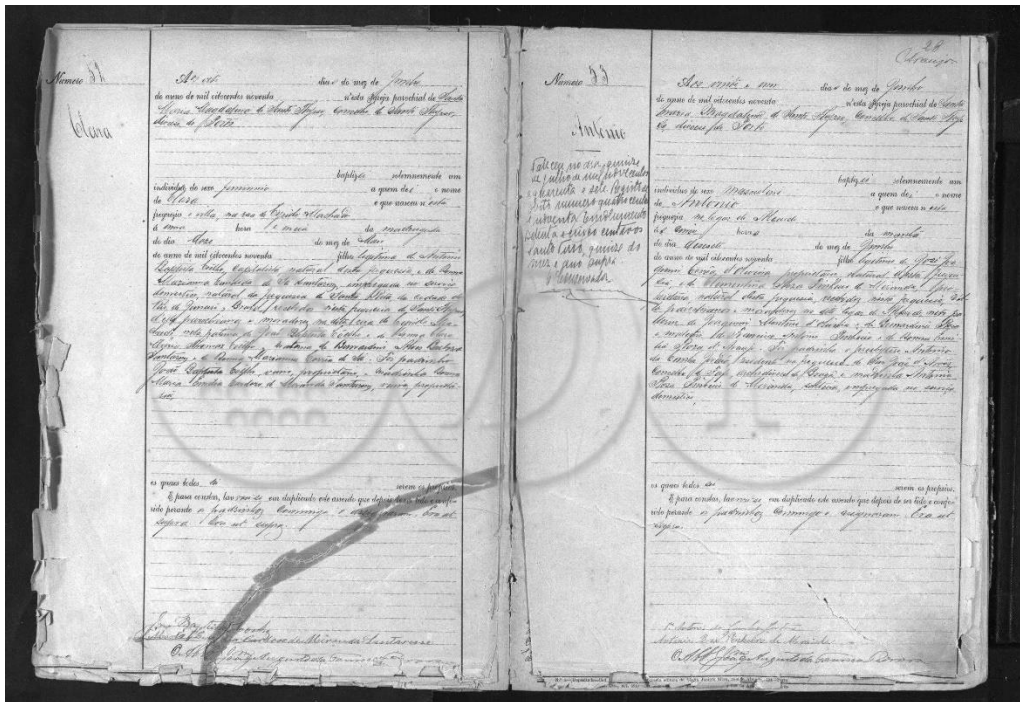


Figura 157: Batismo Antônio; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0029_m00029.tif

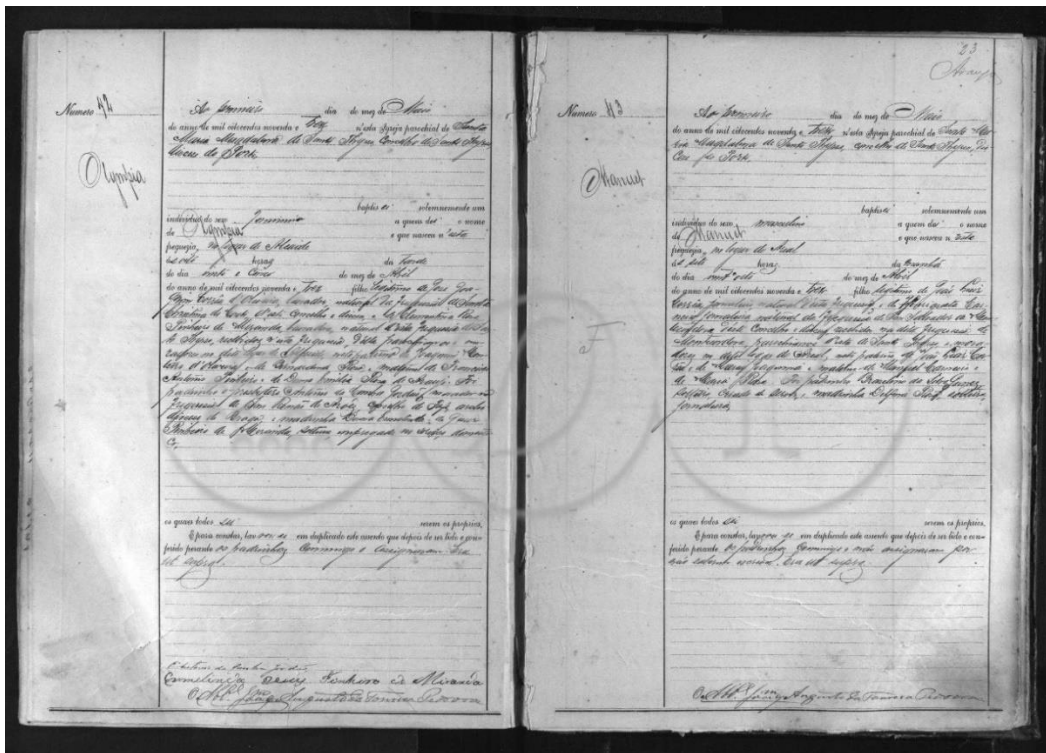


Figura 158: Batismo Olympia; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0030_m00140.tif

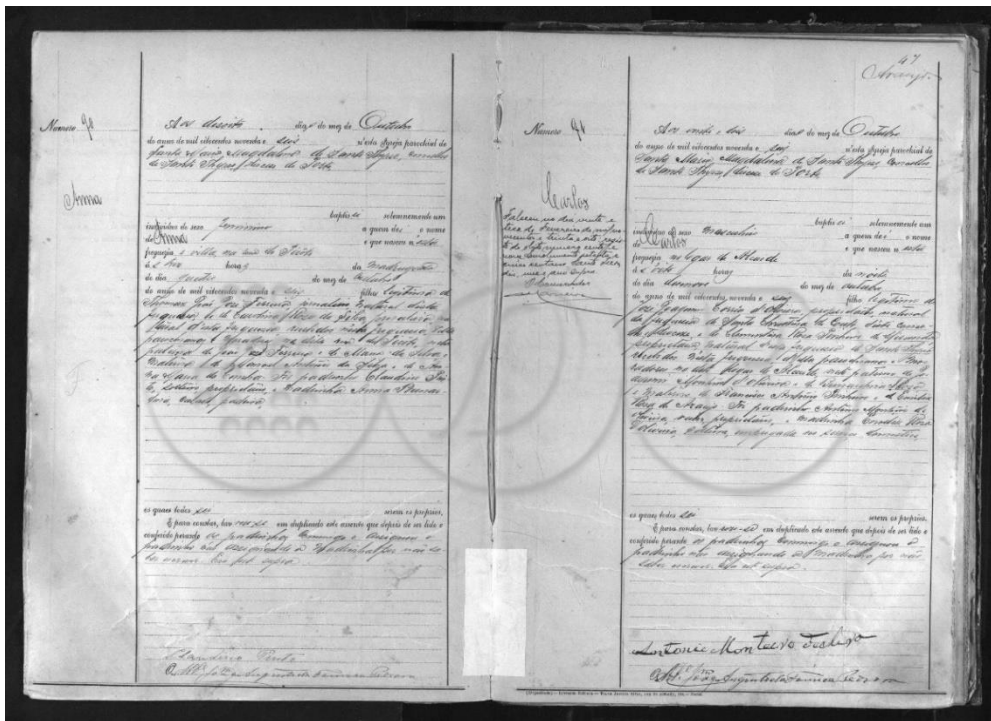


Figura 159: Batismo Carlos; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0030_m00114.tif

Anexo O: Documentos Relativos a Outros Moradores da Quinta de Gião



Figura 160: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0002_m0434.tif

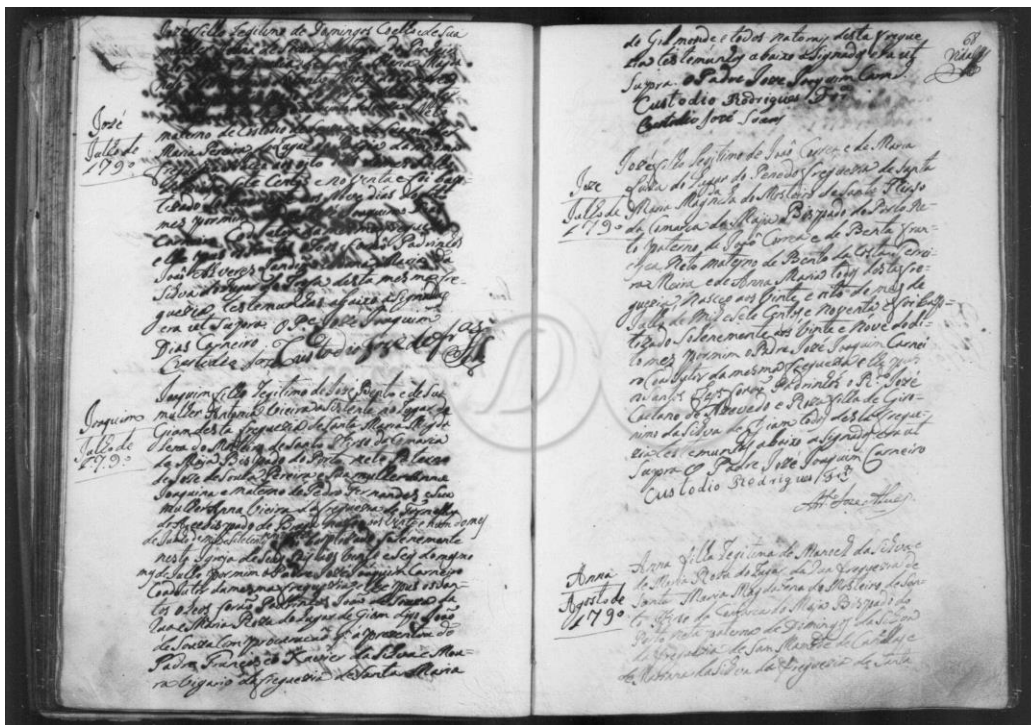


Figura 161: Batismo Joaquim; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0007_m0073.tif

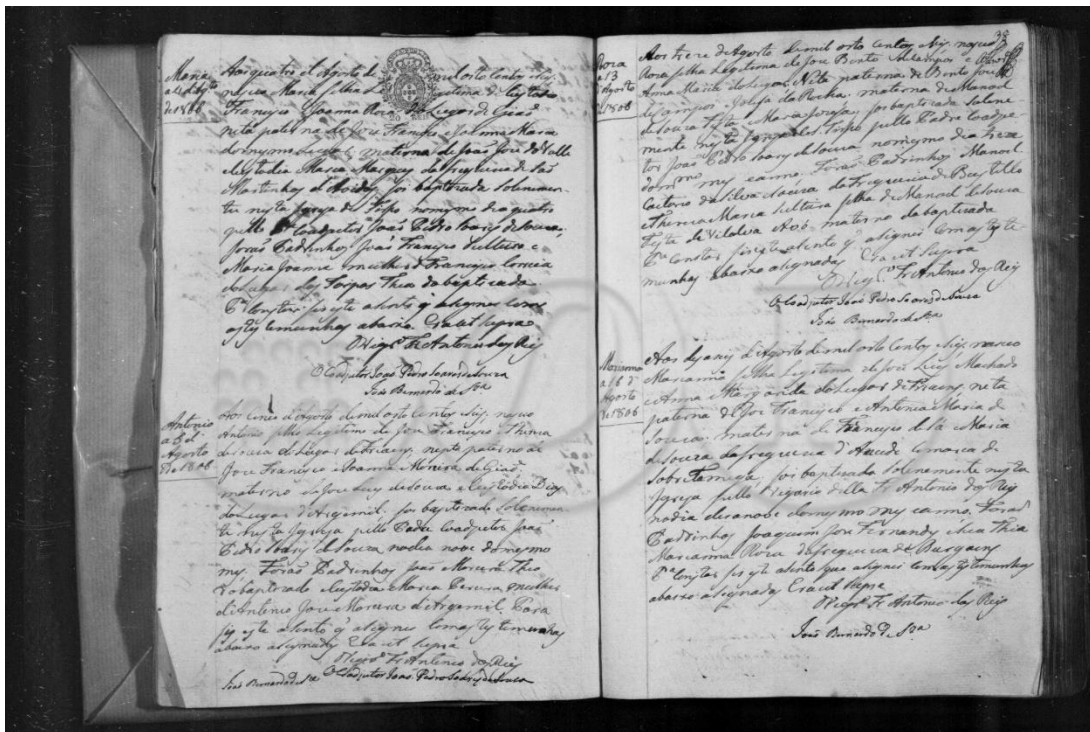


Figura 162: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0008_m0779.tif

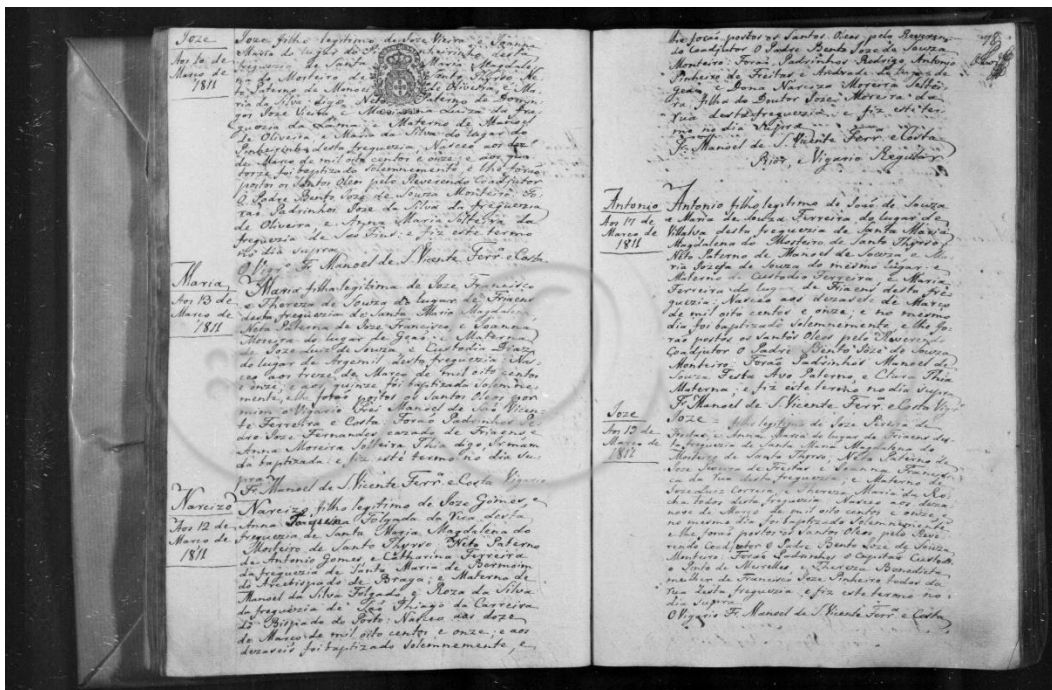


Figura 163: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0008_m0819.tif

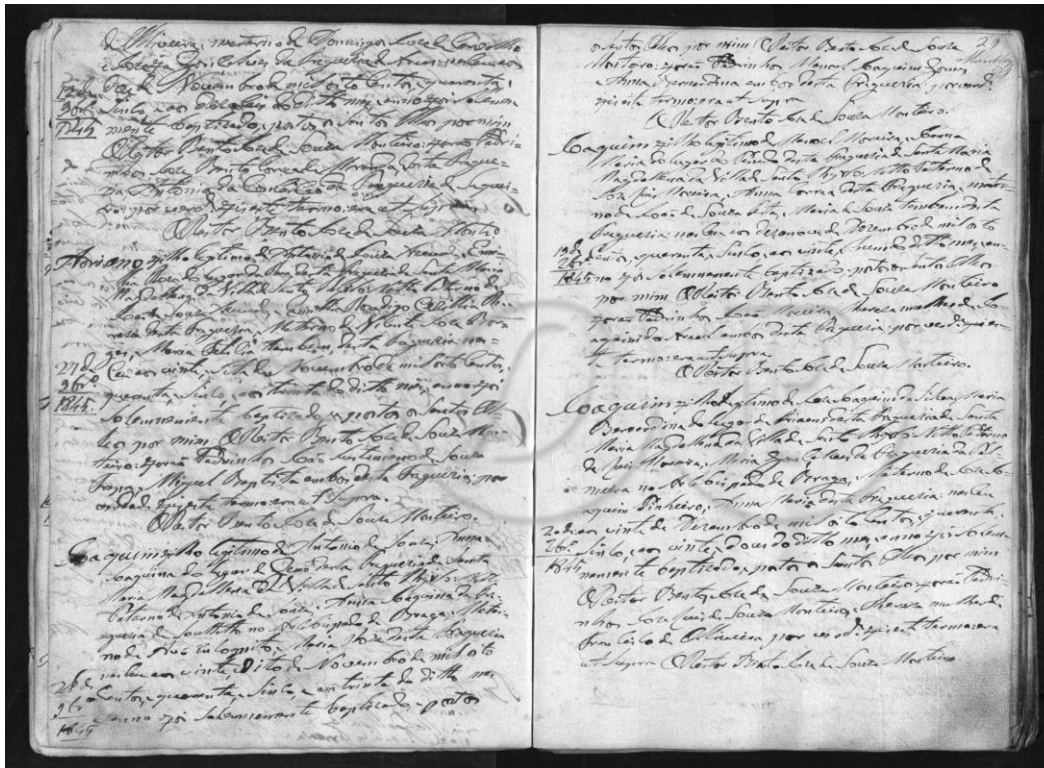


Figura 164: Batismo Joaquim; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00030.tif

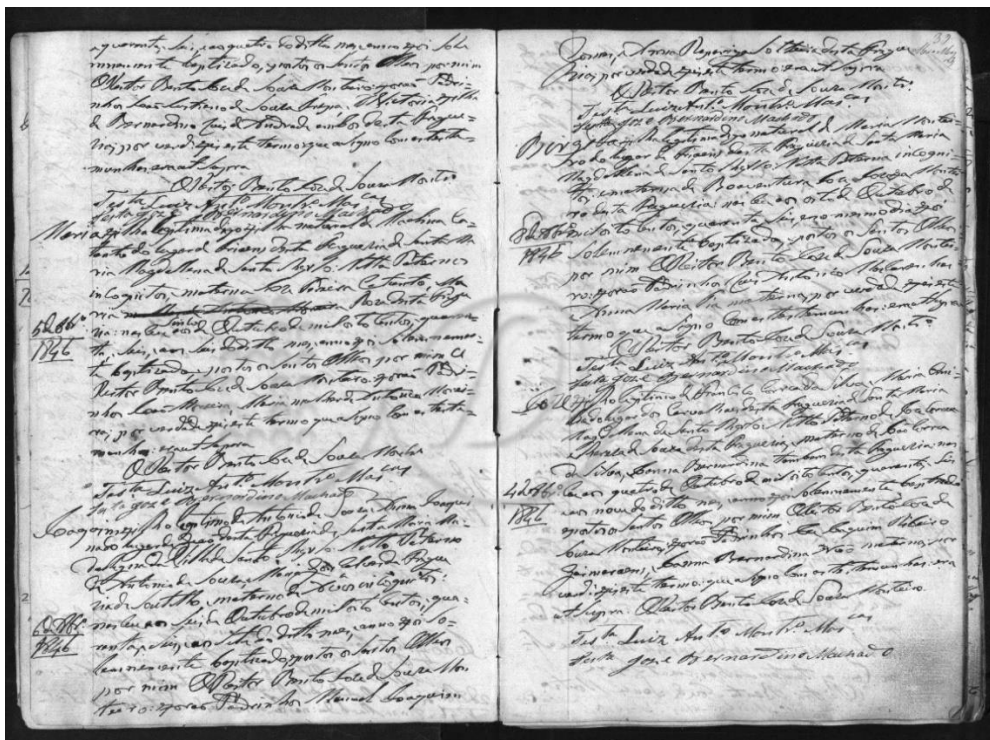


Figura 165: Batismo Joaquim; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00040.tif

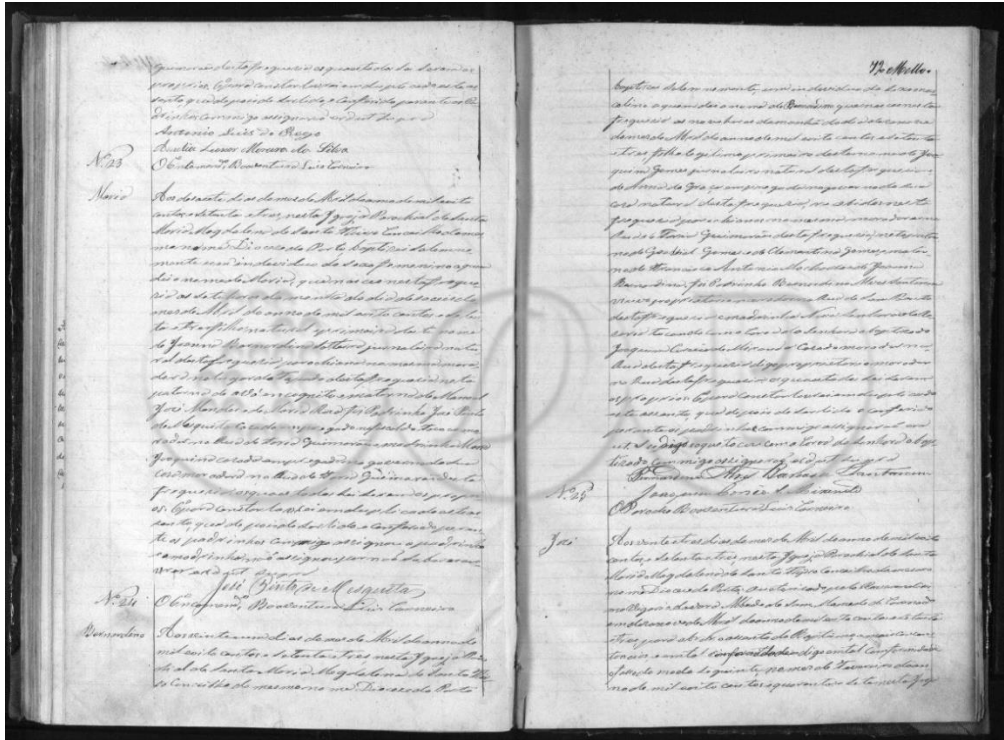


Figura 166: Batismo José - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0017_m00072.tif

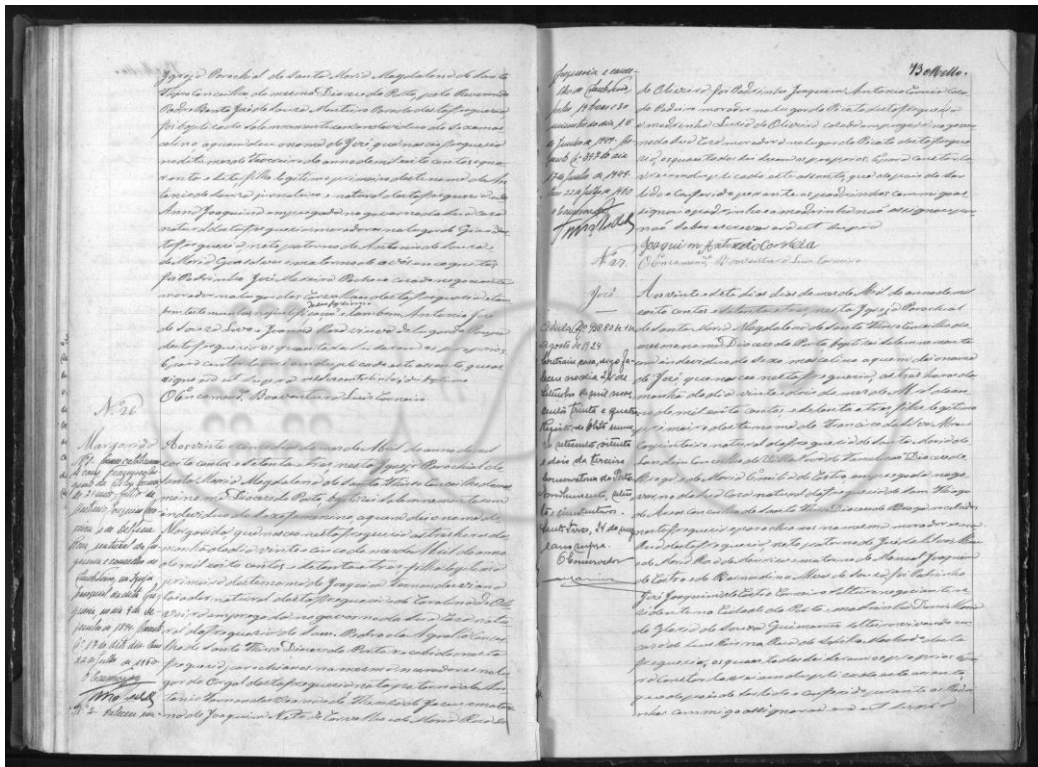


Figura 167: Batismo José - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0017_m00073.tif

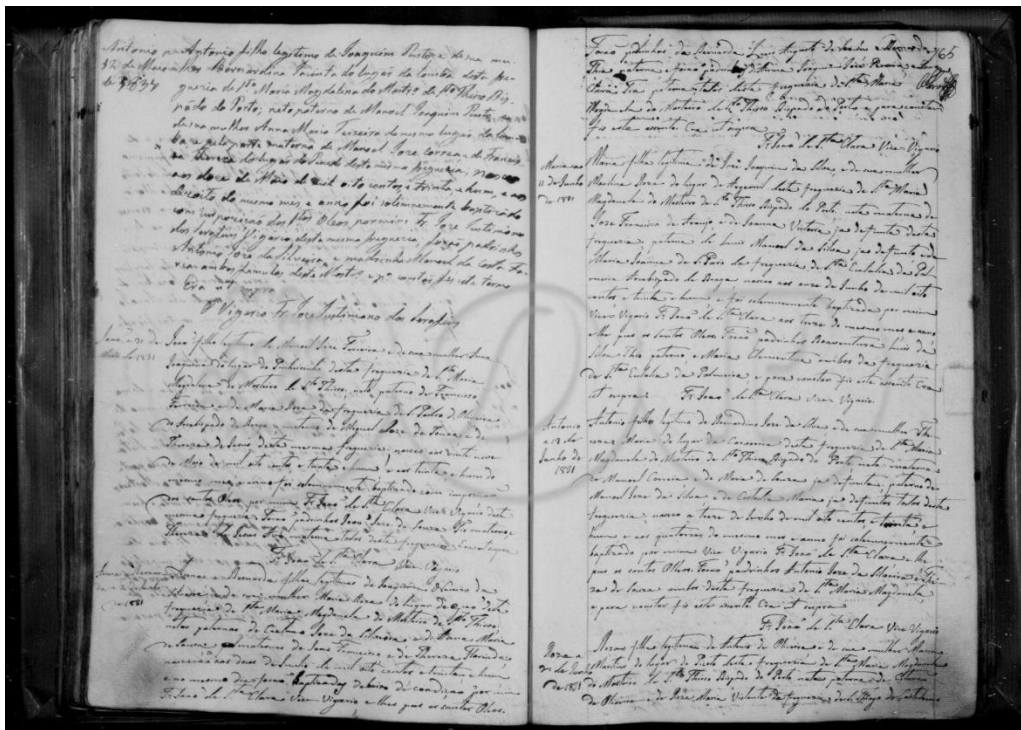


Figura 168: Batismo Anna e Bernarda; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0009_m0170.tif

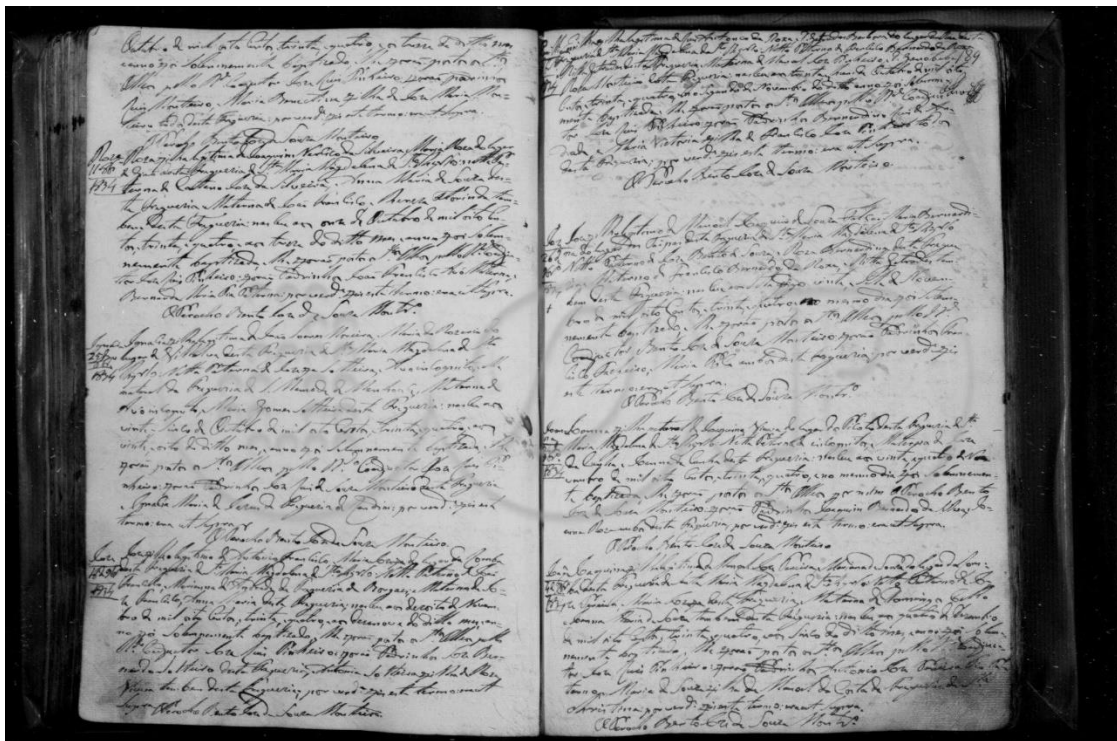


Figura 169: Batismo Rosa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0009_m0194.tif

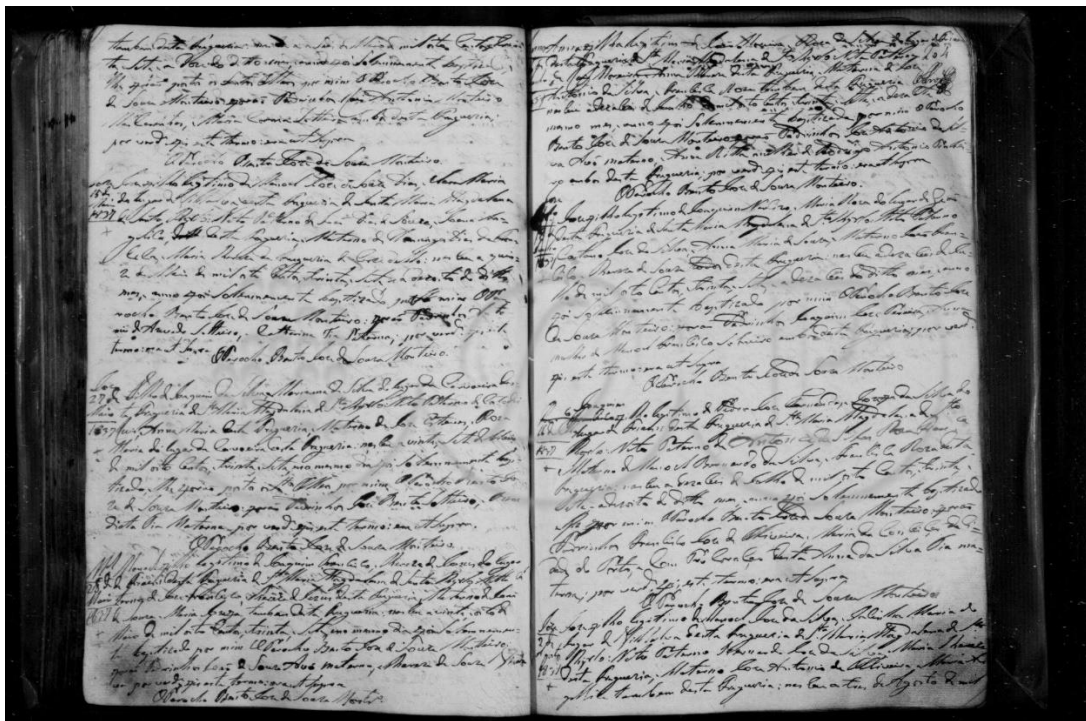


Figura 170: Batismo José; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0009_m0209.tif

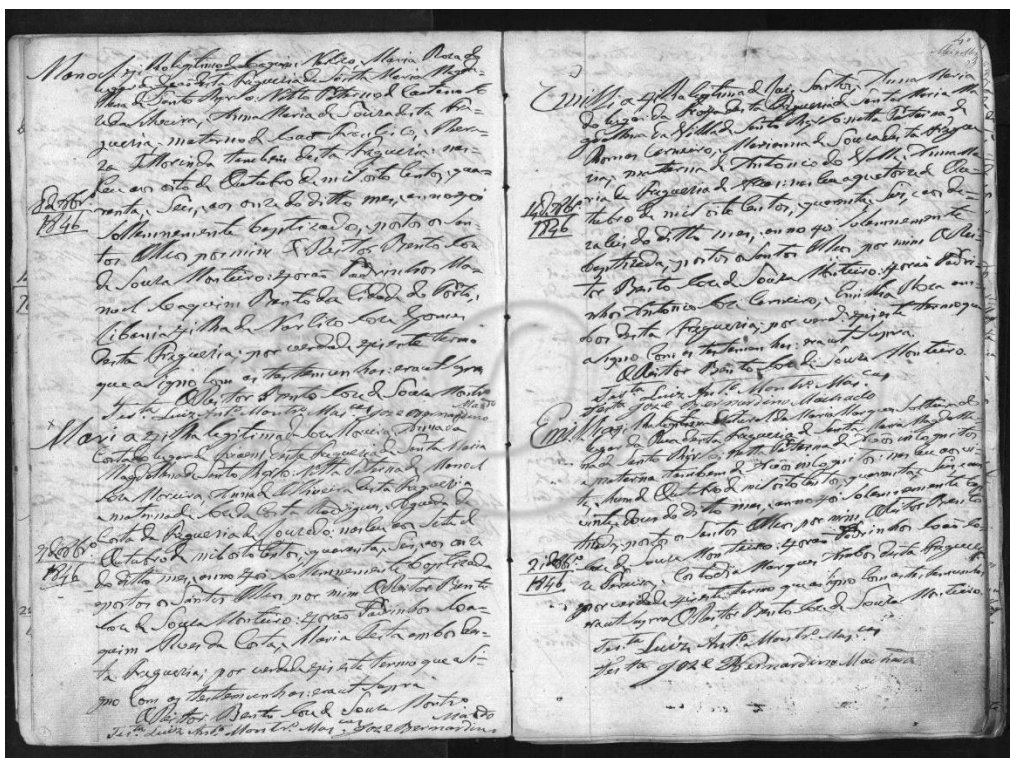


Figura 171: Batismo Manoel; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00041.tif

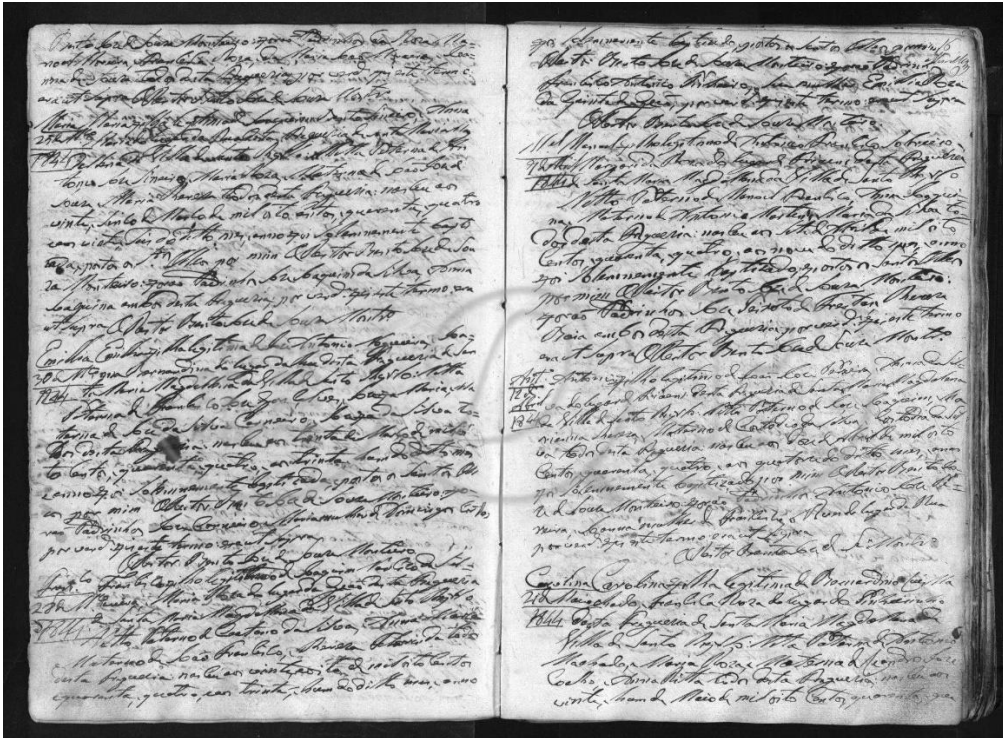


Figura 172: Batismo Francisco; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00017.tif

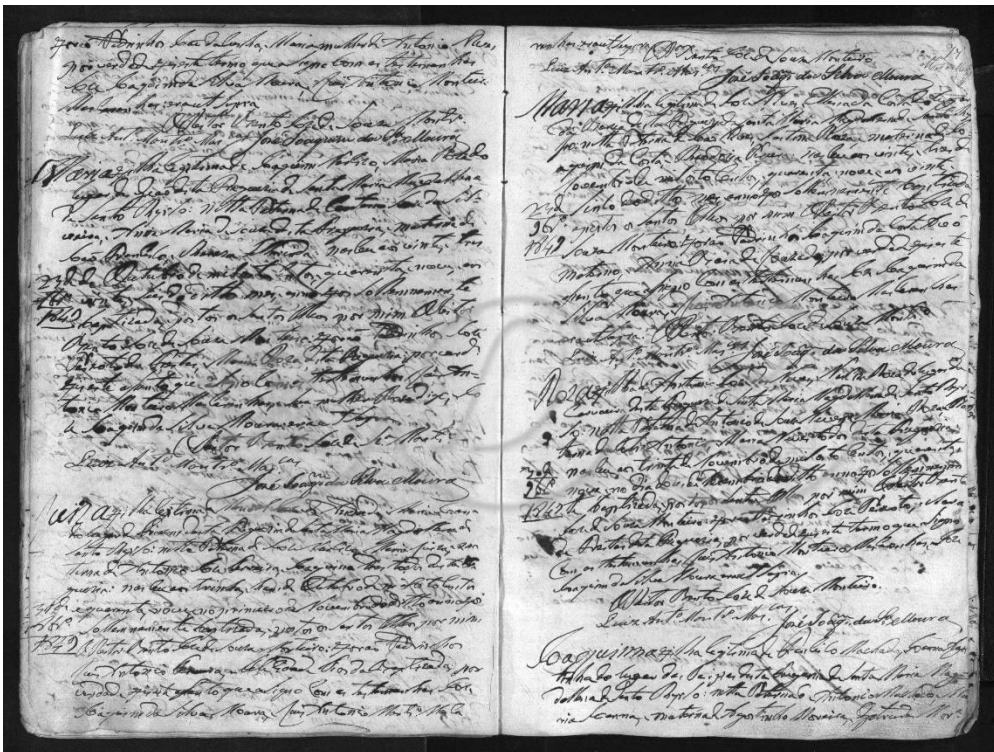


Figura 173: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00078.tif

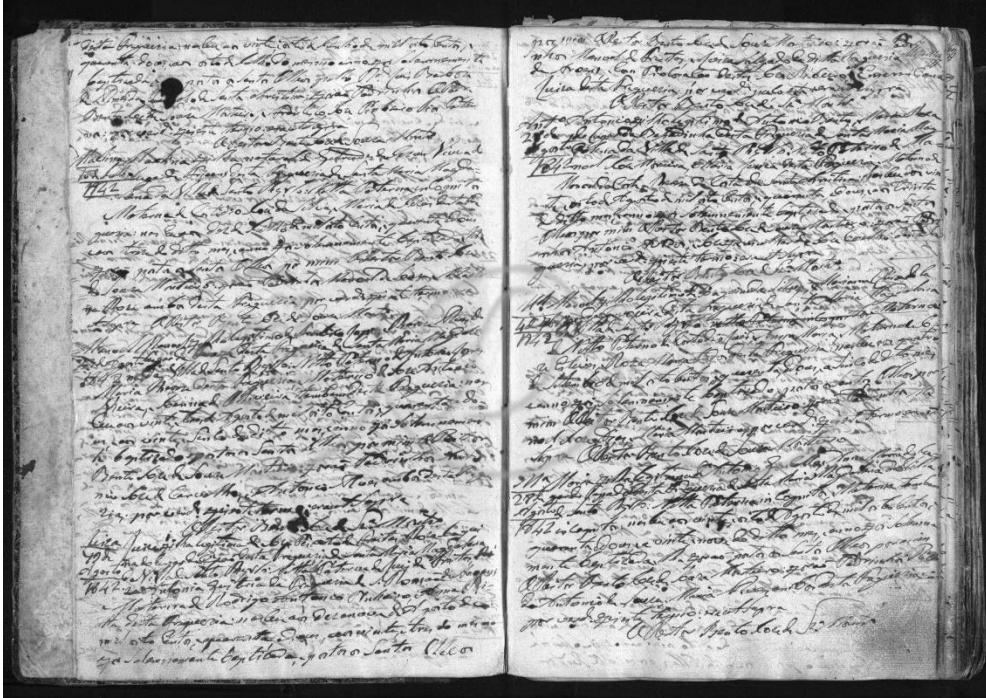


Figura 174: Batismo Luísa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00005.tif

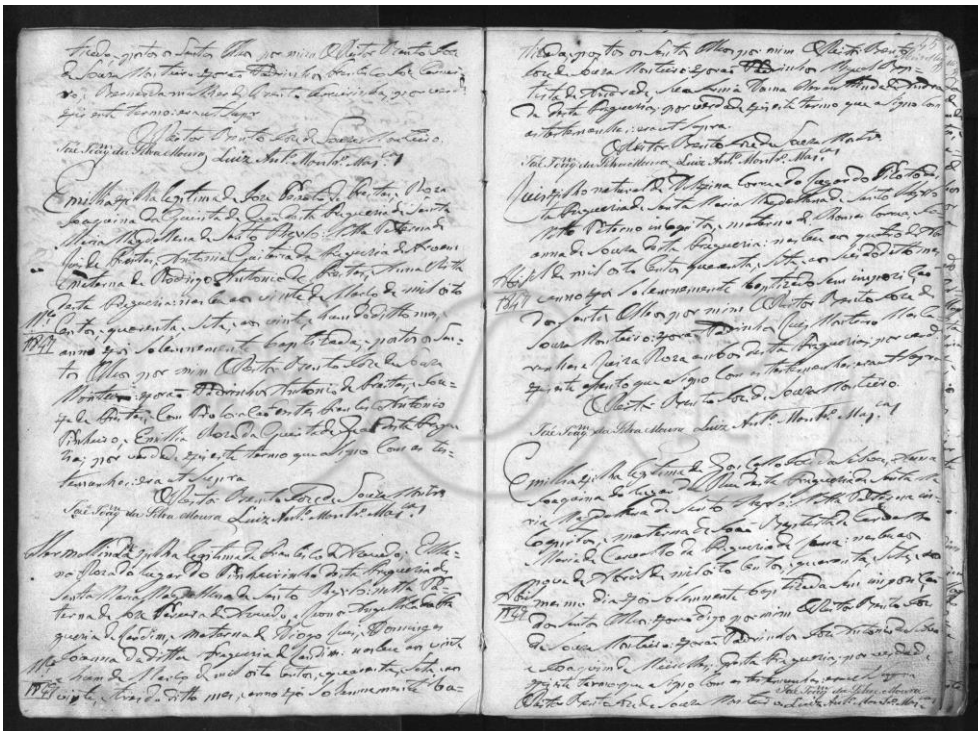


Figura 175: Batismo Emília; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00046.tif

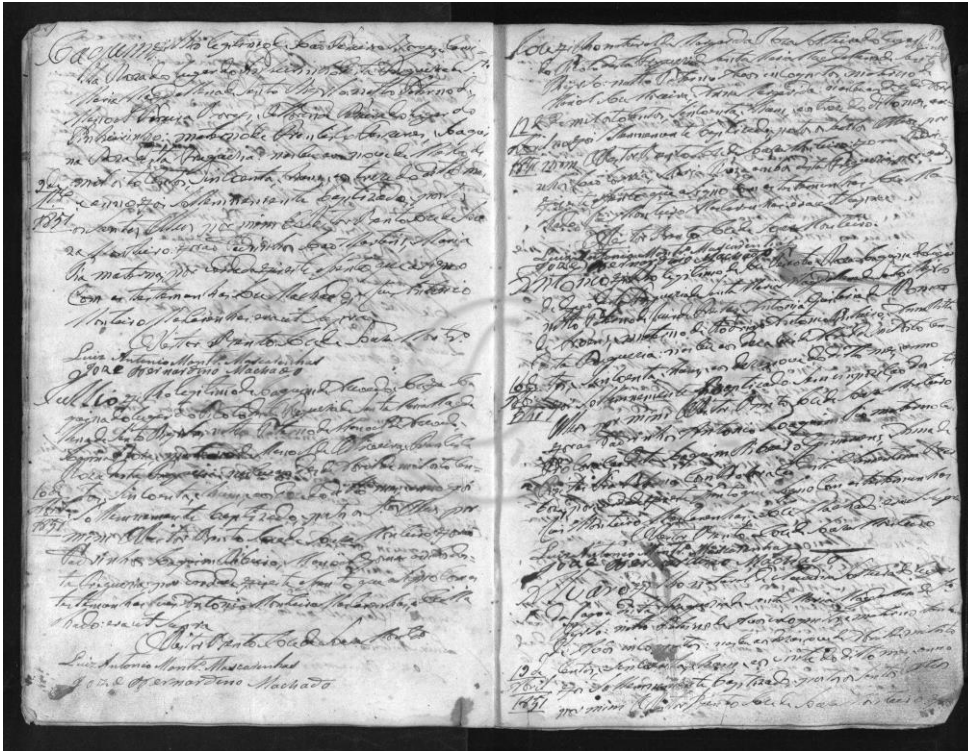


Figura 176: Batismo Antônio; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00090.tif

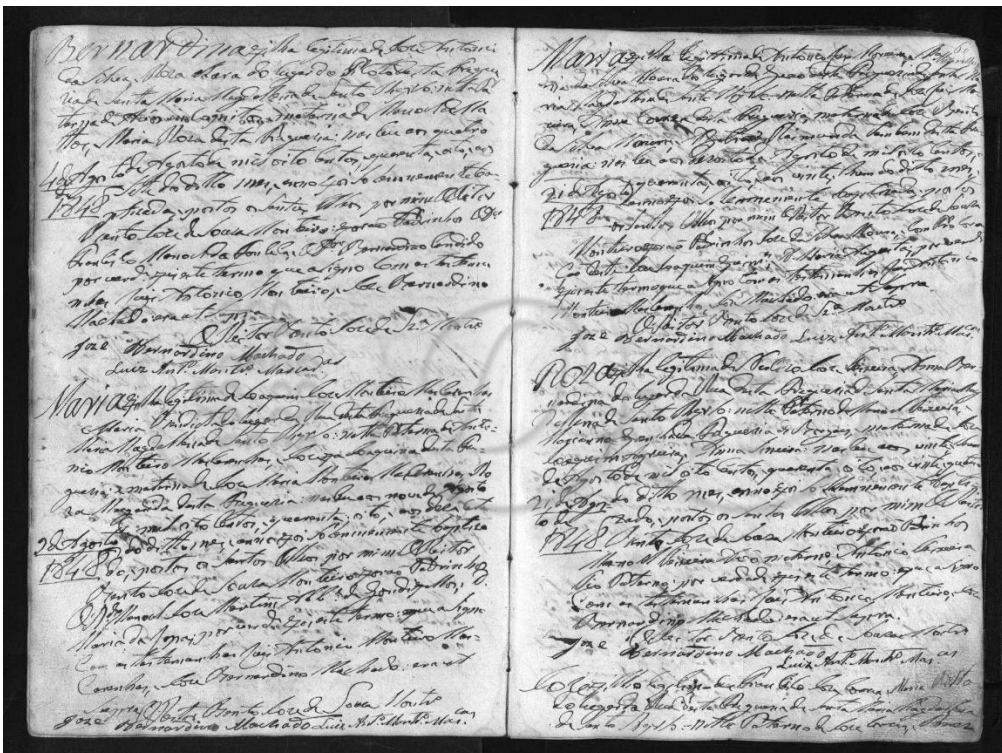


Figura 177: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00061.tif

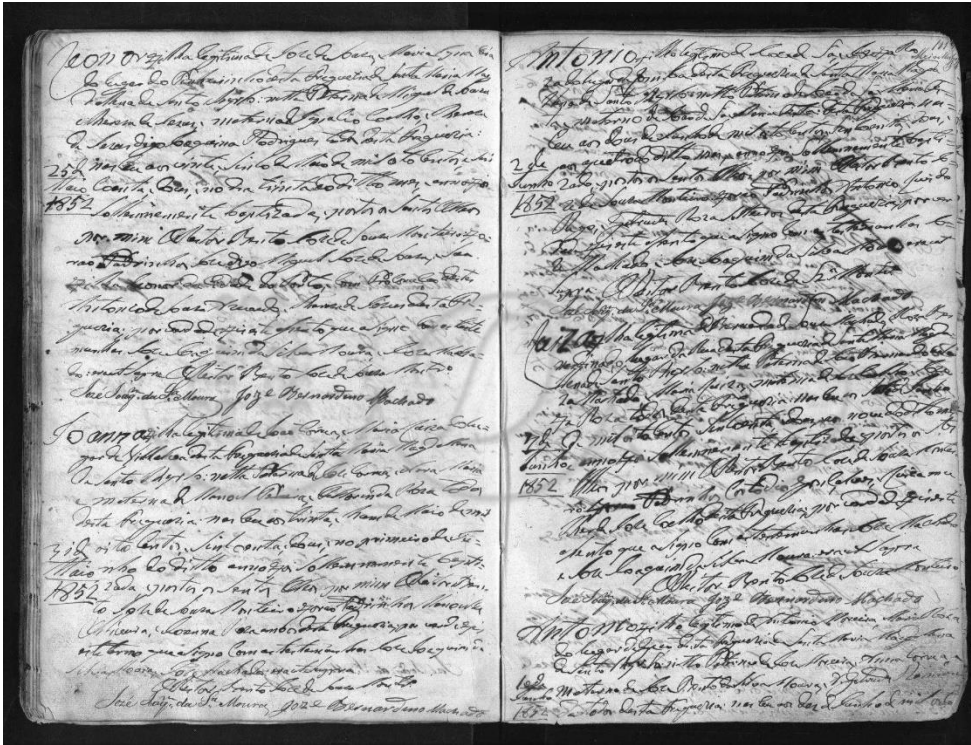


Figura 178: Batismo Antônio; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00102.tif

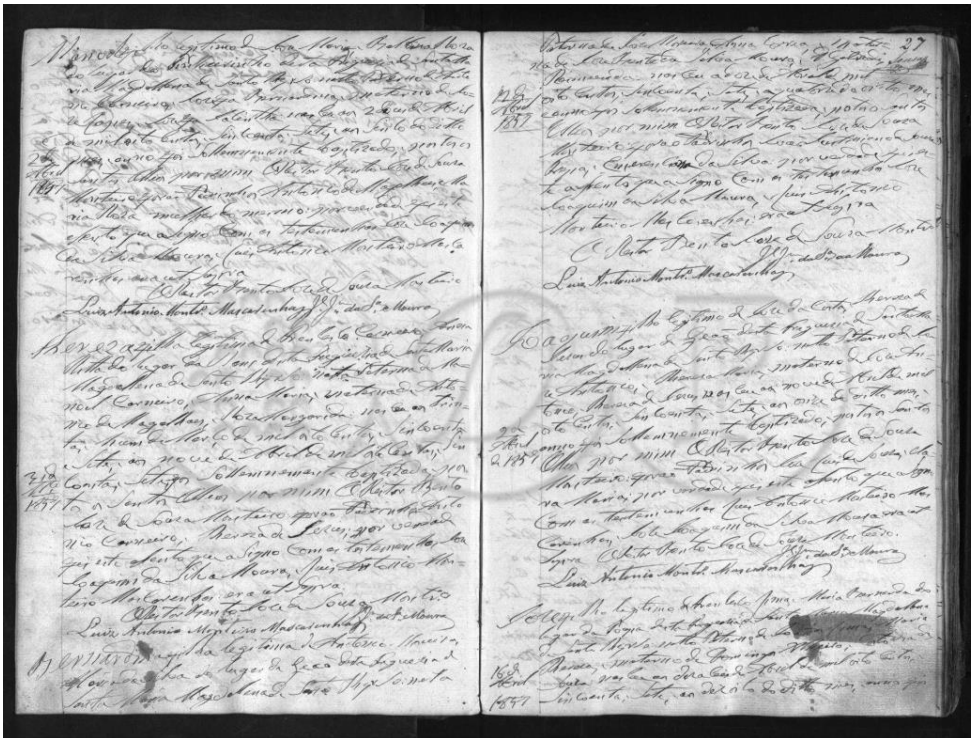


Figura 179: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0011_m00028.tif

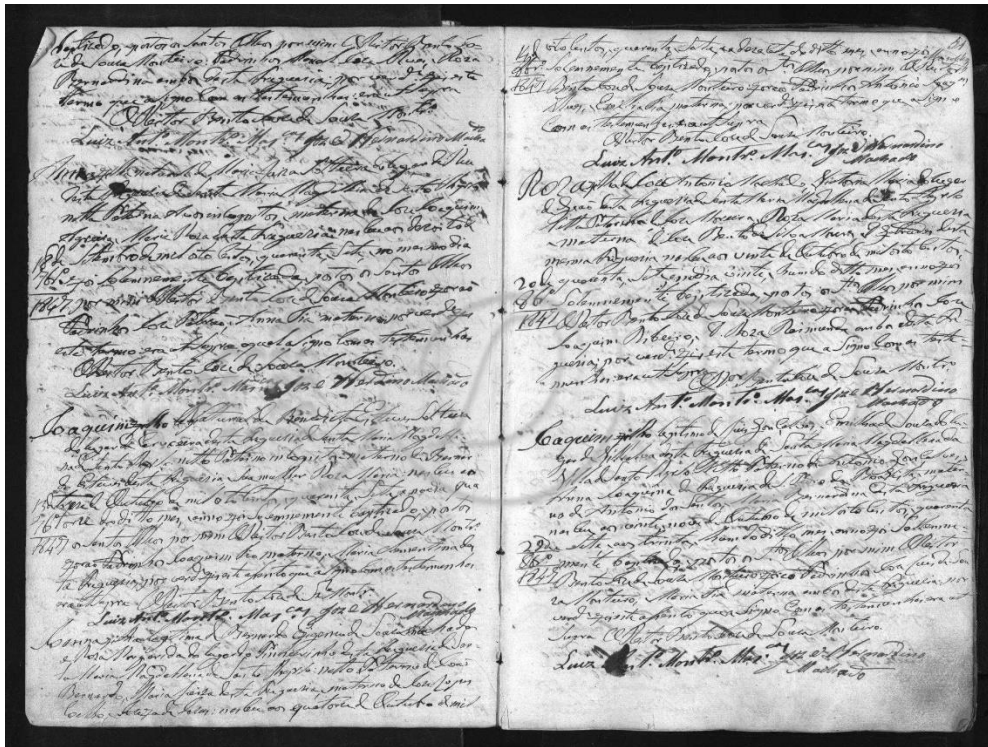


Figura 180: Batismo Rosa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0010_m00052.tif

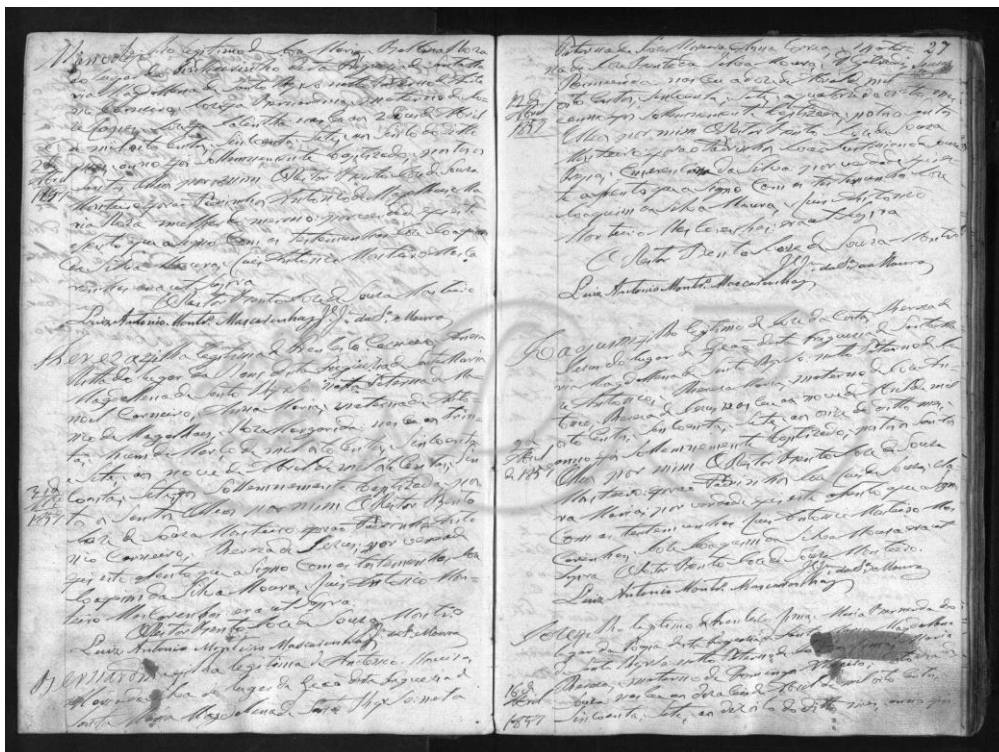


Figura 181: Batismo Joaquim; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0011_m00028.tif

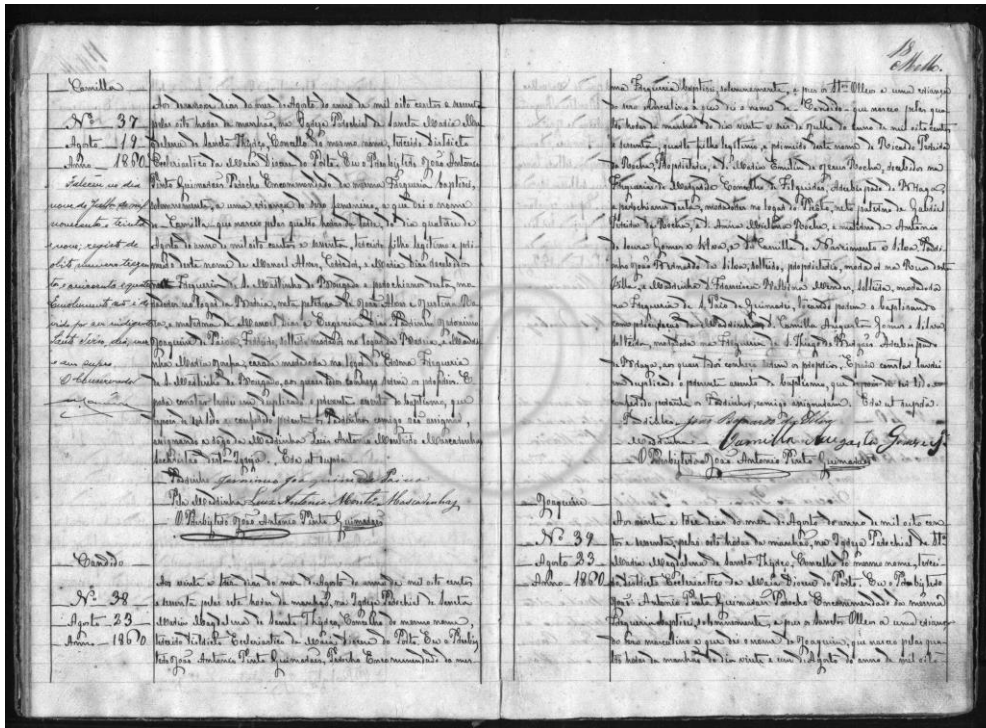


Figura 182: Batismo Joaquim - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0012_m00019.tif

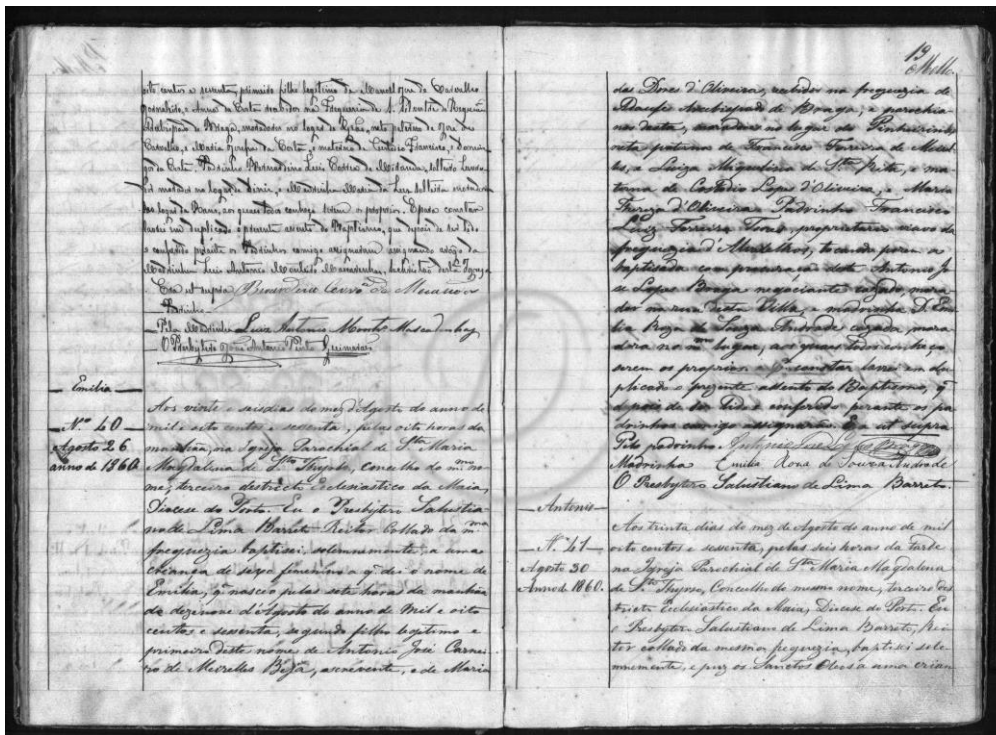


Figura 183: Batismo Joaquim - Parte 2; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0012_m00020.tif

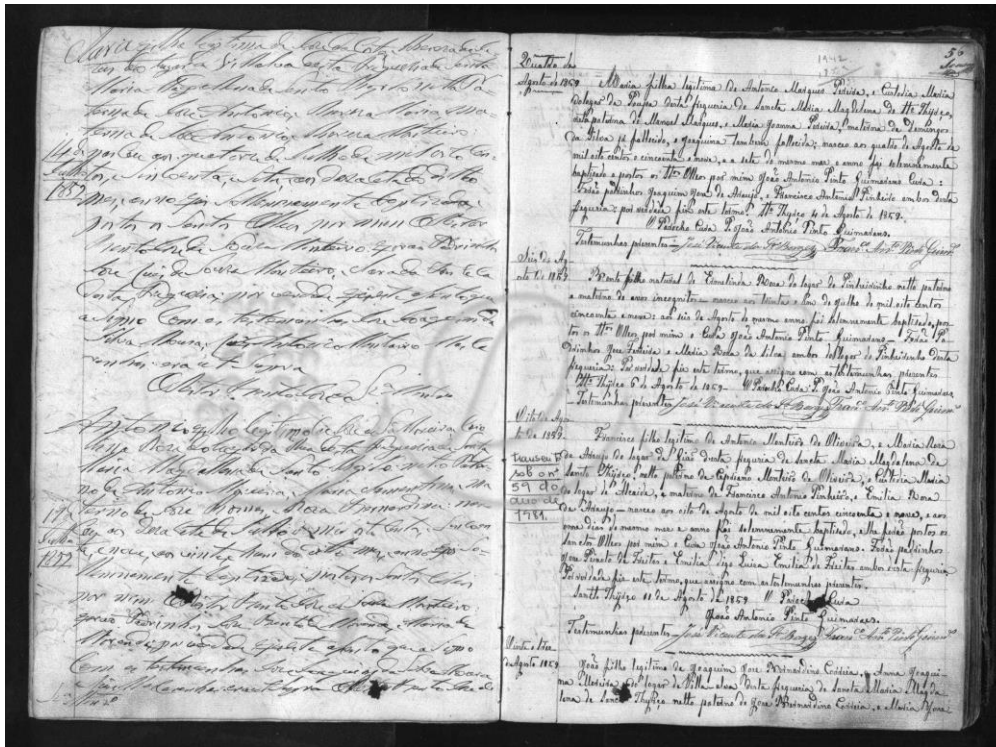


Figura 184: Batismo Francisco; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0011_m00057.tif

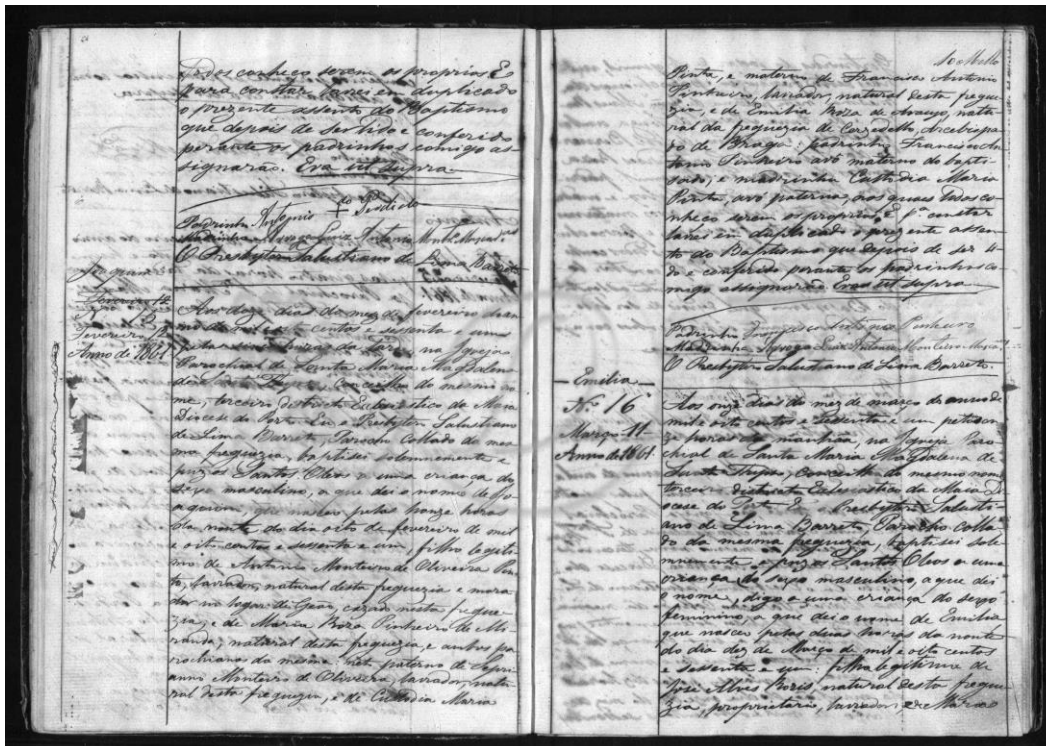


Figura 185: Batismo Joaquim; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0013_m00011.tif

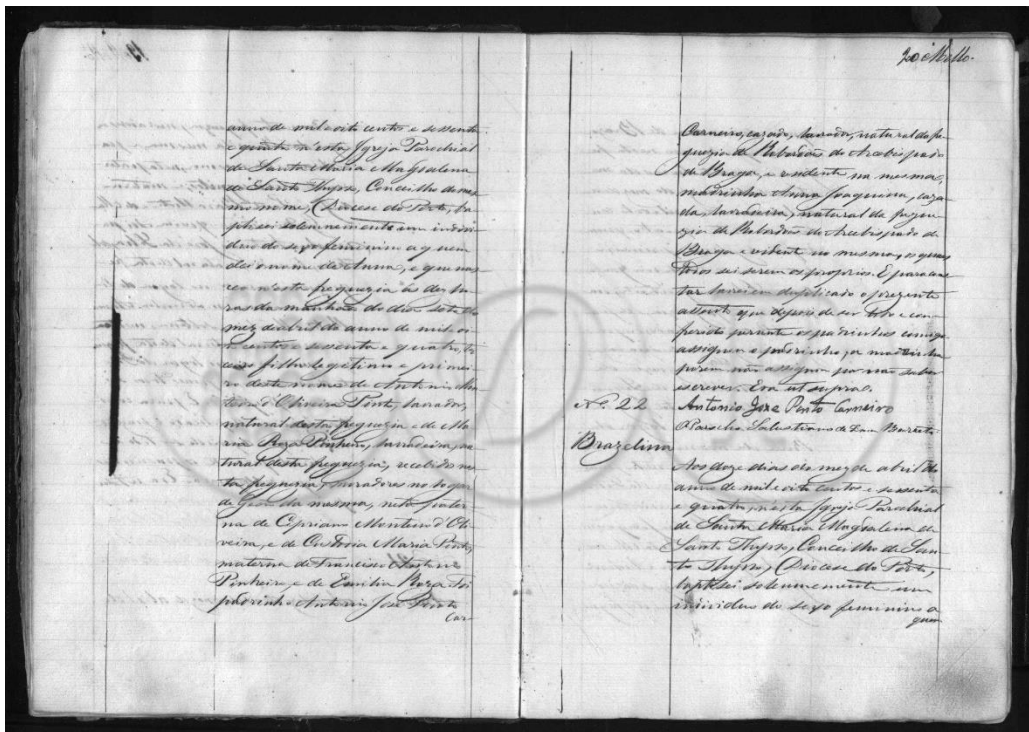


Figura 186: Batismo Anna; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0015_m00021.tif

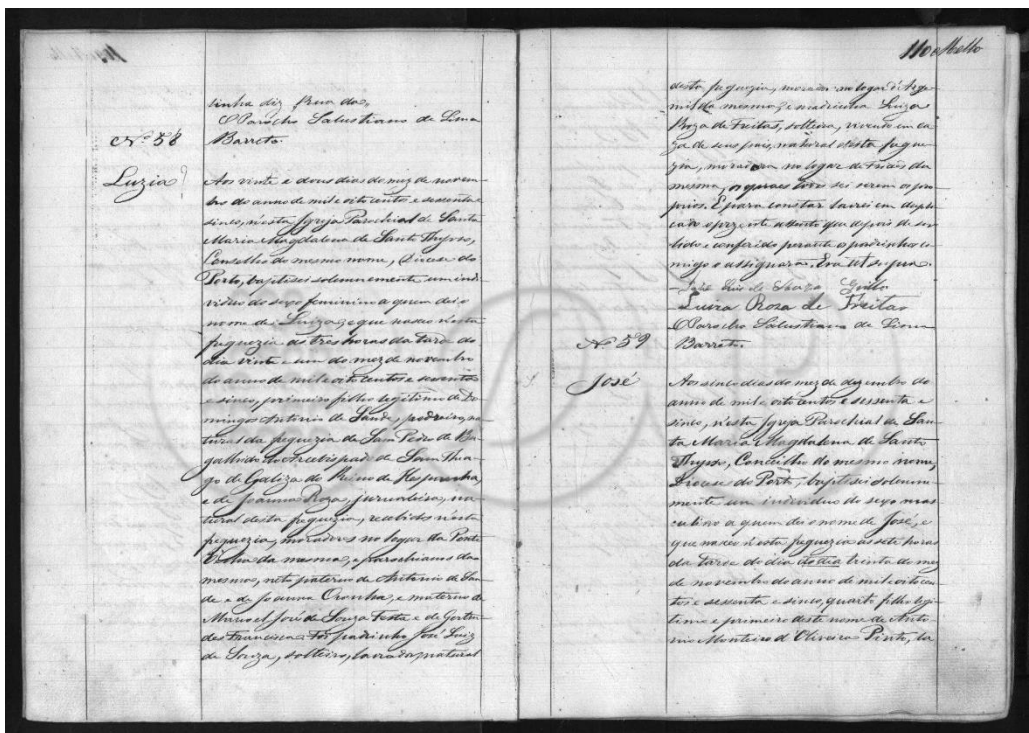


Figura 187: Batismo José - Parte 1; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0015_m00110.tif

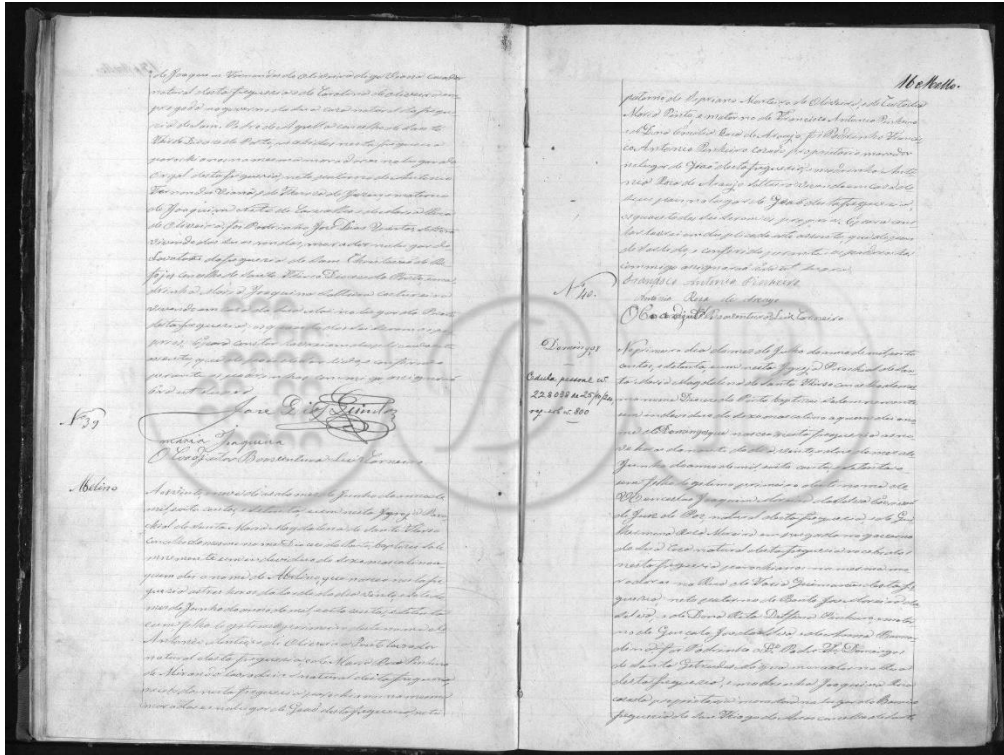


Figura 190: Batismo Abelino; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0017_m00017.tif

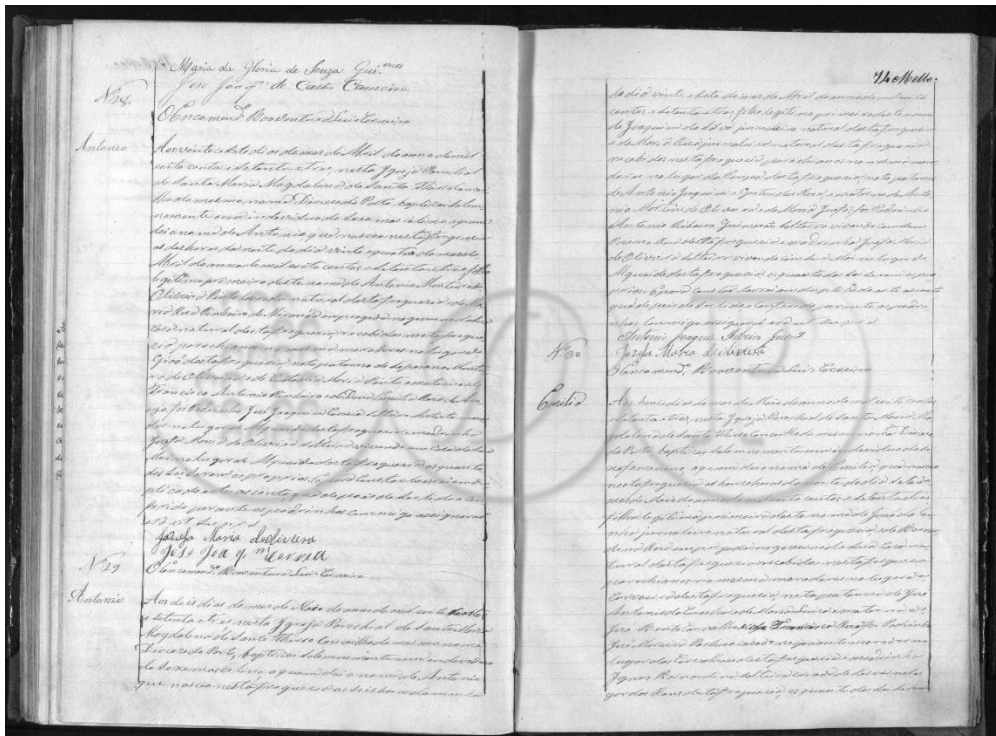


Figura 191: Batismo António; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0017_m00074.tif

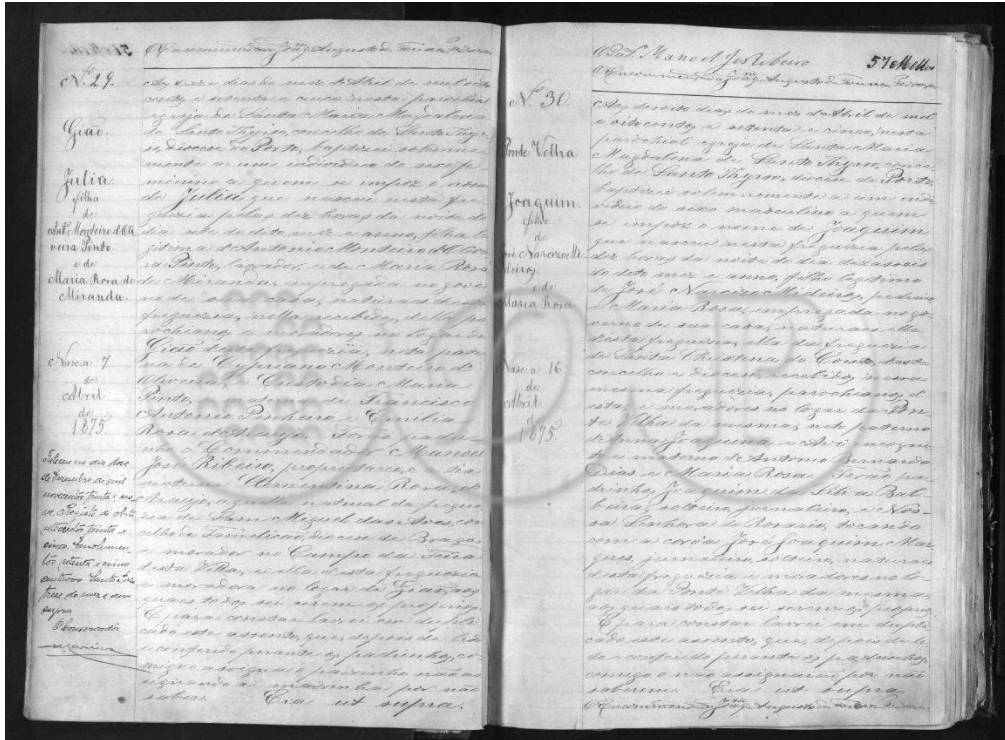


Figura 192: Batismo Júlia; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0018_m00057.tif

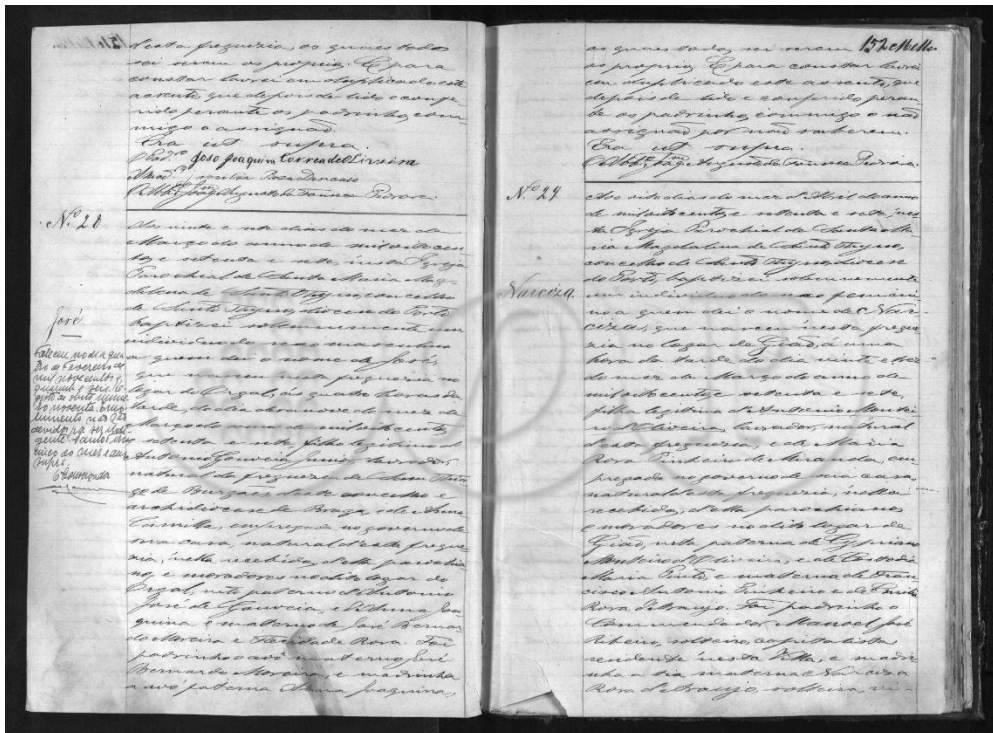


Figura 193: Batismo Narcisa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0018_m00149.tif

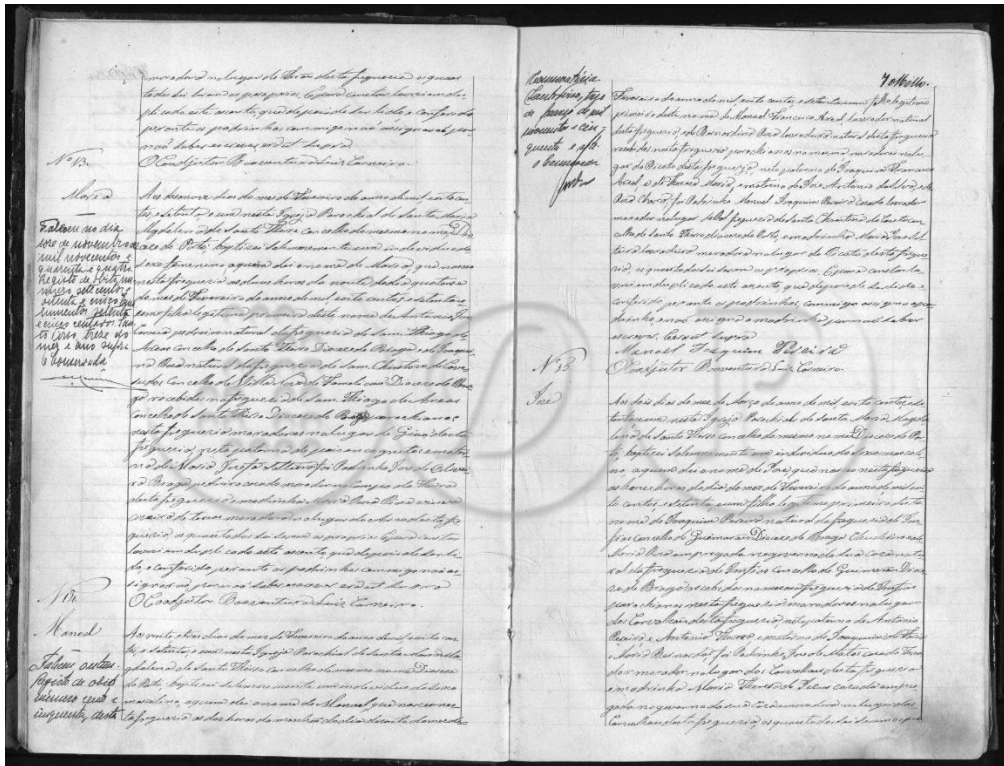


Figura 194: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0017_m00008.tif

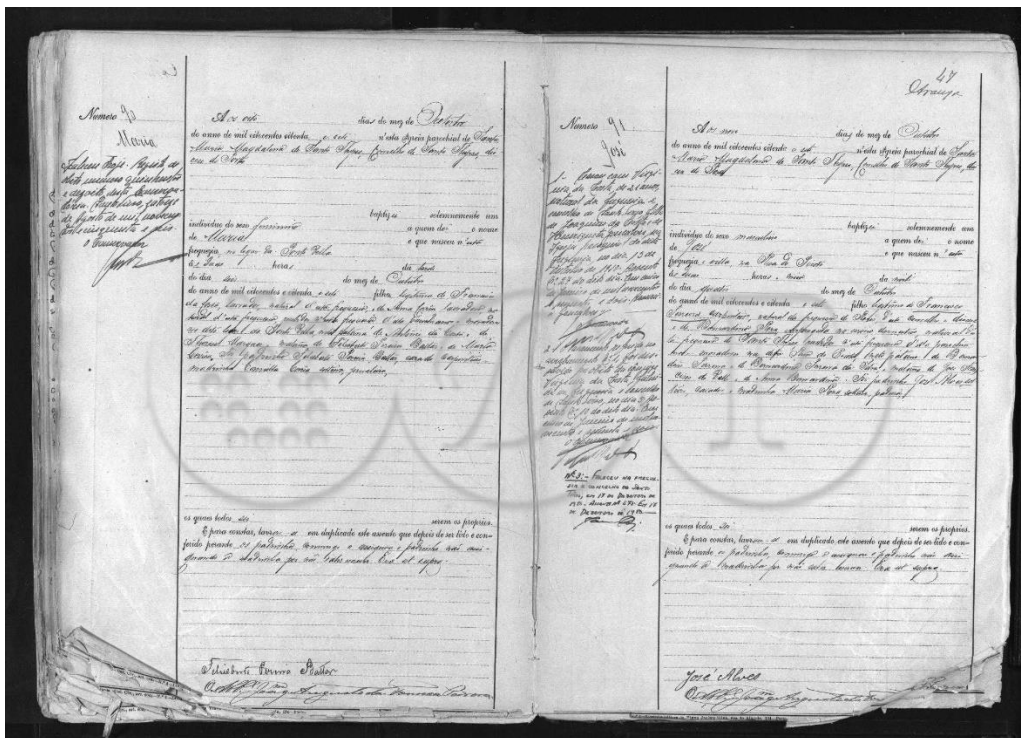


Figura 195: Batismo Maria; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0026_m00048.tif

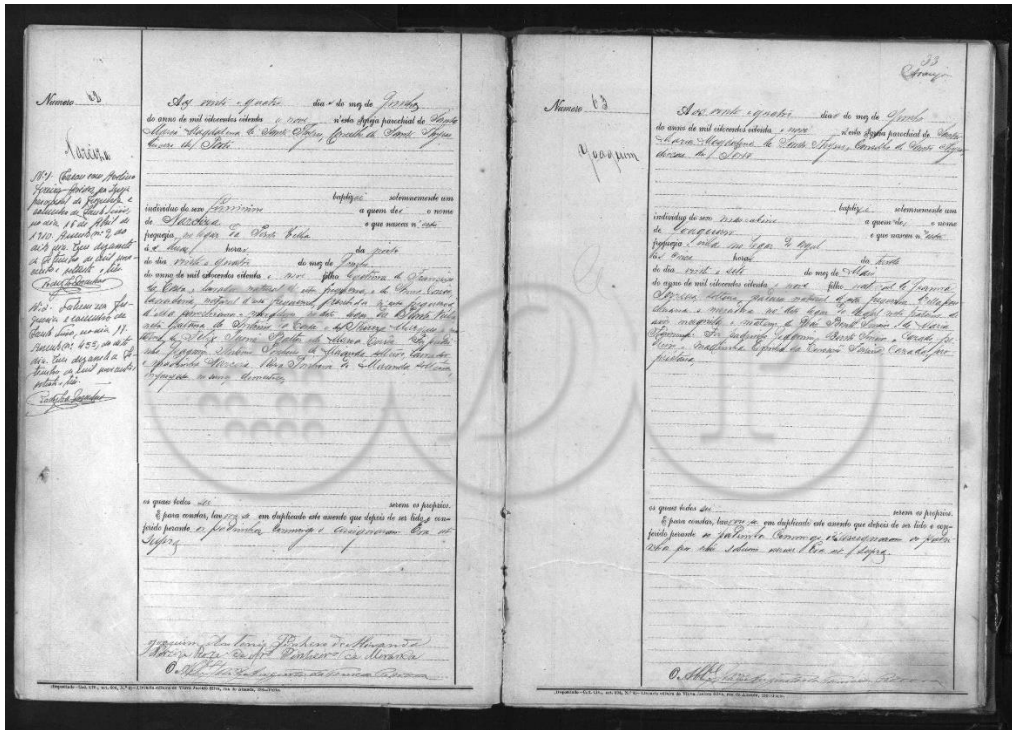


Figura 196: Batismo Narcisa; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0028_m00034.tif

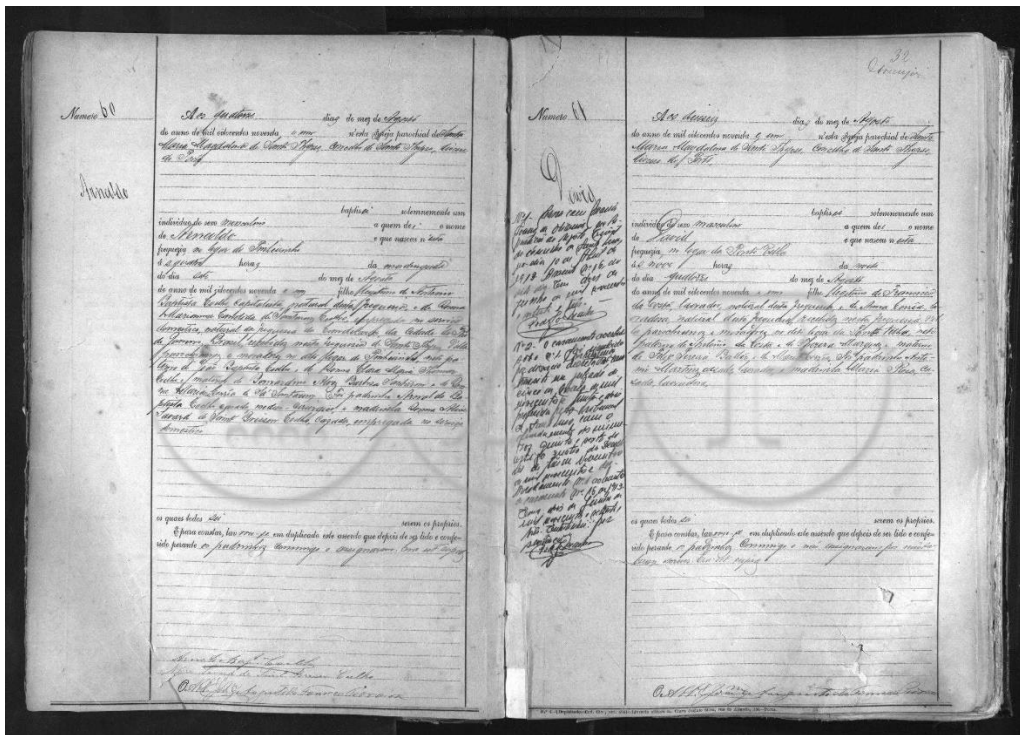


Figura 197: Batismo David; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0030_m00032.tif

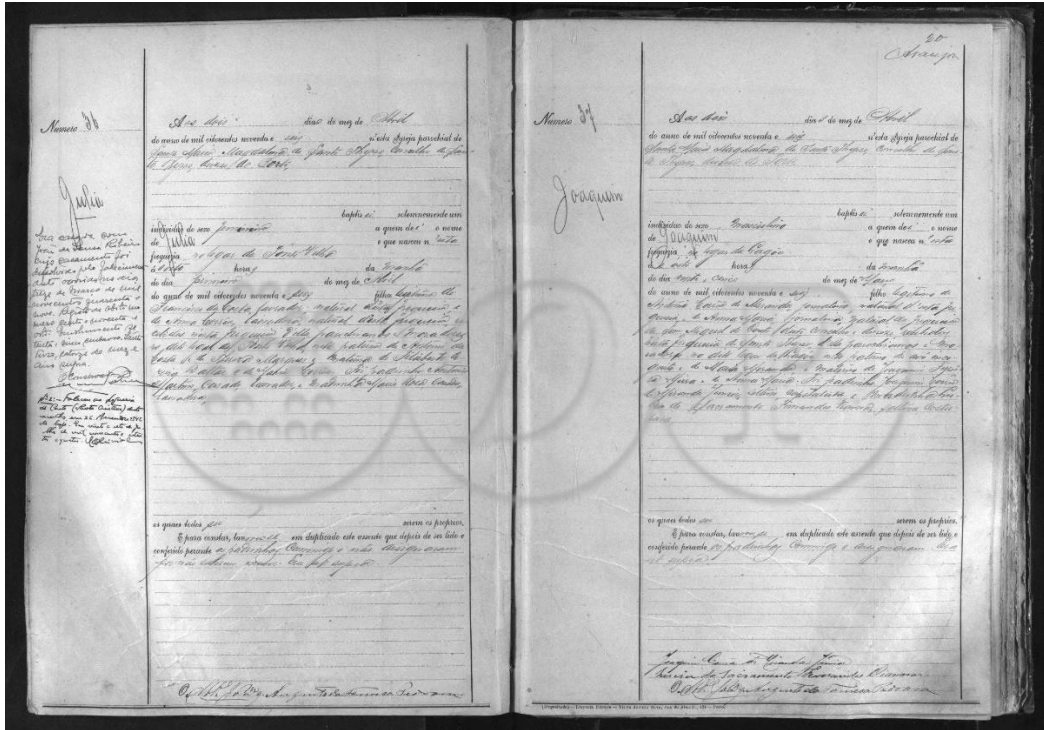


Figura 198: Batismo Júlia; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0032_m00087.tif

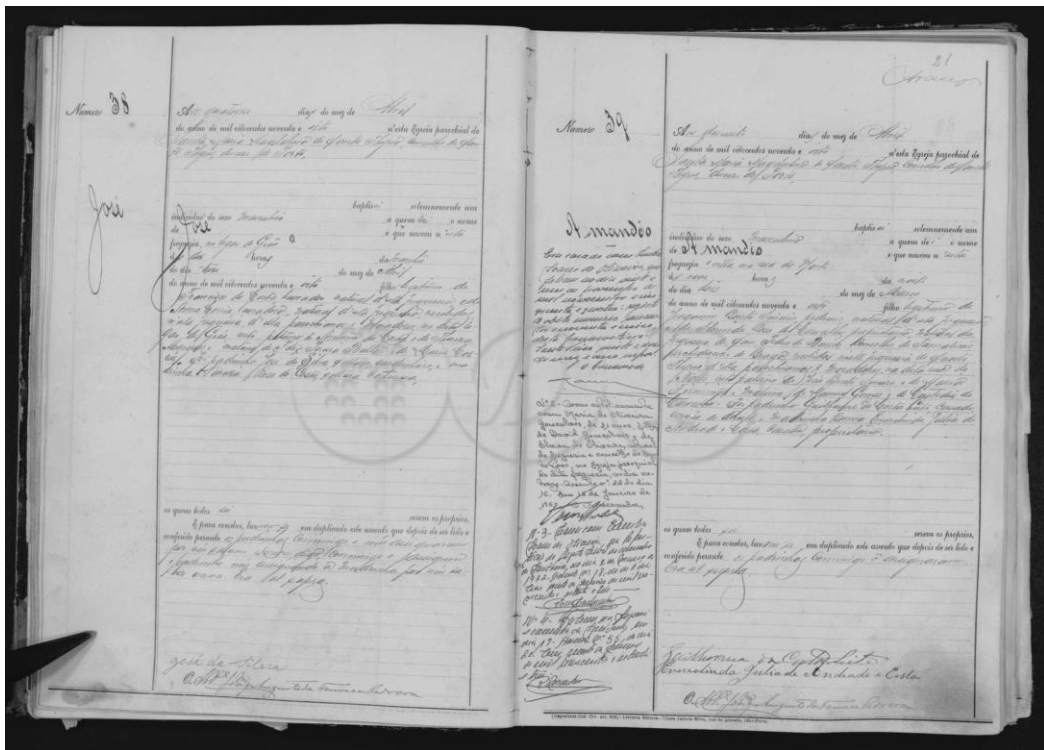


Figura 199: Batismo José; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0034_m00022.tif

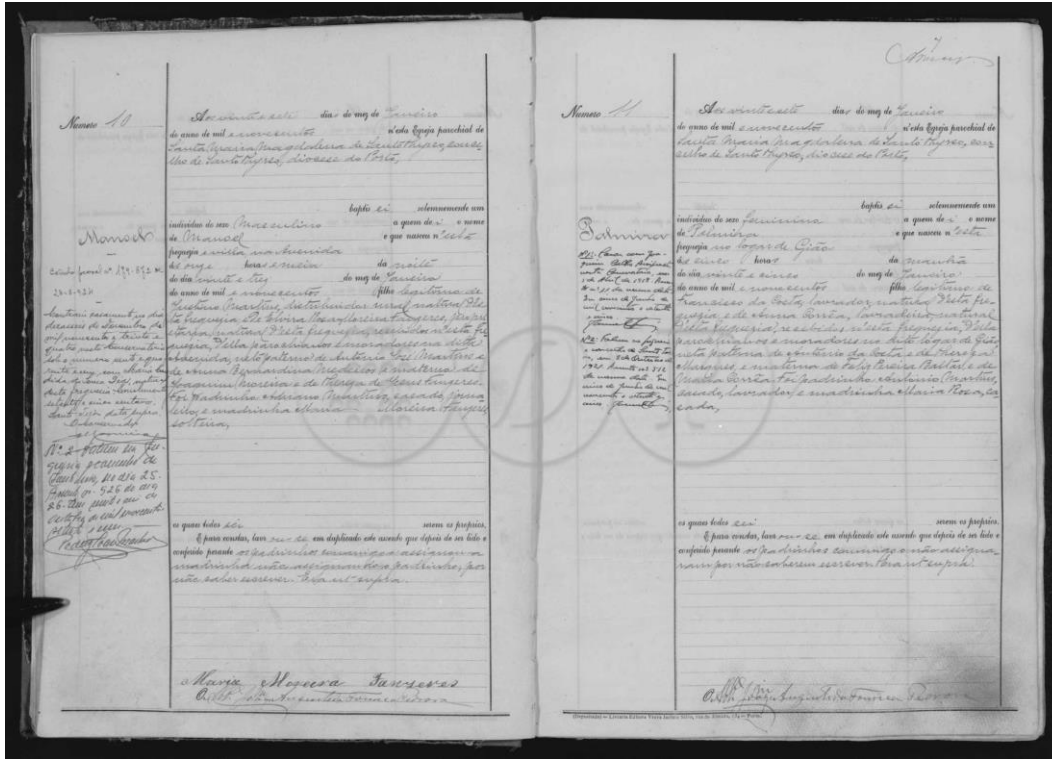


Figura 200: Batismo Palmira; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0036_m0007.tif

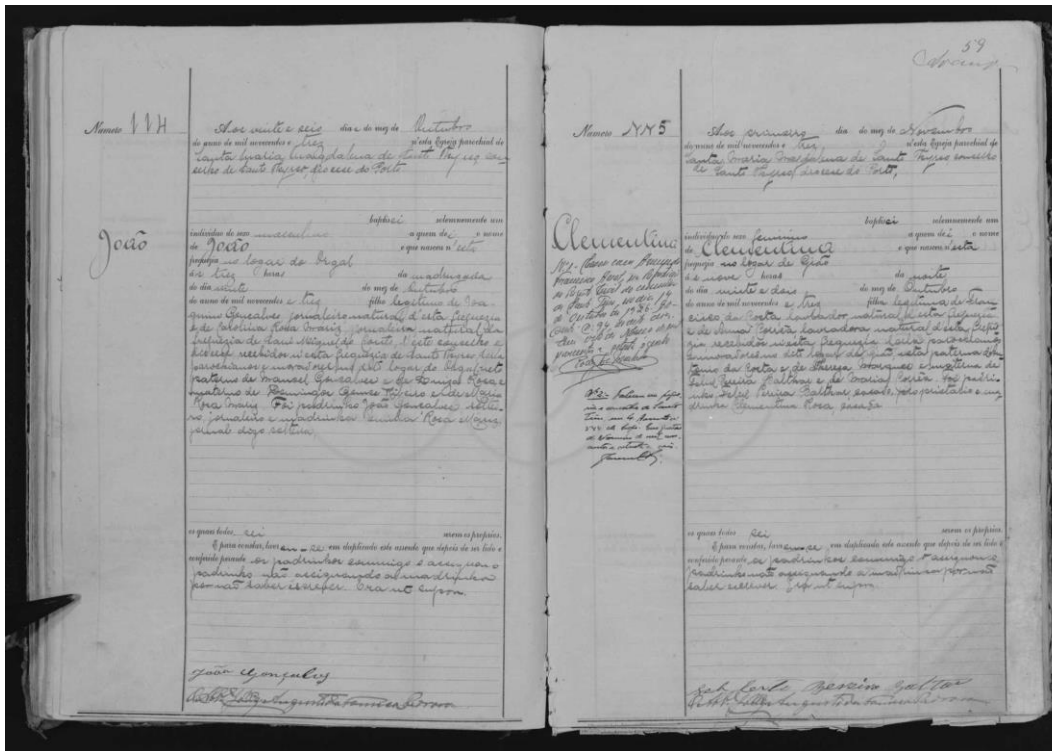


Figura 201: Batismo Clementina; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0038_m00059.tif

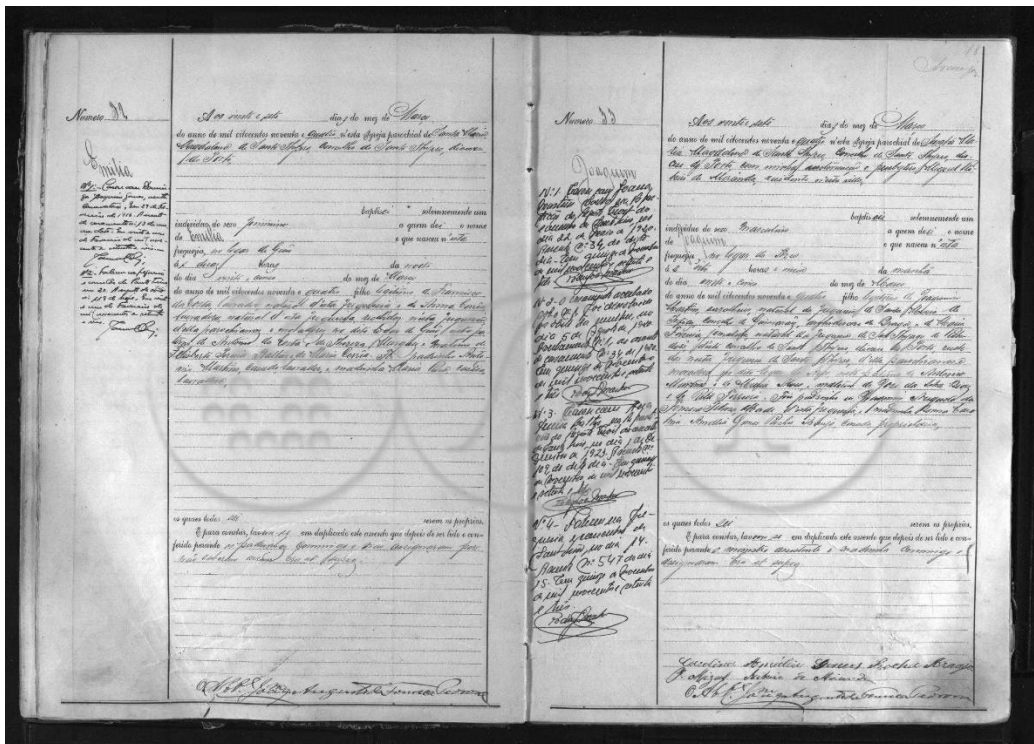


Figura 202: Batismo Emília; Fonte: PT-ADPRT-PRQ-PSTS22-001-0031_m00019.tif

Anexo P: Entrevista Mário Ribeiro

1. Qual é a sua relação com o concelho de Santo Tirso?

No meu caso tenho uma relação muito próxima com o concelho. Nasci num hospital, no entanto o resto da minha infância foi passada no concelho. Estudei na escola primária de São Mamede de Negrelos, prossegui os estudos em Singeverga nos ciclos do 5º e 6º ano, e concluí o secundário na Escola D. Dinis em Santo Tirso. Apenas saí do concelho para ingressar na universidade em Vila Real. Depois dos estudos regresssei ao concelho onde iniciei o meu percurso profissional no Crédito Agrícola que me permite este contacto direto com as pessoas. Toda esta envolvente permitiu-me compatibilizar as vertentes profissionais com a vertente pessoal e recreativa, tendo também o meu próprio cultivo e animais.

2. Já alguma vez teve relação com a agricultura ou o têxtil típico do concelho?

Sim, para além de deter alguns cultivos e animais no meu tempo recreativo, como mencionado anteriormente, conto também com uma empresa agrícola que produz maioritariamente hortícolas e vinho.

3. Acredita conhecer os principais pontos históricos/turísticos do concelho?

Não. Confesso que não conheço alguns pontos que se retirem do meu local de residência ou dos pontos mais emblemáticos da cidade de Santo Tirso. Apesar de saber a realidade do caso de Monte Córdova, gostaria de conhecer toda essa envolvente.

4. Estaria disposto a visitar e cooperar num espaço museológico dedicado à identidade tirsense?

Sim, em tudo o que pudesse acrescentar, dar sugestões e ideias, estaria disposto a coopera. Estaria também disposto a agilizar algumas atividades para a agenda cultural do ecomuseu e contribuir para o acervo do ecomuseu.

5. Gostaria de praticar atividades culturais relacionadas com a identidade tirsense?

Sim, confesso que este tipo de projeto seria bastante interessante para contribuir para o meu conhecimento do território, tanto a nível individual, como familiar e profissional.

6. Admitindo que dentro da oferta de atividades do museus se pretende, entre outros, incluir workshops de construção de instrumentos tradicionais, aulas de culinária baseadas nos produtos gastronómicos do município, aulas ligadas ao fabrico de produtos locais como o linho, o azeite e a farinha, que atividades gostaria de ver presentes no projeto em questão?

Acredito que estas atividades deveriam ser exequíveis e relativamente fáceis, que tenham algum impacto nas pessoas, no entanto, de repente não consigo dar uma resposta concreta de atividades. Ainda assim as vindimas, as desfolhadas a tosquia das ovelhas são atividades muito interessantes.

7. Poderia partilhar alguma história/testemunho da sua ligação com os setores mencionados anteriormente?

Recordo-me se ser criança, na altura das vindimas. Após a apanha das uvas, as uvas são esmagadas e ficam num lagar para o processo de fermentação e eu em conjunto com os meus amigos, corríamos em cima do lagar. A força da fermentação não deixava afundar as massas e este tornava-se o nosso desporto favorito da época. O que até se tornava perigoso porque durante o processo de fermentação libertam-se muitos gases. Recordo-me também de gostar do trabalho de pastor em criança que me permitia o contacto com os animais.

Anexo Q: Entrevista António Rodrigues

1. Qual é a sua relação com o concelho de Santo Tirso?

Eu nasci, cresci e vivi sempre em Santo Tirso com a exceção dos anos em que estive a estudar na Universidade de Vila Real e quando aproveitei desafios profissionais noutras cidades, como é caso do Porto. Por isso a minha relação com o concelho é uma relação umbilical.

2. Já alguma vez teve relação com a agricultura ou o têxtil típico do concelho?

Sim tenho, sou atualmente responsável pela marca Red-Berry Fruits e gerente da empresa António Moreira Rodrigues, unipessoal, tendo crescido na quinta onde se localiza a empresa. Deparo-me com esta envolvência desde criança sendo uma indústria, de certa forma, natural para mim.

3. Acredita conhecer os principais pontos históricos/turísticos do concelho?

Sim, acredito que conheço os principais elementos patrimoniais mais emblemáticos do concelho como o Museu Internacional de Escultura Contemporânea, o Mosteiro de São Bento, entre outros.

4. Estaria disposto a visitar e cooperar num espaço museológico dedicado à identidade tirsense?

Sim, no âmbito da agricultura e associando ao turismo traria uma parceria benéfica para ambos os lados. Poderíamos acrescentar algo ao projeto tal como seríamos capazes de mostrar aquilo que de melhor se faz na nossa empresa.

5. Gostaria de praticar atividades culturais relacionadas com a identidade tirsense?

Sim, gostaria. É sempre interessante conhecermos ainda mais a realidade do nosso território e da nossa cultura. Ainda que se pense que o território não tem mais a oferecer ficamos sempre surpreendidos.

6. Admitindo que dentro da oferta de atividades do museus se pretende, entre outros, incluir workshops de construção de instrumentos tradicionais, aulas de culinária baseadas nos produtos gastronómicos do município, aulas ligadas ao fabrico de produtos locais como o linho, o azeite e a farinha, que atividades gostaria de ver presentes no projeto em questão?

Na minha ótica e tendo em conta os produtos que estão mais relacionados com a nossa produção, seria interessante desenvolver atividades que envolvam etapas da produção do vinho, desde a plantação das videiras até ao engarrafamento do mesmo, bem como workshops

de culinária com base em produtos locais, como os mirtilos e hortícolas. Este tipo de atividades permite a produção de forma individual de certos produtos, como é o caso do vinho e da cerveja, e com estas ferramentas seria possível ensinar a produzir certos produtos de forma caseira.

7. Poderia partilhar alguma história/testemunho da sua ligação com os setores mencionados anteriormente?

Lembro-me de uma história caricata com o meu avô. A agricultura moderna é muito técnica e sofisticada do ponto de vista dos produtos fitofármacos e dos fertilizantes e tudo o que é utilizado está estritamente regulamentado. Quando começaram a surgir os primeiros fitofármacos o meu avô dava um apoio na pulverização da vinha e ajudava nas tarefas diárias da quinta. Na altura devia ter 10 anos e recordo-me de que, num certo dia, o meu avô estava a preparar-se para pulverizar a vinha e tinha uma indicação na embalagem dos mililitros de produto deveria utilizar. Apesar de informar que apenas deveria ser utilizado 40 ml de produto para o depósito de 400 litros. Os 40 ml dentro de um depósito tão grande não pareciam fazer muita diferença, portanto o meu avô decide aumentar a dosagem ao seu gosto, colocando até 5 doses de produto. Na altura eu chamava a atenção, mas ele ainda me dizia “tu não percebes nada disto”. Olhando para trás acho a situação cómica porque naquela altura ainda não havia confiança suficiente no produto e utilizava-se a quantidade que se achava ser adequada.

Anexo R: Entrevista João Abreu

1. Qual é a sua relação com o concelho de Santo Tirso?

Eu nasci no concelho, o meu ensino primário iniciou-se ainda antes do 25 de abril e, portanto estudei numa escola que ainda dividia as crianças pelo género e as turmas eram compostas por todos os anos de escolaridade, desde o 1º ao 4º ano, sendo que esta escola se situava ao pé da casa onde cresci. O meu ciclo preparatório foi feito na Escola Claustral de Singeverga, na altura dirigida pelo Padre Manuel Múrias de Queiroz. Fiz o ensino secundário no Instituto Nun'Alvres em Santo Tirso, e acabei os meus estudos na cidade do Porto com licenciatura em Direito e mestrado em Marketing.

Ao longo da minha vida fui trabalhando em várias cidades, tanto a nível da banca, seguradoras, professor e até vereador no Câmara Municipal de Penafiel. no entanto volto a Santo Tirso em 2005 e candidato-me à presidência da Câmara Municipal do concelho, tendo mesmo sido vereador entre os anos de 2005 e 2009.

Apesar de todo o meu percurso Santo Tirso é a cidade que escolho para residir e é o território das minhas raízes.

2. Já alguma vez teve relação com a agricultura ou o têxtil típico do concelho?

Apesar de não ter estado ligado diretamente a nenhum destes setores, os meus avós, também eles naturais de Vilarinho teriam alguma relação com os mesmos. No caso a minha avó estaria ligada à agricultura e o meu avô ligado aos têxteis, pois também o meu bisavô teria uma relação com a indústria têxtil e teria sido um dos pioneiros desta indústria no concelho com a criação da empresa Manuel Alves de Abreu.

Ainda assim a casa onde nasci e cresci situava-se num meio rural, no entanto em frente a esta casa situava-se a fábrica da Lamela, uma fábrica têxtil que terá por si só influenciado a minha infância. Nasci e cresci a ouvir o barulho dos teares, a ver as pessoas a entrar e sair dos turnos

e, portanto, profissões como o tintureiro, tecelão, o debuxador, o chefe de armazéns, as revistadeiras, entre outros, eram profissões que me diziam muito e que surgiam em conversas com os meus colegas de escola durante toda a minha infância.

Para além disso o meu pai estaria também ele ligado ao têxtil e tendo até sido sócio de uma empresa ligada às colchas e artigos tufados, a Tufarte.

3. Acredita conhecer os principais pontos históricos/turísticos do concelho?

Sim, acredito que há pessoas que estão muito mais preparadas a este nível, no entanto, durante o tempo em que fui colaborador do Jornal de Santo Thyrso e quando tive a honra de contactar com personalidades como o Carlos Faya Santarém, ligado á família que fundou o jornal e que era um homem de uma cultura vastíssima e com o Padre Francisco Carvalho Correia, tendo em conjunto organizado uma exposição sobre as praças e jardins de Santo Thyrso. Fui também diretor da revista da Liga dos Amigos do Hospital, na qual todos os anos teríamos um artigo ligado á história de Santo Tirso e que me permitiu conhecer muitas outras personalidades que conheciam muito bem o concelho e de alguma forma foram transmitindo conhecimento e histórias sobre o território.

4. Estaria disposto a visitar e cooperar num espaço museológico dedicado à identidade tirsense?

Sim, sem dúvida. Primeiro porque eu acho que muitas vezes se separa as pessoas dos projetos por visões políticas supostamente antagónicas e na minha opinião Santo Tirso sempre foi muito dividido internamente e penso que precisamos de pessoas que tenham este tipo de projetos e propostas. Este projeto é um daqueles que permite a contribuição de todas as

peçoas, criar uma união da comunidade e que permita o trabalho em conjunto para um objetivo em comum,

5. Gostaria de praticar atividades culturais relacionadas com a identidade tirsense?

Sim, claro que sim. Durante a minha vida associativa fui criando várias atividades que se fizeram na cidade e que estariam de certa forma ligadas à identidade tirsense. Acredito que estas atividades e experiências são uma mais valia. Dentro da cidade de Santo Tirso, acredito que a zona da Ponte Velha e do rio Sanguinhedo seja dos poucos locais que ainda tem a sua própria identidade e, por isso, muitas vezes ainda tento encontrar com alguns amigos precisamente na Associação Amigos de Sanguinhedo é uma região da qual gosto muito e que acredito que deva ter algum tipo de intervenção do ponto de vista urbanístico.

Da minha parte gostaria de ter estas experiências e acredito que muitas pessoas poderiam também estar interessadas neste tipo de atividades.

6. Admitindo que dentro da oferta de atividades do museus se pretende, entre outros, incluir workshops de construção de instrumentos tradicionais, aulas de culinária baseadas nos produtos gastronómicos do município, aulas ligadas ao fabrico de produtos locais como o linho, o azeite e a farinha, que atividades gostaria de ver presentes no projeto em questão?

Santo Tirso tem uma atividade que acredito que ainda se possa recuperar, que tem a ver com a atividade dos clubes como o club tirsense, mas também algumas organizações que não serão propriamente formais mas que dirigiam as suas atividades naquilo que era o cinema, o teatro, entre outros. No meu ponto de vista iria claramente por este lado mais cultural até

mesmo com a reabilitação do Teatro Eduardo Brasão, que poderia ser utilizado como recreatório, ou o cineteatro, que poderiam ser interessantes a esse nível experiencial.

Há ainda mais duas áreas que considero paradigmáticas no concelho, as artes plásticas e a fotografia. Dentro das artes plásticas poderiam desenvolver-se atividades relacionadas com a pintura e com grandes pintores tirsenses como Tomas Pelayo, José Cavadas, Luís Alberto, entre outros, e que pintavam essencialmente a cidade. Dentro da fotografia, seria interessante fazer uma exposição sobre a fotografia contando com trabalhos de José Augusto Alves, empregado da farmácia central de Santo Tirso, José de Andrade, encenador e fotógrafo, o Mário Ribeiro, o Miguel de Sousa Dias e o Augusto Soares, fundador da foto Íris e que viveria perto da fábrica de Santo Thyrso.

7. Poderia partilhar alguma história/testemunho da sua ligação com os setores mencionados anteriormente?

Tenho sobretudo uma história engraçada que recordo com frequência. Tal como mencionei anteriormente a minha escola primária seria perto da minha residência em Vilarinho perto da Fábrica Têxtil de Lamelas e a escola tinha a particularidade de não ter recreio. Eu recordo-me de a casa da minha avó ter uma espécie de pátio grande e a minha turma utilizava diariamente esse pátio. A minha avó dava pão a todas essas crianças e nós brincávamos com carrinhos. No entanto, o mais interessante é que uma das nossas brincadeiras mais frequentes envolvia a construção de um exemplar da fábrica que vimos em frente a esse pátio, através de materiais vindos da fábrica, como o cartão, e em cima da estrutura colocávamos os cones da linha que se assemelhavam com as chaminés das fábricas e brincávamos com os carros de cada um a entrar e sair da nossa construção, tal como víamos fazer na fábrica em frente.

Dentro desta história recordo-me também que naquela altura a nossa visão do futuro era mesmo sermos empresários têxteis.

Anexo S: Entrevista Domingos Silva

1. *Qual é a sua relação com o concelho de Santo Tirso?*

Apesar de ser natural do concelho de Celorico de Bastos, distrito de Braga, começo a residir no concelho de Santo Tirso, precisamente na freguesia de Roriz em 1984, com 16 anos. Neste mesmo ano começo a trabalhar na Agrororiz, uma empresa de comércio de produtos agrícolas. Mais tarde em 1989 começo a trabalhar na Midouro e neste mesmo ano sou chamado a cumprir o meu ano de tropa. Quando regresso, volto a trabalhar na Midouro, no entanto, passados poucos anos volto para a Agrororiz e começo a construir a casa onde vivia até este ano. Durante a construção e, como já teria um bichinho de empreendedor, construí logo uns fundos com o pé direito de três metros para que mais tarde pudesse abrir o meu próprio negócio. Uma vez que a minha esposa já estaria ligada aos têxteis, surge a ideia de criar uma empresa familiar relacionada com os atoalhados. Assim, no ano de 1994 é criada a empresa Domingos Cunha e Silva Lda.

Fui cada vez mais sentindo que este era o meu lugar e comecei a fazer parte de várias entidades, sendo que atualmente sou tesoureiro na Junta de Freguesia de Roriz e Presidente da Assembleia União Desportiva e Social de Roriz.

A minha relação com o concelho tornou-se tão profunda que não me imagino a voltar ao concelho onde nasci.

2. *Já alguma vez teve relação com a agricultura ou o têxtil típico do concelho?*

Sim, eu nasci numa família de agricultores e, tal como mencionei, trabalhei na Agrororiz muito tempo, sendo que esta estava ligada à venda de produtos agrícolas, como fertilizantes, entre outros. Atualmente tenho ainda um pequeno terreno onde cultivo por motivos recreativos.

Dentro do têxtil, e como mencionado anteriormente, fundei uma empresa têxtil de artigos atalhados no ano de 1994 e na qual executo funções de gerente atualmente.

3. *Acredita conhecer os principais pontos históricos/turísticos do concelho?*

Sim, apesar de não conhecer todos acredito que conheço os principais pontos.

4. *Estaria disposto a visitar e cooperar num espaço museológico dedicado à identidade tirsense?*

Sim, naquilo que pudesse utilizar o conhecimento dentro das áreas que me dizem mais respeito, gostaria de cooperar neste projeto.

5. *Gostaria de praticar atividades culturais relacionadas com a identidade tirsense?*

Sim, gostaria de participar nestas atividades. Visto que as temáticas vão de acordo com as minhas áreas de interesses ainda faria mais sentido a minha participação nas mesmas.

6. *Admitindo que dentro da oferta de atividades do museus se pretende, entre outros, incluir workshops de construção de instrumentos tradicionais, aulas de culinária baseadas nos produtos gastronómicos do município, aulas ligadas ao fabrico de produtos locais como o linho, o azeite e a farinha, que atividades gostaria de ver presentes no projeto em questão?*

Gostaria de ver presentes atividades dentro da minha área de interesse como é o caso da agricultura e do têxtil. Assim poderia existir algo relacionado com as etapas do processo de

cultivo de um produto agrícola, ou uma oficina com os processos básicos de costura, entre outros.

7. *Poderia partilhar alguma história/testemunho da sua ligação com os setores mencionados anteriormente?*

Relativamente ao têxtil, recordo-me que nos primeiros tempos, uma vez que estava a começar do zero, e tinha muitos momentos difíceis e de instabilidade, pensei que o melhor seria mesmo partir as pernas, pois talvez quando acordasse, tudo não passaria de um pesadelo. Isto demonstra o quão é difícil estar à frente de uma empresa e as preocupações que ser gerente de uma empresa acarreta.

Relativamente à agricultura, recordo-me de que naquele tempo não existia abundância nos alimentos, por isso, quando ia vigiar o gado para os montes, comia uma espécie de grão de arroz que saía de uma pequena casca, sendo que nunca mais voltei a provar essa pequena iguaria.

Ainda neste tema recordo-me que na ida para a catequese e em conjunto com os meus amigos, uma vez que não existia abundância de frutos, parávamos num laranjal e roubávamos a fruta. Certo dia, quando o dono se apercebe do que fazíamos começa a vigiar o laranjal. A maneira que encontramos para ultrapassar este obstáculo foi criar uma distração para os meus colegas irem roubar os frutos. Assim decidi ir cortar o cabelo no senhor, pois ele era também o cabeleiro da zona. Acontece que da segunda vez que tentámos fazer esta peripécia, o senhor já estava à espera e cortou-me o cabelo no meio do laranjal.

Anexo T: Entrevista Vítor Martins

1. *Qual é a sua relação com o concelho de Santo Tirso?*

A minha relação com o concelho é uma relação permanente, pois nasci no concelho, na freguesia de Roriz, sendo a freguesia onde resido atualmente. Fui o 5º de sete irmãos e nasci na casa dos meus avós. Fiz a escola primária em Roriz e conclui o ciclo preparatório, até ao 6º ano, em Vila das Aves e prossegui para o trabalho numa empresa familiar, que foi criada pelo meu pai e por mais dois sócios.

2. *Já alguma vez teve relação com a agricultura ou o têxtil típico do concelho?*

Tal como mencionei anteriormente, a minha primeira atividade laboral surgiu no contexto de uma empresa familiar que nasceu no ano de 1980, precisamente no dia em que fazia 12 anos. Esta que seria uma “filha” de uma grande empregadora e importante empresa têxtil do Vale do Ave, a fábrica Flor do Campo, em São Martinho do Campo, atual freguesia de Vila Nova do Campo. Nos anos do seu auge esta fábrica chega a empregar cerca de 1500 funcionários e é daqui que sai todo o “know how” para a criação desta nova empresa, a Tufarte, que tinha como principal produto as colchas e os artigos tufados. Cada sócio detinha um papel importante para a gestão da empresa, sendo que o meu pai detinha o conhecimento técnico, pois trabalhava o tufado, outro seria debuxador e desenhador e o último estava ligado à área comercial, sendo que trabalhava como diretor comercial na Flor do Campo.

Uma vez que não tinha grande vontade em prosseguir os estudos e pretendia entrar para o mercado de trabalho comecei a minha atividade nesta empresa. Estive cerca de 25/27 anos na mesma. Ao longo dos tempos a empresa terá estado sediada na casa dos meus pais, onde resido na atualidade, tendo posteriormente sido acrescentados dois armazéns em duas antigas áreas de quintal. No entanto, houve a necessidade de expandir as instalações para fazer face à procura do mercado, construindo-se um armazém na mesma freguesia, para o qual a

empresa se mudou no ano de 1988. Nos seus anos de maior apogeu a empresa chega a empregar cerca de 55/60 funcionários.

Os principais mercados eram o interno e o italiano, no entanto com a introdução de novos produtos como os edredons, que tinham quase $\frac{1}{4}$ do preço a que fabricávamos os nossos artigos, sendo que nos seguintes anos a empresa perde vários mercados, culminando numa diminuição no quadro de funcionários e mais tarde, devido à falta de procura e de mercado, acaba mesmo por encerrar entre o ano de 2005/2006.

Entretanto conheci a minha esposa nesta empresa sendo que mais tarde, após o casamento, decide abrir uma empresa de confeções, no ano de 2000, também ela sediada no concelho de Santo Tirso, estando atualmente a laborar na freguesia de Vila Nova do Campo. A empresa começa a partir do zero, uma vez que nenhum de nós detinha conhecimento na área, pois apenas detínhamos experiência em colchas e tufados.

Após o encerramento da Tufarte decidi assumir a gerência da empresa que a minha esposa tinha criado, embora houvesse pouca vontade em trabalharmos juntos, pelos motivos óbvios.

Uma vez que a família iria ficar a depender apenas desta empresa, tentamos crescer da forma mais segura e sustentável e começamos a ver uma nova oportunidade para além dos básicos do têxtil lar como os lençóis, toalhas de mesa, jogos de casa de banho, entre outros. Fomos investindo em equipamentos e em produtos em que o mercado tinha pouca oferta, quisemos trabalhar áreas mais técnicas e ser mais proativos. Apesar de sermos apenas 10 funcionários, criamos a tendência de desenvolver novas formas dentro do serviço que aplicávamos ao produto ao invés de serem os clientes a contactarem-nos e a pedirem para fazer certos artigos.

Enfim, resumidamente esta é a minha experiência laboral e a história das únicas duas empresas onde trabalhei durante toda a minha vida, sendo que estive sempre ligado aos têxteis e nunca a uma área diferente como seria o caso da agricultura.

3. *Acredita conhecer os principais pontos históricos/turísticos do concelho?*

Conheço alguns pontos, no entanto confesso que não sou grande historiador no que respeita a história do nosso concelho, perdoe-se a redundância. No entanto, acredito que projetos como o seu possa ter o mais valia uma vez que podem aproximar a comunidade da realidade cultural do concelho que normalmente acaba por se perder ao longo das nossas vidas e ao longo das várias gerações.

4. *Estaria disposto a visitar e cooperar num espaço museológico dedicado à identidade tirsense?*

Sim, estaria. Poderia cooperar da forma que fosse mais conveniente como por exemplo através do conhecimento desta indústria ou até mesmo através do desenvolvimento de atividades culturais no ecomuseu dentro da minha área, o têxtil. Desta forma poderia auxiliar na aprendizagem, principalmente de gerações mais novas, que muitas vezes não percebem o processo de produção e transformação de artigos do seu quotidiano.

5. *Gostaria de praticar atividades culturais relacionadas com a identidade tirsense?*

Sim, estaria disponível. Gostaria de experienciar atividades ligadas ao têxtil, como área de atividade, no entanto, acredito que seria benéfico atividades ligadas a outros temas de forma a desenvolver a minha cultura nas variadas temáticas propostas pelo ecomuseu.

6. *Admitindo que dentro da oferta de atividades do museus se pretende, entre outros, incluir workshops de construção de instrumentos tradicionais, aulas de culinária baseadas nos produtos gastronómicos do município, aulas ligadas ao fabrico de produtos locais como o linho, o azeite e a farinha, que atividades gostaria de ver presentes no projeto em questão?*

Uma vez que a minha área de atividade e conhecimento é o têxtil, gostaria de perceber e ver presentes no projeto algumas atividades dentro desta temática, como por exemplo, perceber quais são os primórdios e as origens desta atividade em Portugal, de que forma é que esta desenvolveu, desde as máquinas a vapor, a sua industrialização massiva, para que fosse possível entender a evolução desta indústria.

7. *Poderia partilhar alguma história/testemunho da sua ligação com os setores mencionados anteriormente?*

Uma vez que nasci numa época em que residia num ambiente particularmente rural, algumas das histórias das quais ainda carrego com certo carinho, e ligadas de certa forma à atividade agrícola e aos recursos naturais, são o facto de que na altura da Páscoa, para além da habitual casca de cebola se utilizava a flor amarela ou flor do mato, para fazer a coloração dos ovos cozidos. Lembro-me de me ser pedido para ir aos montes e beiras da estrada apanhar as ditas flores e de chegar a casa em conjunto com os meus irmãos, com várias picadas dos espinhos da planta que daria as flores. No fim ainda utilizávamos os guaches para terminar a restante pintura dos ovos.

Uma outra história, que relembro com certo prazer é que na altura em que a empresa do meu pai se sediava por baixo da nossa residência, houve um dia em que uma máquina estaria com alguns problemas na mecânica e teria tirado várias horas do dia do meu pai para tentar compô-

la até que este decide desistir da tarefa. Eu ainda pequeno e sem qualquer experiência neste ramo decido tentar arranjar a máquina. O certo é que consegui e no dia seguinte lembro-me de chamar o meu pai e sentir orgulho e satisfação ao dizer-lhe que tinha concertado a máquina. Esta história recorda-me que nesta indústria por vezes é mais fácil parar e, como se costuma dizer, “dormir sobre o assunto” para que no dia seguinte seja mais fácil e mais rápido encontrar a solução. No meu dia a dia acabo por utilizar muitas vezes esta premissa.

Anexo U: Entrevista Domingos Peixoto

1. *Qual é a sua relação com o concelho de Santo Tirso?*

Nasci e fui criado no concelho, nesta freguesia de Vilarinho. Toda a minha vida foi passada nesta terra, apenas saí daqui para fazer a tropa. Estive dois anos em Lisboa, nove meses na Póvoa de Varzim, e meio ano na cidade do Porto. Trabalhava na indústria têxtil e nos tempos livres trabalhava no cultivo dos campos e na criação do gado. Aqui formei família e por aqui hei de ficar.

2. *Já alguma vez teve relação com a agricultura ou o têxtil típico do concelho?*

Cresci numa altura de muita pobreza e numa família de nove rapazes e duas raparigas. Apesar de ser obrigatório a escola, o meu pai não nos deixava estudar porque havia muito trabalho no campo, pouco dinheiro e pouca comida na mesa. Eu e os meus irmãos íamos trocando os dias de ir à escola com os dias de levar o gado a pastar para o monte. Na altura tinha pedido ao meu pai para ir estudar para uma escola em Guimarães e mais uma vez decidiu que o meu lugar seria a trabalhar no campo em conjunto com ele e os meus irmãos. Mais tarde, com 13 anos, pedi-lhe para ser padre, mas ele também não me deixou ir. Lembro-me de querer ir à missa das 07h00 e levar uns sapatos feitos de pneu que o meu pai me havia dado e que dava

ao meu irmão quando chegava da missa para que ele também pudesse assistir à eucaristia. O trabalho no campo fazia-se da seguinte forma: nós cultivávamos o terreno do senhorio e residíamos numa casa dentro do terreno e em troca tínhamos direito a um terço das colheitas do terreno. Ainda assim, o meu emprego era nas chumbarias de fábricas têxteis, no fabrico de atoalhados.

3. *Acredita conhecer os principais pontos históricos/turísticos do concelho?*

Acredito que conheço principalmente os pontos religiosos do nosso concelho. Como tenho muita devoção e tal como disse, queria ter sido padre, tenho um fascínio por todos os santos, igrejas e mosteiros da nossa terra. Como por exemplo, o mosteiro de vilarinho, o mosteiro de são bento, o mosteiro de Singeverga, entre outros.

4. *Estaria disposto a visitar e cooperar num espaço museológico dedicado à identidade tirsense?*

Sim, faria todo o gosto em visitar e puder ajudar com aquilo que for necessário para o projeto. Compreendo que como mais velho poderei ter conhecimentos que possa de alguma forma trazer valor neste teu projeto e se fosse o caso, seria um prazer fazer parte do mesmo.

Ainda assim tenho na minha posse alguns objetos muito antigos que podiam ser interessantes para o projeto, como o espadeladouro e a espadela, utilizadas na confeção do linho, uma candeia antiga, um carro de bois antigo, um jugo de bois, objetos decorativos utilizados para enfeitar e embelezar as cabeças de gado que iam a concurso e várias peças em linho muito antigas.¹⁸⁴

¹⁸⁴ Consultar Anexo V – Objetos na posse de Domingos Peixoto

5. *Gostaria de praticar atividades culturais relacionadas com a identidade tirsense?*

Gostaria sim. Tal como disse tenho todo o gosto em puder ajudar neste projeto, se de alguma forma praticar estas atividades fosse benéfico para o projeto e fosse dentro de uma área de interesse estaria disposto a participar. Eu sempre privilegiei o folclore. Fui membro do rancho folclórico de São Martinho do Campo durante 27 anos, por isso tudo o que esteja ligado a esta cultura do nosso povo seria interessante para mim.

6. *Admitindo que dentro da oferta de atividades do museus se pretende, entre outros, incluir workshops de construção de instrumentos tradicionais, aulas de culinária baseadas nos produtos gastronómicos do município, aulas ligadas ao fabrico de produtos locais como o linho, o azeite e a farinha, que atividades gostaria de ver presentes no projeto em questão?*

Eu acredito que Deus nos dá um dom a cada um de nós. Os meus grandes fascínios sempre foram a concertina, a dança e a cozinha. Concertina nunca cheguei a aprender, dançar aprendi numa tarde numa tasca que reunia os homens e as mulheres a dançar durante a tarde inteira e a cozinha tive a sorte de herdar “a mão” da minha mãe. Tive um restaurante e hoje em dia ainda consigo cozinhar os pratos tradicionais portugueses. Ainda assim, gostaria de aprender mais sobre estes assuntos dos quais tenho muito interesse.

7. *Poderia partilhar alguma história/testemunho da sua ligação com os setores mencionados anteriormente?*

Agora já não é muito habitual, mas lembro-me das desfolhadas, todos os vizinhos se reuniam após a apanha do milho, desfolhávamos o milho, namorávamos, cantávamos e dançávamos ao luar, a minha mãe apanhava a caruma dos pinheiros e fazíamos um magusto, pois as castanhas eram um fruto muito abundante nessa época. Isto repetia-se durante quase um mês

íamos de casa em casa a ajudar a desfolhar o milho de todos os vizinhos, eram uns dias e noites muito divertidos sob a luz das candeias que eram a iluminação daquele tempo. Cantávamos cantigas como: *“Oh raparigas da aldeia, cacei a espiga, toca a desfolhar. À noite no fim da ceia, à luz da candeia, nós vamos bailar”*. Depois deixávamos o milho a secar. Há um ditado que diz: *“agosto seca os montes, setembro seca as fontes, outubro seca tudo”*.

Algo que pode ser também interessante para o projeto são as várias fazes do linho que me recordo de ver a minha mãe fazer e cada parte tinha a sua própria cantiga. Primeiro semeia-se o linho e quando chega a um palmo de altura dá uma flor azulada muito bonita, parece um relvado com as florzinhas bonitas. Mais tarde ganham uma flor amarela, os malmequeres, e estas flores tinham que ser arrancadas dos campos. Ao tirar as flores cantava-se o seguinte: *“- D’onde vens Maria, - Venho d’Areosa, de ver o teu linho, cascalhe agora que ele já tem rosa; - D’onde vens Maria, - Dos lados d’além; - D’onde vens Maria, - Dos lados d’além, de ver o teu linho, cascalhe Maria que ele já está bem;”*.

Depois o linho cresce para o tamanho necessário, é arrancado e utiliza-se a sedeira para retirar a bagarela que é onde estão as sementes do linho, ficando só com as fibras do linho na mão.

Daqui vai para uma presa ser demolhado durante cerca de três semanas a um mês.

De seguida vai para o engenho para ser moído. No fim de ser moído é secado e depois faz-se as espadeladas com a espadela e o espadeladouro. Normalmente fazia-se este processo ao luar nas eiras e cantava-se o seguinte: *“Ao bater da espadelada tenho um passo miudinho; Ao bater da espadelada tenho um passo miudinho; Tem um bater muito certo a espadela sobre o linho; Hei de dar uma toalha, Senhora para o vosso altar; de linho espadelado, sobre as*

eiras ao luar; de linho espadelado, sobre as eiras ao luar; Acabou-se a espadelada, adeusinho oh Tia Teresa; Acabou-se a espadelada, adeusinho oh Tia Teresa Pró ano se Deus quiser, cá estaremos com certeza.” Com o que era espadelado fazia-se uma trança e daí saiam para ir para a roca para ser fiado e é daqui que sai uma maçarquinha/novelos de linho.

Mais tarde vai para a dobadoira para dobar o linho e fazer as meadas e lembro-me da minha mãe cantar o seguinte: “De manhã cedo, já era dia, na Minh ‘aldeia, tudo dormia; Tudo dormia, e eu acordada, e a dobadoira, também dobada; Doba, doba, dobadoira, não me enrices a meada, quero dobar o novelo, tenho a minha mão cansada; O novelo era grande não me cabia na mão; Doba, doba, dobadoira, dentro do meu coração; Oh Helena eu pedi-te um beijo, Oh Helena eu pedi, pedi; passas-te por mim coras-te, nem pra mim olhas-te, mas eu bem te vi”

No fim destes passos todos a meada ia para um tear e tecia-se o tecido de linho.

Anexo V: Objetos na posse de Domingos Peixoto



Figura 203: Candeia Antiga; Fonte: do autor



Figura 204: Antigo espadeladouro utilizado na confeção do linho; Fonte: do autor



Figura 205: Antiga espadela utilizada na confeção do linho; Fonte: do autor



Figura 206: Detalhes decorativos feitos manualmente numa peça em linho; Fonte: do autor



Figura 207: Detalhes de bordado á mão numa peça em linho utilizada para decoração da mesa de Páscoa para receber o Compasso; Fonte: do autor



Figura 208: Tradicional jugo de bois ornamentado e utilizado especialmente em concursos; Fonte: do autor



Figura 209: Detalhes das quinas da bandeira de Portugal num tradicional jugo de bois utilizado especialmente em concursos; Fonte: do autor



Figura 210: Detalhes decorativos num tradicional jugo de bois utilizado especialmente em concursos; Fonte: do autor



Figura 211: Ornamento decorativo utilizado para enfeitar e embelezar as cabeças de gado que iam a concurso; Fonte: do autor



Figura 212: Antigo carro de bois; Fonte: do autor



Figura 213: Pormenor da lateral de um antigo carro de bois; Fonte: do autor

Anexo W: Entrevista Augusto Soares

1. Qual é a sua relação com o concelho de Santo Tirso?

Sou tirsense de gema. A minha relação com o concelho e com a cidade é profunda e acredito que Santo Tirso faz parte da minha génese. Sempre estive ligado a esta zona da Ponte Velha de Santo Tirso. A casa onde vivo atualmente foi a casa onde nasci e onde cresci. Lembro-me que, apesar de ser uma zona da cidade onde existia uma certa dificuldade económica, que trabalhavam ou na agricultura ou na indústria têxtil, e com certas dificuldades culturais, uma vez que a maior parte das pessoas não possuía escolaridade para além do 4º ano, era uma população com várias iniciativas como o futebol, grupos de folclore e até mesmo com a criação das Festas de Sanguinhedo, que são festas pagãs e que todos os elementos teriam origem artesanal, e que devem ter iniciado por volta do fim da década de 50, e que ainda persistem até aos dias de hoje, por estar num local carismático da cidade, por ser do interesse dos bairristas desta zona e por conter elementos de uma cultura tradicional.

2. Já alguma vez teve relação com a agricultura ou o têxtil típico do concelho?

Apenas tenho relação com a agricultura uma vez que a pratico como recreação, ajuda ao meu vigor físico e, obviamente, ajuda à economia familiar. Uma vez que estou reformado e tenho um quintal junto ao rio Sanguinhedo, dedico as minhas manhãs àquilo que eu denomino de “meu ginásio”, o meu terreno, onde cultivo um pouco de tudo, desde alfaces, tomates, feijão, batatas, cebolas, animais, entre outros.

Da indústria têxtil, apesar de não ter tido uma relação direta, a minha família estava toda ligada a esta indústria, tanto os meus irmãos, como as minhas tias e mãe. Ia percebendo os processos de transformação de produto, e, como é obvio, a minha profissão permitiu-me perceber como era o trabalho dentro das grandes fábricas têxteis.

3. *Acredita conhecer os principais pontos históricos/turísticos do concelho?*

Sim, acredito estar muito informado tanto a nível citadino como concelhio. Sempre estive ligado ao Jornal de Santo Thyrsó e privilegiei muitas horas com o Padre Francisco Carvalho Correia e com o Comendador Manuel Cálem. Inclusive, em conjunto com o Comendador Manuel Calém, fizemos um levantamento de todas as capelas e alminhas do concelho de Santo Tirso e quase concluímos o levantamento das casas solarengas do concelho.

4. *Estaria disposto a visitar e cooperar num espaço museológico dedicado à identidade tirsense?*

Sim, sem dúvida.

5. *Gostaria de praticar atividades culturais relacionadas com a identidade tirsense?*

Sim, gostaria de participar nessas possíveis atividades e iniciativas.

6. *Admitindo que dentro da oferta de atividades do museus se pretende, entre outros, incluir workshops de construção de instrumentos tradicionais, aulas de culinária baseadas nos produtos gastronómicos do município, aulas ligadas ao fabrico de produtos locais como o linho, o azeite e a farinha, que atividades gostaria de ver presentes no projeto em questão?*

Gostaria de ver presente alguma atividade relacionada com as raízes da nossa terra. Alguma atividade onde fosse possível doar todo o conhecimento às novas gerações.

Uma vez que a fotografia é a minha área de interesse e é aquela que abrangiu sempre, desde há cerca de 63 anos, gostaria, também, de ver alguma atividade ligada a esta indústria.

Para além disso, gostaria de ver algo ligado à transformação de Santo Tirso antigo com Santo Tirso atual.

7. *Poderia partilhar alguma história/testemunho da sua ligação com os setores mencionados anteriormente?*

Eu ainda hoje tenho recordações da Quinta de Gião que datam de há 65 anos atrás. Este seria o meu local predileto para as brincadeiras com os meus colegas. A quinta tinha várias entradas, sendo que a entrada principal se localizava perto do lagar de azeite. Esta entrada tinha um portão, e recordo-me de nunca ter visto aquele portão totalmente fechado, sendo que, por cima do mesmo, existia uma ramada em arco preenchida de vinha. Esta quinta, por tão grande que era, tinha vários caseiros que trabalhavam os campos e que pagavam a renda, que seria paga em carros de pão – estes carros seriam compostos por 40 e poucas rasas¹⁸⁵-. Habitualmente na existência de vários caseiros, os senhores das quintas elegiam um feitor.

¹⁸⁵ Medida feita de madeira utilizada para os cereais secos;

Este zelava pelos interesses dos senhores e trabalhava como uma espécie de vigilante dos caseiros. Lembro-me que este feitor se chamava Sr. Queirós e em pequeno, junto com os meus amigos, e por haver tantas dificuldades financeiras, quando queríamos comer uma fruta, tínhamos que ir roubá-las às quintas. Assim enquanto uns iam roubando a fruta, outro ficava junto ao portão de vigilância e gritava “Vem aí o Sr. Queirós”, para que nos desse tempo de fugir.

Recordo-me também da salubridade que existia no rio Sanguinhedo. O nível de poluição era tão baixo, que havia muito peixe. A minha avó colocava um cesto de verga num rego de acesso a um dos moinhos de Sanguinhedo, dava-me uma pequena vara e dizia-me “Oh gostinho, vai tocar os peixes”. Eu com a vara batia na água, os peixes fugiam e a minha avó levantava o cesto cheio de peixes. Mais tarde fazia uma pequena fritura com aqueles peixes e que me sabiam muito bem.

Relativamente ao têxtil, recordo-me que, antes de existir cantina na Fábrica de Fiação de Santo Thyrsó, a atual Rua Dr. Oliveira Salazar encontrava-se cheia de pequenas mercearias e das suas respetivas tascas que serviam a sopa aos trabalhadores. Estes, por incrível que pareça, vinham a pé dos sítios mais longínquos do concelho, como Negrelos, Roriz, Burgães, Monte Córdova, Reguenga, entre outros, e traziam consigo, embrulhado em papel ou pano, os restos que tinham sobrado de outras refeições como por exemplo, badanas de bacalhau fritas, posta de carapau frita, um bocado de conduto¹⁸⁶ para acompanhar com a sopa. Por vezes, era também típico os familiares trazerem a merenda para os operários numa cesta. Contava-me um desses operários, que a sua irmã lhe trazia a sopa e que esta era feita com

¹⁸⁶ Prato Principal de uma refeição

sebo de boi. Num certo dia, talvez de Inverno, a sopa vinha tão fria que teria coagulado e para desfaze-la, teve que amassar a sopa com uma colher. Nesta altura passa um senhor da família Hargreaves, que seria uma família inglesa imigrada em Portugal e muito influente na indústria têxtil, que parou à sua beira e foi ver a refeição que este comia. Foi desde esta altura que começaram a pensar em criar uma cantina.

Anexo X: Entrevista Alberto Costa

1. *Na sua opinião sente que o município tem unido esforços para melhorar e aumentar as atividades turísticas no concelho?*

Sim, sinto que o município tem feito esse esforço. Aliás, um dos elementos de incentivo à visita do município é o painel do museu que dispomos no aeroporto Francisco Sá Carneiro. Os visitantes entram no nosso país e na nossa região, e encontram publicidade ao nosso concelho. Tentámos também junto da APDL – Porto de Leixões, fazer um intercâmbio de turistas. No fundo pretendemos gerar uma área metropolitana, criando espécies de pacotes turísticos passando 7 dias na região, mas pernoitando e visitando várias cidades durante a estadia no nosso país. Tentámos, também, convencer os agentes turísticos que Santo Tirso Tem uma excelente oferta para 2/3 dias, dependendo dos segmentos de visitantes que queremos atingir. Ainda assim, dispomos de equipamentos como o, ainda em construção, Centro de Artes Alberto Carneiro, o Museu Internacional de Escultura Contemporânea, entre outros elementos.

2. *Acredita que a criação de um museu ligado à identidade tirsense seria benéfica tanto para os turistas, como para a comunidade local e outros agentes envolvidos?*

Não tenho a menor dúvida, acho que é importantíssimo para qualquer pessoa saber exatamente de onde vimos e quais são as nossas origens.

3. *Tendo em conta a descrição do projeto e do ecomuseu que importância atribui à relação intrínseca entre os agentes do museu e a comunidade local?*

Os agentes não são conhecedores de toda a realidade, ou seja, há todo um património material e imaterial que é preciso descobrir através de conversas com a comunidade local. Sabe-se que é necessário inventariar e porventura existem vários elementos que serão descobertos através deste relacionamento com a comunidade local. No fundo o levantamento e inventariação iniciam-se com o contacto com a comunidade local.

4. *No âmbito do museu e focando as temáticas que irá abordar, o que pensa encontrar no museu?*

Desde logo aquilo que é a história de Santo Tirso de forma material e imaterial, pois é isso que se pretende. Que as pessoas desta terra, ao entrarem no museu se sintam em casa e que denotem um sentido de pertença. Para os restantes visitantes servirá para conhecer a nossa realidade e a nossa história, que levou ao desenvolvimento do nosso concelho.

5. *Quais acredita ser os maiores desafios para este projeto?*

Desde logo o primeiro e principal desafio será o financiamento. De seguida acredito que será o levantamento, uma vez que o espólio material e imaterial do concelho é vasto. No entanto acredito que este será um trabalho contínuo e um desafio diário.

6. *Acredita que este projeto de ecomuseu poderá fazer a diferença dentro do espólio de património tirsense, e aumentando a curiosidade e visita dos locais?*

Não tenho grandes dúvidas. Tal como dizia no início da conversa esta proposta acarreta temáticas muito interessantes e acredito que muitas destas temáticas deveriam ser abordadas nas várias escolas do concelho. Não há ninguém que não tenha um certo interesse por conhecer a nossa origem e é exatamente o que o ecomuseu propõe.

7. *Como representante da Câmara Municipal admite que o projeto poderia ser apoiado pelo Câmara Municipal de Santo Tirso? Em que medida acredita que esta entidade poderia ser um parceiro do projeto.*

Nos dias que decorrem o mais difícil é sempre o financiamento. Fruto dos orçamentos disponíveis, a Câmara está sempre a aguardar linhas de financiamento, seja do Estado, seja do Governo Central, seja da própria comunidade europeia, que nos permita desenvolver este tipo de projetos. Vejo com bons olhos que a Câmara seja parceira neste projeto e que possa interferir. Obviamente que quando estes projetos existem, há sempre uma percentagem que é paga pelo financiamento e uma outra que é paga pelo município. Conjugando os dois fatores, porventura faria sentido apresentar o projeto, com um diálogo prévio com os vários envolvidos, como a Associação Amigos do Sanguinhedo, para mais tarde avançar com a proposta efetiva.

Para além disto seria ainda possível tentar conjugar a oferta cultural proposta pela Câmara com a oferta cultural proposta pelo o ecomuseu, reintegrando estas atividades do ecomuseu nas atividades programadas pela Câmara Municipal de Santo Tirso.

Anexo Y: Entrevista Tiago Araújo

1. *Na sua opinião sente que o município tem unido esforços para melhorar e aumentar as atividades turísticas no concelho?*

Sim, o município nos últimos anos tem apostado em divulgar tudo aquilo que é diferenciador até porque no turismo, hoje em dia, um território consegue-se destacar de outro não por semelhança, mas pela diferenciação. A aposta do município tem se notado na arte, com o Museu Internacional de Escultura Contemporânea, um projeto diferenciador e consistente, utilizando o espaço público e enquadrar as esculturas e o espaço. No entanto tem também apostado no turismo de natureza, com o novo parque urbano de Gião, o parque, ainda em construção, metropolitano de Monte Córdova, desenvolvimento de percursos pedestres, cachoeiras, ferveças, entre outros, e outros elementos ligados ao desporto como atividades de BTT.

2. Acredita que a criação de um museu ligado à identidade tirsense seria benéfica tanto para os turistas, como para a comunidade local e outros agentes envolvidos?

Um museu com identidade é sempre importante em primeira estância para a comunidade local. Antigamente as famílias iam crescendo e criando as subfamílias relativamente perto uns dos outros e havia mais transmissão de conhecimentos entre os mais velhos e os mais novos. Hoje em dia existe mais deslocalização dos habitantes “originais” do local e perde-se este conhecimento através dos antepassados. É importante criar as raízes e sentido de pertença nestas pessoas que fazem esta mobilidade territorial.

3. Tendo em conta a descrição do projeto e do ecomuseu que importância atribui à relação intrínseca entre os agentes do museu e a comunidade local?

A articulação será fundamental no projeto. Criar envolvimento nos moradores locais, com as associações também elas locais é muito importante, porque por vezes não tendo o registo

escrito da história do local, é através destas pessoas que podemos descobrir e elaborar a história dos sítios.

4. No âmbito do museu e focando as temáticas que irá abordar, o que pensa encontrar no museu?

Penso encontrar a história do local e as suas tradições. Perceber um pouco a etnografia do local, as práticas agrícolas do campo. Criar um fio condutor do território envolvendo as indústrias que foram de extrema importância para o desenvolvimento do concelho. Ainda assim penso que também poderei encontrar a transformação do território no ecomuseu passando de uma paisagem agrícola para o crescimento industrial e cidadão.

5. Quais acredita ser os maiores desafios para este projeto?

Acredito que a criação de um fio condutor será o maior desafio do projeto. Estamos a falar de um espaço temporal grande, conseguir perceber os elementos desde a origem até à atualidade. Conseguir fazer uma ligação entre este fio condutor e o acervo que será exposto no ecomuseu irá exigir uma maior complexidade.

6. Acredita que este projeto de ecomuseu poderá fazer a diferença dentro do espólio de património tirsense, e aumentando a curiosidade e visita dos locais?

Sim, acredito que através do ecomuseu seja possível criar uma dinâmica com os locais. Poderá fazer com que os locais comecem a sentir pertença ao local e conseguir explicar e contar a história do local, bem como a sua cultura e lendas.

7. Como representante da Câmara Municipal admite que o projeto poderia ser apoiado pela Câmara Municipal de Santo Tirso? Em que medida acredita que esta entidade poderia ser um parceiro do projeto.

A Câmara consegue com as suas valências, e com o apoio da parte da programação cultural, dos serviços educativos, da biblioteca, contribuir com o levantamento de memórias. É também possível chegar ao público através da criação de equipas que permitam levar avante o projeto e dar-lhe consistência e continuidade.

Anexo Z: Entrevista Álvaro Moreira

1. Na sua opinião sente que o município tem unido esforços para melhorar e aumentar as atividades turísticas no concelho?

Enquanto entidade, acredito que o município nos últimos 30/40 anos tem tido um caminho progressivo e constante de valorização dos ativos patrimoniais, dos produtos locais, serviços, entre outros elementos. O município tem valorizado o turismo enquanto atividade económica.

Nos últimos anos, dentro da museologia, temos assistido a um aumento de equipamentos como novo projeto inserido no Museu Internacional de Escultura Contemporânea, o Centro de Artes Alberto Carneiro, enquadrando-se numa estratégia de dotar o município de certas valências dentro do campo museológico. No domínio arqueológico temos o Centro Interpretativo do Monte Padrão, e o Museu Municipal Abade Pedrosa, no domínio da arte contemporânea temos o Museu Internacional de Escultura Contemporânea, na história da indústria têxtil temos o centro interpretativo da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, entre outros.

2. *Acredita que a criação de um museu ligado à identidade tirsense seria benéfica tanto para os turistas, como para a comunidade local e outros agentes envolvidos?*

Acredito que qualquer valência museológica, desde que, convenientemente ativada e dotada de recursos que permitam a implementação de uma programação de um conjunto de serviços no âmbito educativo, pedagógico e lúdico, independentemente da área específica de intervenção, são sempre intervenções que contribuem para o desenvolvimento socioeconómico do concelho. Estes permitem a melhoria dos serviços prestados à comunidade, a atração de visitantes e tornando-se ainda dinamizadores de uma economia específica e relativamente limitada. Para além disso, a médio longo prazo, podem contribuir para o desenvolvimento de uma massa crítica que vai estruturar uma ação coletiva mais interventiva, mais potenciadora do desenvolvimento sustentável do concelho.

A função dos museus resume-se a três grandes áreas nucleares: o acervo, com a preservação, conservação e ampliação do mesmo; a investigação, com o espaço ativo de produção de conhecimento e estudo; e a divulgação com a disseminação do conhecimento resultado da investigação e as atividades pedagógico-educativas.

3. *Tendo em conta a descrição do projeto e do ecomuseu que importância atribui à relação intrínseca entre os agentes do museu e a comunidade local?*

A comunidade local é o primeiro interface do museu. Quando falamos no património falamos de algo que não tem fronteiras e limites geográficos de um território específico. Ainda assim, na minha opinião o mais importante é o valor do património e o conhecimento transmitido através dele.

No entanto, muitas vezes é a comunidade local a produtora do património, sendo por vezes a detentora da identidade ativa do património. É também a comunidade quem tem um interesse mais direto em preservar a memória e transmissão do conhecimento, uma vez que o património em alguma medida, interferiu e moldou essa realidade. A comunidade local é o preferencial e mais direto beneficiário da preservação desse património e da transmissão do conhecimento.

4. *No âmbito do museu e focando as temáticas que irá abordar, o que pensa encontrar no museu?*

Apesar de não deter o projeto e de não ter impressões objetivas, acredito que, começando pela atividade agrícola, são muitos os domínios que poderão ser abordados. Desde o território, a paisagem - e a sua modelação e transformação -, os produtos específicos e característicos da região, os meios de transformação desses produtos - como a vinha, os cereais -, a exploração florestal - ligados à marcenaria, carpintaria, entre outros -, que poderão ser transformados e interligados ao domínio do artesanato - com o trabalho da madeira, cestaria, entre outros -. as atividades ligadas aos principais ciclos de cada produto ou de cada cultivo - ligados às atividades de carácter mais etnográfico, como as desfolhadas, as vindimas, entre outros -, as atividades ligadas ao ciclo da vida campesina - como as matanças do porco, entre outros. No fundo deter o conhecimento dos diferentes ciclos ligados à vida agrícola.

Na questão do urbanismo da cidade, este, curiosamente, associa-se muito à indústria têxtil e à história do mosteiro, pois são dois ciclos que são subsequentes e que têm a ver com os diferentes ciclos políticos e de governação. Um que acaba em 1834, que termina com a

vigência dos direitos do mosteiro, a sua extinção e colocação em hasta pública, e o advento da indústria têxtil que é relativamente simultânea. A primeira fábrica abre por volta de 1850, embora já existisse uma tradição anterior na área dos têxteis, nomeadamente com o linho e o algodão. Portanto, todas estas situações refletem-se no urbanismo da cidade que depois vai conhecendo diferentes momentos de desenvolvimento, que têm a ver com os ciclos políticos, com as orientações do estado novo, com as diferentes fases do municipalismo – desde a constituição do concelho, que também é coincidente com a data de 1834. Estas são abordagens que dão conteúdos, todos eles interligados, e que permitem até um conhecimento muito aprofundado da cidade, seja no domínio económico, social, político, arquitetónico, centre outros. É quase indissociável estar a falar estritamente no urbanismo se não tivermos como base de conhecimento os planos de ordenamento do Estado Novo, que foram obrigadoriedades legais e regulamentares, que definiu os parâmetros do crescimento urbano e da infraestruturização do edifícios públicos, reguladores daquela realidade política, como é o caso dos correios, os grémios agrícolas, tribunal, bairro de magistrados, do mercado, entre outros edifícios que não são interpretáveis fora da dinâmica do conhecimento de uma realidade jurídico-política do Estado Novo.

Na minha perspetiva, isto daria uma reflexão muito depurada para definir os conteúdos no espaço desta natureza e para se tornarem clarificadores para quem irá visitar a instituição.

5. *Quais acredita ser os maiores desafios para este projeto?*

Na minha perspetiva, e de forma genérica, são sempre os recursos. Os recursos materiais financeiros e humanos. Estes são sempre os obstáculos à implementação, consolidação e desenvolvimento dos projetos. Não serão os conteúdos no âmbito da museologia e

museografia os grandes obstáculos do projeto, mas sim os recursos mencionados anteriormente.

6. *Acredita que este projeto de ecomuseu poderá fazer a diferença dentro do espólio de património tirsense, e aumentando a curiosidade e visita dos locais?*

Não consigo responder de forma concreta. Eu acredito sempre que um espaço dinâmico, de produção de conhecimento, que detenha uma dimensão lúdico-pedagógica, que preserve uma realidade que seja interessante, e que seja uma entidade ativa e operante no tecido socioeconómico, são sempre bem-vindas, independentemente do domínio onde se movimentam. Para mim isso é válido desde o património arqueológico, artístico, arquitetónico, entre todos os outros acervos possíveis e imaginários, mesmo aqueles que não nos suscitem particular interesse, há sempre algum segmento que terá interesse nesses acervos.

Assim sendo, este projeto não será uma exceção.

7. *Como representante do Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso e do Museu Municipal Abade Pedrosa admite que o projeto poderia ser apoiado pelas duas instituições? Em que medida acredita que estes poderiam ser um parceiro do projeto.*

Nem o Museu Municipal, nem o Museu de Escultura, nem nenhum dos outros equipamentos, seja no domínio da cultura e do património, seja noutra domínio, têm personalidade jurídica e autonomia em relação à autarquia. Os museus são um serviço da Câmara Municipal. Portanto, a resposta a esta pergunta estaria sempre subjacente à Câmara Municipal, que é a entidade de tutela e é quem pode ter uma ação concreta relativa ao apoio.

Do ponto de vista individual e pessoa, vejo sempre que projetos desta natureza, se forem bem estruturados e orientados e respeitarem as prerrogativas fundamentais que falamos durante a entrevista, acredito que sejam sempre uma mais valia. Mas também reconheço que as dificuldades de concretização de um projeto desta natureza são enormíssimas, como são nos outros domínios na área da cultura, espetáculos, entre outros, uma vez que importam sempre um investimento significativo. Não só na concretização e infraestruturção do espaço, mas tudo o que está inerente tal como todas as despesas correntes, despesas de manutenção e funcionamento do próprio espaço, despesas nos recursos humanos, entre outros, a que acresce um valor substantivo relativo à programação, investigação e ações de divulgação. Para os projetos se consolidarem e terem viabilidade futura, a entidade que os suporta tem que ter a consciência que não é um investimento pontual, mas sim um investimento, desejavelmente, constante e crescente. Este deve ser o grande pano de fundo de todos estes tipos de projetos.

Anexo AA: Entrevista António Ventura

1. *Na sua opinião sente que o município tem unido esforços para melhorar e aumentar as atividades turísticas no concelho?*

Com certeza, tem tentado criar mais equipamentos de atração turística, denota-se um esforço na criação de espaços ligados à natureza, como parques, ecopistas, entre outros.

2. *Acredita que a criação de um museu ligado à identidade tirsense seria benéfica tanto para os turistas, como para a comunidade local e outros agentes envolvidos?*

Não tenho dúvida nenhuma, acredito que seria benéfico não só para o público mais jovem, mas para público sénior também. Muitas das vezes perdem-se saberes com o passar do tempo,

um desses exemplos é a produção do azeite na sua forma mais antiga, como é o caso do lagar de azeite nas nossas instalações.

3. *Tendo em conta a descrição do projeto e do ecomuseu que importância atribui à relação intrínseca entre os agentes do museu e a comunidade local?*

Acredito que nesta zona, e principalmente no que respeita os membros da nossa associação, a vida quotidiana acaba por ser monótona. Apesar da população estar envelhecida, de não ter iniciativa para apresentarem este tipo de propostas, têm gosto em colaborar e participar nestas atividades, e sentem orgulho quando são visitados por pessoas que não frequentam este meio.

4. *No âmbito do museu e focando as temáticas que irá abordar, o que pensa encontrar no museu?*

Suponho que poderemos encontrar, no que diz respeito a este local em específico, a sua história e a sua evolução em termos de espaço. Assim como instrumentos utilizados na agricultura tradicional que poderia ser utilizado pela antiga quinta de Gião, fotografias, entre outros.

5. *Quais acredita ser os maiores desafios para este projeto?*

Acredito que o financiamento será um grande desafio, ainda assim acredito que é importante deter o apoio de entidades com a Câmara Municipal de Santo Tirso e a Freguesia de Santo Tirso.

6. *Acredita que este projeto de ecomuseu poderá fazer a diferença dentro do espólio de património tirsense, e aumentando a curiosidade e visita dos locais?*

Sem dúvida, até pela especificidade do espaço. O facto de termos um antigo lagar de azeite poderá ser um grande atrativo para a visita ao local.

7. *Como representante da Associação Amigos de Sanguinhedo admite que o projeto poderia ser apoiado pela associação? Em que medida acredita que esta entidade poderia ser um parceiro do projeto.*

A associação poderá ceder instalações, colaborar na execução de atividades, documentação e inventariação, assim como prestar apoio na criação de pressão juntos de outras entidades dirigentes.

Anexo BB: Entrevista Napoleão Ribeiro

1. *Na sua opinião sente que o município tem unido esforços para melhorar e aumentar as atividades turísticas no concelho?*

Sim, sinto que é um município ativo na vertente turística. Tem um gabinete turístico, uma loja interativa do turismo, costumam frequentar a BTL, na feira “Xantar - Salão Internacional de Turismo Gastronómico” em Ourense, criam atividades para o Dia Mundial do Turismo contribuindo para a promoção turística do concelho. Para além dos vários equipamentos turísticos que é possível encontrar no município, como o Museu Internacional de Escultura Contemporânea, o Centro Interpretativo do Monte Padrão, entre outros.

2. *Acredita que a criação de um museu ligado à identidade tirsense seria benéfica tanto para os turistas, como para a comunidade local e outros agentes envolvidos?*

Esta é uma pergunta muito curiosa. A “identidade” está na moda. Depois de uma fase em que a União Europeia permitiu um diálogo internacional, por volta dos anos 80, sinto que atualmente o foco está voltado para a identidade, não como uma diferença, mas sim como

uma afirmação contra as outras identidades. Ainda sim, acredito que trabalhado da forma correta, o museu seria benéfico enquanto instrumento de aumento de cultura geral para os locais.

3. *Tendo em conta a descrição do projeto e do ecomuseu que importância atribui à relação intrínseca entre os agentes do museu e a comunidade local?*

É interessante que tenha trazido esta pergunta uma vez que em muitos museus esta vertente acaba por ser um grande ponto de interrogação. Há museus que têm todas as valências, no entanto não têm os recursos humanos indicados para o projeto. É necessário existir uma boa relação com a comunidade local. Os recursos humanos, para além de serem bons profissionais, devem saber acolher tanto a comunidade como os visitantes. Ainda assim não se deve investir apenas na divulgação da imagem do museu acabando por tornar toda a envolvente pouco natural. Deve-se encontrar um equilíbrio entre estes dois pontos.

4. *No âmbito do museu e focando as temáticas que irá abordar, o que pensa encontrar no museu?*

Caso o projeto se torne realidade, gostaria de encontrar um centro de documentação e um arquivo de histórias de vida no museu. Conseguir deter o testemunho das pessoas que viveram e trabalharam no concelho, homenageando a comunidade local que formou a massa que acabou por desenvolver o município. Estes poderiam ser uma base para o estudo das origens da nossa identidade.

5. *Quais acredita ser os maiores desafios para este projeto?*

Acredito que o desafio mais difícil poderá ser conseguir deter as verbas necessárias para o financiamento do projeto.

6. *Acredita que este projeto de ecomuseu poderá fazer a diferença dentro do espólio de património tirsense, e aumentando a curiosidade e visita dos locais?*

Uma vez que irá localizar-se neste núcleo com o antigo lagar e os moinhos seria benéfico até para a reabilitação do espaço, ainda assim seria importante fazer da comunidade local os agentes desta instituição. Acredito que a mais valia do projeto estaria na envolvimento com a comunidade local.

7. *Como representante da Associação Cultural Tirsense admite que o projeto poderia ser apoiado pela associação? Em que medida acredita que esta entidade poderia ser um parceiro do projeto.*

Apoiariamos o projeto não só através dos recursos humanos, apoio na documentação, conceção de vídeos, trabalhos comunitários, mas também envolvendo a escola de música para apoiar as realizações das atividades inseridas na oferta cultural do ecomuseu.

Anexo CC: Entrevista Joaquim Ferreira Dias

1. *Na sua opinião sente que o município tem unido esforços para melhorar e aumentar as atividades turísticas no concelho?*

Sim, é evidente que a Câmara Municipal tem feito um esforço para dinamizar o turismo no concelho. Apesar da pandemia ter agitado esta dinâmica, a Cooperativa participa em vários certames da Câmara Municipal, como é o caso da feira e o concurso de melão, realizada na Fábrica de Santo Thyrso. No caso do concurso do melão participávamos diretamente tendo a engenheira Diana outro membro da cooperativa como jurado do concurso. Participamos também nas antigas tasquinhas de Santo Tirso. Todas as atividades em que somos convidados pela Câmara, temos prestado apoio, auxílio e participado em todas elas. Fazemos parte de

um concelho sinérgico da Câmara e por isso sentimo-nos envolvidos na agenda cultural do município.

2. Acredita que a criação de um museu ligado à identidade tirsense seria benéfica tanto para os turistas, como para a comunidade local e outros agentes envolvidos?

Sim. Na minha opinião o projeto tem interesse principalmente no que respeita as memórias futuras. A geração mais jovem acaba por perder o conhecimento das origens dos ramos agricultura e indústria têxtil. Muitas vezes as crianças acreditam que um produto exposto nas prateleiras de um supermercado não tem qualquer outro processo por trás dessa mesma exposição tal como a criação de um animal, a produção do leite, o processo de cultivo de cereais que vão dar origem ao pão, entre outros. Um museu que aborde estas temáticas e que explique e exemplifique estas temáticas seria muito importante, não só para os turistas, mas também para a comunidade,

3. Tendo em conta a descrição do projeto e do ecomuseu que importância atribui à relação intrínseca entre os agentes do museu e a comunidade local?

Na minha realidade, se o museu for efetivamente criado deverá incluir essencialmente a dinâmica para atrair os visitantes. Deve obter uma característica diferenciadora para além da mera exposição. No que respeita a comunidade deve-se tentar criar formas de atrair a visita ao museu pois de contrário estaremos presentes o velho ditado “Santos da porta não fazem milagres”, conhecendo realidades de outros locais e não conhecendo a nossa própria realidade.

4. No âmbito do museu e focando as temáticas que irá abordar, o que pensa encontrar no museu?

Penso que essencialmente será demonstrado quais as nossas origens, a nossa realidade e os nossos produtos mais emblemáticos. Dar a perceber o que está na base da nossa indústria agrícola e têxtil, quais foram as primeiras empresas e os primeiros produtores do concelho, entre outros. Acredito que o turista quererá perceber como tudo começou e recolher informação e obter experiências para além da mera exposição e demonstrando a autenticidade e essência do nosso território.

5. Quais acredita ser os maiores desafios para este projeto?

Acredito que deter os apoios das entidades será o maior desafio. Atualmente os projetos necessitam de apoio, sendo muitas vezes essencial o apoio financeiro. Da parte da Cooperativa estamos dispostos a prestar o apoio que necessitar para credibilizar o projeto junto das entidades que poderão financiar o mesmo. Terá de se munir de parceiros para abraçar e apadrinhar o projeto. Se a Câmara Municipal acreditar que detêm um projeto interessante acredito que tem 95% de chances de ver o seu projeto realizado. Ainda assim acredito que um projeto como este deveria ser apresentado numa Assembleia de Câmara para a Comunidade poder discutir a proposta e para demonstrar o interesse para a realização do projeto aos agentes municipais.

6. Acredita que este projeto de ecomuseu poderá fazer a diferença dentro do espólio de património tirsense, e aumentando a curiosidade e visita dos locais?

Sim. Caso seja um museu dinâmica com diversas iniciativas acredito que possa atrair mais pessoas. A oferta cultural a ser criada deve estar muito bem pensada e tentar abranger as várias temáticas do museu. Tendo em conta os temas que pretende expor no museu acredito

que deverá ser importante para o conhecimento do nosso património tanto por parte dos turistas como da própria comunidade.

Anexo DD: Tradição das Festas de Sanguinhedo



Figura 214: Imagem Noturna das Festas de Sanguinhedo; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)

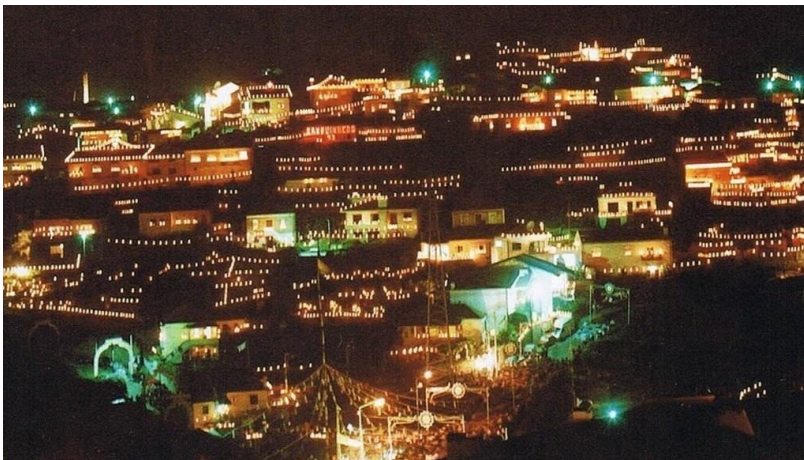


Figura 215: Imagem Noturna das Festas de Sanguinhedo; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)



Figura 216: Imagem de uma das primeiras festas do Sanguinhedo - cascata junto da ponte velha; Fonte: Cedido por Augusto Soares (2020)

Anexo EE: Proposta do Ecomuseu

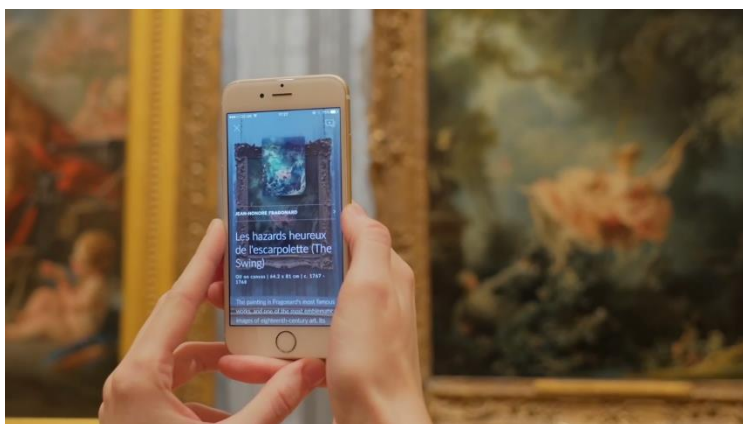


Figura 217: Exemplo de utilização de aplicação para telemóvel em contexto museológico; Fonte: www.smithsonianmag.com

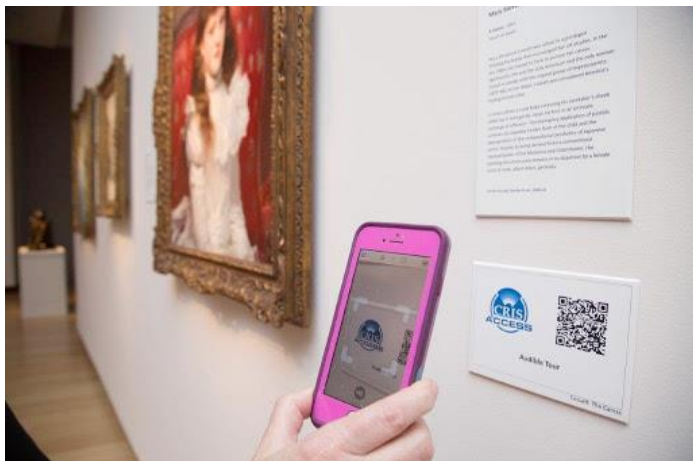


Figura 218: Exemplo de utilização de QR CODE em contexto museológico; Fonte: digitaledition.courant.com



Figura 219: Exemplo de Exposição relacionada com a agricultura; Fonte: wsimag.com



Figura 220: Exemplo de Exposição relacionada com a reabilitação de um antigo lagar de azeite; Fonte: sjpsqueira.pt



Figura 221: Exemplos e exposições relacionadas com a indústria têxtil; Fonte: globaldaegu.blogspot.com



Figura 222: Exemplos de exposição relacionada com a indústria têxtil - fabrico do linho; Fonte: cm-vilaverde.pt



Figura 223: Exemplo de ecrã touch interativo no contexto museológico; Fonte: museumoflondon.org.uk

Anexo FF: Agenda Cultural



Figura 224: Exemplos de artesanato tirsense - madeira; Fonte: www.santo-tirso.tv



Figura 225: Exemplos de construção de instrumentos tradicionais - Gaita de Barcego com Napoleão Ribeiro; Fonte: Associação PédeXumbo



Figura 226: Figura artesanal da cascata das Festas de Sanguinheiro; Fonte: fotografiaminhama.blogspot.com



Figura 227: Recriação de desfolhadas; Fonte: municipio.mondimdebasto.pt



Figura 228: Exemplo de workshop de gastronomia; Fonte: www.creativelena.com